UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CULTURA E SOCIEDADE

PAULO ROBERTO LEANDRO

BA-VI: DA ASSISTÊNCIA À TORCIDA.
A METAMORFOSE
NAS PÁGINAS ESPORTIVAS

Salvador
2011

PAULO ROBERTO LEANDRO

BA-VI: DA ASSISTÊNCIA À TORCIDA. A METAMORFOSE NAS PÁGINAS ESPORTIVAS

Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Área de Concentração Cultura e Identidade, Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial pra obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Nogueira Tavares

SALVADOR
2011

L437b Leandro, Paulo Roberto

Ba-Vi [manuscrito]: da assistência à torcida: a metamorfose nas páginas esportivas/ Paulo Roberto Leandro. – 2011.

167f.; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, 2011.

"Orientação: Prof. Dr. Maurício Nogueira Tavares."

1. Futebol – Torcedores – Bahia. 2. Jornalismo esportivo – Bahia. 3. Esporte Clube Bahia. 4. Esporte Clube Vitória. 1. Tavares, Maurício Nogueira. II. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade. III. Título. IV. Título: da assistência à torcida: a metamorfose nas páginas esportivas.

CDU 070.446

Ao meu pai, Pedro, pelas tardes de Fonte Nova, primeira escola.
À minha mãe, Maria do Socorro, a líder de torcida mais fiel.
Aos torcedores e aos jornalistas esportivos.
A meus filhos Renata, Hugo, Íris e Vítor, minha grande torcida.
Aos companheiros de trabalho da Rede Bahia.
Aos vizinhos da torcida de Lençóis, Chapada Diamantina.
Aos meus professores, alunos e orientandos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Maurício Nogueira Tavares.

A Lídia de Teive e Argolo, quase uma co-autora, pelas lições de sociologia de Norbert Elias.

Às professoras Márcia Rios e Simone Bortoliero.

Aos professores Leandro Colling e César Leiro.

Ao professor Albino Rubim.

Ao professor Paulo César.

Ao professor Leonardo.

Ao professor Renatinho da Silveira.

Ao professor Décio Torres Cruz, presente desde o mestrado.

A Natália Coimbra e a todos os colegas do Pós-Cult.

A todos e a todas que contribuíram com comentários, sugestões de autores, recomendações e dicas diversas; a lista é extensa, pois este foi um trabalho compartilhado com muitos: professores pesquisadores, colegas jornalistas, torcedores amigos e leitores reunidos na querida Confraria do Esporte. E assim, espero que continue, sob críticas e sugestões para aprimoramentos em futuras publicações. Sintam-se citados, todos sem exceção, no coração deste torcedor pesquisador.

"Somente um interesse apaixonado pode levar o sujeito a existir plenamente"

(Sören Kierkegaard)

RESUMO

Este estudo, de caráter qualitativo, discute a instituição da torcida de futebol nas páginas esportivas de jornais de Salvador, Bahia, Brasil, no período entre 1932 e 2011. O estudo constou de pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando-se para a análise, uma coleção de 326 textos de cobertura de jogos entre Bahia e Vitória, confronto que ficou conhecido como "clássico Ba-Vi". Os fragmentos de textos referentes à torcida de futebol e expressões correlatas foram analisados a partir das descrições observadas, e identificam, mediante o conceito de auto-imagem, a instituição de um perfil de torcedor, que corresponde à condição de replicante de um mesmo padrão. Os torcedores escolhem as cores que correspondem ao time, posicionam-se em um mesmo local e, por meio do consumo de indumentária e símbolos identificados a seu clube, sentem-se pertencentes à comunidade imaginada de seu clube formando uma só alma grupal. A torcida é identificada como este grupo capaz de alcançar uma sensação descrita como "delírio" pelos jornalistas e que corresponde a um êxtase da atitude de torcer coletivamente por um time de futebol. Esta instituição do perfil da torcida deu-se com a superação de um estágio inicial, chamado pelos jornais de "assistência" e que correspondia a uma plateia cordial, quieta e capaz de valorizar os princípios desportivos originais. Ao instituir-se como torcida, o grupo passa por uma metamorfose que corresponde a mutações também no estádio, no mercado, na imprensa, na arrecadação proveniente da venda de ingressos, na relação do torcedor com a arbitragem e na transformação do jogador em ídolo consagrado pelos torcedores. Esta metamorfose, contada pelo jornalista na condição de historiador do cotidiano, é também instituída pelo jornal, na medida em que o conteúdo das páginas esportivas é distribuído, nos dias seguintes aos jogos relatados, pelas empresas de comunicação, aos leitores que são também torcedores de futebol. Com base nos resultados da pesquisa, pode-se dizer que os jornais fazem parte da realidade que institui a torcida, no sentido de agentes transmissores de informações, valores e princípios de inegável influência para a formação do perfil do grupo. No limiar de mais uma mudança para um período provisoriamente designado de pós-torcida, sugere-se o aprofundamento, num estudo futuro, das questões relacionadas ao jornalismo esportivo e à torcida de futebol.

Palavras-chave: Jornalismo. Esportivo. Torcida. Assistência. Interpretação. Bahia –Vitória.

ABSTRACT

This qualitative study discusses the establishment of football fans in the sports pages of newspapers from Salvador, Bahia, Brazil, in the period ranging from 1932 to 2011. The study consists of bibliographic and field research using as a corpus a collection of 326 games coverage texts between the Brazilian soccer teams Bahia and Vitória, a confrontation which became known as a classic Ba-Vi. The fragments of texts referring to football fans and related expressions from the collected descriptions were analyzed, and they identify, through the concept of self-image, the imposition of a fan profile, which corresponds to the condition of replicating the same pattern. Fans choose the colors that correspond to their team, place themselves in the same place and, through the consumption of clothing and symbols identified with their clubs, they feel they belong to the imagined community of their teams, forming a single group soul. The cheering crowd is identified as a group able to achieve a feeling described by journalists as "delirium," and which corresponds to an ecstatic attitude of cheering collectively for a football team. This institution of fans' profile happened by overcoming an earlier paradigm, called "assistance" by the newspapers, which corresponded to a friendly audience, quiet and able to value the original sporting principles. By establishing themselves as fans, the group undergoes a metamorphosis that corresponds to mutations in the stadium, on the market, in the press, in the revenue obtained from the sale of tickets, in the relationship between the referees and the fans, and in the transformation of the players into consecrated idols by fans. This metamorphosis told by journalists as a historian of quotidian events is also established by newspapers, to the extent that the content of the sports pages is distributed by media companies to readers who are also football fans on the days following the reported games. Based on the research results, one might say that newspapers are part of the reality that constitute the fans, as transmitting agents of information, values and principles of undeniable influence for the formation of the group profile. On the threshold of a paradigm shift, for a temporarily designated post-fan period, this study suggests the development of issues related to sports journalism and football fans in a future study.

Keywords: Journalism. Sports. Fans. Assistance. Interpretation. Bahia –Vitória.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jogadores de Bahia e Vitória 12
Figura 2: Aspecto de publicação do jornal A Tarde, 18 nov. 1938 18
Figuras 3 e 4: Imagem original do primeiro distintivo do Sport Club Vitória 20
Figura 5: Gráfico das vitórias do Vitória, empates e vitórias do Bahia 22
Figura 6: Aspecto do primeiro texto esportivo publicado na imprensa baiana 38
Figura 7: Aspecto de uma das primeiras partidas de futebol em Salvador 41
Figura 8: Aspectos do posicionamento da imprensa em uma partida de futebol do Campo da Graça em 1950 42
Figura 9: Fác-símile da capa da revista Renascença 44
Figura 10: Foto do jogador Popó, o primeiro ídolo do futebol baiano 45
Figura 11: Foto dos times do Bahiano de Tênis e do Santos FootBall Club 46
Figura 12: Fác-símile de capa da Revista Única, onde aparecem duas jogadoras de futebol 47
Figura 13: Aspecto de reportagem "Caminho da bola leva às urnas" 57
Figura 14: Reportagem sobre Vitória x Bahia no jornal A Tarde 89
Figura 15: Vista aérea do estádio Octávio Mangabeira, a Fonte Nova 117
Figura 16: Lance da partida Bahia 2x1 Fluminense do Rio 118
Figura 17: O momento da implosão do estádio da Fonte Nova 118
Figura 18:Aspecto da capa do suplemento esportivo do jornal Bahia Hoje 130
Figura 19: Aspecto de edição do Diário de Notícias, do dia 22 de abril de 1935 138
Figura 20:Isaltino, capitão do Bahia, o árbitro Mário Vianna e Joel, pelo Vitória, antes de um Ba-Vi no Campo da Graça 140

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A.B.C.D. – Associação Bahiana dos Cronistas Desportivos

E.C. - Esporte Clube

Ba-Vi - Bahia x Vitória

Fla-Flu - Flamengo x Fluminense

LBDT - Liga Bahiana dos Esportes Terrestres

IVC - Instituto Verificador de Circulação

S.C. - Sport Clube

VIP - Very Important Person- (Pessoa muito importante)

Gre-Nal - Grêmio x Internacional

Atle-Tiba - Atlético x Coritiba

Ca-Ju - Caxias x Juventude

Atec – A Tarde Esporte Clube (suplemento esportivo do jornal A Tarde)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
2 O JORNALISMO AUTORIZADO A INTERPRETAR A TORCIDA 31
2.1 JORNALISMO ESPORTIVO COMO ELO DO MUNDO DO ESTÁDIO COM A SOCIEDADE 32
2.2 O FUTEBOL IMPULSIONA O JORNALISMO ESPORTIVO: O EMBRIÃO DO MERCADO DA TORCIDA 34
2.3 O JORNALISMO ESPORTIVO COMO SUBCAMPO DA IMPRENSA 51
3 A AUTO-IMAGEM DOS TORCEDORES REPLICANTES 60
3.1 UM TEMPO PRÓPRIO REGULA O RELÓGIO DO TORCEDOR 67
3.2AQUARELA DA TORCIDA TEM RUBRO-NEGROS E TRICOLORES 70
3.3 BAÊA X NEGÔ: O GRITO DO TORCEDOR 75
3.4O TORCEDOR SE DIVERTE COM A TRISTEZA DO RIVAL 77
3.5 LOCAIS PREFERIDOS E LOCAIS TEMIDOS NOS ESTÁDIOS 80
4 O DELÍRIO NO ESTÁDIO E A TORCIDA NO COTIDIANO 87
4.1 DOIS PERFIS ANTAGÔNICOS: VICTORIA-AMADOR X BAHIA-PROFISSIONAL 90
4.2 ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO, O CLÁSSICO UNE A TORCIDA NOS DOIS EXTREMOS 92
4.3 POSTULADOS ENTRE O LÚDICO E A CULTURA: A NECESSIDADE DO PRAZER DE VENCER 94
4.4 META-TORCIDA: A TORCIDA ALÉM DELA PRÓPRIA E OS CAMINHOS PARA CHEGAR AO DELÍRIO 97
4.5O CULTO AO DELÍRIO PELO ENTUSIASMO CONSTANTE DA TORCIDA 102
4.6 AS FONTES DE EMOÇÃO DA TORCIDA COMO ESTÁGIO PREPARATÓRIO AO DELÍRIO 109
4.7A TORCIDA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE ALTO PODER DE INCLUSÃO 111
5 O QUE LEVOU A ASSISTÊNCIA A VIRAR TORCIDA? 114
5.1 O NOVO ESTÁDIO COMO PONTO DE ENCONTRO 116
5.2 O CONSUMO DÁ ACESSO AO TORCEDOR NA ERA DO FUTEBOL COMO PRODUTO DE MERCADO 120
5.4 A TORCIDA COMO CLIENTE DA IMPRENSA ESPECIALIZADA 123
5.3 OS LÍDERES DE TORCIDA 128

5.5A RENDA COMO CAPITAL SIMBÓLICO DA TORCIDA 132
5.6 A PRESSÃO À ARBITRAGEM COMO PARTICIPAÇÃO ATIVA 136
5.7 O JOGADOR "ÍDOLO" COMO REFERÊNCIA DO TIME PARA A TORCIDA 143
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 146
REFERÊNCIAS 151
ANEXO A RELAÇÃO JOGOS ENTRE BAHIA E VITÓRIA1932-2011..... 158

INTRODUÇÃO

S.C. Bahia x S.C. Victória, 10 de abril de 1932, partida válida pelo Torneio Início, uma competição para apresentação dos *teams* na temporada. Os *players* entram juntos à cancha do Campo da Graça, na Avenida Euclydes da Cunha, estadinho com arquibancada de madeirame para 7 mil lugares, ingressos vendidos para sombras, setores A e B, ao sol, e automóveis. Ao saudarem a assistência, acenando, os *cracks* ouvem a retribuição em gritos de ipi-ipi-urrah! Os capitães dos dois times trocam *corbeilles* e flâmulas. Posam juntos para fotografias. Os melhores lances são recebidos com aplausos moderados pelos discretos fãs vestidos em traje de domingo, acompanhado por chapéu tipo panamá. Os mais elegantes usam paletó. A arrecadação não é divulgada e os *cracks* não recebem qualquer remuneração nem têm seus nomes gritados como heróis. Silêncio e moderação à saída do estádio.

Figura1: Jogadores de Bahia e Vitória

Na Figura 1, os jogadores posam juntos, antes do primeiro jogo entre os dois times, realizado no Campo da Graça, em 10 de abril de 1932[1].

E.C. Bahia x E.C. Vitória, 2 de maio de 2010, decisão do Campeonato Baiano. A torcida vaia a entrada em campo do time do Bahia no Estádio Manoel Barradas, de

[1] Reprodução A história do Ba-Vi. CALMON (1993**).**

propriedade do Vitória. A torcida visitante atira objetos para atingir os torcedores do Vitória posicionados no setor VIP de cadeiras especiais. A Polícia Militar precisa intervir. As torcidas organizadas preparam-se para o confronto que só não ocorre por causa da operação especial de segurança. A Imbatíveis, torcida organizada do Vitória, jura vingança pela morte de um de seus integrantes, conhecido por Hermínio, supostamente surpreendido em uma emboscada, em ação atribuída a torcedores da organizada rival, a Bamor, do Bahia. O Vitória perde o jogo, mas é tetracampeão baiano. Pancadaria na saída do estádio. Policiais a cavalo são insuficientes para conter a fúria dos torcedores. A renda do jogo reflete a presença da torcida no Barradão, os heróis rubro-negros sobem a um palanque para receber a taça de campeão e as medalhas comemorativas do título. Delírio dos rubro-negros e gritaria à saída do estádio.

A mudança de cenário mostra um contraste entre um período e outro, apesar da prática de um mesmo esporte, sob regras iguais: o futebol. O resultado da investigação do processo de mudança do perfil da torcida deste jogo entre Bahia e Vitória, refletida no comportamento das arquibancadas, e representado em textos de jornalismo esportivo, compõe os capítulos deste trabalho. O objetivo desta tese é interpretar o cenário social no qual se dá a transformação da torcida de futebol. O contexto de mutação ininterrupta tem seu ponto mais evidente de transformação na superação da assistência, termo mais adequado ao comportamento e perfil do público das partidas de futebol em sua fase amadorista, até o início dos anos 1930, e que conservou alguns traços na transição para o profissionalismo.

A assistência corresponde a um perfil mais cordial. As vitórias eram comemoradas com discrição. Vencedores e vencidos cumprimentavam-se ao final do jogo:

> A ideia partia dos vencedores, os vencidos ainda tontos, sem cabeça para pensar em nada, muito menos em comemoração. Comemoração da derrota? Era feio recusar, os vencidos tinham de se mostrar à altura dos vencedores, comendo como eles, bebendo como eles, cantando como eles [...] (RODRIGUES FILHO, 1964, p.11).

Neste exercício de reinterpretação, analisa-se o que os jornais publicaram em suas páginas, sobre torcida de futebol, ao longo dos 79 anos de história dos embates entre Esporte Clube Bahia[2] e Esporte Clube Vitória[3], ambos sediados em Salvador, capital do Estado da Bahia, Brasil.

---

[2] O Esporte Clube Bahia, fundado em 1º de janeiro de 1931, adota as cores do Estado, azul, vermelho e branco, por isso é chamado tricolor e tem como símbolo o herói Super-homem. O estádio Octavio Mangabeira, a Fonte Nova, inaugurado em 28 de janeiro de 1951 e pertencente ao governo baiano, ora em reconstrução, depois de demolido, é utilizado pelo Bahia em seus jogos. Provisoriamente, o Bahia vem jogando no Estádio Metropolitano de Pituaçu, também pertencente ao governo. Para um perfil detalhado do Bahia, cf. CASAES, Carlos e CALMON, Newton. **Bahia de todos os títulos. Fatos e episódios que marcaram a vida do Esporte**

O confronto entre os dois clubes, conhecido no ambiente do futebol baiano como o clássico Ba-Vi, começa no período da assistência, como os jornais chamavam o agrupamento de pessoas frequentadoras de estádio, e que, posteriormente, passou a ser denominado, com mais constância, de torcida. Verifica-se, neste trabalho, que esta torcida tem uma característica de participação mais intensa, deixando um perfil de passividade para tornar-se sujeito atuante dentro do cenário do estádio de futebol. Esta tese interpreta o que os jornais publicaram sobre torcida, tomando como base os vestígios oferecidos no rastro histórico das leituras dos textos de cobertura dos jogos entre Bahia e Vitória. Analisa-se, também, como ocorreu o processo de transformação da assistência para a torcida, além de lançar luzes para um novo momento que se descortina e provisoriamente se pode vislumbrar sob a denominação de pós-torcida (GIULIANOTTI, 2002, p. 190).

A metamorfose da assistência para a torcida coincide, nos anos 1930/1940, com o surgimento e a consolidação do clássico Ba-Vi. Assim, este objeto da pesquisa se configura um cenário apropriado para se compreender como ocorreu a metamorfose, quais os seus efeitos e o que teria gerado tal fenômeno, levando-se em conta, como base para a interpretação, o que os jornalistas escreveram em suas edições de periódicos impressos baianos sobre os confrontos entre Bahia e Vitória. O encontro entre os dois times é registrado, primeiro como uma notícia esportiva qualquer, e vai ganhando força à medida que o confronto atrai também mais a atenção das pessoas, em um movimento cíclico que perde a referência de origem. A imprensa divulga e o clássico cresce: o clássico cresce e a imprensa divulga; um pólo retro-alimentando o outro em processo contínuo até os dias de hoje, como se vai verificar analisando os dados obtidos nas narrativas dos jornalistas acerca dos jogos entre Bahia e Vitória.

Clube Bahia de 1931 a 1968; MENDES Jr., Nestor. **Bahia, Esporte Clube da Felicidade**. Salvador: Mir Comunicação, 2001. CASAES, Carlos e REIS, Normando. **Bahia, uma história de lutas e glórias**. Salvador: Contexto e arte, 2000; Fernandes, Bob. **Bora Bahêeeea!. A história do Bahia contada por quem a viveu**. São Paulo: DBA Dórea Books and Arts, 2003; SILVA, Leandro. **A união de uma nação. A história da conquista do Campeonato Brasileiro de 1988 pelo Esporte Clube Bahia.** Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2008; FREITAS, Flávio e GUERRA, Fábio. **Volta, Tricolor! A crise no Esporte Clube Bahia e os caminhos para a recuperação.** Salvador: Editora Quarteto, 2010. e GOMES, Luis Antonio. **Raudinei aos 46. Um gol que entrou para a história do Bahia**. Fortaleza: Tiprogresso, 2007.

[3] O Esporte Clube Vitória, fundado em 13 de maio de 1899, com o nome de Club de Cricket Victoria, por jovens moradores do Corredor da Vitória, em Salvador, é conhecido como rubro-negro, em alusão a suas cores vermelho e preto, e tem como animal-símbolo o Leão. O clube tem um estádio próprio, o Manoel Barradas, inaugurado em 11 de novembro de 1986, localizado no bairro de Canabrava. Para um perfil detalhado da trajetória do Vitória, cf. PROTASIO, Fernando. **Um menino de 84 anos**. Salvador: [s.n.], 1984; RIBEIRO, Ramos Alexandro e SANTOS, Luciano Souza. **Barradão. Alegria, emoção e Vitória**. Salvador: Étera, 2006, EUGÊNIO, Luiz. **Vitória um x Federação zero.** Salvador: 1965; e AZEVEDO, Ricardo. **Tradição. 1899-1939. Da fundação ao fim do amadorimo.** Salvador: Alpha Co, 2008, além da coleção da revista **Vitória!**, órgão oficial do clube e fundada em 1997 pelo pesquisador.

O confronto Ba-Vi se consolida no momento em que a torcida se firma como estágio posterior à assistência. Antes do clássico Ba-Vi, o Bahia fazia o 'clássico das cores' contra o Galícia; o 'clássico das multidões' diante do Ypiranga e o 'clássico do pote' diante do Botafogo. Era assim denominado porque o torcedor do Botafogo, um sapateiro chamado Pedro Capenga, levava para o Campo da Graça um pote de cerâmica que era quebrado toda vez que o seu time vencia o Bahia e cada torcedor levava um pedaço de lembrança. Já o Vitória mantinha uma rivalidade com o São Salvador, que era uma dissidência do time rubro-negro. Vitória x São Salvador era o 'Ajuste de Contas'.

Entre os clubes em questão, o mais antigo é o Esporte Clube Vitória, fundado em 13 de maio de 1899, inicialmente para jogos de *cricket*, um esporte inglês praticado com um bastão e uma bola pequena. O Vitória ajudou a fundar a primeira liga em 1904 e é chamado o "decano dos esportes na Bahia", por ter sido fundador das diversas federações. Nascido com as cores preto e branco, homenageia, no nome, o Corredor da Vitória, onde seus 19 fundadores moravam. Tornou-se vermelho e preto[4] por sugestão do associado Clóvis Spínola, afeiçoado ao Clube de Regatas do Flamengo, do Estado do Rio, cujo departamento de remo já utilizava esta combinação de cores, antes mesmo da criação do time de futebol, que usava amarelo e azul.

O futebol nasceu elitista e era praticado pelos jovens da burguesia, mas a ascensão do Esporte Clube Ypiranga, nos anos 1920, contribuiu para modificar este perfil. O time amarelo e preto liderou outras agremiações para abrir as portas do futebol aos trabalhadores e aos negros, tornando impraticável, para os clubes da alta sociedade baiana, continuar na disputa. Era complicado, para os bem-nascidos, submeter-se às mesmas regras do jogo com os *colored*, como os jornais costumavam chamar os negros e os mestiços, em um exercício de racismo, a um tempo sutil e sofisticado.

O Vitória afastou-se do campeonato em 1912, devido à extinção da Liga dos Brancos, como ficou conhecida a primeira entidade representativa dos clubes, substituída pela Liga Bahiana de Esportes Terrestres (LBDT), também chamada, em consequência, e por contraste, de Liga dos Pretinhos, por acolher uma maior diversidade étnica entre os jogadores dos clubes. Quando o Vitória voltou a disputar o campeonato de futebol da cidade, em 1920, manteve-se discreto e fechado em reuniões sociais, funcionando como se tivesse uma redoma

[4] Em 1903, o Vitória mandou imprimir na Litho-Typografia Almeida, os estatutos do clube, cujo artigo 52 trata de suas cores: "... a bandeira do clube será composta de quatro listas pretas e quatro vermelhas, alternadamente, tendo no ângulo superior um quadrado preto com o monogramma vermelho. Já a flâmula composta de uma lista vermelha entre duas pretas. Uniforme 1º - Casquette preta com o monogramma vermelho; camisa de listas pretas e vermelhas; cintos e sapatos brancos, sendo os sapatos com a sola de borracha; meias e calções pretos." Para mais informações sobre os estatutos originais do Vitória cf. PROTÁSIO, 1983.

a proteger seus associados e jogadores da influência do segmento afrodescendente supostamente mal-educado. Este segmento havia se tornado livre pela abolição da escravatura, apenas três décadas antes, e o futebol foi, e é até os dias de hoje, uma das opções de inclusão social para os descendentes dos escravos libertos.

Já o Esporte Clube Bahia, ou simplesmente Bahia, nasceu em 1º de janeiro de 1931, período de intensa turbulência política e censura à imprensa em razão do golpe de Estado de 1930. O movimento liderado por Getúlio Vargas (1882-1954) depôs o presidente eleito Júlio Prestes (1882-1946). O conflito resultou na criação do Estado Novo em 1937. Como sugere Cony (2004) evitamos seguir a denominação 'Revolução de 1930', também utilizada para nomear o movimento:

> ... interpretada como a revolução que pôs fim ao predomínio das oligarquias no cenário político brasileiro, a Revolução de 30 conta com uma série de fatores conjunturais que explicam esse dado histórico. O próprio uso do termo 'revolução' como definidor desse fato, pode ainda, restringir outras questões vinculadas a esse importante acontecimento. Em um primeiro momento, podemos avaliar a influência de alguns fatores internos e externos que explicam o movimento. (CONY, 2004, p.67).

Neste cenário de apelo a supostos interesses cívicos, o Bahia nasceu com as cores e o nome do Estado. Os fundadores do Bahia foram jogadores de dois dos melhores times da cidade: a Associação Atlética da Bahia, campeã de 1924, e o Clube Bahiano de Tênis, campeão de 1927. Os dois clubes fecharam os departamentos de futebol, em razão da resistência da elite baiana à participação de trabalhadores negros nos times de futebol de Salvador.

A Associação e o Bahiano, representantes da elite de antecedente escravista, não viram chance de misturar-se à plebe. O Tricolor, como o Bahia é mais conhecido, por utilizar três cores, o azul, o vermelho e o branco, tornou-se o maior vencedor do Estado e dono de torcida entusiasmada e presente aos estádios. Conquistou 43 vezes o título de campeão baiano e aplica sobre seu distintivo duas estrelas, representando as conquistas da Taça Brasil de 1959, a primeira competição nacional de clubes, e a Copa União de 1988, como era chamado o campeonato brasileiro.

Com o Vitória, ocorreu um fenômeno ainda mais radical. Nascido na alta burguesia, o clube um dia afastou-se do convívio dos afrodescendentes, mas foi buscar junto ao depósito de lixo da cidade a sua reinvenção, nos anos 1990. A torcida, até então sofredora, por conta da escassez de títulos de campeão, redescobriu-se, feliz, graças à construção de seu estádio, o Manoel Barradas, situado no bairro de Canabrava, reduto de trabalhadores de baixa renda e

ambulantes do mercado informal. No momento da conclusão deste trabalho, tem 26 títulos estaduais de futebol, 16 dos quais conquistados de 1988 para cá, mas ainda busca seu primeiro título nacional, tendo sido vice-campeão do Brasileiro de 1993 e da Copa do Brasil de 2010.

O bairro de Canabrava teve seu perfil modificado desde a chegada do Vitória em 1986. Este contingente populacional vivia de colher os restos, aproveitáveis ou não, do lixo coletado pelos caminhões de empresas prestadoras de serviço à prefeitura em todos os bairros de Salvador e despejado nas proximidades da praça esportiva. Eram chamados badameiros e crianças disputavam com urubus os restos de comida, em um cenário inaceitável para os padrões mínimos de civilização.

O embate entre estes dois clubes, o Bahia e o Vitória, passou a ser conhecido como Ba-Vi, tomando-se as primeiras letras de cada um para formar uma sigla. O Ba-Vi é capaz de atrair aos estádios baianos as maiores multidões de aficcionados pelo futebol na Bahia. Trata-se de uma expressão que segue a lógica de uma anterior, o Fla-Flu, utilizada para referenciar o clássico Flamengo x Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro: "[...] O prélio, dada a rivalidade existente, será um pequeno Fla-Flu"[5]. Em 1948, as "disputas Ba-Vi" já são mencionadas[6] como inerentes aos confrontos entre "os maiores rivais do nosso futebol". Os lances polêmicos passam a ser constantes em relação à arbitragem dos jogos: "Estava pois, aberto o placar favorável ao Vitória. Após esse tento, o rubro-negro investiu pelo centro e Zé Grilo, de mão na área interceptou a investida do adversário. O Sr. Marchel viu o pênalti porém não quis assinalar para não tirar o brilho da partida"[7]

Segundo Wisnik (2008), o Fla-Flu foi criado a partir de uma expressão inventada nos jornais. Clássico é como se denomina, no jargão do futebol, um confronto entre duas grandes forças (LEAL, 2010, p. 45; GOMES e FACÓ, 1997, p. 50). A similaridade entre o Ba-Vi e o Fla-Flu está também no estádio, pois a construção do Maracanã viabilizou o fortalecimento do clássico, raciocínio idêntico para a expansão do confronto entre os principais clubes de Salvador, a partir da inauguração do Estádio da Fonte Nova, em Salvador, em 1951. Assim, seguindo a mesma lógica, outros clássicos espalharam-se pelo país. A crônica esportiva gaúcha passou a chamar o confronto entre Grêmio e Internacional de Gre-Nal, e de Ca-Ju, o duelo entre os times de Caxias do Sul, o Caxias e o Juventude, enquanto no Paraná, surgiu o Atle-Tiba, fusão de Atlético e Coritiba. Pela rivalidade entre as duas torcidas, pode-se tomar o

---

[5] TERMINANDO o turno... O Victoria e o Bahia num prélio ansiosamente aguardado. **A Tarde**, Salvador, 18 nov 1938.
[6] O Vitória "dinamitou" o Bahia por 7x1. **A Tarde**, Salvador, 3 jul. 1948.
[7] E.C.Bahia, campeão da cidade. **A Tarde**, Salvador, 5 jan. 1948.

Ba-Vi como referência de clássico de futebol, pois são muitas as semelhanças entre este confronto e outros que existem em todos os continentes.

Para tanto, relembram-se as circunstâncias de criação de um jogo “clássico”, unindo em um só composto, dois times prontos para inspirar uma estratégica e ardente rivalidade. Um jogo que a imprensa pudesse promover como referência para cativar a torcida, conquistar leitores e ampliar os negócios da empresa de jornal, com um maior volume de vendas avulsas e captação de anúncios publicitários, chamados de reclames. Nascia a idéia do “Ba-Vi”, fusão de Bahia e Vitória.

TERMINANDO O TURNO...

O Victoria e o Bahia num prelio anciosamente aguardado

Bahia x Victoria serão prellantes de domingo encerrando o turno do campeonato da cidade.

Os tricolores, leader da tabella não estão seguros de vencer a porfia. Apezar da solidez da sua rectaguarda e da acção productiva da sua offensiva, a arma do Victoria é uma ameaça temivel, capaz de tirar o titulo de invicto do turno.

Os rubro-negros, collocados no ultimo logar da tabella, empregarão supremos esforços para vencer a jornada de domingo.

Os componentes dos quadros do decano têm treinado com afinco e tenacidade.

O player Siri, hontem, nos affirmou:

— O Bahia é forte e é o melhor conjuncto da cidade, mas não é invencivel.

Portanto, a peleja de domingo proximo promette ser empolgante e magnifica.

O prelio [illegible] dada a rivalidade [illegible] um pequeno “Fla-Flu”.

[illegible]

SIRI, PERIGOSO DIANTEIRO RUBRO-NEGRO

Será representante o sr. Egualdo Vi[illegible] e Chronometrista, o sr. Manoel Costa.

Figura 2: Aspecto de publicação do jornal A Tarde, 18 nov. 1938.

Na Figura 2, encontra-se uma referência ao Fla-Flu como matriz do Ba-Vi.

A expressão Fla-Flu foi criada pelo jornalista Mario Filho, homenageado com o nome do estádio do Maracanã. O Rio, então capital federal, havia sucedido Salvador na condição de mais importante cidade brasileira. A referência de uma suposta cultura nacional monolítica tinha como base as criações simbólicas originadas no Rio. O morro do Pão de Açúcar, onde funciona o teleférico chamado bondinho, nesta lógica, seria o cartão-postal do Brasil.

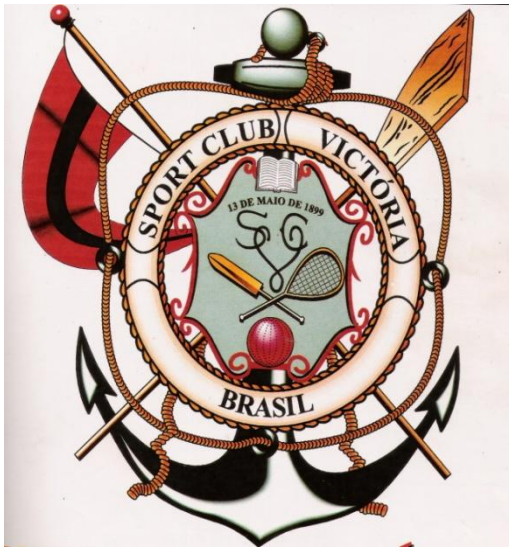
Em Salvador, Galícia, Botafogo e Ypiranga são outros clubes que reuniam numerosos adeptos neste período, mas a polêmica maior foi criada em torno do Ba-Vi, o novo, profissional e popular Bahia contra o tradicional, amador e elitista Vitória. O Bahia, em simbiose simbólica com o Estado, devido às cores e o nome, representando a modernidade e a

busca do progresso e do desenvolvimento após o golpe de 1930, além de representar a defesa do local diante da ideologia centralizadora nacionalista.

> Surge o profissionalismo: O Fluminense do Rio foi o precursor disso que foi a maior novidade do futebol brasileiro da década. Com a recente procura dos clubes europeus por jogadores sul-americanos, a profissionalização se mostrou como a única saída para tentar manter estes atletas por aqui. E, em 1932, o Flu inaugurou este período do futebol nacional. Apesar disso, os clubes baianos ainda caminhavam pelo amadorismo. Novidade, apenas, o surgimento, no ano anterior, da equipe do Esporte Clube Bahia, que era formada pelos melhores jogadores dos falidos e extintos times do Bahiano e da Associação. Nascido apenas para competir, sem possuir nenhum histórico ou laço social entre seus associados, este clube protagonizaria o início de uma nova era no esporte, dominada pela criação de conchavos entre dirigentes e subversão dos princípios esportivos apenas para ganhar jogos e títulos. Por isso suas atividades se restringiam ao futebol, o esporte mais desorganizado e popular da época (AZEVEDO, 2008, p.140)

Já o Vitória firma-se como depositário das tradições baianas e herdeiro dos valores da alta sociedade em busca de afirmação no cenário nacional, e se estabelece, em contraste agudo ao Bahia, como defensor dos princípios esportivos em contraponto à imposição de conseguir triunfos a qualquer custo. Fundado em 1899 e responsável pela fundação das federações esportivas, o Vitória torna-se, assim, a referência de regulamentos e comportamento de seus atletas:

> O Estatuto trazia uma caixa com a seguinte inscrição: a disciplina e o cavalheirismo são o apanágio das suas diretrizes. Essa simples frase tem um poder grandioso em se tratando de estudos sociológicos. Além de dar aos seus associados a orientação clara de seus princípios de valor, ele levanta para o mundo a bandeira da civilidade, da cordialidade, do respeito ao próximo e da valorização da educação como seus pilares fundamentais. (AZEVEDO, 2008, p. 46)



Figuras 3 e 4: Imagem original do primeiro distintivo do Sport Club Victoria

Observa-se, no distintivo das figuras 3 e 4, o destaque para os símbolos relativos a esportes considerados privativos da elite baiana como o remo e o tênis. Nota-se, ainda, a figura de um livro aberto sobre a data de fundação do clube, a mesma em que se comemora a libertação dos escravos, embora a agremiação tenha desistido das disputas de futebol entre 1912 e 1920 por repelir a presença de afrodescendentes nos campos baianos. Imagem original em papel foi encontrada pelo pesquisador em avançado estado de decomposição em um armário na antiga sede do clube, no Espaço Piatã. Recuperada a partir de recursos do programa de computador *photoshop* da empresa Adobe e colocada à disposição do Departamento de Marketing do Esporte Clube Vitória em junho de 2007. Na recuperação do distintivo original, a diretoria do clube decidiu substituir a referência de local 'Bahia' por 'Brasil' e trocou o azul do primeiro brasão por um tom acinzentado, entre outras alterações.

A intenção é ampliar o escopo aqui proposto, considerando-se a força do clássico de futebol, tomando o Ba-Vi como tipo ideal. São milhares de pessoas presentes a cada encontro, registrando-se o máximo de cerca de 97.200 torcedores pagantes, no recorde de público observado na final do Campeonato Baiano, em 7 de agosto de 1994[8]. A data de defesa desta tese, 14 de abril de 2011, coincide com uma nova fase para o futebol baiano, devido à demolição do Estádio da Fonte Nova, realizada em 27 de agosto de 2010, e à construção de uma nova arena, ora em curso, visando à Copa do Mundo de 2014, competição planejada para

[8] Na coleção de textos de cobertura dos jogos Ba-Vi, analisados nesta tese, foram incluídos os clássicos de maior público pagante: Bahia 1x1 Vitória, 97.240 (mais de 100 mil presentes), em 7 de agosto de 1994; Bahia 0x1 Vitória, 90 mil em 26 de março de 1972; Bahia 0x3 Vitória, 87.725 em 23 de fevereiro de 1997; Bahia 2x1 Vitória, 87.117 em 29 de novembro de 1981; Bahia 1x0 Vitória, 84.785 em 1 de agosto de 1971; Bahia 0x0 Vitória, 84.785 em 1 de agosto de 1971; Bahia 0x0 Vitória, 84.359 em 29 de março de 1998; Bahia 3x3 Vitória, 79.824 em 27 de julho de 1997; Bahia 0x0 Vitória, 78.881 em 27 de maio de 1979; Bahia 0x0 Vitória, 76.281 em 15 de dezembro de 1974; e Bahia 2x4 Vitória, 75.044 em 6 de abril de 1997.

ser disputada no Brasil, tendo Salvador como uma das sedes. Antes de tratar da transformação da assistência para a torcida, é fundamental exibir um histórico acerca do Ba-Vi: afinal, o jogo é parte integrante do argumento sobre a torcida, que é o foco desta tese. Até o dia da defesa, Bahia e Vitória já haviam se enfrentado 462 vezes em competições como os campeonatos baiano, do Nordeste, Brasileiro, além de torneios amistosos. A estatística é a seguinte, tomando-se a seguinte legenda: J, como número de jogos; V de vitória, os jogos vencidos pelo Vitória; E- empates; B, as vitórias do Bahia. GV-gols do Vitória, e GB- gols do Bahia.

	J	V	E	B	GV	GB
Baiano	324	96	98	130	362	430
Brasileiro	22	8	8	6	22	21
Segunda Divisão	1	0	1	0	0	0
Terceirona	2	1	0	1	3	3
Nordeste	11	5	2	4	23	16
Amistoso	67	21	16	30	86	111
Taça Estado	21	12	2	7	40	30
Torneio Inico	14	3	5	6	7	15
Geral	462	146	132	183	543	624

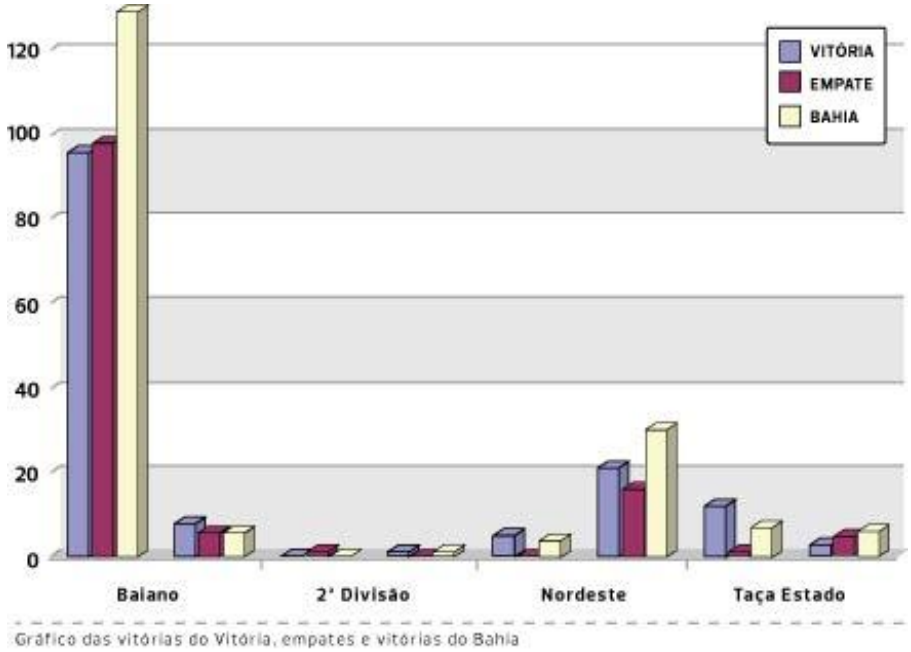


Figura 5: Gráfico das vitórias do Vitória, empates e vitórias do Bahia

Na análise da figura 5, em que os jogos estão distribuídos por tipo de competição, nota-se a predominância de disputas estaduais, nos clássicos disputados no Campeonato Baiano.

O presente trabalho analisa as narrativas dos jornais acerca do tema ‘torcida Ba-Vi’. A coleta de material constitui seguramente um acervo inédito, com a perspectiva de posterior utilização por pesquisadores que vierem levar adiante o estudo sobre a torcida de futebol na narrativa da mídia impressa. São volumes de fotocópias de aspectos de páginas de jornais baianos nas quais foram publicadas notícias ou reportagens acerca da torcida Ba-Vi.

Os 326 textos coletados em edições dedicadas à cobertura dos jogos entre os dois clubes contemplaram publicações diversas junto ao arquivo de jornais, tomando-se como base inicial o primeiro Ba-Vi, realizado 11 de abril de 1932, e o mais recente, antes da defesa desta tese, em 20 de fevereiro de 2011. Decidi incluir os Ba-Vis mais recentes, seguindo o princípio de atualidade, para contribuir com um serviço de arquivo mais completo e ainda inédito, com esta profundidade, reunindo narrativas de oito décadas de jornalismo esportivo na Bahia.

Entre os jornais pesquisados, está A Tarde, criado em 1912. Alcança grande parte dos 417 municípios baianos, embora venha enfrentando nos dois anos recentes, uma surpreendente concorrência do Correio, fundado como Correio da Bahia em 1979 e que passou por ampla reforma em sua linha editorial. Como consequência desta disputa, o Correio conquistou uma inédita liderança em circulação no estado e no momento de conclusão desta

tese encontra-se entre os 20 mais lidos do país[9]. Já a Tribuna da Bahia, nascida em 1969, sustenta com maiores dificuldades a tenaz resistência para evitar o desfecho que já levou à extinção outros jornais de grande circulação e que também constituem parte do corpus da pesquisa, como são os casos do Bahia Hoje (1993-1995), do Jornal da Bahia (1958-1994) e do Diário de Notícias (1897-1981), todos sediados em Salvador.

As amostras compõem o acervo pessoal do pesquisador e da Biblioteca Pública do Estado, onde se podem ler os jornais impressos. Fazem parte da coletânea pesquisada os jornais atualmente em circulação diária: Correio, sucessor do Correio da Bahia; A Tarde; Massa!, fundado pelo mesmo grupo de A Tarde para tentar deter a escalada do Correio; e a Tribuna da Bahia. Também fazem parte da coleção, as notícias esportivas dos extintos Bahia Hoje, Jornal da Bahia e Diário de Notícias. A escolha dos jornais foi determinada pelo fato de serem os de maior circulação na história da imprensa baiana. Todos refletem rotinas similares de produção de conteúdo esportivo.

As peculiaridades demarcam diferenças de projeto editorial e gráfico em cada período histórico. A interpretação da metamorfose da torcida Ba-Vi teve como base os fragmentos de texto esportivo nos quais os jornalistas fizeram menção à torcida nos estádios. Também contribuiu para o alcance do resultado final, a observação materializada em anotações a cada confronto Ba-Vi nos quatro anos de pesquisa, e o cruzamento de dados do acervo pessoal do autor no período anterior ao início deste trabalho e que compreende os anos de 1986 a 2006. A pesquisa incluiu uma consulta ao acervo pessoal de cerca de 1,5 mil peças documentais, acumuladas em 27 anos de experiência profissional nos estádios, primeiro como jornalista, e depois, também na condição de pesquisador.

As raras referências bibliográficas sobre a história dos clubes Bahia e Vitória funcionaram para fortalecer ou não algumas das possibilidades de interpretação oferecidas pelos jornalistas nos textos coletados. Pode-se argumentar que pesquisas voltadas a reconhecer no processo histórico as transformações nos valores caros a uma determinada sociedade apresentam uma dificuldade prática no que diz respeito às fontes. Porém, se por um lado existem limites na percepção de transformações envolvendo agentes e forças que não podem ser acessadas, por outro, um universo documental se abre e se permite que essas mudanças sejam postas em evidência. No âmbito das ciências sociais, sobretudo naqueles estudos voltados à compreensão de fenômenos culturais, as publicações do período que se

[9] A circulação média do Correio foi de 52.211 exemplares por dia em dezembro de 2010, contra 44.487 do segundo lugar. Uma diferença de 17% por dia, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), reconhecido nacionalmente como referência para a aferição do número de leitores com vistas à estratégia das agências de publicidade na divulgação de seus clientes.

deseja conhecer através de uma pesquisa gozam de grande prestígio. Através de publicações aparentemente simples como cartas de leitores de jornais, anúncios publicitários, ou mesmo manuais de etiqueta, é possível se chegar a uma percepção de valores e estimas caros à determinada sociedade no período de publicação das obras. Da mesma forma, esta tese toma como fontes os textos de jornais publicados sobre as torcidas de Bahia e Vitória.

Defendo o princípio de que a ciência não é neutra, por isso ressalta-se que a ligação do autor desta pesquisa com o universo do futebol, como torcedor do Vitória e também na condição de jornalista esportivo, foi fundamental para a conclusão desta tese. A análise leva em conta a pluralidade do objeto em questão e a impossibilidade de esgotar sua abordagem.

As amostras dos textos pesquisados nos jornais estão todas devidamente fotocopiadas, como forma de subsidiar futuros trabalhos. Neste roteiro histórico pelo tempo dos Ba-Vis, foram extraídos e analisados fragmentos de texto, nas páginas produzidas pelos cronistas. O trabalho optou pelo sistema aleatório de coleta do material dos jornais, em uma significativa amostra referente a cada uma das décadas pesquisadas.

A pesquisa visa analisar o processo de metamorfose da assistência para a torcida, conforme representada nos jornais. Ao longo de 80 anos de história, pode-se perceber como se dá a trajetória da inicial assistência, pacata e bem-comportada, para a torcida, denominação utilizada até os dias atuais. Embora pudesse ter sido uma opção de estudo, não se trabalhou com a estética da recepção ou prefiguração de leitores, por considerar que ficaria muito extensa e, afinal, impossível de dar conta no prazo previsto, um caminho que incluiria o aspecto textual no comportamento das torcidas. Também não é objetivo deste trabalho tratar a interatividade a partir do desenvolvimento dos mecanismos de participação intensa do leitor esportivo, o torcedor, na produção de conteúdo, notadamente a partir do fenômeno internet, em meados dos anos 1990, embora fique a sugestão para futuros trabalhos nesta linha.

As colocações feitas até aqui projetam o alcance deste estudo. A vivência e a afinidade com o tema permitiram contribuir para uma análise dos textos, tomando como base o seu confronto mais intenso, os jogos entre Bahia e Vitória. Desta forma, foi possível situar a torcida de futebol no contexto social. Os resultados surgiram em razão de questões construídas a partir das ideias preliminares sobre o tema e que parecem lógicas. Entre essas idéias, está a de que o torcedor baiano é hoje mais participativo e apaixonado por seu time que em épocas anteriores.

Diante deste cenário em que se procura dedicar à leitura dos textos escritos por jornalistas sobre o clássico Ba-Vi, a opção é pela pesquisa qualitativa (GOLDENBERG, 2009, P. 16), resultando na interpretação dos conteúdos publicados. A leitura foi delimitada,

tendo como base a seguinte pergunta: o que os jornalistas disseram sobre a assistência e a torcida? Como interpretar o processo de metamorfose, mediante a interpretação do que os jornalistas escreveram?

A partir da interpretação dos fragmentos de texto, foi possível identificar valores e princípios que contribuíram e contribuem para a transformação do perfil da torcida em um fluxo contínuo. Este estudo partiu do arcabouço teórico da comunicação e dos estudos culturais, nas suas interseções com a antropologia e a sociologia. O trabalho buscou uma multidisciplinaridade capaz de dar conta dos aspectos de realidade captados na pesquisa, ainda que seja sempre impossível abarcar totalmente esta mesma realidade. Acresce que as narrativas dos jornalistas também compõem esta realidade e não apenas a refletem, tornando-se, assim, parte do resultado do trabalho, num fluxo contínuo de partilha que modifica tanto a torcida quanto as páginas esportivas, como se pode verificar.

A leitura dos textos acerca dos jogos entre Bahia e Vitória foi distribuída inicialmente em oito volumes, um para cada década de Ba-Vi, entre os anos 1930 e os primeiros dez anos deste novo século. O que fazer com todo este material? Até onde a reinterpretação dos textos poderia levar? As idéias brotaram da percepção de alcançar a "cultura das arquibancadas" como construção a partir das representações dos jornalistas, e não na pretensa descoberta de verdades absolutas (GEERTZ, 1978, p. 7).

O conceito de cultura seguido por este trabalho, é "essencialmente semiótico" (GEERTZ, 1978, p.4). Neste sentido, o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. A metáfora é assimilada de um pensamento do sociólogo alemão Max Weber: a cultura é esta teia e sua análise e não uma ciência em busca de leis, mas uma disciplina interpretativa, à procura de significados.

A metáfora da linguagem, como teias para interpretar os contextos, guiou a linha-mestra: a leitura e re-leitura evitaram a presunção de descobrir definições ou desvendar mistérios sobre uma suposta essência das torcidas. Trata-se de uma reinterpretação, realizada no tempo presente, de interpretações produzidas pelos autores dos textos, sob contextos específicos, ao longo das oito décadas de Ba-Vi.

Uma vez posicionados o alcance e as limitações da pesquisa, e defendida a confiança nos dados objetivos publicados pelos jornalistas sobre a torcida Ba-Vi, cabe situar a origem da assistência/torcida de futebol na contemporaneidade e fixar a criação do jogo Ba-Vi como ponto de partida. A contar da definição deste olhar sobre a torcida, foi possível, então, reinterpretar os fragmentos de textos de cobertura dos jogos Ba-Vi nos jornais impressos de Salvador onde são localizadas menções às ideias de assistência e de torcida.

O jornalismo esportivo e sua parceria intensa e metamórfica com a torcida de futebol revelam aspectos da relação intrínseca da cultura com o esporte. Esta imprensa especializada é capaz de mostrar aspectos de uma sociedade situada em determinado período e espaço. É possível que Alcoba (1983, p. 40) tenha razão ao considerar injusta uma visão conservadora das redações de jornal em relação ao segmento esportivo, tido como de baixa relevância.

Este profissional, como em outras editorias, a exemplo de economia, cidade ou política, atua diariamente para informar, orientar e divertir, atendendo à proposta de um periódico impresso, constituindo-se em agente importante de uma manifestação cultural de grande impacto capaz de refletir e influenciar a maneira de torcer por um time. O modo como o jornal reproduz esta paixão é capaz de revelar, assim, aspectos do que se passa pela alma coletiva de uma comunidade. Esta interpretação só é possível a partir da identificação de um determinado esporte como prevalecente. No Brasil, este esporte é o futebol. Em Salvador, este futebol tem seu auge no clássico Ba-Vi. "Da mesma forma que a América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe, numa pista de corridas ou em torno de uma mesa de pôquer, grande parte de Bali se revela numa rinha de galos" (GEERTZ, 1989, p.188). O futebol como manifestação popular do Brasil, como um espetáculo carnavalizado, remete ao estado do riso, do elevado, do abstrato, o ideal ou o espiritual. Trata-se, ainda, de uma manifestação popular de uma linhagem rabelaisiana. (BAKHTIN, 2008)

A metodologia de uma pesquisa é uma espécie de reflexão acerca de como esta pesquisa pode ser realizada. Metodologia, diferentemente de método, não diz respeito apenas aos instrumentos utilizados na prática de pesquisa. É algo mais. Envolve a relação entre o "como fazer" e os conceitos envolvidos neste "como fazer". Nesse sentido, partiremos de uma reflexão acerca do objeto, pensaremos nos conceitos que mais se afinaram para a reflexão acerca dele e os relacionaremos com a forma possível e adequada que tivemos para lidar empiricamente com este objeto específico.

A pesquisa em questão tomou como objeto a gênese das torcidas de Ba-Vi, tal como as conhecemos na atualidade. Para tanto, parti de uma perspectiva de média duração, para notar como, no processo de metamorfose das antigas assistências, foi sendo gerado este fenômeno social que conhecemos como torcida. Se antes as pessoas iam aos estádios apenas para assistir ao espetáculo esportivo da partida de futebol, exibindo de forma individual e contida a predileção por um ou outro time, hoje, nota-se nos estádios a presença de grupos formados e ligados pela paixão a um time de futebol, trazendo para as arquibancadas a rivalidade e a disputa com o adversário que já não se restringe apenas ao gramado.

Tendo em vista este processo de lenta transformação, mobilizei conceitos que motivassem uma reflexão acerca da gênese do reconhecimento em grupos. Norbert Elias, com seu conceito de *habitus*, ofereceu a perspectiva para que eu reconhecesse a gestação de valores ao longo do período de metamorfose que permitiriam mais tarde que os integrantes de uma mesma torcida se reconhecessem de forma semelhante, ou seja, compartilhassem uma auto-imagem e estivessem motivados para a ação em face do outro (integrante de outra torcida) de forma semelhante.

Em síntese, combinada com a consideração do processo em média duração, tomei como pressuposto a compreensão da cultura como teia de sentidos. A escolha deste pressuposto implicou que eu buscasse interpretar os sentidos envolvidos nas ações do grupo e não que buscasse estabelecer uma lei subjacente ao processo de configuração das torcidas. Para tanto, parti de uma pesquisa documental envolvendo a já citada coleção de 326 textos de cobertura de jogos entre Bahia e Vitória abrangendo o período entre 1932 e 2011, para captar os sentidos envolvidos no processo de instituição da torcida como grupo social e perceber a forma como este grupo foi ao longo deste período se modificando, se reconhecendo e sendo reconhecido.

Além da descrição dos fragmentos de textos jornalísticos, realizei a interpretação dos conteúdos, tomando o jornalista como parte do processo, mas considerando a natureza específica de sua posição: a de produtor de sentido. Através dos textos, jornalistas descreviam partidas presenciadas pelos leitores/torcedores, de forma que estes se reconhecessem nas narrativas e legitimassem os produtores de sentidos como porta-vozes de sua auto-imagem.

Nesse sentido, através dos fragmentos de textos jornalísticos acerca das assistências e torcidas de Ba-Vi publicados ao longo dos 79 anos percorridos pela pesquisa documental, selecionei narrativas que exibem claramente a mudança de disposição na forma de considerar o clube e no modo de perceber e agir em face dos que preferiam o clube rival. A percepção valorativa dessas novas disposições para lidar com o clube e com o outro torcedor está na base da interpretação do fenômeno social da instituição das torcidas de Ba-Vi.

Nota-se, portanto, como, para compreender os sentidos envolvidos no processo de metamorfose que gerou o que hoje conhecemos como “torcida”, parti de conceitos que dessem conta de explicar o crescente compartilhamento de valores e sentidos entre os que foram se afinando como torcedores de um mesmo time e mobilizou materiais (fragmentos de textos jornalísticos) que exibissem esses valores e sentidos compartilhados pelos integrantes das torcidas.

O capítulo I desta pesquisa contém a introdução, onde o autor deste texto apresenta o conteúdo e os objetivos deste trabalho, além de justificar a escolha do tema.

Esta é a perspectiva em que se situa o jogo de futebol entre Bahia e Vitória, que segundo Calmon (1973) acontece pela primeira vez em 10 de abril de 1932. Antes, porém, de se aprofundar uma análise sobre como os jornalistas construíram a ideia de torcida Ba-Vi, situa-se no segundo capítulo, o jornalismo esportivo na história e o perfil deste subcampo da imprensa, objeto de dissertação de mestrado do autor. O jornalismo esportivo ajuda, desta forma, a produzir símbolos que fazem a torcida deixar a esfera da fantasia de um mundo à parte para compor a chamada "realidade" do mundo sério cotidiano. O jornalismo esportivo é o setor da sociedade autorizado a interpretar o jogo de futebol, enquanto atividade "séria" e "real". As páginas esportivas dizem o que a assistência e, posteriormente, a torcida, fazem e como se comportam nos estádios. O fato de testemunhar o objeto de seus textos em ação e partilhar este testemunho com seus leitores dos dias seguintes incentivam o jornalista esportivo a reproduzir juízos de realidade, o que fortalece a utilização do conteúdo como prova documental para se interpretar uma época.

No capítulo II, aborda-se o jornalismo como elo entre a sociedade e o mundo do estádio, demonstrando-se como o futebol impulsiona o jornalismo esportivo e a origem do mercado da torcida.

No capítulo III, verificam-se os aspectos que identificam o torcedor. O tempo do jogo é um deles, pois naqueles 90 minutos, a realidade externa ao estádio é suspensa, e ficam valendo, para o torcedor, este tempo que se inicia e termina pelo apito do juiz. As mesmas cores e os uniformes similares ou cópias adaptadas aos do time pelo qual o torcedor se identifica é outro aspecto deste sentimento de pertencer a esta torcida e não à do adversário. A linguagem, impregnada de jargão e de gírias, bem como o bom humor, que inspira as frequentes brincadeiras chamadas "gozações" no ambiente do pós-jogo, também integra esta descrição do torcedor pelos jornalistas. O lugar onde se costuma assistir aos jogos, seja o estádio, em um cenário mais amplo, seja o local escolhido em algum setor de arquibancadas deste estádio, fecha a série de itens capazes de produzir no torcedor esta sensação de fazer parte de sua torcida e não da outra; ou de fazer parte de uma torcida de futebol, e não de uma plateia de teatro. O antigo assistente dos jogos não tinha um perfil definido por aspectos consistentes como os atribuídos nos jornais, posteriormente, aos torcedores.

No capítulo IV, esta mesma torcida, que se forma dentro do ambiente do jogo, a partir da metamorfose da antiga assistência, chega a seu clímax, com a sensação de delírio. Trata-se de uma experiência obtida com o arrebatamento produzido durante os jogos. O momento do

gol e a alegria das grandes vitórias produzem no torcedor uma euforia tal que ele extravasa em pulos e gritos, mostrando uma vibração que não ocorre em nenhum momento de sua vida pessoal. Interpretar os textos dos jornalistas, nos quais se registram os momentos em que ocorre o fenômeno, sob quais circunstâncias e os efeitos deste aparente delírio são os objetivos deste capítulo. Pulos e gritos que, na era da assistência, seriam censurados como resultado da falta de educação que leva ao mau comportamento, passam a ser, não só admitidos, como incentivados, enquanto a ideia de amor ao clube é valorizada acima das leis do jogo e do ideário ético do esporte moderno.

Toda esta energia proveniente da busca contínua do delírio, jogo após jogo, sinaliza uma conformação fluida, provisória, impermanente da torcida, mediante tendências gerais construídas a partir de aspectos como o equilíbrio ou desequilíbrio entre os times, a incerteza e a tensão, a surpresa e a expectativa de quebra de tabu, como se denomina, no jargão esportivo, uma situação constante de vantagem de um dos times. Todo este contexto em contínua transformação, a depender das circunstâncias de momento, fortalece a antipatia mútua entre os times e as torcidas, exacerbando uma rivalidade que gera, nos momentos mais intensos, a indesejada violência entre os torcedores, revelada como sintoma da superação da assistência, cordial e assentada nos princípios do movimento olímpico, substituídos durante o processo de metamorfose pelo desejo de vencer a qualquer custo.

Ao identificar os fatos externos que ocorreram no mesmo período da mais intensa metamorfose da assistência para a atual torcida, mostram-se, finalmente, os pontos de ruptura que modificaram o código. Que aspectos se pode verificar como capazes de identificar a metamorfose da torcida? Começa-se pela construção de um novo estádio, apropriado para a expansão do número de torcedores. Mostram-se como as novas relações de um mercado consumidor em expansão coincidiram com a mudança de perspectivas para o torcedor, que passou a ser tratado como cliente do produto futebol. Dentro desta lógica de mercado, a imprensa especializada ganha autonomia e amplia recursos tecnológicos para atender cada vez mais e melhor ao leitor: a identificação pelo clube preferido cresce a cada edição em que são referenciados seus heróis e ídolos. As lideranças destes torcedores ganham nome, rosto, perfil e história, constituindo-se em fontes de informação para os jornalistas, ao contrário da percepção de uma massa uniforme e homogênea. As arrecadações dos jogos, no contexto de um profissionalismo avançado, passam a ocupar destaque no noticiário, em vez do completo silêncio sobre o público pagante, como foi praxe na era da assistência. As arbitragens, mais criticadas e cobradas por parte da imprensa, refletem a participação da torcida, exigente e atenta aos lances dos jogos, a ponto de chegar ao extremo da vaia e da agressão física aos

responsáveis por interpretar os lances conforme o regulamento. Tudo isto está contido no capítulo V.

No capítulo VI, o autor apresenta as inferências a que chegou com a sua pesquisa.

O presente trabalho espera contribuir para a compreensão desta metamorfose sempre em processo contínuo, em um momento que já sinaliza para um estágio posterior e pode ser tema de uma nova pesquisa: a pós-torcida, preliminarmente caracterizada pelo uso excessivo de redes sociais por meio de tecnologias avançadas, e que tornam facultativa a presença física nos estádios para acompanhar o desenrolar dos jogos; a redução da necessidade de identificação com um determinado time, com o advento do torcedor-consumidor do espetáculo, sem estar associado afetivamente a algum dos times contendores, desatrelando a paixão da fruição estética do jogo; e a admiração por times sediados em locais distantes da cidade onde o torcedor vive, entre outros aspectos que nos fazem apontar para um futuro rompimento do estágio atual descrito nesta pesquisa.

O fluxo contínuo, incessante e mutante, faz da torcida um ente em movimento, um movimento do qual os jornais fazem parte inseparável, contribuindo para a consagração de valores e a transformação de outros neste jogo que não se resume aos 90 minutos de bola rolando no estádio de futebol. DaMatta (1994) diz que cada sociedade tem o futebol que merece, pois transfere para este esporte mais aceito suas questões mais importantes. O clássico Ba-Vi, seguindo este raciocínio, não é só um jogo com suas características próprias e nem apenas uma das principais manifestações culturais dos baianos. Mais que isso, é uma das formas mais evidentes que a sociedade baiana tem para se expressar. É esta expressão, em sua profundidade e principais características, que se vai verificar nesta tese: o que as torcidas de Bahia e Vitória revelam, na narrativa de seus intérpretes, os jornalistas esportivos? E de que modo os textos jornalísticos instituem a torcida também? Como jornalismo e torcida são mutuamente condicionados e inventados?

2 O JORNALISMO AUTORIZADO A INTERPRETAR A TORCIDA

Neste capítulo, vai-se tratar do fluxo de produção do jornalismo esportivo, e como este fluxo se relaciona com o processo de transformação da torcida. Convencionou-se denominar torcida ao agrupamento formado por pessoas identificadas em comum a um clube de futebol e que frequentam os estádios para compartilhar sensações antes, durante e depois de uma partida. Não há consenso sobre como surgiu a expressão. Embora o substantivo "assistência" seja frequente até os anos 1950, sinalizando o período inicial de que trata esta tese, a designação "torcida" é utilizada pela primeira vez já por volta de 1914, no Estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. A hipótese mais aceita dá conta de que o nome "torcida" foi inspirado em uma história ocorrida com o goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, titular do Fluminense Football Club, um dos pioneiros do chamado "esporte bretão", uma alusão à origem inglesa (FRANCO, 2007).

Um grupo de moçoilas bem vestidas da alta sociedade carioca levava ao estádio uma fita roxa, da mesma cor da utilizada por Marcos para manter seu bermudão à linha da cintura, como era típico dos primeiros *goal-keepers*. De tanto as meninas torcerem esta fita, para vibrar com as defesas empolgantes de Marcos, a palavra "torcida" entrou definitivamente no vocabulário do "futebolês", como se pode denominar, em um exercício de chiste (FREUD, 1905), a linguagem peculiar ao povoamento das arquibancadas brasileiras, em movimento de reinvenção incessante desde então.

A torcida, como um jogo à parte dentro de um jogo, constitui um duelo constante inserido em um ambiente maior, o futebol. O jogo das arquibancadas torna-se tão significativo quanto o duelo entre os times no gramado. A metáfora do torneio de insultos (HUIZINGA, 2007) sinaliza o desdobramento deste duelo a partir de uma fase embrionária, na qual a torcida ainda era chamada de assistência. A ideia de "assistência" fornece a pista para perceber o objeto de estudo no formato de um agrupamento pacato e obediente, como no início da metamorfose descrita neste trabalho. Além de constituir um jogo à parte, a torcida é referencial da ambivalência, entre a atmosfera do jogo - competição, fora do mundo cotidiano - e a ideia de seriedade deste mesmo mundo fora do estádio.

O jornalismo esportivo vem, desta forma, funcionar como um amálgama, ligando o mundo de fora ou o mundo "real" e "sério" do cotidiano ao mundo "paralelo" do estádio. Assim, graças à narrativa dos jornais, que transformam o conteúdo de um jogo em algo aparentemente sério, e que se deve levar em alta conta, a torcida pode unir as duas pontas: sendo jogo, é séria, crendo piamente na realidade do jogo; e no contexto social, por sua vez,

seus componentes são capazes de transportá-la do estádio para o dia a dia, em movimento complementar ao dos estádios. Os jornais exercem, portanto, um papel influente na instituição desta torcida, pois são os periódicos que registram, documentam e valorizam alguns aspectos em detrimento de outros, ajudando, assim, a delinear o perfil da torcida, ao mesmo tempo que a reflete em seus textos e fotos.

Os torcedores investem, então, neste mundo aparentemente sério, com a aquisição de ingressos e camisas do clube, e comprando o exemplar do jornal, a primeira mídia massiva a abastecer os seus leitores de símbolos e informações do ambiente do futebol. Depois, vieram as resenhas esportivas do rádio, os programas de televisão e atualmente, aumentam a cada dia as opções de sites de futebol. Informados sobre o que se passa no clube, os torcedores constroem todo um arquivo rapidamente consultado a cada discussão acalorada com o vizinho ou colega partidário da agremiação rival. De tanto acessar este arquivo particular, cada torcedor torna-se, assim, uma fonte de informações esportivas e não são raras as vezes em que esta fonte conhece mais do assunto que o próprio jornalista, tornando este setor da imprensa um dos mais desafiadores para o profissional, em razão deste enfrentamento diário com um leitor que sabe bem o assunto e, ademais, trata-se de um apaixonado pelo tema.

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO COMO ELO DO MUNDO DO ESTÁDIO COM A SOCIEDADE

O setor da sociedade autorizado a produzir narrativas sobre esta torcida, fazendo o pêndulo entre o mundo “real” da vida e o “paralelo” dos estádios, é o jornalismo esportivo. Esta especialização da imprensa na Bahia foi se transformando à medida em que se diferenciava, graças à importância que passou a obter junto à comunidade, a partir do início do século passado. O futebol impulsionou a prática do esporte coletivo, até então limitado ao prazer de grupos isolados, adeptos de modalidades como o turfe, o cricket e a regata. Este jornalismo logo tornou-se atrelado à demanda de informações por parte das grandes massas de torcedores, tornando-se uma manifestação cultural de forte impacto na sociedade baiana.

Na Bahia, como em outros estados, embora tenha se iniciado no ambiente da burguesia, o futebol, ou o esporte bretão, por ser originário da Grã-Bretanha, rapidamente, conquistou as multidões (SANTOS, 1981). Logo, segundo Sussekind (1996), tornou-se fonte de inspiração para o surgimento de jornais e revistas de uma imprensa especializada, capaz de cativar leitores cada vez mais ávidos por conhecer, repercutir e ressaltar o desempenho dos jogadores de seus times preferidos. O número de publicações esportivas no País aumentou de

5 em 1912 para 58 em 1930, um crescimento de 1.060%, o maior registrado entre todos os itens de jornalismo especializado (SUSSEKIND, 1996)

Antes da chegada do futebol ao Brasil, no século XIX, são eventuais as referências nos jornais da época sobre a realização de jogos ou competições ou mesmo encontros entre pessoas para prática de alguma modalidade. O esporte, de um modo geral, sofria críticas das camadas mais intelectuais da sociedade e os desportistas eram até ridicularizados. A cavalhada, esporte medieval herdado de Portugal, e a regata, praticada pelos jovens abastados, em busca da sonhada eugenia, ou a "melhoria da raça", recebiam atenção.

Nenhum espaço se verificava para o ainda exótico futebol, mesmo porque provavelmente era praticado de forma precária e esporádica, nas praias, por jesuítas, operários ingleses e marinheiros de navios estrangeiros que desembarcavam em Salvador, por pouco tempo, trazendo bolas de futebol, que logo eram recolhidas a bordo. As bolas permaneciam em solo brasileiro só o tempo suficiente para ajudar a difundir o conhecimento sobre o novo esporte (CADENA, 2001)

O que mais se aproximava da noção de esporte e tinha espaço nos jornais eram jogos de salão e passatempos que a juventude preferia, a exemplo da cabra-cega e do chicotinho-queimado, entre outros jogos[10]. Ao surgir, o futebol apresenta um caráter altamente inovador, embora conflituoso, em um contexto marcado pela difusão de valores e princípios que caracterizam a chamada era moderna: "uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo – esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização". (DaMATA,1994, p. 41)

Este novo esporte do mundo moderno ajudou a constituir o jornalismo esportivo que, em contrapartida, por meio das notícias, influenciou na formação do perfil e no alcance das diversas modalidades. A notícia do surgimento do futebol na Bahia se realizou com a chegada das bolas de couro trazidas da Europa em 28 de outubro de 1901, pelo jovem José Ferreira Júnior, conhecido por Zuza, que fôra enviado para a Inglaterra pelos pais, por causa da dificuldade de adequar seu comportamento ao que a família burguesa considerava uma "educação decente"[11]. Foi este zelo extremado de pais conservadores e decididos a controlar o jeito expansivo de um jovem rebelde que acabou criando o futebol na Bahia e,

---

[10] Acervo família Catharino

[11] Informações prestadas pelo bisneto de Zuza, Bayma Ferreira, em depoimento ao jornalista esportivo Paulo César Lafene, documentário 100 anos de futebol na Bahia, Programa TV Revista, exibido pela TV Bahia no dia 28 de outubro de 2001. Disponível no Centro de Documentação (Cedoc) da TV Bahia, em Salvador.

consequentemente, gerando as primeiras notícias de jornal, embrião do que hoje se denomina imprensa esportiva.

Zuza trouxe o livro de regras do futebol, a bola de couro, a bomba e a agulha de encher aquela ferramenta tão inovadora quanto atraente e que reunia os rapazes para os primeiros babas no então Campo dos Martyres, local onde a Coroa Portuguesa executava revoltosos para dar exemplo a quem se insurgisse contra Lisboa. Depois, o local passou a ser conhecido como Campo da Pólvora, denominação atual da praça que foi adaptada para funcionar como uma das estações do futuro metrô de Salvador.

As bolas eram raríssimas e, fora dos locais onde a alta sociedade praticava o futebol junto aos ingleses e seus descendentes, os jornalistas da época não identificavam como notícia de destaque o encontro de pessoas comuns que saíam correndo atrás de uma bexiga de boi costurada ou uma bola improvisada de pano.

Os jornalistas da virada do século XIX para o XX davam ao recente noticiário esportivo um tom inusitado que caracteriza o gênero jornalístico chamado *fait-divers* (LAGE, 1987). As notas esportivas apareciam misturadas ao noticiário geral, tornando o aparecimento tardio da crônica dedicada ao esporte um indício para este setor ser considerado um ‘desvio’ do jornalismo convencional, estigma que foi decisivo para fazer do jornalismo esportivo um setor periférico e revelador de talentos para outras áreas mais valorizadas, como economia, política e cidade (FONSÊCA, 1987 e LEANDRO, 2003).

Segundo Alcoba (1993) e Fonsêca (1987), o futebol era tido como atividade pouco sociável e compatível com o perfil de homens rudes e de pouca instrução. Além do gênero *fait-divers*, os textos das notícias carregavam no tom do que se convencionou chamar hoje ‘coluna social’, destacando grandes feitos dos rapazes da burguesia local ou da numerosa colônia inglesa que, à época, habitava Salvador.

2.2 O FUTEBOL IMPULSIONA O JORNALISMO ESPORTIVO: O EMBRIÃO DO MERCADO DA TORCIDA

O nascimento do futebol na Bahia, nos idos de 1901, inspirou a publicação da primeira notícia de esporte, por meio de Aloysio de Carvalho, que escrevia sob o pseudônimo Lulu Parola, e era redator do Jornal de Notícias, que circulou até 1920. Carvalho inovou ao perceber uma notícia, quando avistou a multidão ao redor do gramado, para apreciar os movimentos de Zuza Ferreira e seus amigos em busca do controle do balão de couro, como a

bola também era chamada, em seu batismo em Salvador. A pauta jornalística foi tratada em tom de curiosidade, em um misto de *fait-divers* e coluna social.

Jogar futebol era uma atividade de projeção social entre os jovens que tinham acesso a uma bola no padrão inglês. Para se ter uma idéia do requinte com que o jogo foi tratado, os jogadores eram avisados em ofícios, por meio de uma linguagem sofisticada, em textos escritos em letras de estilo clássico, bordadas, como nos convites para as festas da alta sociedade[12]. A curiosidade dos baianos pelo novo jogo extrapolava os círculos fechados dos jovens ricos. Como poucos conheciam as regras e as bolas improvisadas começavam a ser utilizadas em vários pontos da cidade, o futebol criava problemas de ordem pública.

Multiplicavam-se por Salvador as queixas dos transeuntes e proprietários de casas e estabelecimentos contra os primeiros futebolistas baianos, que improvisavam as ruas como campos. As bexigas de boi, costuradas com recheio de crina de cavalo, substituíam as bolas de couro, um privilégio dos jovens bem-nascidos, amigos de Zuza Ferreira, morador em um sobrado do Largo de Santana, onde hoje se concentram baianas de acarajé, no ponto da falecida quituteira conhecida por Dinha, herdado por suas filhas, no bairro do Rio Vermelho.

Depois de Carvalho noticiar o futebol em tom de comportamento inusitado e de brinquedo da alta sociedade, o jogo ganhou espaço na mídia impressa da época como denúncia da desordem provocada. Os jornais noticiavam as reclamações dos cidadãos, diante do jogo exótico causador de uma série de transtornos. A Intendência Municipal, estrutura antecessora da atual prefeitura, publicou uma nota no dia 1º de agosto de 1904, dando conta dos locais onde o futebol poderia ser disputado[13] e, por consequência, colocou na clandestinidade todas as outras áreas da cidade onde as bolas quicavam.

---

[12]PROTÁZIO, Fernando. **Um menino de 84 anos**. Salvador: produção independente, 1983. Tomo por base, neste livro, uma série de documentos históricos relativos à fundação do Esporte Clube Vitória, pioneiro no esporte baiano. O texto relaciona a evolução dos clubes à prática do futebol no estado da fase gestacional do futebol, expressão utilizada pelo professor Gilmar Mascarenhas, em sua tese de doutoramento pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Os Esportes e a Modernidade Urbana: o Advento do Futebol no Brasil. Eis um exemplo de texto de convite para uma partida de futebol nesta 'fase gestacional': "Bahia, 22 de junho de 1903/ ilustríssimo senhor: Temos a honra de convidar-vos para uma partida de "foot-ball" que se realizará no próximo domingo, 28 do corrente. Caso não possais comparecer à referida partida, pedimos o obséquio de avisar-nos até o dia 25 do corrente. LUGAR – Campo dos Martyres. HORAS – 4 horas da tarde. VESTIMENTA – Camisa verde e amarela (verde do lado esquerdo e amarelo do lado direito), calça branca e meias até o joelho. KICK-OFF – 4 horas e meia da tarde. (aa) Alberto Martins Catharino e Alvaro Tarquínio.

[13] A Intendência Municipal publicou nos jornais baianos, a 1º de agosto de 1902, a seguinte nota: "O FOOT-BALL – Resolvendo o pedido feito pela Secretaria de Polícia, sobre pontos onde possa ser efetuado jogo de foot-ball, sem prejuízo da propriedade particular, conforme reclamações levantadas, a Intendência Municipal designou os seguintes locais para realizar-se aquela diversão: Campo dos Mártires, no Distrito de Nazaré, Quinta da Barra, no Distrito da Vitória, Fonte do Boi, no Distrito de Brotas, Largo do Barbalho, no Distrito de Santo Antônio, e Largo do Papagaio, no Distrito da Penha"

A criação da Liga Bahiana de Sports Terrestres, com a proposta de organizar o futebol, aproveitou o impulso dos campos improvisados em ruas e praças (PROTÁZIO, 1983). A idéia de fundar a primeira liga partiu da colônia paulista reunida no clube São Paulo-Bahia, e teve aceitação de outras agremiações, o Sport Club Victoria, o Bahiano de Remo e o Internacional de Cricket, fundado pela colônia inglesa, cuja presença em Salvador se verifica com a construção de estradas de ferro e companhias de iluminação pública, dentro do contexto da era moderna (PROTAZIO,1983). Os dirigentes destas agremiações, que eram também os seus jogadores, reuniram-se no dia 15 de novembro de 1904 e criaram a primeira liga, na rua da Palma, na Mouraria, um dos mais antigos logradouros de Salvador.

O futebol mobilizava uma opinião pública desfavorável, em razão de vidraças quebradas e transtornos para o ordenamento da cidade, então em pleno processo de adesão ao urbanismo civilizador à moda européia. A adesão dos jovens baianos do Corredor da Vitória tornou-se fator fundamental para aceitação do futebol pela sociedade baiana. De um lado, o futebol era vigiado e restrito a algumas áreas da cidade, por determinação da Intendência Municipal, como era chamada a atual prefeitura. De outro, servia de tema de encontro da juventude que representava a elite local e tentava se afirmar diante da colônia inglesa, que havia adotado o cricket como esporte exclusivo, tolerando como eventuais substitutos os brasileiros 'nativos', nos jogos realizados em seus *cantonments*, como os britânicos denominavam as chácaras**.**

Os encontros programados pelos jovens da Vitória para os jogos fortaleceram o futebol na cidade e ajudaram a vencer a dificuldade inicial do novo esporte em ser aceito. Estimulante da afirmação do esporte, enquanto capaz de mobilizar paixões, a rivalidade no futebol baiano começou entre os brasileiros e os ingleses.

A fundação do Vitória, com o nome de Club de Cricket Victoria, em 13 de maio de 1899, segundo Azevedo (2008), garantiu aos jovens baianos a oportunidade de praticar esporte, no início o cricket, disputado com o uso de bastão e uma bola pequena. Os ingleses e seus descendentes jogavam apenas entre si, e apenas toleravam os baianos que brincassem com o bastão, antes das partidas, o que levou os jovens do Corredor da Vitória a aprender as regras e desenvolver técnicas básicas do esporte.

Na reunião de fundação do Vitória, os jovens, insuflados por este sentimento de nacionalismo, em oposição aos ingleses, discutiram a possibilidade de o clube chamar-se 'Brasileiro'[14]. O Vitória até realizou alguns treinamentos de verde e amarelo, mas a falta de

[14] NASCE o clube dos brasileiros. **Vitória!,** a revista do Esporte Clube Vitória. Ano 3 Número 12 Maio de 1999. p.14. Publicação editada pelo autor para comemorar o centenário da agremiação.

material esportivo suficiente nestas cores fez com que o clube vestisse preto e branco, até que a influência do Flamengo do Rio na seção de regatas definiu o padrão vermelho e preto[15]. A rivalidade original no futebol baiano, portanto, veio deste antagonismo dos estrangeiros ingleses em relação aos nacionais brasileiros, como se pode verificar nos avisos de apresentação dos jogos.

Por meio destes avisos, o jornalismo esportivo baiano, enquanto conjunto de técnicas, saber e ética voltado para a captação de informações, antecipou-se à afirmação da imprensa, como divulgação periódica de notícias por meio impresso em formato revista ou jornal[16]. Antes de a imprensa se consolidar no modelo capitalista, estes avisos e cartas particulares entre atletas e familiares transmitiram informações entre os desportistas pioneiros. Estes documentos relatam custos de equipamentos esportivos, jogadas que causaram mais admiração, atletas de destaque, e serviam como divulgação dos regulamentos dos esportes. Neste sentido, a transmissão de informação por meio de relatos orais pode ser considerada antecessora do jornalismo que depois viria a ser praticado.

A divulgação de informações por meio destes primórdios do jornalismo esportivo contribuía para atrair aficcionados ao Campo da Pólvora, a fim de assistir ao clássico da época, disputado entre o Internacional, representante dos ingleses, e o Vitória, o time dos baianos. O Correio do Brazil, jornal distribuído com assinantes de Salvador, noticiou o jogo, realizado no dia 10 de julho de 1904. Ainda se vivia sob impacto dos tempos heróicos do jornalismo de opinião prevalecente no século XIX: a lógica dominante não era a da empresa de jornal, como estrutura econômica voltada para a distribuição e venda de material impresso. A linguagem estava livre da imposição da objetividade e o jornal pôde 'torcer' abertamente para os 'nossos', os brasileiros do Vitória, contra os 'deles'[17]. Não havia outro meio de comunicação capaz de concorrer com os jornais. Em um novo registro relevante para a

---

[15] Idem, ibidem.

[16] Os avisos eram distribuídos entre os jogadores, conforme se pode comprovar no convite que integra o acervo deixado por José Martins Catharino, descendende dos fundadores do Vitória, falecido em 2003: 'Football- 'Realisar-se-há no Domingo 28 do corrente uma partida de FOOTBALL entre Brazileiros e Inglezes, a qual terá logar no CAMPO DOS MARTYRES, devendo começar às 4 horas da tarde. Abrilhantará a partida uma banda de música do Corpo policial, havendo também cadeiras à disposição das Exmas. Famílias que a desejarem assistir.O Partido Brazileiro será chefiado pelo Snr. Alvaro Tarquínio. O dos inglezes pelo Snr. T. E. Terry Morrell. Jogarão para os Inglezes os seguintes Senhores: S. Orr, R. de C. Steel e F.G. May; A. E. Gleig, J. A. Trower, T. E. Terry Morrell,E. Hugh Benn, C.Calver, R.Smith, A.S. Tomlinson,R. McNair. Referre José de Oliveira Teixeira.E para os Brazileiros jogarão os senhores: Aydano de Almeida, José Ferreira, J. Tarquínio, A. Gordilho, Monteiro, J. Pereira, A. Martins, Pedro Ferreira, Arthur Moraes, Alvaro Tarquínio e Luiz Tarquínio Filho. Serão Linesman para os inglezes J.P.W. Rowe. Para os Brazileiros, D. McNair"

[17] PROTASIO, *F*. p.13. "Foi um jogo emocionante. Os brasileiros do Victoria fizeram muito esforço, mas acabaram derrotados pelos ingleses do Internacional. Os nossos perderam muitos pontos quase concretizados. Pelo menos, deveria ter terminado na igualdade. McNair e Douglas marcaram os pontos deles, um em cada tempo"

história do jornalismo esportivo na Bahia, o Correio do Brazil publicou, sob o título de 'Festas-Football', o texto de cobertura da primeira partida oficial de futebol em Salvador[18].

FESTAS - FOOT-BALL

"Extraordinária a concorrência ontem, no Campo dos Martyres ao primeiro "match" anunciado para o Campeonato, este ano, organizado pela Liga Bahiana de Sports Terrestres, entre os cinco clubes a ela filiados.

Iniciaram o Sport Club Vitória e Clube Internacional de Cricket. Seriam 4 horas, quando os dois "teams", respectivamente uniformizados, sob o sinal do "refree" sr. Anibal Peterson, se puseram em movimento, sendo atacante o Vitória. Bonita foi esta peleja durante uns 15 minutos. Dizer-se qual o mais forte era temer errar, tal a perícia com que ambos manobravam a bola. Mais arrojadamente o Internacional arremessou-se ao "goal" do seu adversário o qual foi então vasa-

Figura 6: Aspecto do primeiro texto esportivo publicado na imprensa baiana[19]

Em 1906, logo no ano seguinte à criação da primeira Liga, o Campeonato de futebol da cidade foi tema de uma coluna de esportes de periodicidade irregular, publicada pelo editor José Alves Requião, na Revista do Brasil[20]. A partir desta primeira década do século XX, a indústria gráfica cresceu e o mercado jornalístico se diversificou (SODRÉ, 1983). Os repórteres sobreviviam da imprensa, mas ainda conviviam com os publicistas, como podem ser chamados os divulgadores que usavam os jornais para seus projetos ou de seus clientes na defesa de ideias políticos (RIBEIRO, 1994). O prelo manual já havia substituído por um

[18]IN PROTASIO, *op. cit.* p.19. "Extraordinária a concorrência, ontem, no Campo dos Martyres ao primeiro 'match' anunciado para o Campeonato este ano, organizado pela Liga Bahiana de Sports Terrestres, entre os cinco clubes a ela filiados. Iniciaram o *Sport Club Victoria e o Clube* Internacional de Cricket. Seriam 4 horas, quando os dois "teams", respectivamente uniformizados, sob o sinal do "referee" sr. Anibal Peterson, se puseram em movimento, sendo atacante o Vitória. Bonita foi esta peleja durante uns 15 minutos. Dizer-se qual o mais forte era temer errar, tal a perícia com que ambos manobravam a bola. Mais arrojadamente o Internacional arremessou-se ao "goal" do seu adversário o qual foi então vasado pelo "forward" A. Hayne. Vindo a bola para o centro do campo continuou o jogo com mais ardor; a linha de "forwards" do Vitória numa investida terrível havia uns 10 minutos, avançou sobre o "goal" do internacional o qual ia sendo vasado com um certeiro "shoot" dado por Pedro Barbosa, não fosse a esperteza do goal keeper. Mas, encontrou ele outro forward temível, J. Tarquínio que com pé seguro, marcou o primeiro gol para o seu team. Apenas alguns minutos mais, e termina o half-time. Dado o sinal para o segundo half-time foram trocadas as posições e recomeçado o jogo. Não se sabia qual o vencedor, pois ambos contavam 1 goal. Daí por diante, porém, o Internacional, redobrando esforços com sua linha de forwards bem coadjuvada pela de half-backs, atacou fortamente o goal do Vitória sendo marcados mais dois goals até finda a partida por A. Hayne e P. Stewart. Conquistou a vitória o Internacional. O retângulo do jogo estava repleto de cadeiras nas quais se achavam senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade, autoridades e diretores da Liga. A Banda de Música Militar alegrou a festa durante todo o seu desenrolar.."

[19] Reprodução Um menino de 84 anos

[20] Acervo família Catharino

sistema a vapor, mecanizado, e as primeiras rotativas permitiam a ampliação das tiragens e a regularização da periodicidade dos veículos que passam a durar mais tempo, indicativo do fortalecimento da imprensa.

Os textos deste período referiam-se mais ao comportamento, estado de ânimo, a moda que vestiam as senhorinhas da "melhor sociedade" e os detalhes da assistência em carruagens[21]. Em sua origem, o jornalismo esportivo tinha como pressuposto que o leitor já conhecia os detalhes da notícia e o texto vinha como suporte de amenidades apenas para complementar o que supostamente já se sabia. Os jornais chegavam ao cúmulo de sequer informar o resultado ou o escore, como se chamava, na época, o placar do jogo, com base na palavra inglesa *score*. Escalação de jogadores nem sempre era publicada. O jornalismo esportivo nascente enaltecia figuras da alta sociedade que praticavam os esportes, fortalecendo assim um estilo que hoje se aproxima do texto das colunas sociais, herança dos publicistas, como eram chamados os redatores que tinham objetivo de divulgar tão-somente projetos pessoais de seus clientes, com forte conotação política. A oposição ao futebol, no entanto, não cessou, e ganhou o reforço do prefeito Pimenta da Cunha, que reeditou em 1916 o decreto de proibição da prática do esporte em vários pontos da cidade, lançando os desportistas à clandestinidade (FERNANDES, 2003), mas o vigor da lei não resistiu ao processo de multiplicação de campos e locais para o 'baba', como os baianos denominam o jogo informal de futebol praticado nas ruas, praias e áreas improvisadas.

A aglomeração crescente nos locais dos jogos fez os donos das empresas de jornal em fase gestacional perceberem no futebol um tema capaz de ampliar as vendas por atrair multidões. A dimensão noticiosa dos repórteres ganhou espaço em relação ao pendor literário dos publicistas. O jornalista esportivo percebeu que as pessoas queriam saber dos resultados, do desempenho dos jogadores, entre outros dados objetivos. Ao tempo em que transformava o a torcida, a imprensa era por ela transformada, como se vai verificar.

A imprensa ampliou o alcance de suas pautas, com novas linhas de navegação no Recôncavo e Baixo Sul baianos, instalação do telefone, telégrafo, cabo submarino e estradas de ferro (ZORZO, 2002). Experientes trabalhadores em gráfica chegaram do exterior como imigrantes e deram mais qualidade ao produto final.

---

[21] PROTÁSIO, F. *op. cit*. p. 18. Autor cita texto publicado no Jornal de Notícias, em 12 de abril de 1905: "A sociedade denominada Liga Bahiana de Sports Terrestres, resolveu efetuar entre nós, um interessante Campeonato de 'foot-ball' que se comporá de 20 partidas a realizarem-se entre o corrente mês e o de setembro. Todas as partidas serão disputadas no Campo dos Martyres (Campo da Pólvora). No fim deste campeonato o clube vencedor receberá uma riquíssima Taça de Prata oferecida pela Liga. Para a festa de amanhã, que promete ser brilhante e assaz concorrida, haverá Banda de Música Militar para tocar durante toda a partida assim como serão colocadas cadeiras para as excelentíssimas senhoras [...]"

A publicação de textos sobre esportes estimulou a venda de jornais e cativou leitores assíduos. Neste período, a empresa de jornal ainda enfrentava um forte preconceito que associava o lucro à vergonha de mercantilizar o trabalho intelectual. O analfabetismo, que chegava a 75% da população brasileira, em 1920, representava ociosidade para o maquinário da empresa de jornal (RIBEIRO, 1994).

A crônica esportiva, enquanto gênero opinativo capaz de oferecer ao leitor comentários sobre uma determinada competição, persiste na condição de herdeira de uma tradição literária que impregnava o texto jornalístico informativo com o chamado "beletrismo". Esta forte influência da crônica, enquanto gênero predominante no jornalismo esportivo nascente, está refletida na denominação da entidade que congregou os primeiros repórteres especializados no setor, a Associação Bahiana de Cronistas Desportivos (ABCD), prestes a completar seu centenário em abril de 1912.

O cronista desportivo é uma figura diferenciada do repórter, pois o assunto de seus textos são as histórias dos atletas e dos jogos e nem só as notícias. Os textos se caracterizam por um tom mais aproximado à literatura e menos descritivo, como convém ao noticiário clássico. O redator esportivo desta época faz do jornal uma atividade para complementar a renda mensal proveniente de outros ofícios. A renda era incerta, mas valia, como contrapartida, o prestígio de publicar textos no meio impresso, até então a única mídia massiva conhecida (RIBEIRO, 1994).

A despeito da importância do jogo, enquanto possibilidade de mercado para expansão de suas vendas, a técnica do discurso noticioso permanecia fiel a uma estrutura hoje considerada arcaica. Não se observa o menor esforço em buscar atender às demandas do lide clássico[22]. Esta estrutura somente surgiria décadas mais tarde, consolidando-se com a fundação do Jornal da Bahia em 1958, conforme Bahia (1990).

Mas, independentemente do híbrido gênero jornalístico-literário desenvolvido, os jornais e as revistas que tratam do futebol firmam o papel social de fazer a intermediação da realidade entre os jornalistas, ou seja, aqueles que detém o poder de escrever e noticiar, e a sociedade, o pólo ao mesmo tempo receptor da notícia e gerador dos fatos. Vale ressaltar que o próprio jornal, como instância capaz de narrar aspectos desta realidade, também dela faz

[22]Embora a técnica do lead tenha se estabelecido objetivamente somente com a fundação do Jornal da Bahia, em 1958, já se percebe um empenho do jornalista em informar os resultados dos jogos na primeira linha do texto, antecipando-se à técnica que impõe a resposta das perguntas-chave quem, o que, como, quando, onde e por que, base do padrão jornalístico importado dos Estados Unidos. Na edição do Diário de Notícias, 21 de junho de 1934, primeiro caderno, p. 12, lê-se: "O Victoria conseguiu abater o S. C. Bahia pela contagem de 4x3, no embate principal, e 6x1 no secundário".

parte com um peso considerável na legitimação de princípios e valores, como se vai verificar nesta tese.

O papel de intermediar se fortaleceu no momento em que o jornal passou a publicar notas sobre futebol com mais frequência e o número de espectadores dos jogos aumentou em meados dos anos 1910. Neste período, o futebol baiano se firmou, e no seu rastro, o jornalismo esportivo ocupou um espaço vago, diversificando o noticiário para os leitores. O bairro do Rio Vermelho, precisamente no local onde funcionava o antigo hipódromo, atual Parque Cruz Aguiar, sucedeu o Campo da Pólvora como sede das competições do futebol de Salvador, que somente ganhou seu primeiro estádio em 15 de novembro de 1920, com a inauguração do Artur Moraes, mais conhecido como Campo da Graça, por situar-se no bairro da Graça, tido até hoje como referência das classes mais abastadas de Salvador. O terreno pertencia a Manoel Luiz Rego, que inicialmente arrendou a área aos desportistas baianos por cinco anos (LYRIO, 2007). O Campo da Graça foi durante 30 anos o local dos principais jogos na Bahia.

Figura 7: Aspecto de uma das primeiras partidas de futebol em Salvador

Esta partida se realizou no bairro do Rio Vermelho, onde hoje fica a Rua Fonte do Boi e adjacências. Em redor do campo, as pessoas se reúnem, curiosas para assistir à movimentação daquele jogo estranho, mas divertido[23].

[23] Acervo Aroldo Maia, Superintendência de Esportes do Estado da Bahia (Sudesb).

Figura 8: Aspectos do posicionamento da imprensa em uma partida de futebol do Campo da Graça em 1950[24].

O jornalismo esportivo impresso firmou-se como um segmento no qual o debate ético está presente em cada produção de texto. A paixão crescente do leitor pelo futebol gera uma sensação de fiscalização permanente dos supostos privilégios de clubes, atletas, dirigentes e torcedores nas edições. Esta defesa permanente da isenção tornou-se um referencial de qualidade. Não há consenso entre os jornalistas se eles devem ou não informar para qual time torcem, pois há quem prefira ocultar a preferência para manter-se aparentemente imparcial aos olhos do público, enquanto outro grupo admite abertamente, pois assim supõe conquistar a credibilidade do leitor (FONSECA, 1987; LEANDRO, 2003) por meio do valor moral da sinceridade. Do jornalista esportivo é cobrada uma imparcialidade implacável, para evitar que um ou outro clube se destaque, por conta da preferência do profissional, sem se identificar um critério de noticiabilidade que o sustente como pauta jornalística.

Os leitores de páginas esportivas são altamente críticos, pois cada um se julga especialista em seu esporte favorito. Esta tendência tem suporte no fato de a sociedade passar a dar ênfase à atividade física e os leitores se tornarem também atletas ou apreciadores das modalidades e clubes. Cada leitor de esportes é um vigilante atento da qualidade da informação, por julgar conhecer com profundidade o tema abordado (GELFLAND, 1969).

Não raro, o jornal é condenado por ser ‘tricolor’ – adepto do Bahia - ou ‘rubro-negro’, simpatizante ao Vitória, no julgamento de torcedores-leitores influenciados pela paixão. O jornalista esportivo Armando Costa Oliveira, falecido em 2001, mas ainda hoje tido como

[24] Acervo jornalista Antônio Sampaio

referência no subcampo imprensa esportiva na Bahia, reconhecido como um dos profissionais de maior discernimento, com larga folha de serviços prestados a alguns dos principais veículos impressos e uma experiência de 46 anos no rádio esportivo, considerava difícil lidar com este leitor, a um só tempo, apaixonado e crítico.

É de Armando Costa Oliveira a fala: "O esporte acessa coisas com esta paixão. É difícil porque é basicamente a paixão. Convivo com pessoas que são extremamente bem articuladas, mas quando se trata de futebol se tornam passionais"[25]

Oliveira era herdeiro de uma tradição que fazia do jornalista uma personalidade forte, dotada de sentimentos humanitários e cultura geral, hoje praticamente extinta[26]. Simultaneamente à perda do que se pode considerar o tipo "grande figura humana" (NOBLAT, 2002), a formação do público esportivo avançou no ritmo da consolidação das empresas de jornal interessadas em fazer do noticiário um produto rentável. Um exemplo é a fundação da revista Renascença, já em 1916, editada pelos sucessores do famoso fotógrafo alemão Hermann Lindemann, apaixonado pela linguagem visual (CADENA, 2001). Antecessor dos atuais projetistas gráficos, que priorizam a importância da imagem, partindo da máxima de que "vale por mil palavras", Lindemann publicava em Renascença um encarte, já na década de 1920, com fotos dos principais jogadores baianos, entre os quais o célebre Popó, megacraque do período de afirmação do futebol baiano e único jogador com nome de rua (Apolinário Santana, no bairro da Federação) em Salvador[27]. As capas também chamavam a atenção, contribuindo para a divulgação dos jogadores que viriam a ser considerados ídolos quando a assistência passou a tomar a forma de uma torcida.

---

[25] Em depoimento ao autor. Salvador, 7/10/2001

[26] RIBEIRO, C. p.199-202

[27] Sobre Popó, ver **Popó, o craque do Povo. A trajetória de Apolinário Santana**, livro de Aloildo Gomes Pires, produção independente, Salvador, 1999 Edição do autor.

Figura 9: Fác-símile da capa da revista Renascença

Na figura 9, vê-se a foto do goleiro Baby, do Botafogo, um dos melhores times dos anos 1920.

Precursor das atuais estratégias de marketing e vendas, o encarte de Renascença evidencia o rompimento da empresa de jornal com o pudor de evitar mercantilizar o trabalho intelectual. Lindemann já oferecia as imagens com a marca para serem recortadas, convidando o leitor a colecionar as fotos dos craques e, com isto, ampliou as vendas de Renascença. Até hoje, as revistas especializadas em esporte ainda utilizam esta estratégia de Renascença para atrair leitores, por meio da oferta de pôsteres e fotos dos ídolos. A importância de Renascença rivaliza com o surgimento da Vida Sportiva, uma publicação inspirada em um similar lançado anteriormente no Rio de Janeiro[28].

[28]Acervo família Catharino.

Figura 10: Foto do jogador Popó, o primeiro ídolo do futebol baiano[29]

Os proprietários da Vida Sportiva, Celestino Brito e Mário de Oliveira, investiram na contratação de alguns dos melhores talentos da época, como o aquarelista Paraguassu e os fotógrafos baianos Jonas e T. Dias que, a despeito das limitações técnicas dos anos 1920, produziram peças de alta qualidade profissional. A Vida Sportiva pode ser considerada um orgulho para os jornalistas esportivos baianos, pois tornou-se uma das melhores publicações do país no gênero, destacando-se pela diversidade, pois cobria futebol, xadrez, natação, atletismo, remo, boxe, tiro, turfe, tênis e já ensaiava até coberturas de automobilismo. O futebol não detinha a absoluta prioridade em detrimento de outros esportes. Estas edições refletiam também a cena multiesportiva da cidade, quando o futebol ainda não havia construído sua hegemonia sobre as outras modalidades.

Considerado fenômeno, o ex-jogador Popó teve seus feitos celebrados e repercutidos nas páginas de Vida Sportiva. Capa da edição número 26, que circulou em 1926, o jogador ficou popular, depois de atuar por 10 times baianos, com destaque para o Botafogo e o Ypiranga. A publicação exercia o papel de fiscal dos dirigentes de clubes, ao tomar partido em situações em que o jogador tinha seus direitos desrespeitados. Foi o caso da suspensão de Popó por 120 dias, aplicada por seu próprio clube, o São Bento. Os dirigentes, possivelmente incomodados com a popularidade do ídolo, acataram queixa do atacante e capitão do time Nadinho, que acusou Popó de indisciplina tática em uma partida contra o Botafogo (PIRES, 1999).

O jornalismo esportivo impresso na Bahia ganhou na década de 1920 um pouco mais de força nas páginas de jornais, com a cobertura do Diário de Notícias aos eventos, embora ainda não se tivesse um noticiário constante com mais destaque sobre o tema. O jornal

[29]Reprodução da capa de um exemplar de Vida Sportiva

considerava futebol um tema secundário e limitava seu espaço nas páginas, divididas com o remo e atividades culturais, como o teatro de revista.

Em 1925, surgiu a revista literária A Luva, de Severo dos Anjos, que aderiu ao esporte e ao futebol, mas procurava repercutir textos dos jornais e perdia em autonomia por não oferecer ao leitor um conteúdo exclusivo (CADENA, 2001). As tecnologias voltadas para a comunicação permitiram a transmissão da partida de futebol entre Santos e Bahiano de Tênis para a cidade de Santos, no Estado de São Paulo. O repórter do jornal A Tribuna, de Santos, Francisco Pinto, descrevia os lances por telefone para a agência da *Western*, em Salvador. Da *Western*, as informações eram passadas por cabo submarino para a agência de Santos, que as retransmitia, por telefone, à redação de A Tribuna (MENDES, 1999). Um datilógrafo utilizava a máquina de escrever para redigir a notícia, que era entregue a um locutor. Uma multidão estimada em 5 mil pessoas parou diante da sede do jornal santista para ouvir os lances, cuja descrição demorava cerca de minuto e meio de Salvador até Santos, na rua General Câmara. Embora de forma rudimentar, esta é considerada a pioneira transmissão de uma partida de futebol a longa distância, lance a lance, no país (FREDERICO, 1982, e SOARES, 2000).

Figura 11: Foto dos times do Bahiano de Tênis e do Santos FootBall Club.

A foto da figura 11 registra os momentos que antecederam a histórica partida da primeira transmissão da narração dos lances de um jogo de Salvador para outro Estado[30].

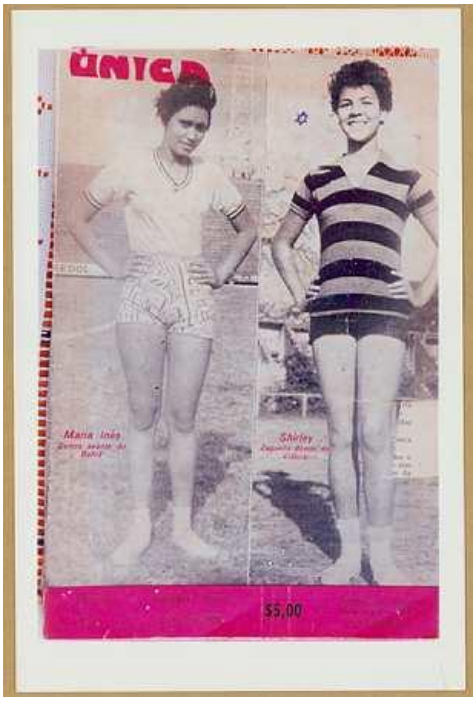


Figura 12: Fác-símile de capa da Revista Única, onde aparecem duas jogadoras de futebol.

Em 1929, o lançamento da Revista Única[31], por Amado Coutinho, compartilhava espaços do futebol com a cobertura dos times de Bahia e Vitória, mas também Galícia, Yiranga, Botafogo e outros. A Única também destacava o futebol feminino, antes de o Conselho Nacional de Desportos recomendar a proibição dos campeonatos de mulheres.

A consciência da necessidade de buscar o texto informativo, como forma de ganhar a credibilidade do grande público e de aumentar as vendas, pode ter inspirado Coutinho, considerado um precursor do chamado "tira-teima", hoje popularizado pelo olhar eletrônico de câmeras instaladas em locais estratégicos do campo, e dos "melhores momentos", o horário televisivo mais esperado pelos torcedores ávidos por assistir aos gols e aos lances mais importantes das partidas. Na década de 1950, Coutinho contratou um desenhista para ilustrar os textos em que se reportava aos jogos, oferecendo aos leitores uma visão aproximada do que acontecera em campo (CADENA, 2001).

O desenhista tinha de aguçar sua sensibilidade de forma a captar como estava posicionado cada jogador no exato instante dos lances mais importantes. Um exercício de

[30] Acervo Aroldo Maia, imagem cedida pela Superintendência de Esportes do Estado da Bahia (Sudesb).
[31] Acervo família Catharino

memória fotográfica que, não raro, era contestado pelos leitores, identificados com seu clube do coração. Mesmo hoje, com todos os recursos tecnológicos que mostram como foi e como não foi cada lance, ainda pairam dúvidas entre adeptos de clubes contrários, na discussão de temas polêmicos. Esta mesma polêmica alimentava a venda de cada edição de *Única,* cuja distribuição variava entre 5 mil e 7 mil exemplares.

Fundado em 1º de janeiro de 1931, o Bahia se firmou como o sucessor do Ypiranga em popularidade, tornando-se campeão em títulos e em resultado de vendas de jornais e revistas especializadas, tal o crescimento da torcida. Estava aberto o caminho para o que depois viria a se chamar "repórter setorista", o profissional dedicado à cobertura de um determinado clube capaz de despertar mais atenção do mercado em formação para os produtos relacionados ao futebol.

A regulamentação da profissão, em 1937, por meio do decreto-lei número 910, representou um avanço, no sentido de tirar do jornalismo a característica de bico ou subemprego, mas as relações trabalhistas não acompanharam a letra da lei (RIBEIRO, 1994). Persistia uma política de favores, beneficiando fontes de informação, e prejudicando a qualidade do trabalho jornalístico. A publicação das notícias se transforma em moeda corrente e meio de troca para obtenção de comida, hospedagem e transporte de jornalistas. Esta troca se refletia no pagamento de diárias em hotéis e passagens aéreas por parte dos clubes de grande torcida, nas viagens dos times[32].

A despeito de alguns progressos, o jornal diário ainda era tido como área dominada por intelectuais que não se identificavam com a possibilidade de incorporar o esporte ao seu noticiário, mas já admitiam publicar chamadas na primeira página, embora discretas. A inferior qualidade gráfica dos jornais contrastava com a busca de uma apresentação mais agradável aliada ao conteúdo nas revistas especializadas em esporte.

O jornal passou a ter como concorrente a mídia instantânea do rádio, que aderiu com mais intensidade ao futebol em meados da década de 1940, com o surgimento das primeiras resenhas esportivas e transmissões de jogos. Em Salvador, a Rádio Sociedade passa a disputar a audiência com a Rádio Excelsior. Tal foi o impacto causado pelo rádio esportivo que inspirou o nome de uma das revistas da imprensa especializada do período, a Rádio Esporte, que tornou-se mais conhecida por uma seção de história e perfil de jogadores denominada "O craque fora do gramado" (RIBEIRO, 2006).

---

[32] Armando Oliveira (2001), em depoimento ao autor.

O rádio contribuiu decisivamente para a expansão das torcidas e de sua construção como sucedânea da antiga assistência devido ao incentivo à rivalidade. Ficaram famosas as discussões entre os presidentes do Vitória, Luiz Catharino Gordilho, e do Bahia, Osório Villas Boas, nos anos 1950, quando o Ba-Vi se fortalece como principal confronto do futebol baiano e o clássico emerge com destaque no cenário do campeonato que passa a incluir o interior do Estado com a entrada em 1954 do Fluminense de Feira de Santana, a 108 quilômetros de Salvador.

Em 1951, a Rádio Cultura disputa sua fatia de mercado com a Excelsior e a Sociedade. Neste ano, a inauguração do estádio da Fonte Nova sucede o Campo da Graça como principal palco do futebol baiano. A Era Fonte Nova, estádio para 40 mil pessoas, ampliado para 85 mil, em 1971, coincide com a expansão do público consumidor de jornais e o crescimento da cidade, sinalizado pelos primeiros grandes edifícios, denominados arranha-céus.

Novas avenidas são construídas: a Centenário e a Amaralina-Itapuã, nome mais conhecido da Octávio Mangabeira, capaz de ligar o centro ao extremo norte de Salvador. Segundo Santos (2009), em 1951, a capital tinha 500 mil habitantes. Neste período, Salvador era conhecida como a cidade das lavadeiras, por suas fontes de águas limpas, onde as mulheres baianas sem chances no mercado de trabalho formal, grande parte delas composta por analfabetas, ganhavam a vida, lavando roupas. Foi uma destas fontes, a Fonte das Pedras, que deu origem ao nome do grande estádio – “Fonte Nova” -, cuja inauguração atrasou em um ano. Esta demora impediu, assim, que Salvador sediasse jogos da Copa do Mundo de 1950. Recife foi a sede nordestina do Mundial no Brasil.

Em 1953, o Vitória investiu no profissionalismo e conquistou o título de campeão da cidade pela primeira vez desde 1909, fortalecendo a rivalidade com o Bahia e ampliando o interesse do grande público, graças ao antagonismo entre as duas forças que formam o clássico denominado Ba-Vi. Um novo esforço no sentido de dar ao esporte e ao futebol um tom diferenciado do noticiário corriqueiro, veio com o Esporte Jornal, fundado e dirigido por Luiz Eugênio Tarquínio, parceiro de Carlos Alberto Jesuíno e Ruy Simões. Criado em 1965, notabilizou-se por noticiar o bicampeonato conquistado pelo Vitória em 1964/1965, enquanto toda a imprensa silenciava. (TARQUÍNIO, 1967).

O Vitória sofreu boicote por parte da grande mídia esportiva impressa, em razão do espancamento de um radialista, atribuída à diretoria do clube. Nenhum veículo impresso, exceto o Esporte Jornal, noticiou o título do Vitória, em um fato raro ou talvez inédito no mundo, em se tratando de um grande clube, capaz de mobilizar multidões e gerar um mercado rentável. A publicação teve o mérito de revelar alguns dos jornalistas esportivos mais

destacados das últimas décadas, como Fernando Escariz, correspondente em Salvador da revista Placar, de circulação nacional, e falecido em 2003. O advento do Esporte Jornal coincidiu com a década de melhor distribuição de títulos desde os anos 1920. Foram campeões Fluminense de Feira (1963/1969), Leônico (1966) e Galícia (1968), além de Bahia (1967) e Vitória (1964/1965).

A hesitação do veículo jornal em se estabelecer como elo do esporte com a sociedade, possivelmente pela influência da intelectualidade avessa ao futebol, estabeleceu um contraponto ao rádio, que mantém ainda hoje a seu favor o fato de ser uma opção para o público pouco letrado se informar. Persiste uma crença até os dias atuais, por parte de jornalistas reconhecidos pelo mercado como de primeira linha[33], que consideram o esporte um tema de menor importância, fácil de cobrir e exageradamente noticiado para a sua relevância.

Ainda nos anos 1960, a empresa de notícias se consolidava e crescia a importância do objetivo econômico, as metas a cumprir. A Tarde é o principal exemplo desta expansão do veículo com base no cálculo monetarista. O jornal impresso deixa de ser a única razão de ser do funcionamento da empresa e se transforma em um produto, entre outros. Neste contexto baseado na expansão dos negócios e na larga utilização de novas tecnologias, a notícia passou a ser tratada como mercadoria submetida à lógica comercial. O objetivo claramente definido era fortalecer as empresas de jornal como estruturas capazes de contabilizar lucros com a venda do trabalho intelectual.

Para atingir esta meta, as melhorias na tecnologia foram consideradas cada vez mais necessárias. Até os anos 1950, os repórteres ainda escreviam parte do conteúdo à mão. O editor de esportes de A Tarde durante 35 anos, Genésio Ramos[34], falecido em 2007, lembrou de parte do processo produtivo: “sujava minhas mãos de tinta e o texto descia para as oficinas onde ia ser digitado em máquinas chamadas linotipo para só então, passar para a área de impressão”.

A metamorfose da torcida de futebol foi ocorrendo à medida que também os jornais se transformavam. Hoje, no mercado baiano, os três veículos de grande circulação, Correio, A Tarde, Massa! e Tribuna da Bahia, operam com o que há de mais moderno em programas de editoração eletrônica para publicação de conteúdo esportivo produzido por editorias constituídas especificamente para este fim, cuja destinação é o atendimento à demanda dos torcedores por informações referentes a seus times preferidos.

---

[33] Em depoimento ao autor, Biaggio Talento, que trabalhou 20 anos na sucursal de Salvador do jornal O Estado de São Paulo, é um dos que considera o jornalismo esportivo “mais fácil”.

[34] Em palestra para alunos de ‘Oficina de Comunicação Escrita’, da Faculdade de Comunicação (Facom), da Universidade Federal da Bahia (Ufba), no dia 5/8/2002, a convite do autor, professor da disciplina.

O panorama da atuação do jornalismo esportivo ao longo da história relacionada à torcida de futebol da Bahia permite avaliar em que medida este esporte pode ser considerado uma manifestação cultural de alcance inegável na sociedade baiana. A expansão deste jornalismo especializado, responsável por produzir narrativas sobre a torcida, evidencia a força da manifestação cultural originária desta vivência em torno do tema futebol por parte dos habitantes dos estádios, os jornalistas e os torcedores. Para as empresas de jornais, a busca da diferenciação da abordagem das notícias tem sido também a luta por conquistar mais leitores. Sair do convencional, sem extrapolar a proposta da objetividade e tornar-se excessivamente passional, nem deixar de passar para o leitor a emoção de uma competição, é o desafio enfrentado atualmente a cada edição pelas editorias de esporte.

2.3 O JORNALISMO ESPORTIVO COMO SUBCAMPO DA IMPRENSA

Este breve histórico do jornalismo esportivo na Bahia, que visa atender a uma demanda de leitores, constituída de torcedores, evidencia a consolidação de um setor relativamente autônomo e capaz de constituir leis próprias de funcionamento. Assim, este setor do jornalismo pode ser melhor compreendido à luz do arcabouço proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que construiu, entre outros, os conceitos de campo e *habitus*[35]. O campo é socialmente estruturado apenas se seus membros seguirem um *habitus* compatível. No mesmo desenho lógico, a existência de um *habitus* em um campo específico depende de regras pré-reflexivas seguidas por seus membros. Dentro do campo jornalístico, situa-se o subcampo jornalismo esportivo, no qual podem ser identificados sistemas de disposições duráveis que configuram o espaço de posições e tomadas de posições onde se trava a luta concorrencial entre os agentes em constante conflito.

A metodologia de Bourdieu impõe o pressuposto de entender a luta pelo poder como algo inevitável, cuja busca é intrínseca a todo agente, situado dentro do campo, e movido por este interesse de manter ou melhorar sua posição. A teoria de Bourdieu relaciona o sujeito ao

---

[35]Os conceitos de *habitus*, campo social e de agentes desenvolvidos por Bourdieu tornaram-se frequentes nos estudos das teorias da comunicação contemporânea. Cf. **O poder Simbólico**, Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil. P. 163-207. Muito antes dele, no entanto, um autor pernambucano, Luiz Beltrão, um dos pioneiros na pesquisa em jornalismo no Brasil, já utilizava a expressão agentes, em um sentido semelhante ao de Bourdieu, no clássico **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. Rio: Agir, 1960. p. 115-169. Ver também de Bourdieu, para compreensão da teoria dos campos, **Cosas Dichas**, Buenos Aires, Gedisa, 1988. Prefário e Itinerário (Pp. 15-83) e **Razões Práticas – sobre a teoria da ação**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996. **Espaço social e simbólico** (p. 13-33) e **Por uma ciência das obras** (p. 53-88)

molde da estrutura, que ele considera, a um tempo, estruturada e estruturante[36]. Seu monumental sistema[37] permite uma síntese entre as idéias de subjetividade - o homem faz a história – e de relações exteriores ao sujeito, tendo como pressuposto uma tese de Marx e Engels (1982): o homem constrói a história, mas não da maneira que quer, e sim em condições dadas, conforme possibilidades oferecidas e aproveitadas naquele momento da ação dentro do permanente conflito social.

O campo jornalístico, de acordo com este pensamento, é um espaço social. O que equivale dizer um espaço de relacionamentos definindo posições sociais e dotado de suas peculiaridades, que configuram um perfil sempre em processo de redefinição. A estrutura, que é estruturada e estruturante, fixa fronteiras entre posições interiores e exteriores, conforme a abstração proposta por Bourdieu. Esta estrutura define o que é e o que não é especificamente "jornalístico" no espaço estruturado de posições, definido e redefinido *ad infinitum* por seus agentes, com base no conceito de poder simbólico (BOURDIEU, 2000).

A aceitação dessas posições é uma condição para acontecer o jogo dos relacionamentos que são específicos para este espaço. Como em todo jogo, suas regras devem ser previamente conhecidas e aceitas. Estas regras não são impostas e estão em constante redefinição pelos mesmos agentes, que precisam aceitá-las para entrar no jogo. Da mesma forma, ocorre com o campo do esporte e, dentro dele, inserida a torcida, objeto desta pesquisa, relacionada ao jornalismo esportivo que a interpreta e institui (BOURDIEU, 1983).

No campo jornalístico, as posições ocupadas por seus agentes são definidas de acordo com critérios, por meio do espaço estruturante de variáveis, onde são legitimados valores internos para o campo existir com autonomia em relação a outros campos. Para se dizer "campo jornalístico", é preciso sinalizar a existência de outros campos próximos. Este sentido de pertencimento ao campo, por contraste aos vizinhos, sinaliza a existência de categorias sociais nas quais os sentidos são partilhados por agentes no campo e estruturam sua conexão com ele. Estas categorias somente encontram sua regra estruturante quando são entendidos reflexivamente, no seu relacionamento mútuo com outros campos vizinhos.

A investigação dos relacionamentos capazes de constituir um campo, como o jornalístico, exige mais que uma mera descrição das posições ocupadas e a série de lutas e estratégias para a manutenção ou mudança das relações de poder dentro do campo. Neste

---

[36] Para uma análise mais detalhada de estrutura, consultar BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: **A Economia das Trocas Simbólicas.** Organização e seleção por Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 5. ed., 2001, p. 183-202.

[37] Para uma compreensão do arcabouço bourdieuano, consultar BOURDIEU, Pierre. **Raisons Pratiques. Sur la théorie de l'action.** Paris: Éditions du Seuil, 1994. p. 61-89.

trajeto conceitual, é preciso identificar as normas estruturantes que definem e redefinem posições e valores dentro do campo jornalístico, capaz de construir um perfil próprio em contraste com outros que concorrem para a produção da notícia, primeira condição para se identificar o campo como "jornalístico". Por esta razão, não são só os grupos estáveis de agentes envolvidos diretamente na produção de notícias que constituem o campo jornalístico. Este espaço social é visitado, penetrado e, às vezes, invadido por outras forças sociais que têm acesso a este que se pode denominar "campo de força da notícia" (LEANDRO, 2003).

De acordo com a teoria de Bourdieu, os agentes no campo, no caso o jornalístico, precisam conhecer um ou mais objetivos e senti-los como metas de uma luta compartilhada, no caso, a busca por divulgar informações precisas com base na apreensão do que se constrói como narrativa ou descrição de uma realidade aparente. No campo jornalístico, o trabalho merece o elogio de "bom jornalismo", quando atende aos requisitos consagrados no meio como seu *habitus* profissional (TRAQUINA, 2005).

Para a construção do campo, os jornalistas precisam saber praticar o jogo. Um campo jornalístico só existe quando as regras do jogo, incluindo as vantagens[38] e punições, são conhecidas e praticadas por seus agentes, que se situam em determinadas posições e tentam mantê-las ou derrubar outros agentes em posições superiores. O campo jornalístico apresenta tendência orgânica em rejeitar a ação dos agentes externos que tentam modificar ou adaptar as regras para entrada, definição de valores e acesso às vantagens. Neste item, o campo continua um espaço de batalha social, mas com o viés da cumplicidade, o que torna o espaço co-habitado pelos agentes algo próximo de uma confraria, na qual o corporativismo transforma-se em posição de defesa diante de alguma ameaça de transformação do campo.

A definição do campo jornalístico, portanto, implica a edificação de um muro imaginário que separa os agentes autorizados a apurar, escrever, editar e publicar as notícias daqueles que tomam parte em estágios de produção, mas precisam ser excluídos para que o campo tenha sentido de existir. A exigência do diploma e do registro no Ministério do Trabalho para o exercício profissional era uma condição objetiva de acesso ao campo. Os jornalistas sindicalizados sentiram como uma agressão ao campo a suspensão da exigência do diploma, por determinação do Supremo Tribunal Federal. São exigidas ainda habilidades que permitam processar a notícia, conforme as regras pré-reflexivas ou *habitus* profissionais,

---

[38] A idéia de poder disseminado e mecanismos de poder, além da punição, estão em FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 199. p. 299-315. Cf. também FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1995. p. 25-34. Mais adiante relaciona-se a narrativa do conteúdo esportivo às redes de poder disseminadas.

revertendo em discurso as informações apuradas pelo jornalista e que constituem a matéria-prima para redação dos textos publicados como os que constituem o corpus deste trabalho.

O exercício da reinterpretação diária por parte dos jornalistas, que são os profissionais autorizados a narrar a realidade, conforme as leis internas do campo, leva em conta o ambiente esportivo como manifestação cultural permeada por relações de poder, capaz de refletir nos privilégios da fala. É preciso considerar este limitador: o efeito dos privilégios da fala se observa no cotidiano da produção de notícias. Os textos analisados evidenciam narrativas disseminadas em redes de poder. Não são transposições de realidades narradas em conteúdos plenos, como o reflexo de um espelho. São amostras de realidades interpretadas pelos autores, a partir de narrativas em datas e locais que contextualizam o momento do registro histórico nos jornais.

Quem pode falar? Quem é capaz de dizer? Quem tem a autoridade de dizer o que as palavras dizem? (FOUCAULT, 1995). A notícia não surge, por si, como por encanto, e bastaria ao jornalista apanhá-la no mundo real como uma fruta num pomar. Prevalece a fricção de interesses entre vários campos da atividade humana, além do jornalismo, e o material publicado resulta do combate diário entre estas forças.

Embora o noticiário seja escrito e editado por jornalistas, o resultado dos textos publicados sofre impacto de outros setores, pregnantes de interesses e disposições correspondentes a cada campo particular constituído, como a publicidade, de onde advém aporte financeiro e o consequente interesse de seus anunciantes na divulgação de determinado produto ou serviço, um hábito notadamente registrado na era da torcida; o marketing, com o interesse das campanhas de promoção e vendas de marcas e produtos; a diretoria da empresa de comunicação, com o interesse em dar visibilidade a fontes de informação que pertencem ao círculo pessoal de amizade dos proprietários ou que viabilizem estratagema de ordem comercial ou política; a fotografia, com a força da imagem capaz de produzir seu sentido, sobrepondo-se ou influenciando em contextos possíveis de inspirar uma reinterpretação; o leitor, quando se organiza em grupos ou envia mensagens para o jornal, ou mesmo pela projeção feita pelo jornalista de suas demandas; setores industriais e de logística da empresa de comunicação; entre outros.

A produção de significados nos jornais ajuda a organizar a percepção de mundo da comunidade esportiva a partir da recepção do noticiário, mas está longe de constituir verdades absolutas; antes, são interpretações de fatos dos quais a própria narrativa se constitui parte integrante e inseparável. Mas, as rotinas de processamento da notícia impõem estas

interpretações da realidade como se fossem verdades[39], em textos construídos a partir da matéria-prima de conteúdos oferecidos pelas fontes de informação.

As fontes são as pessoas ou entidades autorizadas a produzir sentido no discurso construído e reinterpretado pelos jornalistas. Estas fontes também têm seus interesses em veicular determinadas informações e evitar outras. Esta relação com as fontes é um complicador que limita o alcance da narrativa do jornalismo esportivo impresso como capaz de refletir a realidade na suposição de uma transposição literal dos acontecimentos para as edições. Embora vários setores disputem a hegemonia da notícia, tornou-se evidente, na transição da assistência para a torcida, e do amadorismo para o profissionalismo, o privilégio concedido ao discurso do dirigente de clube, dentro da página esportiva. Este privilégio produz o fenômeno da hiperfonte, conceito construído na dissertação de mestrado do autor desta tese e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (LEANDRO, 2003).

A hiperfonte é uma superdimensionada fonte de informações, cuja palavra vale mais, e tem força de verdade, por conta de sua posição na hierarquia do futebol e pela necessidade de o jornalista buscar informações para escrever seus textos com rapidez para cumprir seus prazos. Os jornalistas precisam ouvir as hiperfontes, controladores do poder de dizer no ambiente do futebol. Assim, o dirigente, a principal hiperfonte, fala ao jornalista sobre:

1. decisão administrativa, relacionada à contratação, premiação ou demissão de jogadores e treinadores;
2. ações de bastidores que resultem em modificações em tabelas de campeonatos, escalações de árbitros e regulamentos de competições; e
3. planejamento de marketing empresarial, com a definição de parcerias, orçamento envolvendo a marca do clube e publicação de periódicos impressos ou na internet.

A obtenção destas informações é marcada por uma negociação diária, sempre tensa, ora marcada por antagonismo, ora por complementariedade. A depender do andamento desta negociação, este relacionamento leva:

1. ao desgaste do profissional, junto à hiperfonte, caso apure reportagens investigativas e escreva textos mais críticos;

---

[39] Para a discussão dos valores-notícia e a o *newsmaking*, ou como se dá a produção de notícias nas redações de jornal, cf. TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo. Os valores-notícia.** Lisboa: Quimera. 2002. p. 186-202; LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1985. P. 19-44; LIPPMANN, Walter. **Public Opinion.** New York, London, Toronto, Sydney, Singapore: free Press Paperbacks, 1921, p. 214-226; ROSCHCO, Bernard. **Newsmaking**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1985; TUNSTALL, Jeremy. **Journalists at work**. London: Constable, 1971; e TUCHMANN, Gaye. **Making news.** New York: Free Press, 1978, p.54-56.

2. ao controle da informação, caso o profissional escreva com base na interpretação do dirigente, como forma de manter o bom relacionamento a fim de desenvolver uma parceria;
3. como resultado do atrito entre (1) e (2), o texto torna-se influenciado pelo interesse de visibilidade da hiperfonte, cuja palavra tem efeito de verdade, seguindo o fenômeno de assimilação ou encampação[40] das informações por parte do jornalista que as assume como certas.

Segundo Fairclough (1995), o jornalista terá problemas se não garantir a palavra da hiperfonte, pois esta pode estar disponível ao jornal concorrente, o que leva a uma desvantagem na disputa diária pela conquista do público leitor. A prolongada exposição de um profissional, impactado pelo exposto no item 2, produz a construção de um roteiro de apuração de informações denominado "auto-pauta" (LEANDRO, 2003).

O repórter percebe a redução de sua autonomia no cumprimento da pauta, até deixar-se impregnar pela interpretação do dirigente, que se constitui na hiperfonte a quem o jornalista terá necessariamente de procurar no dia seguinte para nova reportagem, como é o caso dos jornais diários pesquisados. Como agravante, as editorias de esporte se utilizam da prática do setorismo, sistema pelo qual um jornalista fica encarregado de um "setor", ou seja, um clube ou federação esportiva, durante longos períodos. O objetivo, supostamente, é o de facilitar a obtenção de informações "seguras" para cumprir os prazos industriais, dentro da *deadline*, o horário de conclusão da página a fim de seguir ao setor gráfico para a realização do trabalho final de impressão. Outro problema constante é a influência que os dirigentes exercem por suas relações de amizade ou parceria empresarial e política com os proprietários dos meios de comunicação, como foi abordado na dissertação de mestrado do autor deste texto.

No estudo das rotinas de produção da notícia, a briga pela palavra desenha uma figura plena de significado: o cabo de guerra, brincadeira na qual dois grupos tentam puxar uma corda em direção a pólos opostos. O jornalista procura puxar a corda para o lado da informação de qualidade, aproximando sua interpretação das circunstâncias da realidade relatada, mediante a crença nos princípios de objetividade e neutralidade (AMARAL,1997).

Os dirigentes, do outro lado da corda, na metáfora do cabo de guerra da notícia, constroem seus projetos de poder, dentro do clube, e fora dele, no relacionamento com outras esferas de poder maior. As hiperfontes tornam-se representativas, enquanto os torcedores, afastados dos centros decisórios e segregados à arquibancada, tomam a feição de fonte popular, cuja serventia se dá às enquetes e menções esparsas.

---

[40] FAIRCLOUGH, Norman. **Language, ideology and power**. London: Longman, 1995. p.58

Diante de tais circunstâncias, envolvendo o jogo do poder e da fala, este trabalho leva em conta as concessões dos jornalistas quando se referem à assistência ou à torcida de futebol. Assim, controla-se o impacto da participação das hiperfontes nas interpretações dos textos sobre torcida, por ser flagrante o interesse na construção de carreira política tomando como base suas narrativas (LEANDRO, 2003). A vivência profissional do autor desta tese, como jornalista esportivo em produção contínua por 27 anos, aguça este sentido de identificar a contaminação do conteúdo por parte da hiperfonte, tendo participado em seu cotidiano de situações de embate conflagrado contra o poder de quem diz. Consciente dos efeitos desta relação tensa entre quem fornece a informação e quem a publica, é que se toma o jornal impresso como instrumento capaz de apontar, indicar, sinalizar e dar suporte às construções acerca da conduta humana nos estádios.

14/ESPORTE

JORNAL DA BAHIA SALVADOR DOMINGO E SEGUNDA-FEIRA, 2 E 3 DE 96

CANDIDATOS DO ESPORTE

Caminho da bola leva às urnas

A arte de identificar política e paixão clubística em busca de uma eleição que garante fama, dinheiro, bajulação e um futuro tranquilo

JOÃO PAULO COSTA

Sandoval, médico galiciano

Schmidt: passado triunfor e presente político ativo

Figura 13: Aspecto de reportagem “Caminho da bola leva às urnas”

Esta reportagem retratada na Figura 13 foi publicada no extinto Jornal da Bahia, autoria de João Paulo Costa. Dirigentes dispostos a construir carreira política desenvolvem relacionamento tenso com o jornalista, pois nem sempre aprovam textos de conteúdo crítico e costumam controlar a informação para ganhar mais visibilidade em um contexto de alto risco para a qualidade da notícia esportiva e inspira maior cuidado no tratamento de dados nas reportagens que contém estas características[41].

A favor da apuração correta dos fatos pelos jornalistas e, portanto, da qualidade do manancial de informações que constitui a base da pesquisa, está uma evidência relacionada à natureza da cobertura dos jogos entre Bahia x Vitória e da observação do comportamento da torcida: o jornalista colhe os dados que utiliza para seus textos na condição de testemunha e não tem como descrever situações que não ocorreram, pois o mesmo material divulgado foi

[41] Acervo pessoal da coleção do autor desta tese de Doutorado.

compartilhado por milhares de frequentadores dos estádios, seus leitores nos dias seguintes aos jogos. Não é a hiperfonte que conta a ele como foi o desempenho da torcida; ele próprio viu aquilo que ele escreveu. Da partilha de dados com o público receptor, constrói-se a credibilidade do jornal, e dela dependem a continuidade das vendas e a aceitação do produto. Daí, a validação dos textos como material o mais fiel possível ao fato relatado. Esta característica leva a crer na capacidade desenvolvida pelo jornalista esportivo em narrar e interpretar aspectos da realidade apurados, testemunhados, confirmados e reproduzidos em suas edições (TRAQUINA, 2005). Não há como questionar tal capacidade, pois as empresas de jornais durariam curtíssimos períodos se publicassem notícias estranhas aos fatos que milhares de pessoas presenciaram no estádio.

O jornalista está imerso no ambiente no qual elabora os textos. Desta partilha simbólica com os leitores de seu tempo, ele conquista a credibilidade para continuar redigindo e sendo acreditado nos textos seguintes. Sem esta condução, no sentido de se fazer acreditar verdadeiro, não haveria possibilidade de manter-se lido, e a empresa de jornal não poderia sobreviver. Um jornal feito de informações falsas não teria como resistir.

Além de testemunha do fato que vai reportar, o jornalista, na condição de historiador do cotidiano (CALDAS, 2005) valoriza a importância e a credibilidade da produção de conteúdo. O jornalista como historiador tem a seu favor a habilidade de buscar informações precisas, diariamente, em períodos relativamente curtos, o que o torna, organicamente, um pesquisador do cotidiano. Embora não reste dúvida sobre a veracidade do testemunho jornalístico, cabe lembrar que há uma interpretação dos fatos em cada construção de texto. Torna-se necessário descartar a presunção de uma transferência da realidade, tal qual ela é, para o texto, como na metáfora do espelho, mas não se pode considerar ficcional o texto jornalístico. Os textos de jornais podem até produzir conteúdo impregnado de subjetividade, sem com isso, descartar-se a capacidade de transmissão de informações objetivas. O placar de um jogo, o comportamento da torcida, os gritos e palavrões pronunciados por torcedores, naquele determinado dia do confronto vivenciado pelo jornalista, constituem, sem dúvida, aspectos da realidade vivenciada que se transforma em matéria-prima de narrativa.

Os cantos em coro ou a ocorrência de brigas entre torcedores, ou mesmo se estas não ocorreram, em dias de jogos mais tranquilos, revelam dados objetivos, e expressam inegáveis juízos de realidade, mesmo revestidos de *fictio*, a dimensão imaginária e inseparável do estilo

de cada autor. Este imaginário não é falso ou inventado; ele faz parte da narrativa[42]: o imaginário integra o texto, no caso, o texto jornalístico, e junto com este imaginário, que é a capacidade de criar imagens, vão os dados da realidade objetiva que se quer comunicar. Cabe, na reinterpretação dos textos, estar atento para separar bem estas duas instâncias e aproveitar os juízos de realidade que viabilizem uma reinterpretação da metamorfose da assistência para a torcida de futebol, segundo os relatos dos jornalistas que escreveram sobre o Ba-Vi.

Os jornalistas temem publicar a informação errada, na mesma proporção em que zelam pela informação correta e exclusiva. O profissional não prospera em jornal se não se fizer acreditar e esta credibilidade se constrói no cotidiano, a cada informação correta apurada e divulgada. O mercado está vigilante. A participação direta ou indireta dos agentes do campo esportivo ajuda a construir tal credibilidade. Um texto, portanto, embora escrito por um sujeito, está permeado de sua coletividade e seu momento histórico.

Esta tão necessária credibilidade para a legitimação do jornalista se confirma na atitude de comprovar, dizer, acrescentar e confirmar informações veiculadas pelas fontes de informação. A credibilidade do texto também advém dos momentos de silêncio, quando as fontes consentem o teor das notícias, sem desmentir o conteúdo nos dias seguintes às edições publicadas (ROSCHCO, 1985; LIPPMAN, 1921; TUNSTALL, 1971; TUCHMANN, 1978).

Outro aspecto capaz de estabelecer a credibilidade é a linguagem, ferramenta de comunicação que molda o ordenamento do mundo por conta da partilha de signos sonoros referentes às imagens acústicas (SAUSSURE, 2006). Quando se diz “gol”, lembra-se do gesto de colocar a bola com o pé ou a cabeça no fundo de uma rede presa a uma armação de madeira ou de ferro chamada trave. Jornalistas, fontes de informação e leitores entendem o que é “gol”. Quando se diz “torcida”, lembra-se da multidão, nervosa e participativa, atenta ao jogo de futebol. “Assistência” remete à idéia de um agrupamento mais tranquilo, cordial, “que assiste” ao jogo. As palavras utilizadas para designar o que a coisa é não a expressam, apenas; fazem parte dela, ao expressá-la.

É nesta perspectiva de um jogo em constante reinvenção, inserido no âmbito da cultura e levando em alta conta o contexto social, que se vai verificar, no próximo capítulo, o que faz o torcedor perceber a si e ao outro como torcedor. Os replicantes das arquibancadas constroem um perfil que viabiliza a auto-imagem do torcedor, como se constata, na interpretação dos textos das páginas esportivas.

---

[42] As questões específicas de linguística demandariam um novo trabalho, a partir da referência mais aceita como ponto de partida para uma série de outras: SAUSSURRE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

3 A AUTO-IMAGEM DOS TORCEDORES REPLICANTES

Ao participar dos clássicos Ba-Vi, na condição de um importante agente capaz de interferir no andamento do jogo, por meio de manifestações favoráveis ou contrárias, o torcedor transfigura-se, evidenciando a perda de uma autonomia individual. Seria a torcida, então, um ser coletivo, como "alma grupal" proposta por Durkheim (1912)? Verifica-se, neste capítulo, como o ritual coletivo da torcida impõe aparentes escolhas a cada um dos indivíduos que a compõe. Estas escolhas, que são necessárias para o torcedor desenvolver o sentimento de pertencer ao grupo, definem o perfil de cada agrupamento e, em consequência, provocam em cada indivíduo o desejo de tornar-se parecido ao outro a fim de formar uma só nação esportiva. Os jornais, por sua vez, ajudam a instituir esta imagem, valorizando as cores, os cânticos, o posicionamento dos torcedores e contribuindo para regular em um tempo determinado de 90 minutos a vivência do clássico nos estádios.

As duas torcidas remetem à composição de nações do futebol e seus membros, mesmo que não se conheçam, sabem tratar-se do grupo ao qual pertencem, como uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1991). O torcedor não se acredita apenas como representante ou adepto de um time. Ele "é" o time, como costuma acreditar ao proclamar: "Eu sou Bahia" e "Eu sou Vitória". No cotidiano, quando se percebe a paixão intensa de alguém por seu clube, é comum ouvir a expressão "esse parece criança", ou ainda "esse torcedor é louco por seu time", em um exercício de aparente metáfora. As expressões podem indicar, no entanto, algo mais, numa análise cuidadosa.

A constituição de um campo autônomo, na perspectiva de Bourdieu (1982), impõe que seus agentes se relacionem de maneira a compreender e a partilhar os símbolos produzidos a fim de dar sentido aos objetivos comuns a serem alcançados e à briga por posições dentro do ambiente. Os torcedores compram as roupas parecidas com as dos jogadores, nas mesmas cores e desenhos, criam e compreendem uma linguagem própria e têm reações semelhantes no desenrolar do jogo. Delimitam seu território, ao encontrar-se no mesmo local do estádio onde habitualmente sentam-se para compartilhar as emoções do Ba-Vi. E, assim, estabelecem suas regras de participação no ritual da torcida.

Este ordenamento no campo viabiliza a construção do que Elias (1992) considerava auto-imagem: a forma como o torcedor se vê e a caracterização que o faz ter a sensação de pertencer ao grupo das arquibancadas. Neste capítulo, demonstra-se como esta auto-imagem se verifica no rastro deixado pelos jornalistas nos textos sobre o Ba-Vi, caracterizando a

metamorfose para a torcida, uma vez que a assistência não construía um perfil coletivo e, assim, não permitia a construção da auto-imagem por parte dos assistentes. As manifestações de auto-imagem na era da torcida constituem, portanto, evidências de metamorfose.

Para entender este objeto que ganha consistência nos estádios onde se realiza o clássico Ba-Vi, é preciso considerar dois mundos distintos: o mundo real e o mundo do jogo (BAUDRILLARD, 1975). A torcida torna-se um meio de sublimação do real: ao pagar o ingresso e transpor a catraca eletrônica que dá acesso ao estádio, o torcedor passa da concretude, do cotidiano, do mundo objetivo e pragmático, que no senso comum se pode chamar de vida real, para a abstração, a imaginação, o mundo simbólico do Ba-Vi. Os símbolos utilizados, partilhados e compreendidos produzem o que compreendemos por sublimação. Os impulsos derivados desta passagem do concreto para o abstrato, como numa metáfora do sólido para o gasoso, tornam-se socialmente aceitos e até estimulados por meio dos gestos, das atitudes e da indumentária dos torcedores. Segundo Baudrillard (1975), na sociedade de consumo, onde se insere a torcida como consumidora de bens materiais do futebol, com seus símbolos específicos, o valor migrou do trabalho, resultado da produção, para o consumo, os signos dos objetos, que têm seu sentido culturalmente condicionado.

Supõe-se uma escolha livre, mas estes objetos consumidos são sutilmente impostos como senhas para dar acesso aos grupos de torcedores (CANCLINI, 1995). As estratégias de sedução, via anúncios publicitários e outros mecanismos de mercado, apresentam uma maior sofisticação e intensidade a partir dos anos 1950, na sequência de uma história iniciada com o remédio Biotônico Fontoura, pioneiro na instalação de uma placa que os atuais profissionais de publicidade denominam “estática”, ainda no Campo da Graça, anos 1930. Já neste século XXI, informações divulgadas em redes sociais, construídas por novas tecnologias na internet, intensificam o desejo das torcidas por objetos de consumo: camisas, bandeiras, chaveiros, CDs, e até preservativos, além do próprio jogo, vendido em sistema *pay-per-view* pelo canal fechado de tevê. Tudo o que se possa consumir como símbolos, referentes aos clubes, viabilizam este acesso à torcida e ao estádio. A identidade, portanto, seguindo estes pressupostos, não se constroi a partir dos valores originados do trabalho, mas sim do consumo.

Em uma análise mais meticulosa, a camisa de um torcedor tem menos valor de troca e de uso que valor simbólico. O foco já não trata especificamente do objeto, mas no que este objeto representa dentro do sistema de signos no qual está inserido, juntamente com o torcedor que o utiliza. O poder do símbolo é inegável. Para compreender este objeto de consumo, é preciso entender a mensagem que ele quer transmitir. Baudrillard (1975), assim,

constrói a crítica da economia política do signo a partir do consumo e não da produção. É a capacidade de consumir, ou "consumidade", que determina o valor econômico, e não a racionalidade da produção ou "produtividade". O que se convencionou entender por "realidade" consiste em códigos constituídos de senhas de conduta, de acordo com o que se consome destes bens simbólicos.

De acordo com o conceito de "consumidade" de Baudrillard, o torcedor de Bahia e de Vitória se assemelha a uma cópia de outros torcedores e, simultaneamente, uma cópia de si mesmo, conforme as convenções do sistema "torcida". Trata-se de uma retribalização. Baudrillard (1975) tem uma frase que dá bem uma ideia deste fenômeno: "somos todos replicantes". O mercado pode ser percebido desta forma, pois os torcedores, ao consumirem juntos os símbolos dos clubes com mais intensidade, tornam-se também parecidos uns com os outros, gerando uma sensação de pertencimento ao grupo que, em última análise, resume-se em uma só palavra: torcida.

A pesquisa desta torcida de replicantes, como objeto de estudos culturais, de sociologia e de história, é algo recente na academia. Durante décadas, este fenômeno foi ignorado ou teve sua importância minimizada pelas áreas de conhecimento dos meios científicos tradicionais. Como o futebol e a torcida não eram submetidos a nenhuma linha metodológica para análise, os historiadores e os sociólogos, por falta de referência, tinham desta forma, uma ótima justificativa para evitar pesquisar o assunto. Uma exceção no Brasil é o antropólogo Roberto DaMatta(1994), que enfrentou a resistência de setores mais conservadores da academia para utilizar o futebol como cenário e construiu uma obra consistente com esta perspectiva.

Uma outra rara referência acadêmica, mas inegavelmente firme para tratar da torcida e do futebol, é o sociólogo Norbert Elias. Para tratar o aspecto do reconhecimento deste torcedor como fazendo parte do grupo que se encontra nas arquibancadas, vamos utilizar o referencial construído por Elias (1994), cuja contribuição para os estudos relacionados ao futebol contribui para suprir a grande lacuna acadêmica acerca do tema. Assim, torna-se necessário buscar um olhar multidisciplinar, que atenda aos estudos de cultura e sociedade, proposta do programa onde esta tese foi desenvolvida. Nesse viés, Norbert Elias, com sua teoria sobre o processo civilizador e suas análises tendo como tema o esporte, em parceria com Eric Dunning (1995), permite romper com a visão tradicional de ciência, que relegava a uma periferia acadêmica as manifestações culturais que estavam fora do alcance formal dos poderes econômico e político, legitimados e autorizados como mais relevantes na hierarquia do ambiente das pesquisas de pós-graduação. Este trabalho segue os pressupostos de Elias e

compreende a torcida de futebol como objeto para compreensão de um processo social com evidente importância recuperada ou descoberta pelos recentes estudos culturais no Brasil.

Na teoria apresentada na obra O Processo Civilizador, Elias (1994) compreende o conceito de civilização como modelo da sociedade ocidental. Ao fazer sua defesa deste modelo, Elias ressalta a diferença de sua interpretação dos conceitos de civilização e cultura. Para Elias, "o conceito (de civilização) resume tudo em que a sociedade ocidental nos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas". No entanto, é preciso ressalvar que a palavra "civilização" não é entendida da mesma forma em todas as civilizações. Para a França, a *civilization* representa o orgulho de construir um modelo superior de sociabilidade, como se pode verificar no excessivo culto à etiqueta e às manifestações de alta cultura, a exemplo das artes cênicas. Já a Alemanha chama cultura de *kultur*, uma referência aos estereótipos que diferenciam cada cultura, sem uma relação vertical que leve uma cultura a achar-se superior a uma outra.

Pensando a civilização e as culturas que dela fazem parte de uma forma mais ampla, os ocidentais aparentam ser mais civilizados que outros povos, mas algo em seu comportamento pode ser compreendido como um rastro histórico da Idade Média. Elias (1994) afirma que o processo civilizador implica uma mudança no comportamento e no modo de sentir humano em direções determinadas. Mas Elias ressalva: não foram pessoas isoladas que efetivaram e desenvolveram este processo. Os "gênios", "heróis" e "líderes" da história exerceram influência para mudar pessoas e, muitas vezes, coletivos, no entanto, mesmo com toda carga de subjetividade destas pessoas diferenciadas, "a coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem" (Elias, 1994, p. 15).

Todo conceito, para Elias, está cercado e construído por acontecimentos históricos. Para o sociólogo, a emoção, como a que sente o torcedor, conduz à experiência dentro do contexto estabelecido, daí a relevância observada no fenômeno contemporâneo da torcida de futebol, cuja emotividade está dada para observação de todos quantos apreciem uma partida com estádio cheio. O referencial teórico de Elias serve para compreender como, no processo específico de transformação do que hoje se percebe como torcida de futebol, nota-se a consolidação de uma auto-imagem, ou seja, de modos de reconhecimento por parte dos agentes envolvidos em um processo social. O torcedor só foi capaz de identificar sua auto-imagem, quando se configurou o perfil social de torcida, como se vai verificar neste capítulo. E o jornalista só pôde escrever sobre aspectos da imagem que representa a torcida quando este modelo superou a antiga assistência que não apresentava uma definição tão nítida de seu

perfil, por sua característica embrionária. Neste movimento, o jornal também contribui para instituir a torcida da forma como aconteceu, ao tempo que esta torcida colabora para reinventar as páginas esportivas a partir de suas demandas por informação e por reconhecimento.

Esta formação de auto-imagem, que sinaliza a metamorfose de assistência para torcida, amadureceu a passo lento, pois o mecanismo, conforme proposto por Elias, não se movimenta em linha reta. A torcida apresenta traços compatíveis com o processo civilizador de Elias, como um maior ordenamento na relação com o mercado, o conforto e comodidade de estádios em melhores condições, uma aproximação maior com os jogadores chamados ídolos, e a oportunidade de consumir bens em larga escala, com seu intrínseco poder simbólico, ainda que o contexto de intensa participação resgate vestígios de violência que seriam mais apropriados a um cenário de selvageria das hordas tribais de um passado remoto.

Elias e Dunning (1992) pensaram o esporte na era moderna de acordo com a teoria do processo civilizador. Em "A busca da Excitação", utilizam os métodos e as teorias do processo civilizador para interpretar o futebol como objeto da sociologia, "um laboratório natural para a exploração das relações sociais" (ELIAS, 1992, p. 18). O futebol, e dentro do futebol, a torcida, está integrado ao processo civilizador e dele é parte importante, uma vez que é capaz de reunir tantas pessoas de crenças e diferentes culturas, muitas vezes antagônicas, em torno de um só jogo. O futebol, assim, controla emoções "bárbaras" e propõe a disciplina e o cumprimento de regras "civilizadas". Elias e Dunning observaram, em seus estudos, que o futebol foi gerado na estrutura social e política de origem britânica e a proposta de seus criadores, os professores das escolas inglesas, era viabilizar um instrumento de pedagogia, na perspectiva civilizadora, de controle corporal e distribuição de funções entre equipes no sentido de harmonizar as relações sociais e possibilitar um ambiente propício para a produção em série, característica herdada das necessidades impostas pelo cenário da revolução industrial.

O que se verifica, posteriormente, como fraturas nesta proposta pedagógica e disciplinadora, como ocorre nas brigas de torcida, seriam lapsos ou interrupções deste processo que, como vimos anteriormente, não anda sempre em linha contínua. O futebol, entre outras modalidades, mantém forte contato físico, mas desenvolveu a habilidade de reduzir a violência e aumentar a exigência dos competidores no controle do corpo. O processo civilizador, dentro do futebol, segue este rumo, com as recentes campanhas em torno do *fair-play*, como se convencionou denominar, em inglês, as condutas de cordialidade e

cumprimento restrito de regras de bom convívio no campo de jogo, como se verificava com mais assiduidade nos primórdios do desporto moderno.

A crueldade e a força física observadas nas modalidades esportivas da antiga Pérsia, onde surgiu o esporte de combate, nas proximidades do Rio Eufrates, além da Grécia e Roma antigas, que privilegiavam as lutas, são traços encontrados no perfil de modalidades medievais aparentadas ao futebol, como o *soulle* praticado na França e o *calcio* criado em Firenze, no auge do Renascimento italiano. O desenvolvimento do futebol contemporâneo é interpretado, definitivamente, como um "exemplo de processo civilizador", ainda que não se deva pensar neste modelo, como já vimos, em uma "evolução em linha reta através do tempo". Até hoje, as ocorrências de violência, incluindo entre as torcidas, com destaque para as chamadas "torcidas organizadas", pode guardar vestígios das primeiras épocas do esporte mais aparentadas aos costumes tidos como "não-civilizados". Michel Mafesoli (1987) vê estas torcidas organizadas como tribos urbanas, integradas por mitos e simbolizadas por totens, que são os símbolos do clube, como o emblema e o mascote. Um forte vínculo emocional cumpre sua função agregadora e possibilita a experiência da alma grupal através da emoção compartilhada no grande contingente de torcedores.

O futebol é parte integrante da sociedade brasileira desde o início do século XX, quando surgiu como uma força social originada de uma criação desenvolvida pela elite. A consolidação do futebol nos centros urbanos acompanhou, nas principais capitais como Salvador, um maior empenho em controlar o espaço público, com a prestação de serviços de fornecimento de energia elétrica, instalação de indústrias, e a circulação de bondes e os primeiros automóveis, um conjunto de melhoramentos capaz de gerar o que consideramos hoje como metrópoles brasileiras. O futebol faz parte deste conjunto que se pode identificar como integrante do processo civilizador aludido por Elias.

Elias (1992) oferece, assim, um modelo de análise viável para os pesquisadores do futebol. Ao romper com os paradigmas anteriores da academia tradicional, Elias propõe um olhar multidisciplinar, que inclui a sociologia e a história. Para Elias (1992), o desenvolvimento do indivíduo se verifica na construção social diária e não resulta de uma essência, de uma abstração ou de uma origem pré-estabelecida. O desenvolvimento do indivíduo está relacionado ao que ele chamou de "identidade-eu". A base desta "identidade-eu" não é a memória, como se fazia acreditar, com base em um suposto autoconhecimento referenciado no pensamento ou na capacidade de acionar um acervo pessoal de dados. É o organismo completo que resulta na capacidade do indivíduo observar seu próprio reconhecimento na organização física, material, objetiva, real, que permite perceber a si

mesmo como uma imagem no tempo e no espaço. Elias chega, por este caminho, ao conceito de auto-imagem, que servirá nesta tese para identificar o que leva o torcedor a se reconhecer como tal, no cenário das arquibancadas:

> [...] o indivíduo fala de si na condição de objeto de observação, por intermédio de expressões como 'meu corpo', ao passo que, em relação a si mesmo, como ser capaz de se observar a distância, ele utiliza termos, como 'minha pessoa', 'minha alma', ou 'minha mente'. [...] O simples emprego da expressão 'meu corpo' faz parecer que sou uma pessoa existente fora do meu corpo e que agora adquiriu um corpo, mais ou menos da forma como se adquire uma roupa (ELIAS, 1995, p. 20).

Esta concepção de auto-imagem exige uma ideia prévia de relação, pois para existir, é necessário, antes, construir relações uns com os outros. Mas, atenção: Elias rejeita a ideia de uma suposta essência capaz de gerar a "identidade-eu". Para o sociólogo, é a experiência do convívio social que constrói e estabelece os aspectos relacionados a partir da auto-imagem.

A pesquisa visando perceber as transformações no padrão de civilização das sociedades europeias desenvolvida por Norbert Elias, que subsidiou a obra *O* processo civilizador, comprovou este pressuposto. Através de uma leitura dos manuais de etiqueta publicados ao longo de mais de três séculos, Elias revelou com sua obra a lenta transformação nos padrões de gosto e comportamento que consolidaram uma segunda natureza com hábitos e valores. No século XVII, estes hábitos caracterizavam-se pela cortesia e economia dos afetos e se mostravam diferentes daqueles encontrados nos manuais de etiqueta do século XIV por exemplo. Da mesma forma, percebe-se como os jornais instituem a torcida enquanto refletem seu comportamento como contrapartida. E também constata-se que os jornais se modificam ao mesmo tempo em que registram em suas páginas as mudanças nos contextos do futebol ao longo do período de 80 anos de Ba-Vi.

Nesse mesmo sentido, Freyre (1936), em sua obra clássica Sobrados e Mucambos, lança mão de anúncios de jornal para compor sua argumentação acerca da decadência do patriarcado rural e do advento da ocupação urbana no Brasil do século XIX. Através deste material, e de cantigas populares, correspondências, entre outros itens, ele exibe como determinados aspectos da sociedade eram valorizados, as contingências que assolavam o cotidiano desta sociedade e como certos hábitos se transformaram ao longo do tempo abordado na sua obra.

Vale acrescentar que o jornalista se utiliza, em grande parte das vezes, do mesmo recurso que o torcedor para 'se enxergar', pois não são poucos os profissionais que, declaradamente ou não, são adeptos de Bahia ou Vitória, pois dificilmente conseguiriam

praticar o jornalismo esportivo sem uma vivência prévia ou simultânea de torcedor. Assim, estes profissionais têm condições de perceber a auto-imagem em detalhes que são evidenciados nos textos que escrevem.

Ainda assim, pode-se argumentar em contrário, que os textos referem-se, no máximo, a aspectos da imagem que os jornalistas construíram dos torcedores. No entanto, sabe-se que esta partilha de símbolos entre jornalistas e torcedores, na vivência dos jogos, reflete esta construção que o torcedor faz de si próprio e também como o jornalista institui a torcida da qual, ele próprio, já fez parte ou ainda faz, mesmo discretamente, para não se expor ao público leitor exigente da utopia de imparcialidade. Ademais, as observações em campo, durante os clássicos Ba-Vi, indicam que as pistas oferecidas pelos jornais sinalizam o mecanismo de auto-imagem por parte dos torcedores.

Observando sistematicamente o comportamento da torcida nos clássicos entre Bahia e Vitória, é possível testemunhar atitudes e reações dos torcedores, confirmando os sinais de auto-imagem identificada nas páginas dos jornais. Os torcedores se reconhecem no que é escrito nos jornais, pois se assim não fosse, os jornalistas ficariam desacreditados perante seus leitores e fontes de informação. E os jornalistas escrevem porque se vêem nos torcedores, extraindo dos efeitos deste relacionamento a matéria-prima para os textos esportivos. Como num movimento circular e incessante, os jornalistas esportivos devolvem para os torcedores a narrativa que ajuda a estruturar a torcida, por meio dos princípios e valores transmitidos em meio às informações divulgadas.

Em suma, dentro do campo esporte, há o futebol, onde se estabelece a torcida. Os adeptos de um clube sabem que pertencem àquela facção como efeito da partilha de símbolos em rituais de convivência. Estes símbolos são construídos na vivência, jogo após jogo, e constituem aspectos decisivos para a identificação da torcida, por ela própria. O torcedor verifica e comprova, por um mecanismo de auto-imagem, fazer parte daquele segmento da arquibancada. Os textos esportivos dos jornais, abordando a cobertura dos jogos entre Bahia e Vitória, fornecem os subsídios para se analisar como o jornalista fala sobre o torcedor, por meio de referências da auto-imagem. Assim, a partir de uma interpretação atual do que é referenciado nos textos de jornalismo esportivo, torna-se possível verificar a auto-imagem nos seguintes aspectos: o tempo; as cores; a linguagem; o bom humor; e o lugar.

3.1 UM TEMPO PRÓPRIO REGULA O RELÓGIO DO TORCEDOR

O tempo é resultado da transformação social. Não se pode reduzir o pressuposto do tempo como mais uma categoria fixa e imutável; não, o tempo está incluído no processo da transformação social. Elias (1994) admite a limitação que reduz o alcance de sua proposta metodológica: "...ainda faltam teorias empiricamente baseadas para explicar o tipo de mudanças sociais de longo prazo que assumem a forma de processo e, acima de tudo, de desenvolvimento" (ELIAS, 1994, p. 216). Assim, admite este autor que a ciência ainda não conseguiu criar instrumentos para lidar com este tema de forma processual e multidisciplinar.

As referências divulgadas pela imprensa ajudam a perceber a construção de um campo autônomo do esporte e, dentro dele, o futebol e o Ba-Vi. O tempo é um destes referenciais. Em um primeiro momento, na vigência da assistência, o relógio do cotidiano, da vida fora do estádio, coincide com o tempo do jogo: "O prélio foi iniciado, sob grande expectativa, às 15 horas e 35 minutos"[43]. Mas, mesmo quando os futebolistas coincidiam o tempo do mundo fora dos estádios com o relógio do árbitro, já havia um tempo especial, um tempo vivido apenas em caso de se aceitar a submissão ao ambiente do jogo.

Uma partida de futebol de 90 minutos se divide ao meio em dois tempos de 45 minutos, cada, mais os acréscimos de tempo para compensar alguma paralisação para atendimento médico a algum jogador machucado ou outra circunstância que impede a sequência do jogo: "Nesse momento, a partida ficou parada três minutos porque na hora do empate a torcida do Vitória estava atirando garrafas no goleiro Jean, criando a maior confusão"[44].

Entre estes dois tempos, há um intervalo de 15 minutos. A demarcação em duas etapas distintas de jogo provoca no torcedor a sensação de pertencimento a um mundo à parte, no qual o relógio tem um movimento diferente do mundo "real". Esta sensação é básica para o torcedor sentir-se integrante do mundo do jogo e se enxergar como um habitante das arquibancadas: "O primeiro tempo terminou sem abertura de placar".[45]

A torcida vê-se fora dela mesma, observando esta variável. O torcedor sabe que está imerso ao jogo se o relógio passar a marcar dois tempos de 45 minutos mais os acréscimos, com intervalo de 15, conforme está na regra do futebol. Este tempo suspenso dos estádios é um referencial decisivo, pois o resultado da partida estará definido ao final daquele período e durante o transcorrer dos 90 minutos, soma de 45 mais 45, o torcedor sabe que ficará sujeito ao ambiente do jogo, vivenciando as emoções geradas pela sensação de vitória ou derrota. É

---

[43] O Vitória às portas do campeonato. **A Tarde**, Salvador, 15 mar. 1954.
[44] BA-VI agitado. **Correio da Bahia**, Salvador, 18 mar. 1996.
[45] VITÓRIA vence Ba-Vi. **A Tarde**, Salvador, 18 fev. 1991

um torcedor porque se vê como terceira pessoa, entregue ao ritual do tempo do jogo. O que muitas vezes se considera como a primeira pessoa, um eu falante, refere-se, na verdade, à primeira pessoa do singular e do plural ao mesmo tempo: o eu-nós, conforme Elias, uma expressão que reflete uma partilha de valores e sentimentos construídos em coletivo.

Ao enxergar sua auto-imagem em um tempo fora do tempo convencional, o torcedor se vê como tal: "Nos 15 minutos finais, a torcida do Bahia ensaiava um "olé" a qualquer troca de passes entre os tricolores, enquanto a do adversário começou a deixar o estádio mais cedo"[46]. Não há como se enxergar como torcedor, sem se colocar sob o domínio deste tempo diferenciado e finito, que ajuda a regular as emoções, pois à medida que ele passa, o placar do jogo vai se mantendo ou pode ser alterado, e esta indefinição é estruturante do comportamento da torcida: "O grito de gol da galera rubro-negra somente foi ensaiado aos 20 minutos. Aos 15, a torcida do Vitória pediu a presença de Iedo e o técnico Carlos Gainete, expulso do banco a 11 minutos do primeiro tempo, mandou recado para que o júnior entrasse"[47]. Neste sentido, ainda que o objeto de estudo desta tese seja a torcida do clássico Ba-Vi conforme referenciada nas páginas esportivas, seu comportamento é similar a qualquer outra no que se relaciona ao quesito tempo de jogo.

A submissão à lei do tempo do jogo ocorria também na era da assistência, pois condicionar-se à regra dos 90 minutos é condição básica para a realização de uma partida. No entanto, os efeitos do resultado ao final destes 90 minutos é um sinalizador da mudança. O final do jogo traz uma satisfação ou uma tristeza, a depender do resultado obtido pelo time para o qual se torce. Ao apontar para o centro do campo e apitar forte, o árbitro do jogo decreta o fim do tempo sob o qual aceitou submeter-se, conforme a lógica do jogo e seu regulamento: "A festa era rubro-negra e todos os jogadores foram agradecer à torcida no final do jogo"[48]. As mudanças no placar, que provocam grandes comoções, em razão de alterar o rumo de decisões de títulos, passaram a ser lembradas pelos torcedores para sempre, quando ocorrem em momentos como os finais dos períodos de jogo, seja nos últimos minutos, ou nos acréscimos do segundo tempo: "Raudinei empatou o clássico aos 45 minutos do segundo tempo, fazendo explodir a Fonte Nova"[49].

Os gols marcados rapidamente, logo no início do jogo, provocam uma sensação específica nos torcedores. Os fãs do time que fez o gol torcem pela resistência ou ampliação

---

[46]BAHIA vai decidir turno. **A Tarde**, Salvador, 9 mar. 1990
[47] VITÓRIA ganha o Ba-Vi. **A Tarde**, Salvador, 18 fev. 1990
[48] VITÓRIA ganha jogo. **A Tarde**, Salvador, 12 out. 1992.
[49] BAÊA, 40 vezes Baêa. **Bahia Hoje**, Salvador, 8 ago. 1994. Na verdade, o gol foi assinalado nos acréscimos do segundo tempo.

do placar favorável; os adeptos do time que sofreu o gol passam a torcer intensamente pelo empate no marcador.

> [...] o público ainda se ajeitava nos seus lugares para presenciar o encontro quando um estrondo ainda mais ensurdecedor que antes voltou a colocar em festa o "estádio Octávio Mangabeira": era o 1º gol do Bahia, aos 25 segundos de jogo. Nova vibração no estádio, agora com milhares de lenços brancos acenando para os rubro-negros (ATARDE, 1956)[50]

Nas ocorrências que não permitem ao futebol ser regulado por seu tempo próprio, como na decisão de 1999, quando o Ba-Vi decisivo não foi realizado, por causa de questões judiciais, o torcedor fica impossibilitado de se ver como tal porque o relógio não passa a funcionar como o cronômetro do jogo, mantendo-se no mecanismo convencional: "Às 16h55, os jogadores do Bahia entram em campo. O estádio, no entanto, estava vazio"[51]. Neste exemplo, o tempo "mágico" ou ritualizado do futebol não se instalou e o torcedor também não se pôde materializar, pois não conseguiu se enxergar como tal, sem o relógio diferenciado.

O tempo, portanto, é fundamental para que a torcida possa construir uma identidade própria, uma vez que apenas sob a égide deste "tempo do futebol", pode-se torcer pelo time, naqueles 90 minutos especiais que relacionam o cidadão comum ao ambiente do jogo. O tempo dos gols é registrado como um tempo especial: "... 35min-Gol! Gilmar faz grande jogada pela direita e cruza para Samir, debaixo do gol..."[52].

Se antes, no período de referência do Campo da Graça, a assistência tinha reações mais amenas, a despeito do andamento do relógio, na transformação para a torcida, a vivência do tempo tornou-se intensa, do primeiro minuto aos acréscimos do jogo.

3.2AQUARELA DA TORCIDA TEM RUBRO-NEGROS E TRICOLORES

O segundo aspecto, verificado neste trabalho, para estabelecer a auto-imagem do torcedor, diz respeito às cores. O futebol, como fenômeno de caráter moderno e urbano, está vinculado às condições históricas que marcaram o final do século XIX e o início do XX. O fenômeno é tão urbano que o hábito de andar em grupos de indivíduos vestidos com a camisa do time caracteriza um território simbólico que diferencia estes torcedores do todo formado

---

[50] BAHIA e Botafogo na conquista do 1º turno. **A Tarde**, Salvador. 25 jun. 1956.
[51]CAMPEONATO tem desfecho medíocre com WO na final. **Correio da Bahia**, Salvador, 14 jun. 1999.
[52] ALEX Santos. O povão já sabia. **A Tarde**, Salvador, 13 out. 2003. Suplemento A Tarde Esporte Clube (ATEC).

pela sociedade e constrói para o grupo uma nova forma de identidade e sociabilidade (BAUDRILLARD, 1992).

A escolha das cores constituiu importante debate para a identidade dos clubes nas reuniões de fundação. Segundo Reis e Casaes (1969), foi a escolha das cores e não o nome do clube que inspirou os fundadores a identificar o Bahia com o Estado da Bahia. Os fundadores queriam homenagear os clubes de origem com o azul da Associação e o preto do Bahiano, mas mudaram de ideia, pois acreditavam que o preto dava azar em camisa de time.

> Quanto às cores, as azul e preto foram aceitas em parte... mas Waldemar Costa não aprovou... Lembrou o vermelho para substituir o preto, o que despertou o entusiasmo de Júlio Almeida, que pressentindo a combinação com azul, gritou: Bahia! Bahia! Bahia!(REIS E CASAIS, 1969, p.15)

No Vitória, a idéia inicial era representar o Brasil, com o nome de Brasileiro, como oposição aos ingleses que excluíam os baianos de suas partidas de cricket: “Alberto Teixeira lembra o verde-e-amarelo para as cores distintivas do clube. Ótimo! Gritaram todos”(PROTASIO,1998, p.11). Foi a dificuldade de encontrar material nestas cores que fez a primeira diretoria optar pelo preto e branco, em lugar do verde-amarelo. Em outubro de 1901, Cesar Godinho Spínola propôs a criação da seção náutica com as cores preta e vermelha, como as do Clube de Regatas do Flamengo. E, assim, o remo rubro-negro transmitiu as cores para o time de futebol.

A camisa e as cores identificavam o Vitória com o Flamengo. O Bahia é chamado tricolor como o Fluminense – verde, grená e branco -, e ambos usam camisa branca. A transposição de símbolos do Rio para Salvador não foi difícil, muito embora se possa contrapor a seguinte argumentação: o perfil elitista do Vitória está mais próximo ao perfil do Fluminense. Ambos são mais antigos e fundadores do futebol em seus estados, e criados pelas elites, enquanto Bahia e Flamengo estão mais associados às camadas populares.

Comprovar que um suposto decalque do Fla-Flu pelo Ba-Vi estabelece uma relação de causa e efeito não é tarefa fácil. Pode-se afirmar que houve uma forte influência do Fla-Flu no Ba-Vi. É certo que apenas a identificação com as cores seria insuficiente para fazer do jogo a potência de público em que se transformou. Outras pequenas, mas significativas diferenças (FREUD, 1912) atiçaram a dicotomia, lançando as bases para o sentimento intenso de rivalidade que caracteriza o contexto com a consolidação da metamorfose da assistência para a torcida.

Inegável, no entanto, é a influência das cores nas representações simbólicas do mundo do futebol. O uso de uniformes nas mesmas cores e desenhos é uma referência relevante para a torcida sentir-se como tal. Vestir roupas referentes ao time preferido torna-se primordial para a construção da ideia homogênea de torcida: "Ao lado de tudo isto a combinação de cores das vestimentas dos aficcionados, um todo colorido [...] a tarde esportiva que passou ficará gravada como uma das maiores desses últimos tempos"[53].

A combinação cromática é tão relevante para a identificação dos torcedores que tornou-se comum a utilização das cores como sinônimo para o clube, na expressão "defender suas cores", ou seja, "jogar pelo time". O fato de empunhar a bandeira de um clube, e não do outro, representa esta defesa das cores, o vermelho-e-preto, no caso do Vitória, também chamado rubro-negro, e o azul-vermelho-e-branco, no caso do Bahia, referenciado como tricolor: "Em todos os cantos da cidade, viam-se automóveis conduzindo bandeiras tricolores e rubro-negras[...] de acordo com a preferência de cada um pela sua equipe".[54]

As cores identificam tão rápido quanto possível a preferência de quem as veste e tornam-se também uma implícita declaração de antipatia pelas cores do rival. As refregas verbais e físicas advindas deste choque de cores resultam em polêmicas infindáveis transformadas em pautas e notícias:

> [...] um torcedor do Vitória, com uma grande bandeira quadriculada vermelha e preta, tentou dar a volta olímpica. Quando encontrava-se perto de concluir o trajeto, um torcedor do Bahia saltou o muro e arrancou a bandeira do adversário, entrando os dois em luta corporal. Antes que a polícia chegasse, surgiram mais torcedores do Bahia que carregaram a bandeira do Vitória e a lascaram... Procurando revidar o episódio com a sua camisa, a torcida do Vitória conseguiu pegar um boné com as cores do Bahia e o estraçalhou (ATARDE, 1971)[55].

O torcedor se vê como tal ao desfraldar as bandeiras nas mesmas cores do distintivo e do uniforme de seu clube preferido: "Os rubro-negros até tentavam se superar na criatividade, mas os gritos eram ofuscados pelas vaias dos tricolores, que fizeram o estádio estremecer com o emocionante "Bahia, Bahia minha vida, Bahia meu orgulho, Bahia meu amor!"[56].

Nos momentos de intensa felicidade, nas tardes de grande vitória, o ritual coletivo das cores faz do estádio um imenso mosaico, com cada pedacinho da grande aquarela imaginária composta de camisas e bandeiras dos torcedores, nas mesmas cores do time: "Nas

---

[53] PELA primeira vez, o estádio super-lotado. **A Tarde**, Salvador, 15 ago. 1954
[54] A cidade em festa, Bahia é bicampeão. **A Tarde**, Salvador, 2 ago. 1971
[55] A cidade em festa, Bahia é bicampeão. **A Tarde**, Salvador, 2 ago. 1971
[56] BAHIA detido por professor vilão. **A Tarde**, Salvador, 12 fev. 2007. Suplemento A Tarde Esporte Clube (ATEC).

arquibancadas, os gritos de euforia, as bandeiras rubro-negras agitadas com entusiasmo, a certeza de um triunfo e um campeonato”[57]; “o estádio se agitava e as bandeiras tricolores faziam a festa”.[58]

Nos momentos de revés e infortúnio, as cores derrotadas saem de cena, deixando o visual das arquibancadas para os vencedores. O reconhecimento da derrota se dá, no ambiente da torcida, com a retirada das camisas e das bandeiras que identificam o clube perdedor: “Todo o estádio sentiu que o Bahia deveria ganhar o jogo. As camisas rubro-negras desapareciam, intimidadas com o barulho dos torcedores nas arquibancadas, com a vontade, a garra da turma do Bahia”[59].

As cores são tão relevantes no processo de constituição de uma imagem do torcedor que funcionam como uma senha para quem deseja entrar no ambiente de determinada torcida. Para alguém vestido de vermelho-e-preto, torna-se impraticável comemorar junto aos tricolores do Bahia, exceto se esta pessoa admite despir-se de suas vestes que denunciam sua incômoda preferência: “Indiferente, um bêbado de camisa e chapeuzinho vermelho e preto, entra na festa e às primeiras tentativas de ser quase linchado, concorda em tirar a camisa, queimar a bandeira, jogar fora o chapéu e gritar eufórico: “O que eu quero mesmo é sambar”[60].

O Bahia é referenciado como o tricolor, adjetivo utilizado para sinônimo do time: “Aos 20, o artilheiro Marcelo empatou para fazer ecoar o quase esquecido grito de guerra: É tricolor! É tricolor! Olé, olé, olé!”[61]. Da mesma forma, dizer “rubro-negro” é o mesmo que “Vitória”: “Quando o mineiro Márcio Rezende de Freitas, árbitro da Fifa, encerrou a partida, a torcida rubro-negra extravasou toda a emoção”.[62]

As cores são o sinal mais evidente para a torcida se perceber no estádio, em relação à ocupação do território. Quanto mais espaços coloridos por azul, vermelho e branco, mais tricolores; quanto mais espaços coloridos por vermelho e preto, mais rubro-negros:

> A Fonte Nova foi tricolor no Ba-Vi de ontem. Até a torcida rubro-negra reconheceu a predominância azul, vermelha e branca nas arquibancadas. O líder da “Raça Rubro-negra”, Railton Silva, estimou em 70% de tricolores e 30% de rubro-negros prestigiando o jogo (ATARDE, 1993)[63]

---

[57] UM campeão, **Tribuna da Bahia**, Salvador, 18 dez. 1972
[58] BAHIA campeão, **Tribuna da Bahia**, Salvador, 27 mar. 1972
[59] FOI assim a festa do Bahia, **Tribuna da Bahia**, 24 abr. 1972
[60] O velho clássico e seu encanto. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 8 ago. 1975.
[61] VITÓRIA campeão de ponta a ponta. **A Tarde,** Salvador, 14 dez. 1992.
[62]VITÓRIA campeão de ponta a ponta. **A Tarde,** Salvador, 14 dez. 1992.
[63]O título foi ganho com antecedência. **A Tarde**, Salvador, 28 jun. 1993.

São as cores que definem que torcida está em vantagem no duelo desenvolvido à parte do jogo: "Nas arquibancadas o duelo das torcidas era desigual, o estádio quase todo azul, vermelho e branco e uma pequena parte, do lado esquerdo das numeradas a aplaudir o Vitória"[64]. Nos momentos de superioridade, as torcidas exibem suas cores. É uma forma de mostrar a satisfação e o orgulho pela vantagem obtida no confronto com o maior adversário. Amar as cores do clube é também tirar vantagem da exibição delas: "A torcida do clube está em festa e se enche de orgulho para vestir as cores vermelho e preto para comemorar um título inédito em sua história".[65]

O investimento em novos equipamentos, acessórios e tecnologias fortalece a identificação pelas cores. Esta estratégia funciona também como incentivo ao time: "A torcida rubro-negra ontem inovou num bonito espetáculo, de fumaça colorida, alternando as cores vermelha e preta, ao estilo da torcida flamenguista, do Rio de Janeiro"[66]. Nas ocasiões de conquista de título, as cores sinalizam a alegria dos vencedores: "O povo começa a pular, gritar, se identificar unido na mesma festa azul, vermelha e branca, comemorando mais um campeonato – o terceiro consecutivo – do Esporte Clube Bahia."[67]

Da mesma forma, são as cores que identificam quem é inimigo e amigo no duelo das torcidas: "Na arquibancada um torcedor de boné vermelho e preto levanta e xinga o atacante do Bahia, recebe um tapa de um crioulo forte e sem alguns dentes, que de bermuda e uma camisa tricolor discorda do seu comportamento"[68].

As cores, portanto, constituem um aspecto relevante para a construção da auto-imagem do torcedor e a produção de sentido que elas inspiram dão acesso ou não à determinada torcida, além de constituir importante referencial de identidade dos clubes. O uso das cores para identificar os grupos de adeptos de determinado time evidencia a transformação do estágio de assistência, pois nesta fase da metamorfose, não se percebia com tanta intensidade quem era Bahia ou Vitória pelo fato de vestir-se de tricolor ou rubro-negro. Os jornais fortaleceram a importância das cores na identificação dos torcedores, por meio da repetição das expressões "tricolor", "rubro-negro" e similares. Portanto, ao tempo em que refletia o comportamento dos torcedores, que se vestem com as cores de seu clube, os jornais ajudaram a instituir esta tendência como padrão.

---

[64]O velho clássico e seu encanto. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 8 ago. 1975.
[65]VITÓRIA festeja tri inédito. **Correio da Bahia**, Salvador, 16 jun. 1997.
[66]CHUVAS ameaçam realização do jogo. **A Tarde**, Salvador, 31 mar. 1986
[67]OUTRO empate no Ba-Vi. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 8 set. 1975.
[68]Idem e ibidem.

3.3 BAÊA X NEGÔ: O GRITO DO TORCEDOR

Além do tempo e das cores, o torcedor se identifica como tal pelo falar. A identificação mais elementar ocorre pelo nome do clube. O torcedor sabe tratar-se de seu time pela simples menção do nome da agremiação: "Nas arquibancadas da Fonte Nova, quase que lotadas por torcedores tricolores, os gritos de "Bahia" abafavam a pequena vibração da torcida adversária"[69]. No caso do Bahia, o nome do clube passa por uma leve alteração: pode sofrer uma mudança da grafia original para "Baêa", mais próximo foneticamente de como os torcedores costumam gritar, nos momentos de incentivo e comemoração:

> Na saída do estádio, os torcedores continuavam a esperar os jogadores para fazerem a passeata até a Igreja do Bonfim. Muitas faixas e bandeiras do Bahia eram carregadas pelo povo que chorava, ria e cantava: Bahêa, Bahêa, Bahêa, mais um título de glória(TRIBUNA DA BAHIA, 1974).[70]

Os gritos de 'Baêa' facilmente identificam o torcedor deste time e tornam-se um importante meio de incentivo aos seus jogadores:

> Os tricolores encarregavam-se de espantar o sono da cidade pelas ruas. "Eu sou Bahia, com muito orgulho, com muito amor" era cantado. Gritos de "Baêêêêêêaaa" misturavam-se com o hino do clube, intercalados com as constantes repetições dos gols do time(CORREIO DA BAHIA, 1998).[71]

Os cantos de guerra e frases de efeito gritadas em conjunto pelos torcedores ajudam a perceber de que lado estão. A torcida do Vitória tem a sua manifestação preferida na expressão "Negô!": "Aos gritos de Negô, Negô!, os torcedores incentivaram os jogadores até o final da partida"[72]. Não se sabe ao certo como surgiu o grito de "Negô!", mas é provável que tenha ocorrido por influência da torcida do Flamengo do Rio, a maior do Brasil, e que costuma gritar 'Mengô!" para incentivar seu time. Mas a torcida do Vitória também chama pelo nome original do time: "Léo e Fischer eram os atletas mais festejados pelos torcedores que gritavam toda hora: "Vitória, Vitória, Vitória..."[73]

A partilha das gírias e dos chavões que constituem este *futebolês* (LEAL, 2010) faz com que o torcedor se veja na terceira pessoa, como um falante daquele código tão peculiar.

---

[69]O Bahia ganhou antes do jogo começar. **Jornal da Bahia**, Salvador, 23 ago. 1976.
[70]A festa terminou no Bonfim. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 19 dez. 1974.
[71]É o Baêa! **Coreio da Bahia**, Salvador, 25 mai. 1998.
[72] VITÓRIA mantém freguesia. **Bahia Hoje**, Salvador, 12 jun. 1995.
[73] VITÓRIA arranca para o título. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 17 mai. 1976.

O “eu” do torcedor se vê como um “ele” ao perceber no outro uma forma de se comunicar tão própria que exclui outros “eles” que não têm acesso ao dicionário do *futebolês*. Os jargões e expressões construídas no convívio da arquibancada constituem uma linguagem própria, que os jornais assimilam e distribuem de volta aos componentes desta comunidade, no caso os leitores-torcedores, como se observa na manchete: “Gude prêso, ontem, na Fonte Nova”[74]. A expressão “gude preso” significa um placar apertado: 1x0. A metáfora é assimilada do popular jogo de gude, praticado pelas crianças com pequenas bolas de vidro e muito comum em Salvador, no período de origem e consolidação do Ba-Vi. O “gude preso” ocorre na modalidade triângulo, quando o jogador faz um bom lance e mantém a vantagem conquistada até o fim da partida. Assim como “gude preso”, outras expressões permitem pensar em um dialeto ‘futebolês’, falado pelos torcedores e apropriado pelos jornalistas em suas crônicas.

A utilização destas expressões restritas ao ambiente explica, em contraste, o afastamento de pessoas que tentam torcer, mas terminam não se enxergando como torcedor, por não saber falar aquela linguagem, muito estranha para quem não conhece. É difícil, de um dia para o outro, aprender e falar tantas expressões carregadas de metáfora que o rádio esportivo, com seus criativos narradores, se esmera em produzir a cada cobertura de jogo (SOARES,2000). A palavra “virada”, por exemplo, significa, na linguagem do torcedor, que um time vence outro, depois de tomar um ou mais gols, assumindo a responsabilidade de “virar” o placar, ou seja, fazer mais gols que a quantidade sofrida inicialmente. Se leva um gol, a virada ocorre com dois ou mais gols em seguida, revertendo o marcador: “Quando o Bahia marcou o segundo gol, muitos torcedores do Vitória começaram a deixar o Estádio da Fonte Nova, porque não acreditavam mais na virada do seu time”.[75]

O placar dobrado a partir de 4x2 era chamado de rolha nos anos 1940 e 1950, mas somente os iniciados no ritual do estádio, os torcedores, seriam capazes de entender o texto sem recorrer a um especialista em linguagem de futebol: “A última vez que estive na Graça, num encontro desse tipo, foi no ano em que o nosso freguez de maior credito pegou uma rolha autentica, de cortiça legítima, com um escore de 6x3, iniludíveis”. [76]

Quando um time perde algumas vezes seguidas do rival, leva a pecha de “freguês”, uma das grandes humilhações registradas na linguagem dos torcedores: “A galera deixou o estádio feliz e chamando os rubro-negros de “fregueses”.[77] Chamar o adversário de freguês, como se diz na feira livre, dos clientes que costumam voltar para comprar os mesmos

---

[74] GUDE preso, ontem, na Fonte Nova. **A Tarde**, Salvador, 20 dez. 1954
[75] DESTRUIÇÃO e tumulto no final do clássico. **Jornal da Bahia**, Salvador, 26 jul. 1976
[76] O Bahia progrediu pouco. **A Tarde**, Salvador, 25 jan. 1952
[77] UM gol fulminante. **A Tarde**, Salvador, 31 mai 1988.

produtos, é uma das delícias do ato de torcer, desde que o time esteja vencendo e tomando o rival como "freguês de caderno", ou seja, perde tanto que torna-se possível escrever num caderno a série de resultados:

> A resposta de Sergipinho, torcedor do Vitória:
> - Desde aqueles três a um, no campo da Graça, não tem mais time pra ganhar da gente. Ganhou aquele quadrangular da inauguração, porque o juiz quis. Vencemos outro, inverteu a freguesia:
> - Um, dois, três, o Bahia é freguês!(TRIBUNA DA BAHIA, 1971)[78]

O jogador que conquista a simpatia da torcida é comumente chamado de "rei", como forma de homenagear o ídolo com um título de nobreza, vestígio da era em que os monarcas estavam na alta hierarquia, antes da Revolução Burguesa de 1789 e que permanece na linguagem capaz de identificar o torcedor: "No final, o jogador recebeu o calor da torcida, que não deixou o campo, enquanto Hugo não foi até perto da arquibancada ouvir o refrão: "... rei, rei, rei, Hugo é nosso rei"[79].

As variantes regionais tornam ainda mais necessário o conhecimento prévio de uma linguagem específica para acessar o subcampo torcida dentro do campo esportivo. O lance conhecido por banho de cuia, na Bahia, por exemplo, é o mesmo que se chama chapéu nos Estados do Sudeste brasileiro. A goleira do Rio Grande do Sul tem o nome de trave na maioria dos Estados brasileiros. Por estes exemplos, e tantos outros que se pode citar, fica demonstrado que a linguagem, como aspecto de auto-imagem, é relevante a ponto de inspirar a edição de uma série de livros e dicionários acerca do tema da linguagem das arquibancadas, que provisoriamente rotulamos de *futebolês* (ALBUQUERQUE, 2007, GOMES e FACÓ, 2007, LEAL, 2010). Há situações de adaptação de refrão de música muito conhecida, o chamado sucesso: "O estádio inteiro, tirando a 'muqueca' tricolor, acabou embalado pelo ritmo do Chiclete: "Tu, tá, tá, tu, tu, ta ra rá, o Bahia é Série B e o Vitória é Série A"[80].

3.4O TORCEDOR SE DIVERTE COM A TRISTEZA DO RIVAL

Uma das características que compõem o perfil típico do torcedor é a tendência ao bom humor, utilizado com frequência, por causa das situações divertidas vivenciadas pelos

---

[78] VITÓRIA. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 26 abr. 1971.
[79] HUGO foi o "rei" rubro-negro. **A Tarde**, Salvador, 4 dez. 1989.
[80] CORAÇÕES guerreiros. **Correio**, Salvador, 3 mai. 2010.

admiradores dos clubes na arquibancada. O chiste[81], como uma reinvenção dos clichês, indica a tendência de cultivar o bom humor como característica da torcida Ba-Vi. O torcedor se identifica pela utilização das figuras de humor, que são imprescindíveis para a construção do ambiente dos estádios: as chamadas "gozações" são comuns entre os adeptos de clubes rivais, antes, durante e depois dos jogos.

A ironia, figura de humor que se caracteriza pelo duplo sentido e uma presunção de dizer algo subjacente à mensagem, deixa no ar um conteúdo inverso ao que aparentemente se pretendeu comunicar:

> O Gegê, apesar de sua tradicional aversão ao Bahia merece o respeito de seus torcedores. Ontem, quando terminou o prélio com o Vitória, vários deles o procuraram para apresentarem os seus sentimentos, mas... o festejado cronista havia evaporado como éter [...][82]

Ora, os torcedores do Bahia só haviam procurado Gegê, após a partida, porque seu time, o Vitória, havia perdido. Como também o "festejado cronista havia evaporado como éter" para não precisar enfrentar as gozações de seus rivais, os tricolores. A figura de humor da ironia, no entanto, não comunica diretamente a causa do desaparecimento de Gegê; ao contrário, escamoteia esta causa, aparentemente, e requer uma postura mais atenta e inteligente de quem recebe a mensagem para tentar decifrá-la.

Ocorrência similar se observa no comentário seguinte:

> [...] Quando o Vitória fez o seu único tento, o Dr. Antonio Teixeira, rubro-negro mesmo, tomou fôlego. Até os 4x0 ele estava surdo e mudo. Mas nos 4x1 alegrou-se e virou-se para uns torcedores do Bahia que estavam atrás dele, gritando com uma boca maior que o túnel da Gávea: - Vocês estão com medo? Risos da assistência[...].

Antonio Teixeira não "estava surdo e mudo", apenas calado, por causa da goleada do Bahia sobre o Vitória, mas sua tentativa de impor algum receio por conta do único gol marcado pelo rubro-negro torna-se motivo de risos e escárnio porque um placar tão dilatado não poderia mesmo ser revertido e não havia, portanto, motivo algum para os tricolores terem medo, como Teixeira perguntou.

Assim, sucedem-se as manifestações de humor, que fazem o torcedor sentir-se como tal, seguindo o fenômeno de auto-imagem: "... Alguns torcedores do Vitória, não podendo

---

[81] A larga utilização do chiste na linguagem do ambiente esportivo foi demonstrada no trabalho "Freud e o chiste no jornalismo esportivo impresso baiano. Análise de títulos bem-humorados nas páginas do Jornal da Bahia 1989/1990". O estudo, desenvolvido pelo autor, na disciplina Humor e Cultura, foi realizado como cumprimento de um dos requisitos para obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (Ufba), em maio de 2002.

[82] A maior "surra" de 1952! **A Tarde**, Salvador, 14 jul. 1952

justificar a 'lavagem' com o juiz, tomaram a data de 13 como pretexto. Um adepto do Bahia retrucou: Eh! 13 é só para eles. Para nós hoje é 14"[83]. Outro chiste de calendário faz referência ao Dia das Viúvas, 29 de junho: "Os tricolores tanto falharam no dia 28, que a festa das Viúvas terminou com um corte geral de cabelo e barba. Duas rolhas foram destampadas com estrondos de "adrianinos". A primeira garrafa, o distinto capitalista tricolor Alberto Viana Braga ofereceu ao seu colega de fundos bancários e adversário rubro-negro, eng. Alberto Catarino".[84]. Além de perceber-se, conforme o conceito de auto-imagem, os torcedores também se percebem em relação ao outro, como indicam as figuras de humor que são dirigidas, sempre, à torcida rival, para terem seu efeito pleno de apreciar o sofrimento do adversário, efeito evidente do humor aplicado cotidianamente ao contexto da torcida Ba-Vi.

São lembradas com frequência pelos torcedores do Vitória as ofensas dirigidas pelos rivais no período de afirmação do Estádio Barradão, como sede das partidas do time rubro-negro, e que ficava próximo ao aterro sanitário de Salvador, hoje desativado e substituído por uma usina de reciclagem de lixo: "Os torcedores do Bahia caminhavam animados aproveitando para fazer uma brincadeira bem tocante usando máscaras de proteção ao odor dos arredores".[85]

Neste mesmo período, ficou também na memória de grande parte dos torcedores, uma ironia dirigida pela torcida do Vitória ao então presidente do Bahia, Francisco Pernet, a quem os rubro-negros imploravam pela permanência, enquanto a torcida rival exigia a saída. Ora, gritar para o dirigente rival permanecer é uma sutil e refinada maneira de comunicar que se quer manter a situação como está, ou seja, uma ampla vantagem rubro-negra sobre o adversário: "A torcida do Vitória não poupou ironia para deprimir ainda mais o presidente do Bahia Francisco Pernet Netto. Com duas faixas em frente à cabine de imprensa, eles deram o recado: "Fica Pernet! Fica Pernet!"[86]

A tendência ao humor, e a incorporação deste senso para a diversão, na auto-imagem do torcedor, perturba ocasionalmente o ordenamento da cidade, que incorpora as brincadeiras. Da arquibancada, o humor ganha as ruas: "A alegria da torcida, descendo (ou subindo) a ladeira da Fonte Nova, enfiando-se nas ruas estreitas, com as bandeirolas coloridas, barulhenta como Carnaval. Ganhando a Joana Angélica, parando o trânsito, incomodando com piadas os torcedores adversários".[87]

---

[83]A maior "surra" de 1952! **A Tarde,** Salvador, 14 jul. 1952.
[84]O dia das viúvas e das rolhas. **A Tarde**, Salvador, 30 jun. 1953
[85]TORCEDORES protestam contra fedor do aterro. **Bahia Hoje**, Salvador, 15 mai. 1995.
[86]VITÓRIA mantém freguesia. **Bahia Hoje**, Salvador, 12 jun. 1995.
[87] VITÓRIA. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 26 abr. 1971.

O intervalo entre um clássico e outro é o período de deleite para as constantes brincadeiras provocadas pelos torcedores do time que venceu e está por cima. Nota-se, ainda, o transbordamento do humor, que sai do estádio e impregna a cidade:

> Para os torcedores do Bahia, uma semana de festa, cheia de gozações. Na mesa do escritório, ou no caixa do banco, no balcão do bar ou na vitrina da loja granfina da Rua Chile, as pilhérias, as brincadeiras. Uma fotografia de Seu Sete ou de um leão, com o rabo entre as pernas. É o futebol, um troço que todo brasileiro gosta. Agora é tarde, as desculpas, as justificativas para a derrota, não têm mais valor. As afirmações de que o Vitória é o bamba no remo ou de que vai decidir o título do campeonato de basquete adulto, são logo encobertas pelas brincadeiras dos torcedores do Bahia:
> - No domingo, fizemos cabelo, barba, bigode e ainda cavanhaque. Vencemos os juvenis, a corrida de bicicleta, os profissionais e a briga nos dentes de leite.(TRIBUNA DA BAHIA, 1972)[88]

Observa-se, ainda, a participação da torcida nas ruas da cidade, nas ótimas oportunidades de bom humor, quando se registram os momentos de conquista de títulos, plenos de felicidade para a torcida campeã, que se enche de inspiração:

> Nas ruas e na cidade a festa se expande num carnaval de cores e charangas, algumas improvisadas até com latas de lixo, e em meio ao engarrafamento inevitável, e a grande maioria se dirige para a igreja do Bonfim, onde a exemplo de anos anteriores, de tantos campeonatos conseguidos, vão agradecer o sucesso de mais um título. Em meio a passeata as provocações e gozações aos torcedores do Vitória(TRIBUNA DA BAHIA, 1975)[89].

O símbolo dos clubes é ridicularizado tanto quanto possível: “O Leão virou gatinho”, anunciava em tom descontraído, Jéferson Miranda, em referência ao mascote do Vitória, também conhecido como Leão da Barra”[90].

3.5 LOCAIS PREFERIDOS E LOCAIS TEMIDOS NOS ESTÁDIOS

O lugar é outro aspecto da auto-imagem: os torcedores encontram-se em locais pré-estabelecidos para partilhar as emoções do jogo. Cada torcedor ocupa um determinado espaço dentro de um setor. A torcida é este quadro preenchido, conforme as sensações de topofilia (BALE *apud* GIULIANOTTI, 2000), quando o torcedor está acostumado e sente-se em ambiente familiar no estádio onde a partida acontece, e de topofobia, geralmente quando o

---

[88] O sorriso deste Bahia. **Tribuna da Bahi**a, Salvador, 1 ago. 1972.
[89] OUTRO empate no Ba-Vi. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 8 set. 1975.
[90] TORCEDOR diz que Leão vira gatinho na casa do adversário. **Correio**, Salvador, 23 de mar. 2009.

jogo acontece no estádio do rival. Em um exemplo extremo de topofilia, os torcedores chegam cedo ao estádio da Fonte Nova, e vão humanizando a paisagem da arquibancada à medida em que preenchem os espaços vazios:

> Desde as primeiras horas da tarde que o colosso da Ladeira da Fonte das Pedras começou a se engalanar recebendo os esportistas madrugadores. Aos poucos aquela escadaria de cimento tingida de barro vermelho foi se transformando numa aquarela multicor[...] Até mesmo os degraus que ainda não foram cobertos de cimento apanharam um bom número de expectadores (ATARDE, 1955)[91]

O posicionamento da torcida é uma estratégia de ordenamento do espaço físico que produz uma maior sensação de segurança e aconchego, fortalecendo a topofilia. Ficar mais próximo dos companheiros de torcida, em oposição aos adversários, é uma ideia útil, caso ocorra um enfrentamento, e também inspira a afeição daqueles que partilham de sentimentos comuns de amor ao time favorito e ódio extremo ao rival. Assim, ao chegar aos estádios, os torcedores já sabem onde vão se posicionar:

> À direita das cabines de rádio concentravam-se os tricolores; à esquerda, os rubro-negros. Charangas, foguetes, balões, bandeirinhas, lenços brancos e o vozerio das massas alegres naquele oceano de cabeças dentro da diáfana beleza da tarde, com um palco de luta num autêntico salão de festas(ATARDE, 1957)[92].
> Do lado esquerdo das cabines de rádio, como se estivesse pressentindo a vitória, a torcida do Vitória começou a gritar, agitar as bandeiras. Do lado direito, a do Bahia respondeu, certa de que o seu time conseguiria um triunfo consagrador como aquele de quarta-feira passada diante do Leônico(TRIBUNA DA BAHIA, 1980)[93].

As cabines de rádio servem de referência, mas há quem chame também de Setor B ou Lado B o local onde costumava posicionar-se a torcida do Bahia na Fonte Nova, seguindo a mesma denominação do Campo da Graça. Como o Bahia foi fundado depois de outros clubes que já tinham aficcionados, como o Vitória, o Ypiranga e o Botafogo, convencionou-se chamar de Lado B o local específico para a presença dos tricolores:

> Na Graça, o Bahia enchia o lado B, o Vitória as numeradas. A torcida do Botafogo ficava na sombra, a do Ypiranga lotava a geral, e do Galícia, enchia o lado A. A arquibancada era elitizada, a sombra, da classe média, e a geral era do povão. E ainda havia o ingresso para os automóveis(MENDES JR, 1999, p.160).

---

[91] PERANTE 25 mil “fans”. Sucesso do Vitória sobre o tricolor. **A Tarde**, Salvador, 15 ago. 1955.
[92] FESTA das duas maiores torcidas. **A Tarde**, Salvador, 15 jul. 1957.
[93] GOL de Tadeu. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 17 nov. 1980

Assim, a torcida do Bahia habitualmente se posiciona neste setor do estádio: é provável que este comportamento pré-reflexivo resultante da auto-imagem, no aspecto lugar, repita-se no novo estádio em construção para substituir a Fonte Nova, demolida em 27 de agosto de 2010:

> Por várias vezes Sima gritou Bahêa e mostrou a sua camisa aos torcedores. A alegria foi tanta que nem se lembrou em ir ao lado B, fazer a torcida do Bahia participar da sua festa. "Sei lá, estava completamente fora de mim, quando vi a bola passando a linha de gol. Nem mesmo me lembrei em dar uma satisfação a minha torcida. Espero que ela me desculpe(TRIBUNA DA BAHIA, 1972)[94].
>
> A partida acabou. Uma festa no lado B das cabines de rádio. No lado A, a torcida do Vitória, cabisbaixa, deixa o estádio(TRIBUNA DA BAHIA, 1976)[95]
>
> Talvez pelo Vitória ter assinalado o gol de abertura nos primeiros minutos, o lado B da Fonte Nova onde fica localizada a sua torcida ficou calada o tempo todo(TRIBUNA DA BAHIA, 1980)[96].

Em situações de exceção, o Ba-Vi desloca-se de sua cidade-sede, Salvador, e dos estádios da capital baiana. A realização do clássico é uma atração a mais em amistosos. Feira de Santana, principal cidade do interior baiano, situada a 108 quilômetros de Salvador, é um destes destinos do Ba-Vi fora da capital. A torcida feirense vai ao estádio ver os times de Salvador e as torcidas da capital também se deslocam para Feira: "Dois empates: Fluminense de Feira 3xRemo do Pará 3, Bahia 2xVitória 2 foram registrados ontem à noite, na rodada dupla efetuada no estádio municipal de Feira de Santana"[97].

Já a topofobia, ou o pavor de visitar o adversário, passa a registrar menções constantes a partir da utilização do Estádio Manoel Barradas, de propriedade do Vitória, para os jogos do time. Embora inaugurado em 1986, o Barradão vem a ser utilizado com mais frequência a partir de 1991, e se consolida três anos mais tarde, com a inauguração dos refletores para permitir os jogos noturnos. O estádio rompe com a neutralidade do local do Ba-Vi, como ocorria quando o Vitória mandava seus jogos na Fonte Nova, estádio pertencente ao governo do Estado e onde tanto Bahia quanto o clube rubro-negro sediavam suas partidas. Com a sequência de triunfos no Barradão, a topofobia instalou-se entre os torcedores visitantes:

---

[94] FOI assim a festa do Bahia. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 24 abr. 1972.
[95] VITÓRIA arranca para o título. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 17 mai. 1976.
[96] GOL de Tadeu. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 17 nov. 1980.
[97] EMPATES na rodada dupla em Feira. **Jornal da Bahia**, Salvador, 3 mai. 1967.

“Muita gente acredita em milagre, mas vencer o Vitória por três gols de diferença, dentro do Barradão, nem mesmo o mais otimista dos tricolores acredita”[98].

A topofobia tricolor ao Barradão encontra respaldo nos números. No período entre 1991 e 2005, o Bahia visitou o Barradão 29 vezes e perdeu 20 partidas, vencendo apenas três, com seis empates: “o Bahia é o time que mais vezes enfrentou o Vitória no Barradão, é o que mais perdeu, o que mais sofreu gols, o que mais foi goleado, o que mais foi vice do Vitória nos inúmeros títulos conquistados no Barradão”(RIBEIRO e SANTOS, 2006) .

Pela arquitetura do estádio Barradão, o posicionamento dos torcedores não seguiu lógica semelhante a do Campo da Graça e da Fonte Nova. O fato de o Bahia ser visitante, pois o estádio particular pertence ao Vitória, também contribuiu, pois a diretoria do rubro-negro passou a determinar onde a torcida adversária ficaria posicionada, afetando, em parte, a percepção da auto-imagem tricolor no aspecto local, quando o clássico realiza-se no Barradão. Já os torcedores do Vitória sabem onde se encontram e ocupam a maior parte do estádio: “No outro lado das arquibancadas, de frente para as cabines de imprensa, os torcedores do Vitória eram um verdadeiro contraste com os do Bahia”[99].

Encontrar os torcedores em determinados locais é tão relevante como auto-imagem que favoreceu estratégias de expansão das torcidas e a consequente superação da assistência. Os fãs do Bahia eram minoria nos primeiros anos do clube, o que levou o presidente Carlos Wildberger a adotar em 1940 uma estratégia para arregimentar adeptos:

> Contratou quatro avantajados crioulos no cais do porto e os colocou nas gerais, recomendando toda a disposição para torcerem e “convencerem” a que os demais também torcessem pelo Bahia. Cada um deles recebia 100 mil réis e toda a assistência médica e hospitalar pelas pancadas recebidas nos eventuais problemas, além de muitos drinks. Não há dúvidas que a torcida cresceu bastante(CALMON E CASAES, 1969)

Na transição da assistência para a torcida, as atenções do futebol deslocam-se do campo, onde os jogadores atraíam os olhares dos espectadores, para as arquibancadas, graças às disputas entre os frequentadores de seus clubes de preferência. A cena era diversa e o entusiasmo passa a ser uma referência importante para o frequentador do estádio se reconhecer e reconhecer o adversário: “A nota mais interessante da tarde foi o duello entre os lados A e B, que applaudiam, daquelle sector, auxiliados pelos adeptos de Galícia, Ypiranga e

---

[98] VITÓRIA humilha o Bahia. **Correio da Bahia**, Salvador, 7 abr. 1997
[99] DEU Vitória**. Bahia Hoje**, Salvador, 3 abr. 1995.

Botafogo, interessados na descollocação do Bahia, as jogadas do rubro-negro; e do lado B, os do Esquadrão de Aço”[100].

O local da cidade, fora do estádio, onde os torcedores se encontram, também demarca fisicamente os territórios simbólicos. Os adeptos do Vitória, na gênese deste antagonismo com o Bahia, vão à Pastelaria Colón, enquanto os tricolores preferem a Confeitaria Chile. Ambos os pontos ficam no centro da cidade, mas cada grupo vai para seu local específico. A pequena diferença compõe mais um traço da rivalidade que se vai construindo na formação deste composto binário indivisível. Até hoje, o Bar Colón, cujo proprietário é rubro-negro, mantém esta característica de ponto de encontro de torcedores do Vitória. (SANTOS; RIBEIRO, 2006).

No período da metamorfose da assistência para a torcida, os frequentadores do Campo da Graça, reunidos nos mesmos locais, passam a revelar uma capacidade de vibração num gradiente de variadas intensidades, de comedida a extremada, em vez da apatia anterior: “A assistencia applaude-o”[101]; “Esse resultado despertou grande enthusiasmo em alguns assistentes”[102]; “A assistencia applaude-o fortemente”[103]; “...Os applausos são ensurdecedores [...]”[104]

O entusiasmo partilhado em um mesmo local onde os torcedores se encontram para celebrar altera o perfil da assistência pacata para a torcida participativa: “Vibravam as duas grandes torcidas com aplausos e apupos, num duelo fora da cancha que servia para completar a beleza da tarde esportiva cem por cento bahiana”[105]. A exaltação ao comportamento da torcida remete à ideia de espetáculo nas arquibancadas. O palco desloca-se do campo para o local onde habitam os frequentadores do estádio da Fonte Nova: “Por último, o público. A sua conduta na avalanche do seu entusiasmo, juntou-se na suplementação e no coroamento do magno espetáculo. O verdadeiro delírio que em ondas sucessivas e intermitentes sacodia os torcedores contagiava a todos inclusive aos mais sóbrios” [106].

Em jogos de estádio cheio, a participação do público inspira os jornalistas em crônicas escritas com um lirismo proibitivo aos cânones do jornalismo tradicional. A euforia do torcedor pode ser transmitida para o autor de textos igualmente entusiasmado:

---

[100] VICTORIA, apesar de vencido, soube impor-se pela sua fibra, ardor e combatividade! **A Tarde**, Salvador. 24 jul 1939.
[101]POR 9x4 o “Bahia” derrotou o “Victoria”. **A Tarde**, Salvador. 2 mai. 1938
[102] IGUALARAM-SE no placard, Bahia e Vitória. **A Tarde**, Salvador, 2 jun. 1941.
[103] ABATENDO o Bahia por 3x0, o Vitória deixou o Guarani em previligiada situação. **A Tarde**, Salvador, 13 jun. 1946
[104] E.C. Bahia alcançou, invicto, o título de tetra campeão bahiano! **A Tarde**, Salvador, 20 nov. 1936.
[105]E.C. Bahia campeão virtual de 1958. **A Tarde**, Salvador, 20 out. 1958.
[106]O Vitória às portas do campeonato. **A Tarde**, Salvador. 15 mar.1954

> Perante mais de 40 mil pessoas, o rubro-negro derrotou o Esporte Clube Bahia por 2x1, levantando o terceiro turno. Superlotado o Estádio! Entusiasmo na praça de esportes completamente dominada pelos torcedores, que a superlotaram, espremendo-se compactamente o público desde as arquibancadas até os morros próximos ao mesmo, até a contra-encosta de Brotas, do outro lado da Avenida Vasco da Gama. Esse enorme público dividido em correntes distintas, pró Bahia e pró Vitória, enriquecido por charangas e batucadas, enriquecido também por torcidas uniformizadas, esse enorme público, repetimos, vibrando como nunca, constituiu-se num espetáculo dentro do espetáculo de sorte a ficar guardado na memória dos fans do futebol pelos séculos afora. Foi nesse clima do indisível que o Vitória triunfou.(ATARDE, 1954) [107]

A utilização de fogos de artifício preocupa os responsáveis pela segurança: "Felizmente, desta vez, a proibição das bombas e foguetes evitou o bombardeio ensurdecedor e perigoso que tantos acidentes vinha causando"[108]. O entusiasmo é um duplo: efeito e causa dos atributos do futebol. Compõe um de seus principais ingredientes, tornando o estádio uma "casa de euforia" ou "um teatro onde se pode vibrar em conjunto" e, mais, a plateia torna-se sujeito. O estádio é o local onde se permite uma sociabilidade capaz de liberar emoções abafadas pelos efeitos da civilização (FREUD, 1939): a capacidade de expressar os sentimentos em público, ao ar livre e em expressões coletivas de amor e ódio extremos. Também constitui critério para estabelecer a torcida que venceu o duelo das arquibancadas, na lógica do jogo à parte dentro de um jogo de futebol: "A torcida rubro-negra teve mais entusiasmo que a fiel tricolor"[109].

O entusiasmo, em pontos de encontro pré-determinados, chega a ponto de se investir dinheiro em apostas. Neste ritual, os torcedores transferem toda a fé no seu time preferido para um outro jogo, com suas leis próprias. "Bolões" e "casadinhas", como eram conhecidas estas loterias informais, espalharam-se pelo estádio da Fonte Nova. Os apostadores tinham ponto de encontro, na arquibancada do anel inferior, atrás do gol que ficava para o lado da Ladeira da Fonte das Pedras. "Foi por isso que muito tricolor perdeu dinheiro em apostas. Houve quem desse até 3 goals de vantagem"[110].

A localização é tão importante para o torcedor enxergar-se como tal que na recente reinauguração do Estádio Metropolitano de Pituaçu, em Salvador, os adeptos do Vitória

---

[107]O Vitória às portas do campeonato. **A Tarde**, Salvador. 15 mar.1954
[108]E.C. Bahia campeão virtual de 1958. **A Tarde**, 20 out. 1958.
[109]DECISÃO ficou para depois. **A Tarde**, Salvador, 5 mar. 1990
[110]PLACAR Justo. **A Tarde**, Salvador. 12 jun. 1950.

contaram até com orientação de policiais para saber onde se posicionar: "A entrada visitante ficou restrita ao setor leste e contou com a orientação em massa dos policiais."[111]

Este torcedor, replicante e entusiasmado, consegue enxergar-se, assim, na terceira pessoa, como um "ele", podendo até, se quiser, dizer a si próprio desta forma: "ele se posiciona à direita ou à esquerda das cabines de rádio, vivencia o processo do Ba-Vi durante um tempo próprio, seguindo o relógio de 90 minutos do jogo, veste as cores de seu time, está sempre em busca de uma situação que gere bom humor para "gozar" seu adversário e entende uma linguagem peculiar, junto com os outros torcedores". Fica demonstrado, assim, como o mecanismo de auto-imagem se instalou no momento que a torcida constituiu perfil próprio, ultrapassando a era da assistência, na qual o grupo anônimo e apático não possibilitava uma identidade nítida a ponto de viabilizar ao espectador do jogo ver a si próprio em uma terceira pessoa. No próximo capítulo, vamos analisar como o entusiasmo gerado pela vibração coletiva dos torcedores leva à busca constante da sensação de delírio, estágio superior da existência de um torcedor de futebol no clássico Ba-Vi.

[111] VISITANTES não têm problema e clássico segue na paz. **Correio**, 23 de março de 2009.

4O DELÍRIO NO ESTÁDIO E A TORCIDA NO COTIDIANO

Agora que já se viu como o torcedor se manifesta enquanto ser social, capaz de replicar um padrão e construir um perfil próprio que o leva a formar um corpo grupal único, vai-se verificar como os jornais tratam da sensação máxima observada na vivência das arquibancadas: a experiência do delírio. Ao tempo em que reflete em seu conteúdo a vibração dos torcedores, os jornais incentivam a busca desta emoção, ao enaltecer o comportamento da torcida que se entrega, com todo ardor, à paixão pelo seu clube. Ao pensar que "a arte imita a vida", Aristóteles (1989) foi quem primeiro associou a ideia de "catarse" à manifestação pública coletiva relacionada a um espetáculo, da forma como opera a torcida na contemporaneidade.

A metamorfose da torcida revela-se nos gestos, antes contidos, no período em que a assistência registrava mais polidez e elegância ao frequentador do estádio. Os primeiros espectadores comportavam-se com todo esmero e vestiam-se com sobriedade. Eram comuns o paletó e o chapéu do tipo panamá, que atestavam a elegância do aficcionado ao futebol. Não se ouviam os gritos em coro de provocação ao adversário ou exaltação ao time preferido. Era o tempo do 'ipi-ipi-urrah', com que os jogadores saudavam as autoridades no Campo da Graça. A transformação deste assistente em torcedor ocorre paralelamente às mudanças na gestão do futebol, que deixa de ser amador para tornar-se profissional. Também a imprensa especializada acompanha esse processo, deixando-se influenciar ao mesmo tempo que influenciando o perfil deste público. No decorrer deste fluxo, a assistência torna-se torcida.

A maior intensidade do ato de torcer, e a entrega total do torcedor pela vitória e pelos gols de seu time fazem crer que o auge da torcida provoca uma sensação que os jornalistas costumam chamar de "delírio", expressão muito ouvida nos estádios de futebol.

Nos momentos de comemoração, o torcedor abraça quem está ao lado, mesmo que seja um desconhecido; pula freneticamente; grita até ficar rouco; se é cardíaco, corre até risco de infarto, ou mesmo é acometido do mal súbito, ao extravasar sua paixão; enfim, o que se observa nos estádios é que o torcedor não tem medo ou vergonha de revelar toda sua emoção em um ambiente coletivo e público, como jamais faria em qualquer outra situação de sua vida: o torcedor chega ao delírio. Este capítulo exibe as feições do estágio máximo do processo de metamorfose da assistência para a torcida, representado nas manifestações de delírio, que representa o contraponto ao comportamento pacato do espectador.

Não se costuma ver o torcedor típico gritar e pular em situações felizes da vida cotidiana com tanto despreendimento como ocorre quando festeja o delírio de um gol

importante para seu time. A busca por entender o fenômeno do delírio, e o que ele representa, torna-se relevante, em razão de ser o efeito máximo observado como resultado dos pontos de ruptura para a torcida: seria a manifestação mais evidente da superação da fase anterior da assistência. Os efeitos da sensação de ter chegado ao delírio fornecem, com nitidez, sinais seguros para se identificar um verdadeiro torcedor, aquele que perde a noção do senso comum e vibra como intensidade ao ver o sucesso de seu time.

Em psicologia, o delírio é um conceito associado a patologias relacionadas a distúrbios neurológicos gravíssimos ou abuso de ingestão de entorpecentes. No entanto, não se pretende, aqui, concluir nem debater o desenvolvimento de um conceito próximo do que se convencionou entender por delírio, pois demandaria um estudo especialmente com este fim. Interessa-nos descrever o processo pelo qual a assistência, antes calma, pacata e sensata, que aplaudia com uma certa sobriedade os lances mais significativos do jogo, transformou-se em uma torcida, cujo sentido maior de existir é alcançar o êxtase do gol e da vitória, o tão desejado delírio, afinal.

Para alcançar a era da torcida e interpretar o delírio de torcer, precisamos, antes, contextualizar o futebol dos anos 1930, período importante no processo que entendemos como fluxo: embora não se possa precisar exatamente quando começou a metamorfose da assistência para a torcida, é fato que este momento foi crucial para a compreensão do fluxo estudado, uma vez que sinaliza a passagem do amadorismo para o futebol profissional, com consequências para a metamorfose da assistência para a torcida.

O futebol era centralizado nas capitais do país e havia pouca chance de interação com o interior dos estados ou entre eles. O Campeonato Brasileiro[112], até então, era disputado por seleções estaduais em torneios curtos realizados em uma só cidade. As viagens eram feitas a bordo de navios a vapor e as visitas dos times chamavam-se temporadas. Não havia transporte aéreo nem malha rodoviária ou frota suficientes para um campeonato nacional em país tão grande. O rádio esportivo ainda era incipiente e não havia rede de televisão para transmissão dos jogos, fenômeno frequente a partir dos anos 1970; tampouco *internet*, mídia poderosa incorporada à rede de comunicação massiva nos anos 1990, já no apogeu da era da torcida.

---

[112]A Bahia foi o único Estado, além de Rio e São Paulo, a conquistar um título brasileiro de futebol neste campeonato entre seleções estaduais. Foi em 1934. Cf. MENDES (2000:57). Pedro Braz, ex-atacante do Botafogo local, é o único campeão brasileiro ainda vivo. Aos 100 anos, mora no bairro da Fazenda Garcia, em Salvador. Além do título nacional, que é desconhecido de grande parte da torcida baiana, Pedro Braz ficou famoso por ter marcado quatro gols nos cinco minutos finais de uma partida que o Botafogo perdeu de 6x5 para o Bahia. Nesta partida, marcou um antológico gol de cabeça, marcado de fora da área, em um lance raríssimo, repetido apenas por Naldinho, do Bahia, numa derrota por 3x1 para o Cruzeiro, em 1993. Cf. CASAES e CALMON (1969).

Em uma rara excursão a Salvador, para se ter uma idéia das dificuldades de locomoção, nesta era de comunicação massiva restrita ao meio impresso, a caravana do Moto Club de São Luiz do Maranhão trouxe 15 motocicletas, dois carros de socorro, um automóvel, dois ônibus e um caminhão de mantimentos[113]. Na Salvador de 1932, a praia era para proveito de poucos moradores da faixa litorânea e não se tinha o hábito de frequentar a orla, nem os baianos utilizavam qualquer estrutura capaz de garantir comodidade e atrair pessoas de outros bairros situados mais ao miolo da cidade.

Não havia se formado um público consumidor consistente, pois ainda era frágil a industrialização no Estado, eminentemente agrário. Os espetáculos culturais eram restritos a peças de teatro, ou apresentações do gênero teatro de revista. O mercado limitava-se praticamente aos produtos agrícolas. Num período no qual os baianos não tinham tantas opções de lazer, o futebol representou esta possibilidade e a aproveitou, tornando-se uma oportunidade de entretenimento realizável e atraente para pessoas de várias classes sociais, independentemente de etnia e crença, podendo ser considerado, desta forma, uma manifestação cultural de altíssimo poder de inclusão.

O futebol é festejado como meio de diversão e de integração. O sentimento de pertencer a uma comunidade esportiva, por meio da admissão como torcedor, favorece a formação e a expansão da assistência, "despertando o enthusiasmo e vibração que somente emoções novas, fortes e bem sentidas são capazes de proporcionar".[114]

O lazer representado pelo futebol ofereceu amplos e intensos desdobramentos para a sociabilidade. Os migrantes da zona rural encontravam no estádio uma das melhores estratégias de se ambientar à capital. Prova disso é que, nos anos 1950, quando já se verifica o amadurecimento do clássico Ba-Vi e das torcidas, registra-se também a forte presença da principal manifestação cultural do interior do Estado, a festa de São João, revivida nas arquibancadas, durante os Ba-Vis. Os dias chuvosos reduzem o número de público, mas não o entusiasmo revelado na presença dos balões e os fogos de artifício típicos das festas do mês de junho, dedicadas também a Santo Antônio e São Pedro.

> Nem mesmo a Natureza escondendo o Sol, há 2 dias, nem as chuvas que incessantemente caíam sobre a cidade, nem a baixa temperatura, conseguiram diminuir a intensidade do belo espetáculo proporcionado pelas maiores torcidas do nosso futebol... Parece que o público que ontem compareceu à Fonte Nova resolveu fazer com que aquelas saudosas tardes de São João da Bahia fossem revividas: balões multicolores arrancavam em

[113]A excursão do Moto Club. **A Tarde**, Salvador. 21 nov 1939.
[114] O Torneio Início de 1932. Honra a historia do "foot-ball' bahiano!". **A Tarde**, Salvador, 11 abr. 1932

suas trajetórias, os aplausos da multidão; milhares de bombas espoucavam a todo instante, fazendo um coro atroador e gerando nuvens de fumaça que chegavam a esconder o lado oposto do estádio. Quando o balão tricolor se incendiava, vibravam os rubro-negros e vice-versa, era a superstição do nosso povo enchendo de apreensões aqueles torcedores ciosos por um triunfo das suas cores. E para completar aquela alegoria imensa, milhares de guarda-chuvas circundavam as dependências do estádio protegendo o público da inclemência. Todos se contagiaram e até parece que o astro-rei não resistiu àquela vibração contagiante e acabou estendendo a sua luz clara e temperada sobre a nossa inacabada praça de esportes, contrastando a sua luz brilhante com o negrume dos guarda-chuvas abertos em toda parte do estádio. A entrada dos 2 quadros em campo, o barulho tornou-se infernal. Ninguém ouvia mais nada, ninguém enxergava mais nada. Os foguetes, os vivas e os aplausos tomaram conta de tudo....(ATARDE, 1956)[115]

4.1 DOIS PERFIS ANTAGÔNICOS: VICTORIA-AMADOR X BAHIA-PROFISSIONAL

A ALMA RUBRO NEGRA contra a fibra do tricolor!

BAHIA x VICTORIA, o grande jogo do domingo esportivo -- Os teams O prelio de amadores - O juiz - Horarios - Varias Notas

Outro bahiano que brilhou nas «canchas» cariocas!

"A TARDE S. C."

CAMPEONATO CARIOCA

Os jogos de amanhã-Outras noticias

Figura 14: Reportagem sobre o Vitória e o Bahia no jornal A Tarde

[115]BAHIA e Botafogo na conquista do 1º turno. **A Tarde**, Salvador. 25 jun. 1956.

A Figura 14 contrasta duas tendências: o Vitória, amador, é espiritualizado, a 'alma', refletindo o pendor para os valores desportivos moralizantes; o Bahia, valente, é representado por 'fibra', associado à ideia de garra, destemor, vontade de vencer[116].

Ainda nos anos 1930, que coincidem com a adesão do futebol brasileiro ao profissionalismo, o Vitória permaneceu identificado com o amadorismo e seus jogadores eram selecionados, salvo exceções, entre jovens da alta sociedade baiana, grande parte deles estudantes de medicina, odontologia e direito. As famílias não aprovavam que os jovens jogassem futebol, visto como uma atividade para homens rudes e boêmios. O jogador do Vitória e estudante de odontologia Carlos Silva Galvão enfrentava uma dura oposição:

> Seus pais não admitiam que o mesmo jogasse futebol, pois estava em Salvador para estudar. Galvão, então, para despistar, adotou o nome de Silva. Também não aparecia nas fotos dos jornais. Certa vez quando o time estava alinhado no gramado para a tradicional fotografia, o atleta se escondeu. – Tá faltando um, disse o fotógrafo. E Silva, que havia se escondido, foi chamado. Na hora que o profissional foi disparar seu flash, o médio virou as costas...(PROTÁSIO, 1983, p.108)

O Vitória só aderiu ao sistema de pagamento de salários aos jogadores depois do Bahia, já nos anos 1950. O jogador Umbelino, conhecido por Portão de Ferro, veio de Belmonte, no Sul do Estado, para formar-se advogado, em Salvador. Ganhou uma posição no Vitória de 1940: "Jogava com alma, e a exemplo dos demais companheiros, não recebia salário"(PROTÁZIO, 1983, p. 98). Ainda que de forma incipiente, e dependente dos "coronéis"[117], como eram chamados os dirigentes que tinham dinheiro para investir no clube, o Bahia assimilou a lógica mercantil de pagamento aos seus atletas. Já no final dos anos 1930, operava com os conceitos contábeis de orçamento e folha salarial. Este agudo contraste do Victoria-amador e do Bahia-profissional pode ter ajudado a ampliar o antagonismo entre os clubes rivais, pois as duas posições geram valores e princípios opostos.

Um "goal" inédito marcado pelo Vitória, em um "triumpho do amadorismo"[118], ficou na história pelo inusitado, anunciando esta ruptura, com todas as rusgas originadas dos efeitos das fricções entre interesses e valores em conflito. O cronometrista[119], responsável pelo controle do tempo, determinou o início do jogo e o Vitória aproveitou-se de uma distração do

---

[116] A Tarde edição de 22/9/1939.
[117] CASAES e CALMON, 1969. p.45-47
[118] S. C. Victoria, "terror do returno". Grande triumpho do amadorismo!. **A Tarde**, Salvador, 23 out. 1939.
[119] UM penal, no ultimo minuto da porfia, decide a vitoria do tricolor! **A Tarde**, Salvador, 2 jan. 1941.

goleiro do Bahia: "Menezes, impassivo, aprecia o lance próximo à "jaula"[120], quando se apercebe do perigo, corre, claro, para o goal. Foi assim marcado o tento inicial do Victoria, apesar do forte protesto de directores e players tricolores".[121]

A crescente rivalidade acompanha a transformação da assistência, antes pacata e ordeira, para um grupo mais agitado e capaz de brigar por seu clube: "Há um ligeiro "sururu" junto da jaula"[122]. *E*m 1942, apenas 10 anos depois da estreia, o jogo chamado "pequeno Fla-Flu" já é tido como o mais importante do futebol baiano. A intriga entre os dois times vai despertar o "mais vivo interesse do público esportivo que vem acompanhando de perto o desenrolar do certame citadino, não só pela colocação dos preliantes na tabela como pela rivalidade que existe entre rubro-negros e tricolores".[123]

É neste período que o Ba-Vi transborda do estádio, para usar uma imagem próxima de uma enchente simbólica: deixa de ser um mero jogo de futebol para integrar o cotidiano vivo das pessoas, permeado de intensa rivalidade. Os frequentadores dos estádios passam a levar mais a sério o jogo, trazendo para o dia a dia, toda a carga dramática oriunda dos embates em campo envolvendo 11 homens vestidos de Bahia e outros 11, de Vitória. O Ba-Vi estabelece uma intriga que compõe o poderoso coquetel de emoções capaz de alimentar o desejo e a paixão pelo futebol, como se pode interpretar a partir da leitura dos textos de cobertura dos jogos Bahia x Victoria.

4.2 ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO, O CLÁSSICO UNE A TORCIDA NOS DOIS EXTREMOS

Um dos detalhes da narrativa que pode passar despercebido e mesmo ser considerado um mero acessório, em uma leitura menos atenta, coincide com esta passagem da plena fantasia dos gramados para o cotidiano fora do estádio. Trata-se do fim da utilização de aspas para referenciar os dois times. Ora, sabemos que as aspas são aplicadas em situações de texto nas quais queremos destacar a fala de um sujeito; o duplo sentido em alguma expressão exagerada, falsa ou propositadamente contraditória; a utilização de uma palavra nova para os

---

[120] "Jaula" era o local do Campo da Graça onde ficava o cronometrista e tinha este nome por ser gradeado, seguindo a série de metáforas relacionadas a animais, relacionadas ao pequeno estádio, cuja arquibancada era "pombal" e "poleiro".

[121] Idem, ibidem.

[122] O Bahia retribuiu ao Victoria os 5x2 do segundo turno. O jogo foi falho de technica e de enthusiasmo. **A Tarde**, Salvador. 15 jan 1940.

[123] O clássico n.1 do futebol bahiano. **A Tarde**, Salvador. 30 jul 1942.

dicionários; o nome de alguma obra artística e produto cultural; e algo que não tem existência própria no mundo real por tratar-se de uma fantasia.

Neste período de utilização de aspas para referenciar Bahia e Victoria, o esporte está situado no mundo da fantasia, contrastando com o suposto mundo real assumido pelas pessoas em suas atividades sociais do cotidiano. Na assistência, é como se o jogo não pudesse ser sério e digno de fazer parte do mundo real. Os nomes dos times eram grafados entre aspas, indicando o pertencimento da agremiação a este mundo ideal, hipotético, abstrato, dos estádios, em contraste com o mundo real, das instituições sociais convencionadas, no qual os nomes não precisam de aspas para serem referenciados. Escritos entre aspas, "Victoria" e "Bahia" eram, assim, colocados como metáforas: apontavam um ente situado entre o ser e o não ser, uma poderosa fantasia coletiva apropriada pelos assistentes em símbolos partilhados.

Entre aspas, "Victoria" e "Bahia" não eram reais, daí o recurso ao sinal gráfico. Seriam manifestações de fantasia, "localizadas" em território de imaginação apartado do mundo concreto, objetivo, visível, palpável, real. Bahia e Victoria são escritos com aspas até o auge do período de "assistência" e deixam de ser assim referenciados no momento em que tornam-se mais visíveis os efeitos da metamorfose para a era da torcida. A esta altura, a construção do Ba-Vi aspeado, enquanto fantasia, já havia impregnado de tal forma o imaginário coletivo que não havia mais como reduzir a sua importância para a coletividade enquanto manifestação cultural enraizada num mundo supostamente paralelo ao cotidiano.

O jogo "Bahia" x "Victoria" pertencia à esfera do imaginário, sim, e ao mesmo tempo, tornou-se tão real que o clássico passou a ter uma existência capaz de influenciar no comportamento dos torcedores dentro e fora dos estádios, mesmo em suas atividades sociais do cotidiano. O Ba-Vi, assim, já sem aspas, tornou-se um elo entre o mundo da fantasia e o mundo real. Ademais, o clássico frequentemente transita entre as duas esferas, ou age como um ímã, unindo os dois mundos em torno de uma realidade extra e ambivalente: formada por um tempo próprio e constituída por fenômenos ocorridos em locais pré-determinados para o acontecimento do jogo tão aguardado, mas também capaz de gerar sentido em ambientes além do estádio. Esta transição do Ba-Vi amador e aspeado para o Ba-Vi da era profissional, inserido na realidade cotidiana, sinaliza a migração do modelo assistência para a atual torcida.

A última referência do uso de aspas na denominação dos dois times ocorre em um jornal de 1938[124].

---

[124] POR 9x4, o "Bahia" derrotou o "Victoria". **A Tarde**, Salvador, 2 mai. 1938.

4.3 POSTULADOS ENTRE O LÚDICO E A CULTURA: A NECESSIDADE DO PRAZER DE VENCER

Uma interpretação dos textos dos jornais indica que a reunião de pessoas para vibrar juntas em um jogo entre Bahia e Vitória configura-se muito mais que um fenômeno fisiológico ou biológico. Trata-se de uma manifestação localizada no âmbito da cultura. A torcida , assim, representa esta dimensão da vida em que se torce, ou melhor, se distorce a chamada "realidade"; atraindo em si e para si, indivíduos dispostos a partilhar emoções e símbolos, mediante a crença em um determinado jogo entre Bahia e Vitória. De acordo com as representações do clássico Ba-Vi encontradas nos textos dos jornalistas, as pessoas da torcida colocam mesmo em jogo um algo diferenciado da realidade cotidiana. Este algo-mais representa a superação das necessidades objetivas da vida e dá uma sensação de vitória, o prazer de vencer o rival, representante metafórico das adversidades da existência, como um enigma a ser decifrado num mito: é esta emoção que parece resultar no maior sentido à existência da torcida, como verificaremos a seguir, em um exercício que pode recuperar no torcedor sensações ancestrais relacionadas à sobrevivência e à vitória sobre ameaças originárias da vivência na natureza das selvas originais e das primeiras cavernas, em ambientes inamistosos repletos de perigos. (FREUD, 1912)

Este algo-mais está fortemente relacionado ao desejo de vencer o outro, em situações de jogo só estabelecidas caso o torcedor aceite o convívio do ambiente do estádio, embora salte este mesmo ambiente para produzir sentido também no pós-jogo. O algo-mais é o próprio sentido da torcida, imersa em um ambiente de intensa competição. É o sentido da torcida, enquanto estima, um significado compartilhado que permite a identificação, o pertencimento e a intersubjetividade. É a sensação de ser superior porque "meu time venceu o da torcida rival". É uma sensação extensiva ao jogo do cotidiano, mesmo depois de encerrada a partida. É a hora do divertimento, quando o torcedor escarnece de seu contrário. Mais que a vitória de seu time, o torcedor fica muito feliz com a derrota alheia. Esta sensação é localizada no material de pesquisa, em metáforas que, na interpretação dos jornais, ajudam a desenhar os seus contornos difíceis de definir: "A goleada sobre o maior rival "lavou a alma" da torcida rubro-negra"[125].

---

[125] VITÓRIA dispara goleada no Bahia. **A Tarde**, Salvador, 12 ago. 1993

Talvez se possa chegar mais próximo do que se pretende dizer com a expressão sabor ou prazer de vencer. Provisoriamente, vamos chamar o algo-mais que se ganha no clássico Ba-Vi, de prazer de vencer, seguindo a trilha para alcançar o delírio tão almejado. A partir de postulados que levam em conta a relação entre a esfera do lúdico e da cultura (HUIZINGA, 2007), foi possível identificar algumas das tentativas de explicar a torcida e que tornam-se impossíveis de sustentar por não levarem em conta o algo-mais, aquilo que se coloca em jogo quando é configurado o duelo de torcidas em um Ba-Vi: o prazer de vencer.

A torcida seria um resultado de descarga de energia vital superabundante. Mas, sem a busca do êxtase dos estádios, gerada na vibração suprema dos gols e das vitórias, bastaria a utilização desta descarga durante os jogos e, logo, o agrupamento humano voltaria a se aquietar. Não é isso que ocorre; ao contrário, o prazer de vencer leva a torcida a se animar ainda mais nas grandes vitórias depois dos jogos.

É possível pensar a torcida também como a satisfação de uma tendência à imitação. Assim, funcionaria como reprodutora de situações do cotidiano. Mas, sem o algo-mais, o prazer de vencer, esta proposta quase cênica para entender a convivência social nas arquibancadas, ficaria esgotada ao final do jogo que, assim, seria comparável a uma peça teatral. Após cada partida, vista aqui como uma ferramenta de catarse coletiva, os torcedores estariam tranquilos, depois de terem desempenhado, cada qual, o seu papel; no entanto, o que acontece é uma vibração intensa nos momentos das vitórias que levam ao delírio.

Outro postulado derivado da inserção do lúdico na cultura aponta que a torcida seria resultado de uma necessidade coletiva de distensão: um meio de escoar emoções represadas no cotidiano, como em um gigantesco psicodrama coletivo. Ocorre que, sem o sabor especial das vitórias, esta função implicaria uma enfadonha terapêutica de massas, cujo resultado seria a conformação das pessoas em um perfil de equilíbrio e moderação, o oposto do que se vê no comportamento de ensandecidos torcedores dispostos a conquistar o prazer de vencer e a consequente sensação do delírio.

A torcida seria ainda uma forma positiva de incluir as pessoas na preparação de tarefas e na elaboração coletiva de emoções, como um treinamento da vida real. Mas, sem o algo-mais, o prazer de vencer, não haveria como estimular o torcedor em busca do êxtase neste cenário similar a um exercício obrigatório. A torcida seria, assim, uma instituição regida por severos códigos de disciplina, e não uma massa informe, flexível e mutante, sempre ávida pela indisciplina emocional.

Esta indisciplina se revela no descontrole verificado na sensação do delírio que produz o comportamento coletivo rotulado de anormal em relação ao padrão do cotidiano sério e

controlado do dia a dia dos torcedores quando são cidadãos em seus afazeres sociais, fora do estádio. O povo das arquibancadas pode também ser pensado como um exercício de autocontrole indispensável para o indivíduo ajustar-se às necessidades cotidianas de partilhar emoções. No entanto, a ausência, nesta definição, do algo-mais, do prazer de vencer, não permite encontrar sentido em um objetivo tão racional. Originada de um determinado impulso de jogo, a torcida teria também uma capacidade de competir e dominar. Mas, como esta dominação seria exercida se não houvessse um prêmio especial para festejar as vitórias? Como perceber e sentir este controle, sem o interesse pelo algo-mais e o prazer de vencer, que é o objetivo da vitória?

Outra oportunidade de pensar a torcida, esta bem aceita no cotidiano, talvez por ser mais fácil de entender, é a metáfora da *v*álvula de escape para emoções reprimidas e que poderiam colocar em risco a nossa sobrevivência. Mas, assim, como seria possível deslocar o "real" para o "escape" sem um prêmio especial para viabilizar esta transferência?

É possível pensar a torcida, também, como realização do desejo contido ou uma ficção partilhada destinada a preservar os valores da coletividade, mas ainda assim, ficaria, como em todas as outras explicações, uma lacuna do algo-mais, a falta do prazer de vencer, que indica uma sensação mais intensa e se revela como a melhor recompensa emocional para dar motivo de existência à torcida no clássico Ba-Vi. Embora não seja a proposta deste trabalho discutir a torcida em relação ao existencialismo, a intensidade da dedicação dos torcedores ao time remete à celebre frase do filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard (1995): "Somente um interesse apaixonado pode levar o sujeito a existir plenamente".

Não há como aceitar alguma destas tentativas de definir a torcida de futebol, sem o interesse apaixonado pelo algo-mais, ou o acréscimo da sensação que descrevemos provisoriamente como o prazer de vencer e, em consequência, tripudiar do adversário vencido. Este era um dos valores básicos da origem do esporte moderno, que a torcida inverteu, instituída como local de intensa rivalidade e antipatia mútua. Na transição da assistência para a torcida, humilhar o adversário, tanto quanto possível, e com a maior intensidade, passou a ser o objetivo primeiro de um torcedor: vibrar pelo time vencedor e extrair do efeito desta vitória uma sensação de existir mais feliz, superior ao adversário, o algo-mais tão desejado no estádio e no cotidiano.

As definições reducionistas com base na psicologia e na biologia também são limitadas por não levarem em conta este algo-mais, que não se encontra nas funções de descarga de energia excessiva, de distensão após esforço ou de preparação para a vida. A compensação aos desejos insatisfeitos, em exercício de sublimação, também nos parece

incompleta, por não explicar por que, mesmo ao satisfazer desejos, simbolicamente, ainda assim, voltamos a sentir o desejo irrefreável do algo-mais no próximo embate, como uma pulsão incessante por gols e vitórias: um sucesso pleno, mas temporário, sempre colocado em jogo, sem uma garantia de ser duradouro, pois logo após um Ba-Vi, virá o próximo e o time que ganhou um clássico, pode ser o derrotado a seguir. O torcedor está estimulado, sempre, num fluxo permanente, a buscar continuamente este algo-mais. Uma busca incessante e obsessiva pela vitória. A única certeza é a luta permanente pelo sucesso, e é esta busca contínua que dá o sentido de existir da torcida.

4.4 META-TORCIDA: A TORCIDA ALÉM DELA PRÓPRIA E OS CAMINHOS PARA CHEGAR AO DELÍRIO

Uma característica une todas as tentativas anteriores de definição da torcida e torna-se um pressuposto comum a todas elas: a torcida se acha ligada a alguma coisa que não é a própria torcida. Está ligada ao clube, à família e à sociedade, ao mundo externo aos estádios. Há nestas explicações algo em comum: a torcida é mais do que ela própria. Ao aprofundar a questão, a abstração chega a tal ponto que a razão de existir e os objetivos da torcida passam a assimilar respostas tão diversas que tendem mais a completar-se em vez de excluir-se: trata-se de um exercício intensivo de múltipla interpretação. Para evitar esta armadilha, que não levaria a conclusão alguma, em um olhar excessivamente multidisciplinar, fixamo-nos nos seguintes pressupostos: a torcida se alimenta de algo mais: a busca por ser a melhor e conquistar o prazer de vencer, no confronto diante de seu rival; e a torcida ultrapassa a si própria enquanto fenômeno.

A vivência do que chamamos torcida no estádio resulta em uma vivência fora dele, reunindo seus torcedores em uma comunidade simbólica que submete as categorias tempo e espaço, pois os adeptos de um determinado time permanecem juntos mesmo que não estejam fisicamente próximos. Este movimento vai além dos contornos da torcida, que a tornam visível, como ente coletivo que busca o algo-mais a cada confronto, e tem sua origem fora, antes e acima dela própria. A harmonia, o ritmo, a beleza da dança coletiva dão forma ao grupo de pessoas vestidas em trajes com cores iguais, como vimos na formação da auto-imagem: “A torcida do Vitória pintou a cara e coloriu a Fonte Nova de vermelho e preto”[126].

---

[126] VITÓRIA campeão de ponta a ponta. **A Tarde**, Salvador, 14 dez. 1992.

Esta busca da beleza e da graça, em coros de exaltação ao time e de ódio ao rival, leva à aparência da torcida; assim é que a torcida estimula paixões e fornece as bases para o delírio coletivo que alegra multidões no confronto Ba-Vi. A intensidade da torcida e seu fascínio por si mesma, na construção de seu perfil, com base em valores aceitos socialmente como superiores, dispensam análises físicas ou quantitativas similares às das ciências experimentais. Este fascínio torna impossível medir ou dimensionar o perfil da torcida. Vamos nos manter em quatro pressupostos: a torcida quer algo-mais, o prazer de vencer; a torcida corresponde a uma instância além de si mesma; ela se constrói coletivamente em uma aparência homogênea; e assim, fascinada pela busca incessante do algo-mais, a torcida chega ao delírio tão desejado, sua plena razão de existir, a realização de seu interesse apaixonado.

Como vimos, o algo-mais, que chamamos prazer de vencer, tem como referência mais próxima a sensação do delírio, referenciada pelos jornalistas, nos momentos de satisfação plena do torcedor: "Com 2 a 0 a seu favor, a torcida do Bahia entrou em delírio total. Faltando cinco minutos para o término do clássico, dois torcedores tricolores invadiram o campo, um deles de bandeira e tudo, para extravasar a alegria pelo triunfo tão aguardado".[127]

Quando a torcida ainda não se havia afirmado em relação à assistência, a sensação do delírio era circunscrita ao gramado e aos ambientes internos dos clubes, pois não se admitia nas arquibancadas gestos que poderiam ser considerados "insanos", característicos de vibração intensa, como pular, gritar e abraçar pessoas que nem se conhece, somente porque o time fez um gol ou obteve uma bela vitória. Os jogadores, dirigentes, treinadores e os mais fervorosos fãs, no entanto, já sabiam o que era a sensação do delírio: "No vestiário do Bahia, o delírio era indescriptível! Romeu era carregado pelos seus companheiros. Bandeirinhas tricolores em grande quantidade, eram agitadas no ar."[128]

Já em 1944, o delírio está presente na arquibancada e ocorre em lugar determinado, uma sensação partilhada por uma coletividade acostumada a participar dos jogos em um espaço combinado previamente, ainda no Campo da Graça: "O delírio da torcida tricolor foi indescritível, principalmente no lado B".[129]

O ano de 1953 é um marco para se entender como a sensação de delírio tomou conta dos estádios baianos, em oposição ao antigo comportamento da plateia que se pode descrever como pacato, ordeiro, sóbrio e até mesmo apático. Foi em 1953 que o Vitória conquistou o

---

[127] A resposta do Bahia. **A Tarde**, Salvador, 30 mai. 1994.
[128] O S.C. Bahia conquistou, invicto, o título de tetracampeão bahiano. **A Tarde**, Salvador, 20 nov. 1936.
[129] O gol da vitória surgiu no último instante da peleja. **A Tarde**, Salvador, 2 jun. 1944.

título de campeão da cidade, depois de 44 anos, e assim, fortaleceu a rivalidade com o Bahia, que até então era tido como imbatível.

Para se ter uma ideia do que representou esta conquista, na relação entre os dois rivais, até hoje, o Bahia tem uma considerável vantagem de 43 campeonatos conquistados contra 26 do Vitória, que levou 22 anos para ganhar um título, contando-se a partir da fundação do Bahia em 1931, ou 44, se fizermos a conta a partir do título anterior, obtido em 1909. A alternância nas conquistas passa a ocorrer ao tempo em que o delírio se intensifica como componente decisivo para caracterizar o perfil das torcidas. Ao destacar o delírio dos torcedores, a imprensa ajuda a instituir esta característica como parte inseparável da torcida, atiçando o desejo de superar o rival, a cada clássico:

> Futebol é espetáculo, é arte. Futebol é, também, alegria aos olhos, é vida para alma. Ontem, por exemplo, naquela tarde "cinzenta" como a empanar mais um pouco, o pleno advento da primavera, o bom público foi premiado – sim, premiado, eis o termo – com 90 minutos. A sua conduta na avalanche do seu entusiasmo, juntou-se na suplementação e no coroamento do magno espetáculo. O verdadeiro delírio que em ondas sucessivas e intermitentes sacodia os torcedores contagiava a todos inclusive aos mais sóbrios. E o eco destas emoções, no exuberante calor, parecia materializar-se para galvanizar, ainda mais, revitalizando novas energias, ampliando ao máximo de per si aos jogadores e novamente as equipes o rendimento tático e técnico, superando as mais otimistas perspectivas[130].

Desde então, o delírio é experimentado pelos rubro-negros, quando o time do Vitória alcança o título de campeão, partilhado entre os jogadores e os torcedores: "Os punhos cerrados, socando com raiva o vazio, buscando um delírio das bandeiras de listras vermelhas e pretas"[131]. O jogador que se identifica com a torcida, na busca deste delírio, recebe dela uma premiação significativa, o nome gritado, os aplausos, os gritos, o pleno reconhecimento:

> O goleiro saiu do gol e André tocou com categoria, com raça, com amor e saiu correndo em direção a sua torcida. Era o primeiro gol, um grito de raiva de todo um povo que há sete anos esperava este título. A torcida grita, incentiva o seu atacante. Por instantes, o silêncio, a expectativa da torcida do Vitória. De braços abertos, jogando beijos, ele corre desesperado para a torcida. Um torcedor pula para abraçá-lo, tudo é festa. Uma tarde rubro-negra. Ele só pôde ver mesmo as redes balançando, enquanto André corria para a torcida, explodindo de contentamento, provocando um delírio nas arquibancadas. Neste instante, começou a festa da conquista do título de campeão baiano de 72, pelo Vitória(TRIBUNA DA BAHIA, 1972)[132]

---

130 FUTEBOL soberbo. **A Tarde**, Salvador, 28 set. 1953.
131 CAMPEÃO. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 26 abr. 1971.
132 UM título se ganha assim. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 18 dez. 1972.

André, tido como o jogador-símbolo do Vitória[133], é a referência de delírio para a torcida: "O gol, as palmas, o delírio da torcida do Vitória, o seu nome gritado em todo o estádio: André, André, André, a corrida até a pista e algumas palavras em meio a emoção".[134]

Uma boa demonstração de intenso delírio ocorre quando um dos times aplica uma goleada, por si, uma situação humilhante, em se tratando de um clássico: "A torcida do Bahia foi ao delírio ontem à tarde na Fonte Nova. Atônita com o inesperado, ela nem sabia como comemorar placar tão elástico sobre seu mais ferrenho adversário"[135]. O delírio provocado pelas goleadas vem acompanhado do sabor de uma boa surpresa, afinal, o clássico pressupõe um certo equilíbrio de forças por conta da tradição e do retrospecto:

> O torcedor tricolor mais fervoroso jamais arriscaria que o Bahia vencesse o primeiro clássico contra o Vitória, neste ano, com tamanha facilidade. Afinal, ganhar de 3x0 do campeão baiano sem precisar usar todo o talento de suas estrelas principais foi demais. Cláudio Adão, duas vezes, e Leandro, assinalaram os gols e levaram a galera ao delírio...(ATARDE, 1986)[136]

Um dos aspectos que pode influenciar na intensidade do delírio é a marcação de um gol nos momentos decisivos da partida, impedindo o adversário de tentar o revide:

> A torcida do Vitória sofreu desde os 41 minutos do primeiro tempo, quando Carlinhos marcou, de cabeça, o gol do Bahia e já não tinha mais esperanças do empate... aconteceu o que a torcida do Bahia nunca imaginava: dois minutos depois do tempo normal, prorrogado devido a algumas paralisações, surgiu o gol de empate do Vitória... aos 47, Lula fez o gol de empate, fazendo vibrar a torcida rubro-negra que foi ao delírio(ATARDE, 1985)[137].

Jogadas diferenciadas, executadas por atletas dos quais não se espera o lance inusitado, provocam a sensação de delírio. São demonstrações de superioridade de um jogador que se dá ao luxo de iludir o adversário com algum improviso de efeito incomum: "Com a bola dominada, Tonho saiu jogando para o delírio da galera rubro-negra, que desta vez ficou satisfeita com a garra do seu time"[138].

Registra-se a sensação de delírio também em situações de superação de uma crise ou de um estigma, quando um time obtém uma vitória capaz de aliviar carga dramática originária

---

[133] Caderno especial do aniversário do Vitória, encartado no jornal Correio, em 13 de maio de 2009, tem como principal foto da capa o jogador André, comemorando um gol. Editado pelo autor.
[134] VIOLÊNCIA. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 14 mai. 1973.
[135] BAHIA humilhou o Vitória com uma histórica goleada. **A Tarde**, Salvador, 19 mai. 1986.
[136] BAHIA não encontrou dificuldades. **A Tarde**, Salvador, 24 fev. 1986.
[137] VITÓRIA tira Bahia da classificação. **A Tarde**, Salvador, 2 set. 1985.
[138] COM triunfo, Vitória quebra "escrita". **A Tarde**, Salvador, 25 jun. 1988.

de contexto adverso: “Delírio total da torcida rubro-negra, que esqueceu as agruras anteriores e fez uma festa para o seu rei Arturzinho”[139].

Este “rei” Arturzinho, por ser um ídolo, na mesma linhagem de André, nos anos 1970, também é capaz de acionar a sensação do delírio, no momento da conquista de mais um título para o Vitória: “Ele foi para a galera, em delírio, e presenteou a torcida com uma das duas camisas que vestia”[140]. A sensação disseminada de delírio faz os torcedores colocarem em segundo plano a segurança pessoal, em atitudes impensadas que não teriam coragem de tornar realidade, não fosse o estímulo da vitória, pelo prazer obsessivo de vencer:

> Um torcedor resolveu pular o alambrado e quebrou o braço. O comerciante Joseval Viana Marques se sentiu mal e desmaiou. Um vizinho de prenome Marcelo o conduziu até a ambulância do Corpo de Bombeiros, onde foi socorrido pelo médico da Federação Bahiana de Futebol, Luís Pinto Coelho, que diagnosticou hipoglicemia, devido ao excesso de bebida alcoólica. Era o delírio da torcida que acreditou no seu time(ATARDE, 1992)[141].

O delírio dos torcedores serve ainda de estímulo para os jogadores, que vêem na satisfação de sua torcida um bom motivo para se esforçar mais visando à marcação de gols importantes para a construção da vitória: “A torcida rubro-negra foi ao delírio e o jovem artilheiro saiu de campo chutando, mas de alegria”[142].

Também se observa a sensação de delírio nos momentos em que um dos times interrompe uma sequência de derrotas para o adversário. O alívio de não conseguir derrotar o arquiinimigo intensifica a delícia que o delírio provoca: “Depois de ficar um ano e 20 dias sem vencer o Vitória, o Bahia conseguiu derrotar o principal adversário por 2 a 0, ontem à tarde, na Fonte Nova, e lavou a alma da torcida tricolor, que entrou em delírio total”[143].

A sensação do delírio espalha-se pelo estádio, provocada pelas belas jogadas dos ídolos, aqueles jogadores diferenciados e capazes de cativar o torcedor por causa de lances especiais. São os craques, como se convencionou chamar: “Uma jogada de efeito de Uéslei. Delírio nas arquibancadas. Do outro lado, delírio quando aparece o nome de Petkovic”[144].

O delírio também é destacado nos textos de jornais nos momentos em que um dos times impõe uma derrota capaz de humilhar o adversário, deixando o rival eliminado, que é como se diz, no jargão esportivo, o time sem chances de disputar uma classificação para avançar rumo ao título de campeão, auge da disputa que inspira a sensação do delírio mais

---

139 VITÓRIA ganha jogo. **A Tarde**, Salvador, 12 out. 1992.
140 VITÓRIA campeão de ponta a ponta. **A Tarde**, Salvador, 14 dez. 1992.
141 Idem, ibidem.
142 DELÍRIO de artilheiro. **A Tarde**, Salvador, 19 mar. 1984.
143 FIM do tabu. **A Tarde**, Salvador, 23 mai. 1994.
144 EMPATE por 1x1 num Ba-Vi cheio de emoções. **Correio da Bahia**, Salvador, 27 mai. 1998.

intenso. Quando, a esta eliminação, se acrescenta a felicidade de uma goleada, o delírio é ampliado: “Com um futebol eficiente, digno de um campeão, o tricolor manteve a invencibilidade no certame ao vencer o Vitória por 3x0, ontem à noite na Fonte Nova, levando a torcida tricolor ao delírio”[145].

4.5O CULTO AO DELÍRIO PELO ENTUSIASMO CONSTANTE DA TORCIDA

Neste ambiente só para iniciados, o hino do Bahia compõe uma narrativa mais valorizada em razão de seu poder de mobilização: “Há algum tempo o torcedor tricolor não cantava o hino do clube com tanto orgulho e alegria”[146]. O refrão do hino, composto por Adroaldo Ribeiro Costa (CALMON, 1973; MENDES, 1999) é o grito que mais identifica o torcedor do Bahia: “A torcida parecendo motivada com o que via, começava a gritar “Bahia, Bahia, Bahia” e as jogadas de ataque aos poucos iam aparecendo”[147]. O Vitória também tem no seu hino mais recente uma forma de manifestação: “A vibração era tanta que superou o tricolor em estilo, cantando durante o jogo o belo hino do clube, composto por Waltinho Queiroz. Com o refrão da música, o Vitória foi muitas vezes ao ataque tricolor.”[148] Cantar o hino é o momento máximo da satisfação dos torcedores, nos momentos que seguem ao delírio.

Para a torcida do Bahia, especificamente, chegar ao delírio é também um motivo de orgulho em razão dos títulos de campeão que eram frequentes até o início deste século XXI[149]. A identificação do Esporte Clube Bahia com as cores e o nome do Estado criou uma sensação de simbiose do time com a esfera institucional. O perfil do clube é plenamente associado aos principais símbolos estatais. No mecanismo de jogo duplo, o Bahia institui-se, assim, uma entidade com representações similares às do Estado dentro da Bahia. A expressão nação tricolor, largamente utilizada para referenciar a torcida do Bahia, dá a ideia desta construção bivalente: o clube refere-se à nação; e a nação refere-se ao clube. Se Nelson Rodrigues (1993) escreveu que a Seleção é a “pátria de chuteiras”, o Bahia seria, comparativamente, o “Estado da Bahia de chuteiras”.

---

[145] VITÓRIA praticamente fora. **A Tarde**, Salvador, 29 ago. 1991.
[146] RAÇA do Bahia encheu de orgulho a torcida tricolor. **Correio da Bahia**, Salvador, 7 jun. 1966.
[147] EMPATE foi injusto para o Bahia. **A Tarde**, Salvador, 24 mai. 1982.
[148] CHUVAS ameaçam realização do jogo. **A Tarde**, Salvador, 31 mar. 1986.
[149] O Bahia é o segundo maior vencedor de títulos estaduais, 44 vezes, superado apenas pelo ABC do Rio Grande do Norte. Ganha títulos desde o ano de fundação, em 1931, embora tenha interrompido suas glórias em 2002, ano da conquista mais recente, campeão do Nordeste.

Os jornais constituem força inegável no sentido de instituir esta associação do Bahia com a comunidade onde o clube está sediado, mesclando símbolos cívicos como o nome e as cores a uma agremiação desportiva representativa. O primeiro time a conquistar o título de tetracampeão é assim referenciado, na edição de jornal que festeja esta glória: "justamente aquele que na sua flâmula tem as três cores de nossa terra e o seu nome é também o do nosso estado: Bahia!"[150]. O entusiasmo pelo Bahia, desde a origem, fortalece o embrião desta ideia do duplo: a nação-clube e o clube-nação.

O Bahia oferece à assistência a sensação de agradável surpresa[151], originada da imprevisibilidade e da incerteza do resultado. A súbita mudança de rumo na decisão, nos minutos derradeiros, sinaliza ao Bahia, fundado em 1º de janeiro de 1931, uma das características do que se convencionou chamar de nação tricolor: a crença inabalável na superação da tensão proveniente da incerteza do jogo[152].

Os integrantes desta nação tricolor passaram a acreditar, desde os primeiros anos, como componentes do perfil do clube, na persistência e na capacidade de obter vitórias difíceis nos últimos minutos, em um fenômeno que começou ainda na era da assistência, quando o Bahia conquistou seu primeiro triunfo, tido como "impossível", no torneio início de 1932:

> Jogaram, então, a partida final, o Ypiranga e o campeão do anno passado. Essa luta foi sobremodo importante; teve lances sensacionaes. E até os ultimos dois minutos, toda a assistencia, que já se retirava do estadio, estava convencida de que a victoria auri-negra era um facto, quando o "Bahia" conseguiu 1 goal e se tornou campeão do torneio, por 1 goal contra 1 escanteio... Daí tornar-se maior mérito do belo triunfo, conquistado a custa do esforço e da persistência de uma plêiade de jovens entusiastas que não mediram sacrifícios para alcançar a palma tão ambicionada(ATARDE, 1944)[153]

---

[150] SURGIU o tetra-campeão. **A Tarde**, Salvador, 13 nov. 1950.

[151] Sobre o princípio de imprevisibilidade e outros atributos que fazem do futebol o esporte mais surpreendente, consultar WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio. O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P. 120-154. Cf também a tensão e a incerteza no jogo in HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1997.

[152] Em 1945, o Bahia marcou três gols no segundo tempo e conseguiu um incrível empate de 4x4 com o Galícia para sagrar-se campeão; já em 1952, o Ypiranga jogava melhor e chegava ao título depois de marcar o gol de empate por 2x2, quando Gereco desempatou para o Bahia, aos 45 minutos do segundo tempo. Cf. REIS e CASAES (2000:32). Em diversas outras ocasiões, como nas decisões de 1976 e 1979, registra-se a sensação de delírio em triunfos que beiram ao absurdo, por parte da torcida do Bahia, mas o momento mais intenso, sem dúvida, veio na decisão de 1994, quando o tecnicamente mediano atacante Raudinei marcou o gol do título, nos acréscimos. Cf. GOMES, Luís Antônio (2007). **RAUDINEI aos 46. Um gol que entrou para a história do Bahia**.

[153] O gôl da vitória surgiu no último instante da peleja. **A Tarde**, Salvador. 2 jun 1944.

Este estímulo em acreditar até o fim, nascido desta vitória inesperada e reforçada pela narrativa do jornal, acrescentou-se à alegria que o futebol partilhou com o Carnaval[154], outra manifestação cultural brasileira capaz de movimentar multidões. Nesta perspectiva, ao unir-se ao Carnaval, enquanto entidade representativa do futebol, o Bahia ajuda a promover uma horizontalização dos relacionamentos, mesmo em uma sociedade hierárquica, como sugere DaMatta (1985; 1986; 1994). A igualdade de condições entre os membros da comunidade tricolor, como extensão de um sentimento verificado em todas as pessoas envolvidas no ambiente esportivo, resulta da compreensão e aplicação de regras universais em uma sociedade vertical. Deste contexto, emerge um espaço com feições democráticas, graças ao estímulo de práticas de cidadania no exercício igual de direitos e deveres dentro do futebol e, particularmente, do clube, pois o futebol "proporciona uma experiência exemplar de legitimidade e de acatamento de leis" (DaMATTA, 1985:28).

A ligação entre futebol, carnaval e nação, fortalecida pelo Bahia desde seus primeiros anos de fundação, nutre esta visão damattiana do futebol, como vivência intensa da igualdade, embora não se deva evitar a ingenuidade de um essencialismo 'racial', como se a torcida, em-si, por ser "baiana", "miscigenada", carregasse a certeza de uma integração inata. Em vez de determinada por uma suposta 'mistura', esta torcida é construída historicamente, no cotidiano da relação com o clube, mediada pelos jornais que ajudam a instituir a torcida, ao tempo em que se reinventam pelo efeito obtido com a recepção diária do produto à venda: a notícia esportiva.

Neste passo, rejeitamos a ideia amplamente disseminada de que o futebol é um mero instrumento ideológico do Estado. Identificado ao Estado da Bahia pelos nomes e pelas cores, o clube integrou-se à sociedade por meio da participação de seus torcedores e associados em uma das manifestações culturais mais significativas, além do futebol. Os tricolores aderiram ao Carnaval e o jornal dá um tom positivo a esta intensa associação cultural:

> [...] S.C. Bahia tem levado a effeito varios "assustados"[155] em sua rica e elegante sede, ao Acupe de Brotas, e vai dedicar, agora, uma serie dessas apreciadas reuniões dansantes aos clubes carnavalescos. Ao que estamos informados, no proximo sabbado, será realizado o primeiro da serie do Cruz Vermelha; depois, no sabbado immediato, o primeiro dos Fantoches, seguir-se-á o dos "Innocentes", para realizar-se o segundo do Cruz Vermelha, tudo enfim, sob esta ordem aqui traçada. A directoria do gremio tricolor deliberou

[154] Além do futebol e do Carnaval, o sociólogo Gilberto Freyre relaciona a cachaça e o jogo do bicho como manifestações inerentes à identidade do brasileiro médio, conforme a leitura de sua obra-prima, **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998, 34ª edição.

[155] "Assustado" é como se denominava, nos anos 1930, um encontro de foliões como ensaio para o Carnaval; nas décadas seguintes ficou conhecido também como "grito de Carnaval".

> prestar, assim, significativa homenagem a essas applaudidas aggremiações do reinado de Momo. É certo, pois que ella alcançará pleno successo(DIÁRIO DE NOTICIAS, 1934)[156]

Outro aspecto que associa o Bahia ao Carnaval, como vimos, é o hino composto pelo jornalista Adroaldo Ribeiro Costa, que assinava suas crônicas como Drodoala, no jornal A Tarde. Drodoala registrou, por meio da composição, as ideias de entusiasmo e alegria, componentes inseparáveis, até hoje, do perfil de uma torcida que jamais desiste da felicidade de delirar. Ao mesmo tempo em que registrou o comportamento dos tricolores, o jornal ajudou a instituir o perfil de uma torcida vibrante: "4º goal do Bahia. Romeu machucado, sai de campo e entra Tintas. Sandoval, solto, perde porque Carapicu ainda pode fazer corner como recurso. Começara a vibrar a "torcida" do Bahia"[157].

O verso em Calmon (1973,p 50) "Ninguém nos vence em vibração" dá bem uma ideia do ufanismo, da exaltação e da crença inabalável em chegar ao delírio. "Ouve esta voz que é teu alento" e "Somos do povo o clamor" são dois outros fragmentos da letra do hino que costumam empolgar os torcedores no estádio, ao tempo em que estimulam os jogadores em campo.

Comumente, ao chegar ao delírio de um gol ou uma vitória, a torcida começa a cantar o hino composto por Drodoala. No refrão, os tricolores costumam gritar em delírio, "Baêa! Baêa! Baêa!", adaptando à oralidade a palavra Bahia, nome do Estado. A composição de Adroaldo Ribeiro Costa captou este espírito coletivo em busca do delírio das vitórias, característica que se observa desde o nascimento do Bahia, ainda que a assistência se manifeste discretamente, nos primeiros anos, em aplausos bem-comportados: "A "inchada" tricolor ovaciona seus "pupillos", incitando-os à virada. O time do Bahia vibrou com esses applausos, os tricolores reagiam fortemente, pondo em panico, constantemente, a defesa do "rubro-negro" que, graças a sua severa vigilancia, não cahiu mais uma vez[158]". Esta satisfação remete ao verso "Ninguém nos vence em vibração", outro fragmento da letra do hino ao Bahia, cantado em ritmo adaptável ao Carnaval e sucesso constante da folia de Momo desde a criação do trio elétrico (GOES, 1982), que coincide com a popularização do hino. Uma exceção ao gênero musical marcha, mais apropriado aos hinos de clubes.

O perfil alegre do Bahia se evidencia já nos primeiros anos do clube, ainda na vigência da assistência. Os encontros entre os tricolores pioneiros eram realizados na Confeitaria Chile,

---

156 O S.C. Bahia e os clubs carnavalescos. **Diário de Notícias**, Salvador, 5 nov. 1934.
157 O S.C. Bahia conquistou, invicto, o título de tetracampeão bahiano. **A Tarde**, Salvador, 20 nov. 1936.
158 S.C. Vitória, terror do returno. **A Tarde**, Salvador, 23 out. 1939.

localizada no centro antigo de Salvador, como passou a ocorrer nas conquistas, que já eram frequentes nos anos 1930, a despeito de o clube ter nascido em 1931.

> A directoria do S.C. Bahia tem a grata satisfação de convidar os componentes de suas equipes, seus directores e associados a comparecerem hoje, às 21 horas, a "Confeitaria Chile", onde será servida "champagne" primeira homenagem aos valorosos, invictos, campeões bahianos de 1936[159].

Separada das outras, por ter surgido depois, a assistência do Bahia ocupou, na origem, o único setor do estádio ainda disponível, mas já revelava o pendor para o entusiasmo: "... O delírio foi indescritível, principalmente no lado B..."[160]. O culto constante ao delírio, que se ampliou e se fortaleceu na virada da assistência para a torcida, levou a vitórias também nas arquibancadas, mesmo quando o adversário contava com orquestra ou charanga, como se chamava a reunião de um grupo de músicos para animar o estádio: "O "Bahia" ganhou o jogo desde quando a sua torcida suplantou os clarins e a batucada".[161]

No período de superação da assistência, o Bahia é valorizado como maior vencedor, apesar do pouco tempo de fundação, realçando o efeito produzido por esta postura participativa, alimentando-se, assim, time e adeptos, em um círculo no qual um se abastece do que o outro segmento tem a oferecer. A assistência participa com os aplausos; em seguida, vem a torcida, substituindo a assistência, com os coros de incentivo e os xingamentos aos adversários, entre outras manifestações de pressão à arbitragem e intensa vibração pelos ídolos tricolores. O time entra nesta hipotética sociedade, com os gols e as vitórias. O resultado deste encontro é a sensação de chegar ao delírio. O jornal atua, neste cenário, como o meio que vai informar, divulgar e instituir esta torcida delirante e amorosa.

O Bahia associa, assim, o culto ao delírio à competência para as grandes vitórias, a despeito de ser um clube novato, mas que contribuiu decisivamente para a superação da assistência: "... o gremio, que conta apenas cinco anos de fundado, conquista títulos honrosos, como esse, para justo e grande envaidecimento de quantos, socios, directoria e adeptos em geral, lhe glorificam".[162]

Além da referência inicial ao bairro do Acupe de Brotas, por conta de estar sediado nesta localidade, o Bahia passa a ser conhecido como o clube do Canela, quando transfere a

---

[159] S.C. Bahia alcançou, invicto, o título de tetra campeão bahiano! **A Tarde**, Salvador, 20 nov. 1936

[160] O gôl da vitória surgiu no último instante da peleja. **A Tarde**, Salvador, 2 jun. 1944

[161] VENCEU o Bahia o grande clássico. **A Tarde**, Salvador. 12 set 1945.

[162] DE victoria em victoria, o Bahia vai ficando na vanguarda do campeonato da cidade. **Diário de Notícias**, Salvador. 27 jun 1936.

sua sede, espalhando-se desta forma por vários pontos da cidade, que a esta época concentrava a maior parte da população nestas regiões, atualmente consideradas centrais:

> Aqueles que, desapaixonadamente ou, mesmo, presas de regular dose de paixão, fizeram um "exame de consciência" do que foi o certame que agora se encerrou hão de compreender quão justas são as referências acima feitas ao tricolor do Canela(ATARDE, 1948).[163]

A "torcida do Canela" identificava os admiradores do Bahia pelo bairro onde o clube mantinha sua sede: "O segundo tempo começou equilibrado, mas não duvidada a torcida do Canela de uma façanha do seu clube"[164].

Neste contexto, o Bahia se constrói um clube vencedor, vibrante, carnavalesco e capaz de incríveis façanhas de superar o placar adverso nos minutos finais de um jogo. Ademais, passa a conquistar adeptos em vários pontos de Salvador, onde teve suas sedes. Desta forma, em processo acelerado de crescimento, o Bahia amplia sua força na disputa de espaço entre os frequentadores das arquibancadas de madeira do Campo da Graça.

> Fazendo jus à tradicional afirmativa que os tricolores alardeam, o Bahia venceu a decisiva partida de modo lícito, insofismável. Até os "rubro-negros" mais ferrenhos, sentiam que o fracasso da equipe era flagrante, ante a desenvoltura e acerto com que agitava todo o onze "tricolor" como uma máquina de seguro rendimento(ATARDE, 1945).[165]

O time "secundário" do Bahia, equivalente às atuais categorias de base, contribui para este orgulho de ser tricolor. É chamado "escola", palavra remetendo à ideia de local onde se aprende ou a um centro de difusão de conhecimento de como praticar o bom futebol: "A "equipe" secundária do S.C. Bahia, a celebre "Escola", que, vencendo a do Victoria, de 1x0, se firmou, ainda mais, na leaderança do campeonato ammadorista..."(ATARDE, 1940)[166]

Os jogos são apresentados com otimismo, na suposição de haver compradores de jornais entre os fãs da agremiação. É o embrião de um mercado até hoje inegavelmente capaz de influenciar na angulação do noticiário e na produção da pauta jornalística de esporte.

> [...] o Bahia, com as credenciaes de vencedor do último torneio inicio e em cujo quadro principal figuram elementos de mais evidencia no "foot-ball" local, apresentará um conjuncto bem treinado e coheso, cuja exibição

---

[163] E.C. Bahia, campeão da cidade. **A Tarde**, Salvador, 5 jan 1948.
[164] O Bahia às portas do tetra. **A Tarde**, Salvador, 30 ago. 1950.
[165] VENCEU o Bahia o grande clássico. **A Tarde**, Salvador. 12 set 1945.
[166] O Bahia retribuiu ao Victoria os 5x2 do segundo turno. O jogo foi falho de technica e entushiasmo. **A Tarde**, Salvador. 15 jan 1940.

> arrancará applausos de sua numerosa torcida(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1938)[167].

A torcida do Bahia não duvida de uma nova façanha do clube. Mesmo quando o Vitória está em igualdade no contexto do jogo, e é o sujeito do texto, registra-se a necessidade de fortalecer a resistência rubro-negra.

> Com o triunfo obtido na tarde nevoenta de ontem, o rubro-negro ficou em igualdade de condições com o seu rival como, principalmente deu ao seu quadro e aos torcedores maior dose de segurança para embates futuros, pois agora já se sabe que o tricolor pode dar virada mas há gente para aguentar o repuxo(A TARDE, 1950)[168].

O resultado parcial adverso, em vez de arrefecer o ânimo do Bahia, ao contrário, dá alento ao time, graças à participação da torcida. O verbo acreditar está presente na narrativa sobre o desempenho desta torcida, a partir da experiência das viradas no placar:

> [...]se o Vitória teve a sua fase de franca penetração na retaguarda adversária, o Bahia retrucou ao conquistar o seu tento de pênalti, degladiando-se seu ataque com o sexteto defensivo do rubro-negro, durante mais de 10 minutos, ininterruptamente. Foi uma ducha que não deixou a legião de adeptos do querido tricolor tomar fôlego. Desse minuto em diante, estimulados por fabulosa torcida, os tricolores se agigantaram no gramado(ATARDE, 1952)[169].
> Com esta façanha, o Bahia ganhou novo ânimo, entusiasmou o seu imenso público e tornou claro que ainda irá entrar no páreo pelo campeonato(ATARDE, 1953)[170].
> Faltavam 10 minutos para o epílogo da porfia. Vários espectadores, certos de que o jogo não sofreria alterações, deixavam o estádio. Foi aí, então, que a fabulosa torcida do E.C. Bahia se manifestou em sua plena força, demonstrando ser ela superior a de todos os demais clubes reunidos. Seguramente 70 por cento ou mais dos espectadores vibraram, deliraram e, assim prosseguiram a pedir o desempate(ATARDE, 1953)[171].

A torcida se orgulha dos períodos de partidas seguidas sem perder: “Manteve o Bahia sua invencibilidade (52 partidas), ao derrotar o Vitória, na tarde de ontem, no estádio da Fonte Nova, perante 15 mil pessoas"[172]. O título de primeiro campeão brasileiro é lembrado até hoje pelos torcedores, conforme destaque dedicado pelos jornais ao cinquentenário da façanha, completados em 2010[173].

---

[167] O início da temporada de 1938. O Victoria e o Bahia serão os preliantes. **Diário de Notícias**, 10 abr 1938.
[168] O Vitória correspondeu. **A Tarde**, Salvador, 6 nov. 1950.
[169] SEM jogar o Ipiranga. **A Tarde**, Salvador, 25 jan. 1952.
[170] FRUTO de “virada” sensacional: E.C. Bahia, campeão. **A Tarde**, Salvador. 13 jul.1953.
[171] DRAMÁTICO empate. **A Tarde**, Salvador, 28 set. 1953
[172] BAHIA encerrou o turno invicto. **A Tarde**, Salvador. 5 nov. 1962
[173] O jornal CORREIO publicou uma série de reportagens entre 25 e 29 de março de 2010 para comemorar a efeméride, assinadas pelo autor, então secretário de redação do periódico, em parceria com o repórter Marcelo Sant’Ana.

O Bahia ostenta em uma das duas estrelas, aplicadas sobre o emblema, na camisa do time, a referência a este título conquistado em março de 1960: “O grande clássico que recebeu inteiro apoio dos desportistas premiou ao vencedor da primeira “Taça Brasil”.[174] O delírio é, assim, atualizado pela memória. O acionamento do arquivo de glórias do clube ressignifica, a cada lembrança feliz, o delírio de ter conquistado títulos importantes. O jornal faz seu papel de lembrar estes momentos de glória, valorizar estas conquistas e, assim, fortalecer a instituição do delírio como sensação que dá sentido à existência de uma fervorosa torcida.

4.6 AS FONTES DE EMOÇÃO DA TORCIDA COMO ESTÁGIO PREPARATÓRIO AO DELÍRIO

Agora, que percebemos a torcida em busca deste delírio, podendo dizer que esta transcende a si própria e se vê na forma pela qual se constrói, e, assim, se identifica pelo fascínio que produz, cabe investigar o processo de vivência de uma torcida de futebol por meio do que o jornal ajuda a instituir como fontes de emoção. Para esta torcida alcançar o delírio, libertando-se momentaneamente da necessidade que dá seu sentido de existir, para logo inquietar-se de novo em busca de satisfazer seu desejo insaciável, ela passa por três estágios ou fontes de emoção, não necessariamente na ordem em que serão apresentados, e não necessariamente excludentes entre si.

O primeiro deles é a tensão: só existe a sensação do delírio, se houver antes a tensão em torno do desejo da conquista. Cria-se uma expectativa em torno da partida e só a partir da sua realização, pode-se conferir se aquela ideia preliminar do jogo tornou-se concreta ou não:

> Mesmo com o título assegurado por antecipação desde sexta-feira, a torcida rubro-negra compareceu em massa à Fonte Nova, na expectativa em ver sua equipe encerrar a temporada de maneira gloriosa, não dando oportunidade ao tricolor. Mas acabou saindo frustrada, em parte, pois o Bahia manteve a “escrita”, voltando a vencer bem, por 2 a 1, com um futebol bastante superior ao novo campeão baiano(ATARDE, 1985)[175].

A tensão caracteriza o torcedor durante o período em que a partida é realizada. Os níveis de tensão aumentam ou diminuem, a depender do desenvolvimento do jogo. Se o time está vencendo de goleada, diminui, pois o risco de perder é reduzido. Se o jogo mantém-se empatado ou o time está perdendo, a tensão aumenta. Erros constantes, notadamente no setor

---

[174] BAHIA arrasou Vitória no clássico dos mistos**. A Tarde**, Salvador, 16 out. 1960

[175] VITÓRIA fez a festa e o Bahia venceu o jogo. **A Tarde**, Salvador, 23 dez. 1985.

defensivo, também concorrem para aumentar a tensão: “A torcida do Vitória, calada, parecia preocupada com sua zaga, que não se entendia”[176].

Além da tensão, a sensação do delírio só existe, se houver a busca pela alegria, uma vibração positiva pelas vitórias, pelo sucesso. Mesmo nos momentos de derrota e de absoluta contrariedade, é na expectativa de buscar a alegria no delírio de uma próxima vitória que a torcida reúne forças para continuar: “Alegria mesmo só para os rubro-negros. Afinal, o Vitória venceu o Bahia por 1x0, mesmo sem atuar bem e errando muitos passes”.[177]

Outro aspecto é o divertimento: a distração, o entretenimento, o prazer, todas estas sensações agradáveis extraídas do ambiente lúdico estão implícitas à existência de uma torcida e de seu constante anseio pelo delírio: “As duas torcidas voltaram para casa contentes e cantando ao ritmo da *axé music*, antecipando o que será o Carnaval baiano”[178].

A reunião destes três estágios ou fontes de emoção - a tensão, a alegria e o divertimento - fornece as bases para se entender a busca da torcida pelo delírio como uma manifestação extremamente instável, pois passa de um para outro estágio facilmente. Tantas emoções, alinhadas ou superpostas, derivadas destas três fontes, levam, portanto, a uma quarta característica formadora do processo vivencial de uma torcida de futebol. É a instabilidade, originada da alternância de situações favoráveis e desfavoráveis em uma partida. “É pênalti. A torcida do Vitória se cala, num silêncio angustiante. A do Bahia, até então quieta, canta”[179].

Há uma agravante nesta instabilidade: como a realidade da torcida ultrapassa a esfera de si mesma, pois está relacionada a instâncias superiores e anteriores a ela própria, é possível a esta instabilidade permanecer atuante na “vida real”, após o jogo. O efeito do resultado positivo ou negativo de um clássico incide no humor dos torcedores depois de o árbitro determinar o final da partida.

Pelo exposto, não se pode estabelecer uma só definição para todas as torcidas, devido às peculiaridades de cada agrupamento humano: cada torcida tem uma realidade autônoma. Esta realidade, autônoma em relação às outras torcidas e em relação ao mundo exterior aos estádios, é estabelecida com base nos movimentos construídos graças aos efeitos das fontes de emoção do processo vivencial da torcida, em busca de alcançar o seu auge, a sensação do delírio, como vimos: a tensão; a alegria; o divertimento; e a instabilidade. Cada torcida vive sua própria experiência em determinados períodos e contextos que produzem a sensação de

---

[176] VITÓRIA campeão**. Correio da Bahia**, Salvador, 14 abr. 1997.
[177] VITÓRIA superior. **Correio da Bahia**, Salvador, 28 jul. 1997.
[178] FESTA nas arquibancadas. **Correio da Bahia**, Salvador, 24 maio 1999.
[179] VITÓRIA ganha de virada. **Correio da Bahia**, Salvador, 7 jun. 1999.

metamorfose no fluxo constante de mudanças no placar do jogo e das emoções das arquibancadas.

4.7A TORCIDA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE ALTO PODER DE INCLUSÃO

Estas fontes de emoção intensa, associadas ao interesse apaixonado e permanente pela sensação de delírio, fazem da torcida uma manifestação cultural de alto poder de inclusão, pois suas características permitem que alcance todas as classes sociais, tornando-se, assim, capaz de reduzir as fricções entre segmentos diferenciados por gênero e etnia. Como prova deste grande poder de inserção social, a torcida de futebol reflete e é refletida no contexto da cultura. A torcida cresce e agita, de tal forma intensa, a ponto de não se limitar ao território do estádio. Passa a integrar o cotidiano da cidade. Salvador acolhe as cores, os hinos, o jeito de ser e de vibrar dos torcedores, seus habitantes mais barulhentos. A torcida, por sua vez, transcende a proposta inicial de apreciar o espetáculo do jogo, como era seu perfil original, e passa a fazer parte dele, em suas manifestações, cantos e coreografias. O jornal registra este encontro de torcida e cidade a cada cobertura de clássico. E, assim, ao descrever aspectos desta mistura, institui seu casamento duradouro.

Observa-se o seguinte fenômeno: segue o jogo, mesmo após seu apito final, tornando a atmosfera do duelo uma sensação constante na vida em sociedade. O jogo não para; o resultado de mais um clássico fornece a matéria-prima para novas produções de sentido e representações entre os torcedores, mas não se limita ao período em que permanecem nas arquibancadas. O alcance da torcida vai além da sensação de delírio, cujo ápice se verifica no ambiente do estádio. O ritual do Ba-Vi transcende ao clima de uma disputa, de uma competição, e alcança ares de um panorama carregado de misticismo. O ritual do clássico oferece, em seu rastro, a imaginação de algo difícil de definir, uma ordem elevada de sentimentos e sensações, levando o torcedor a perder a calma, na sofreguidão por alcançar a plenitude do delírio no estádio.

Capaz de despertar e estimular interesses apaixonados, a torcida Ba-Vi ultrapassa a si própria e causa impacto em espaços sociais que não são propriamente o do futebol. Chegar ao delírio não basta: a felicidade intensa alcança outros ambientes.

> Desde cedo em conseqüência do 'clássico dos clássicos', a cidade sofreu movimento incomum. Por volta das 13 horas veículos de toda a espécie partiam dos bairros e, da Praça Municipal, então a afluência era das maiores, provocando verdadeiro assalto aos veículos coletivos, a despeito do grande numero destes. À porta do campo, graças a providencias que já tardavam, filas enormes eram organisadas, evitando o congestionamento e o ingresso dos terríveis "caronas"(ATARDE, 1947)[180]
> Pela manhã de ontem, ao passarmos por um grupo de gente, ouvimos a recomendação de um rubro-negro da velha guarda a alguns amigos, torcedores do Esquadrão de Aço: - Se vocês vão à Fonte Nova, levem suas aspirinas. O Vitória está com tudo e não perde para o Bahia, naquele campo(ATARDE, 1952)[181].

No movimento inverso, da cidade para o estádio, desenha-se um mosaico dos diferentes aspectos que constituem a cidade, em um panorama sócio-cultural capaz de construir um perfil mais aproximado da Salvador futebolística:

> Daí, a minha assertiva de que o encontro Bahia x Vitória foi um "clássico" dos que agradam os esportistas. Além disso, o espetáculo pitoresco e bahianíssmo da assistencia enchendo o Estadium, com uma variedade de grupos, clubes e sociais, encontráveis nas casas simples da Estrada da Liberdade, ou nos ricos palacetes da Barra Avenida, Graça ou Vitória [...] (ATARDE, 1953) [182]

A metamorfose de Salvador, no dia do grande clássico, dá bem uma idéia da força do Ba-Vi como manifestação cultural capaz de mobilizar milhares de torcedores em busca do delírio oferecido pelo seu time preferido:

> Desde o meio dia, que a cidade perdeu a sua tranqüilidade domingueira, quando centenas de veículos de todos os bairros cortavam as ruas centrais da capital, superlotados e diretos para a nossa praça de esportes. Os portões do estádio foram abertos às 11,30 e, àquela hora, já vários espectadores madrugavam ávidos para assistir ao grande jogo denominado, em boa hora "O Clássico das Multidões". E pela tarde a romaria foi imensa e ininterrupta, avolumando-se o número de pessoas e veículos extravasando, enchendo tudo. Uns levavam almofadas, outros, revistas e jornais, cadeirinhas que proporcionam melhor conforto no cimento das arquibancadas, todos levando consigo o desejo de presenciar um dos mais comentados espetáculos futebolísticos dos últimos tempos(ATARDE, 1957)[183].
> O fato desses dois rivais encontrarem-se frente a frente, no campo da luta, principalmente quando em disputa de um título, como na tarde de ontem, transforma o panorama geral da cidade, em todas as suas camadas. Dos bairros mais distantes, dos subúrbios e até mesmo do interior, formam-se caravanas que se convergem para a nossa grande praça de esportes, onde o

---

[180] SUCESSO tricolor no grande "clássico". **A Tarde**, Salvador. 12 mai 1947.
[181] A maior "surra" de 1952! **A Tarde**, Salvador, 14 jul. 1952.
[182] FUTEBOL Soberbo. **A Tarde**, Salvador. 28 set. 1953.
[183] FESTA das duas maiores torcidas. **A Tarde**, Salvador. 15 jul. 1957

> espetáculo se transforma em autêntica festa do esporte baiano(ATARDE, 1958)[184].

O transporte coletivo de massas atende, por meio dos ônibus ou marinetes[185], como este meio de transporte era também chamado em Salvador, formando o contorno de uma metrópole regional para a outrora pacata capital baiana:

> Enormes filas formavam-se nos pontos das ruas mais distantes enquanto no centro cortejos de torcedores rumaram em demanda ao estádio, convergindo para a grande praça de esportes, de todas as direções. Logo às 14 horas formaram-se grandes filas nas imediações das bilheterias. Já às 15 horas as arquibancadas e gerais estavam quase literalmente lotadas (ATARDE, 1958)[186].
>
> Logo após o término do embate, verdadeiro carnaval tomou conta da cidade proporcionado pelos fans do Vitória. A alegria entre os rubro-negros era imensa. O campo foi invadido pela torcida tendo à frente a Charanga do Almério com outros elementos da Orquestra de Britinho e Seus Strukas, fazendo a volta olímpica com multidão de acompanhantes seguindo depois pela Vasco da Gama, em demanda a cidade, desfilando com cartazes e faixas, prosseguindo o carnaval até altas horas da madrugada. Na rua Carlos Gomes, onde está situado o Escritório Central do Vitória, outras comemorações foram realizadas ficando aquela artéria interrompida ao tráfego (ATARDE, 1958)[187].

A festa pela cidade dá continuidade à sensação de delírio conquistada pelo resultado dentro do estádio. A presença dos trios elétricos nos arredores do estádio é a certeza de prosseguir o delírio após o final da partida.

> Terminada a partida, os torcedores foram "curtir" a festa do título ao som de dois trios-elétricos contratados pela diretoria do Bahia e que permaneceram próximos ao Dique e na Ladeira da Fonte Nova, desde o jogo preliminar entre Bahia x Fluminense, pela categoria de juniores(ATARDE, 1986)[188].

Embora una todas as torcidas em um perfil semelhante, a sensação do delírio, com sua inseparável carga emocional, é alcançada de forma variada, a ponto de se observar flutuações de comportamento entre os torcedores. Estas alterações sofrem a influência dos fatores que levaram a assistência a transformar-se em torcida. É o que vamos verificar no próximo e último capítulo, por meio do estudo da narrativa dos jornais que ajudam a instituir a torcida, na metamorfose em fluxo contínuo que parte da assistência e pode chegar, nos próximos anos, a consolidar a pós-torcida como resultado da metamorfose contínua.

---

[184] UM foguete de Carlito reacendeu a estrela do Esporte Clube Bahia. **A Tarde**, Salvador. 24 fev 1958.

[185] OS baianos chamavam os primeiros ônibus de marinete, porque o uso deste meio de locomoção coincidiu com a chegada a Salvador de um famoso ator italiano chamado Marineti.

[186] E.C. Bahia campeão virtual de 1958. **A Tarde**, Salvador. 20 out 1958.

[187] CARNAVAL rubro-negro na cidade. **A Tarde**, Salvador. 17 mar 1958.

[188] BAHIA fez a festa do título e manteve a "escrita": 1x1. **A Tarde**, Salvador, 26 mai. 1986.

5 O QUE LEVOU A ASSISTÊNCIA A VIRAR TORCIDA?

A sequência de transformações das condições econômicas, políticas e sociais, em meio ao cenário de ebulição cultural, permitem a observação de alterações nos comportamentos e nas relações entre pessoas e instituições. O resultado deste processo é a sensação do caminhar histórico: os contextos verificados vão se alterando devido às rupturas registradas em períodos determinados. O tempo, pelo que se convencionou chamar "calendário", demarca esta mutação que caracteriza o contínuo devir histórico.

Embora esta história esteja em mutação constante, um determinado arcabouço, em um recorte de tempo, ajuda a entender como ocorrem determinadas condições. As abstratas categorias de tempo e espaço possibilitam a compreensão da mudança de contextos. Se não fosse o processo histórico em alteração contínua, o modelo seria permanente e não sofreria qualquer mudança. Mas vale ressaltar, uma vez mais, que não se trata de evolução, no sentido de progresso, mas de uma transformação, gerada por alterações de perfis e de cenários em relação a um modelo (ELIAS, 1989, 1993, 1994).

Esta compreensão da história descarta a noção de "desenvolvimento", no sentido de um fluxo contínuo que opera com uma determinação mecânica, automática e absoluta, com o objetivo de justificar a sensação de metamorfose da reinvenção contínua da torcida de futebol. Para Elias (1994), o saber que provoca estas mudanças é desenvolvido em configurações sociais ao longo do processo de transformação das relações entre as pessoas na sociedade.

Esta constatação levou o sociólogo que construiu a teoria do "processo civilizador" a propor uma discussão mais aprofundada das relações entre homem e tempo (ELIAS, 1995). Elias utiliza resultados de pesquisas e investigações que explicam como configurações temporais vão sofrendo modificações.

Que características são adquiridas e readquiridas no decorrer do processo social de transformação? Este trabalho leva em conta, portanto, que as modificações ocorridas no perfil da torcida de futebol incluem também uma releitura de cada momento em que as rupturas foram verificadas. O conceito que utilizamos aqui não confere ao tempo a condição de um ente supremo, essencializado como instância pré-determinada e anterior à existência. Preferimos o sentido inverso. Não é um dado objetivo, nem uma estrutura a priori, uma essência, mas é, antes de tudo, um símbolo social que resulta de um processo. No percurso da experiência, ao longo de 80 anos de Ba-Vi, este tempo objetivo em que ocorrem os jogos é pensado como uma categoria que sofre o impacto decisivo da vivência, no caso, entre jornalistas e torcedores compreendidos enquanto agentes sociais.

Este tempo, que se estabelece na prática social, comporta a ação das pessoas, no sentido da produção da ruptura e do caminhar histórico. Este caminhar inclui a arte prática ou arte de fazer, na definição de Certeau (1994), e está ligada a saberes produzidos por anônimos ou desconhecidos. O saber, que se evidencia no texto escrito, seria um acúmulo de saberes captado pelo olhar do jornalista presente ao estádio para escrever o texto sobre o que ele viu do jogo entre Bahia e Vitória. Assim, registra-se, a cada edição, a invenção contínua da torcida de futebol por ela mesma, referenciada no agente encarregado de produzir a sua narrativa: o jornalista. A instituição da torcida se dá nas páginas de jornal que compõem esta realidade compartilhada entre jornalistas e leitores-torcedores.

Esta reinvenção implica o privilégio da imaginação, na perspectiva de Castoriadis (1997), evitando a petrificação de uma suposta "realidade histórico-social", que reduziria a torcida a um ente determinado, acabado, registrado como tal, perdendo-se assim a sua condição de movimento contínuo. O que se verifica, na narrativa dos jornalistas acerca do Ba-Vi, é o contrário: uma total imersão no mundo da produção e percepção de imagens. Em uma palavra, imaginação. É neste domínio do imaginário, que encontramos a perspectiva de criação continuada, ou recriação, para usar um termo mais apropriado, a cada jogo realizado, a cada nova manifestação dos torcedores.

Levando em conta a transformação dos tempos a partir da produção de saberes cotidianos e anônimos, representados no imaginário dos textos, vamos identificar os pontos de ruptura na ultrapassagem da assistência para a era da torcida de futebol, em um processo social partilhado pelos agentes envolvidos. A consolidação destes pontos de ruptura é necessária, para efeito do estudo, ainda que se deva ressaltar, uma vez mais, a impossibilidade de cristalizar o objeto da pesquisa em uma determinada época. É preciso relativizar tais descobertas, pois os pontos aqui identificados, como itens em constante mudança, não se permitem critalizar, no movimento da vida exterior, anterior e superior a qualquer tentativa de congelamento de sua plenitude e vigor. Ao lidarmos com categorias em mutação constante, a única forma de analisar é congelar um determinado momento ou recorte, para tornar-se possível pensar a metamorfose da assistência para a torcida a partir dos seguintes aspectos: o estádio; o mercado; a imprensa; as lideranças de torcedores; as arrecadações; as arbitragens; e os ídolos. Estas mesmas categorias podem servir de lastro teórico para um futuro estudo, tomando como base uma próxima transição, da torcida para a pós-torcida.

O entendimento de como se deu a metamorfose da assistência para torcida sugere a partilha de valores e princípios entre os torcedores e os jornalistas. Demonstra-se, agora, como estes pontos de ruptura estabeleceram a metamorfose da assistência para a torcida de

futebol e como o jornal faz parte desta realidade e ajuda a instituir a torcida. Os aspectos não obedecem a qualquer ordem cronológica ou de importância, mas estão diretamente relacionados entre si.

5.1 O NOVO ESTÁDIO COMO PONTO DE ENCONTRO

O primeiro ponto é o estádio. A inauguração da Fonte Nova, em 1951, coincide com o fortalecimento de um mercado consumidor de bens relacionados ao futebol e anunciados nas páginas esportivas dos jornais. Antes da Fonte Nova, os assistentes se encontravam no Campo da Graça, estádio para até 7 mil pessoas que ficavam sentadas numa estrutura de madeira, expostas ao sol e à chuva, nos setores conhecidos por A e B, dispostos de um lado e de outro do campo. As arquibancadas eram chamadas de "pombal" ou "poleiro". A metáfora dos jornalistas comparava torcedores a pombos, pois estas aves constroem seus ninhos uns próximos dos outros, em um desenho similar ao dos torcedores sentados lado a lado e de cima à parte baixa do suposto "pombal".

Empoleirados, à semelhança dos torcedores, os pombos equilibram-se sobre hastes de madeira, mesmo material do qual eram construídas as arquibancadas do Campo da Graça. A arquibancada "pombal" ou "poleiro" recebia o impacto do sol forte, virada para o poente. Toda esta inconveniente luminosidade incomodava a "assistência", e causava sério desconforto, que foi gerando críticas devido à insatisfação dos frequentadores, cada vez em maior número e mais exigentes de uma boa prestação de serviço. Outra alusão ao mundo animal era a denominação de "jaula" para o espaço onde se separava a assistência do ambiente do campo de jogo por uma área reservada, situada, na parte inferior do "poleiro", ao nível do gramado. O cronometrista, responsável por contar o tempo do jogo e determinar seu início e fim, por meio de uma campanhia, posicionava-se nesta "jaula", que funcionava também como o corredor de passagem dos jogadores rumo ao campo de jogo. No tempo da "jaula", o regime amadorista passava também por sua metamorfose até constituir o profissionalismo no futebol. "Pombal", "poleiro" e "jaula", alusões ao mundo dos seres irracionais, são expressões estranhas aos valores atribuídos ao esporte pelo neoolimpismo proposto por Pierre de Coubertin[189], como "disciplina, lealdade e esforço"[190].

---

[189] O Barão de Coubertin é tido como o criador do movimento olímpico moderno que recuperou os valores morais introduzidos na Grécia Antiga, berço da Olimpíada original, realizada na cidade de Olympia, daí o nome. Cf. FONSECA, Ouhydes João Augusto da. **O "cartola" e o jornalista (influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo).** Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, 1981 (mimeo). P. 19

A comparação com situações do mundo animal revela uma visão de público desvalorizado, comparado a bichos, em uma angulação depreciativa. Os torcedores passaram a reivindicar mais conforto nos estádios, como fica demonstrado nas referências às "dependências de madeira do velho estádio"[191] e na "idosa construção", onde eram necessários "remendos" até a situação extrema de interdição: "... no domingo a polícia tomou as devidas providências, obstruindo as entradas do poleiro"[192].

Com a assistência em expansão contínua, no estágio pleno da metamorfose para transformar-se em torcida, e a imprensa refletindo e, ao mesmo tempo, estimulando esta participação de público, o local onde se realizam os jogos fica cada vez menor em relação à demanda. O Campo da Graça torna-se pequeno demais para acomodar uma assistência já inquieta e mais numerosa. As deficiências da estrutura do estádio ficaram mais expostas: "Pena que a Bahia ainda não possua seu estádio".[193] O "pombal" já não serve, pois implica em "sacrifícios do espectador, que se imprensou no velho madeirame[...] naquela tarde quente[...]"[194].

As pequenas reformas no Campo da Graça, com "telhados novos, pregos batidos, tabuado com uma mão de pintura", representam uma melhoria que atrai o público, "notadamente o elemento feminino", provando que o "belo sexo também gosta de futebol, somente deixando de ir à Graça para não correr risco de vida" [195]. Mas estas melhorias já não atendem, quando se observam as "archibancadas e geraes apinhadas, mao grado o pouco ou nenhum conforto que offerecem... as falhas do gramado, de nivelação, ou de seu tamanho... não deixam dúvidas quanto à necessidade de construirmos já e já um estádio condigno". [196]. A insatisfação chega ao estágio máximo, quando se registra a falta de segurança: "A grade da geral, que fica próxima ao arco, foi ao chão, derrubando os torcedores que nela estavam debruçados..." [197]

É possível estabelecer o seguinte parâmetro: o interesse do público aumenta enquanto o estádio parece encolher. Os jornais, organizados como empresas de comunicação, defendem a expansão do público e do estádio. É neste contexto que se dá a ruptura com o velho Campo

---

[190]Entre os deveres dos atletas, estão o respeito ao adversário, aprender na derrota, seguir estritamente as regras dos jogos e as determinações dos árbitros das competições, vencer sem tripudiar do rival e evitar trapacear. Cf. ALCOBA, Antonio. **Como hacer periodismo deportivo**. Editorial Paraninfo, 1983, Madrid. P. 32

[191]SUCESSO tricolor no grande "clássico". **A Tarde**, 12 mai 1947.

[192]O Vitória destruiu as aspirações do Bahia. **A Tarde**, Salvador. 25 out 1948.

[193]VITÓRIA "dinamitou" o Bahia por 7x1. **A Tarde**, Salvador, 3 jul 1947.

[194]SEM jogar o Ipiranga. **A Tarde**, Salvador. 25 jan. 1952.

[195] BRILHANTE "performance". **A Tarde**, Salvador. 5 set 1949.

[196]VITÓRIA, apesar de vencido, soube-se impor pela sua fibra, ardor e combatividade! **A Tarde**, Salvador. 24 jul 1939.

[197] Notas soltas. **A Tarde**, Salvador, 2 jun 1941.

da Graça, a partir da construção do Estádio da Fonte Nova. O jornal expõe as fragilidades do Campo da Graça e comemora a inauguração da Fonte Nova. Os jornalistas registram este contraste, repercutindo e ampliando a demanda por aumento da capacidade de público e melhoria das instalações para o palco do futebol: "Foi um empolgante espetáculo esportivo o encontro Bahia x Vitória, realizado ontem à tarde, na Fonte Nova, o estádio encheu-se de transbordar muita gente de pé, até o final da peleja, por sua vez"[198].

Além do crescimento das rendas, o estádio da Fonte Nova é um motivo para a torcida baiana se orgulhar. Em vez do madeirame e dos consertos de emergência, no Campo da Graça, agora é o gigante de concreto, o "mais belo estádio do Norte e Nordeste do Brasil"[199]. Ocorre que a Fonte Nova, por sua vez, também começa a ficar pequena, pois o clássico Ba-Vi, como produto cultural, não para de atrair cada vez mais torcedores e se firma como o palco onde o jogo conheceu seu auge em rivalidade, tornando-se um dos principais confrontos do futebol brasileiro.

Figura 15: Vista aérea do estádio Octávio Mangabeira, a Fonte Nova[200]..

A Figura 15 traz uma imagem da Fonte Nova, em 1968, antes de uma partida pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que teve como representante baiano o Esporte Clube Bahia. **V**ê-se também o Ginásio Antônio Balbino e aspectos urbanos do entorno do estádio. A Fonte Nova foi demolida em 27 de agosto de 2010 para construção de um novo conjunto esportivo denominado Arena Fonte Nova.

---

198 PELA primeira vez, o estádio super-lotado. **A Tarde**, Salvador, 15 ago. 1954.
199 INSTANTE de vibração. **A Tarde**, Salvador, 10 out. 1960.
200 Reprodução **A história ilustrada do futebol brasileiro**. V. 4. Editora documentação brasileira. Edobras

Figura 16: Lance da partida Bahia 2x1 Fluminense do Rio.

Na Figura 16, vê-se uma imagem da partida semifinal do Campeonato Brasileiro de 1988, ocorrida no dia 12 de fevereiro de 1989, recorde de público no Estádio da Fonte Nova, com mais de 110 mil pagantes e público estimado presente ao estádio de 130 mil pessoas[201].

Figura 17: O momento da implosão do estádio da Fonte Nova

[201] Dia 12 de fevereiro de 1989. Arquivo jornal CORREIO.

Na figura 17, vê-se, em destaque, a capa dupla da edição do jornal CORREIO, mostrando o momento da implosão do estádio. No mesmo lugar, vem sendo construída a Arena Fonte Nova, visando à Copa do Mundo de 2014[202].

5.2 O CONSUMO DÁ ACESSO AO TORCEDOR NA ERA DO FUTEBOL COMO PRODUTO DE MERCADO

Com a inauguração da Fonte Nova, a torcida já não frequenta "pombal" ou "jaula", como era publicado pelos jornalistas. Ganha *status* de cliente. Vira consumidora de um produto. O ingresso pago precisa ser compensado por um bom entretenimento. Uma significativa mudança pois a bilheteria na Graça era insuficiente para manter os plantéis de jogadores com o pagamento dos salários em dia.

Por outro lado, também nos anos 1950, os anúncios publicitários nas páginas esportivas se diversificam. Salvador é um mercado em expansão para diversos produtos. A Fonte Nova oferece mais conforto. As melhorias nas vias urbanas propiciam maior facilidade no transporte. A instalação da rede de telefonia fixa favorece comunicações e negócios. Canclini (1995) pensa o consumo como fator de acessibilidade do consumidor a um ambiente. Assim, o torcedor que compra o ingresso e os itens acessórios que o fazem sentir-se um torcedor, adere ao mundo do estádio e a ele passa a pertencer. Mais que consumir aparentes inutilidades e muito mais que aquecer a máquina de consumo da sociedade capitalista, o cliente-torcedor tece, a cada compra, a rede social à qual pertence ou julga pertencer.

Assim, o consumo, por sua vez, ajuda a formar uma identidade do torcedor. O mercado, onde se adquire estes itens, ou senhas de acesso ao mundo da torcida, portanto, é um fator de fundamental importância, como ruptura capaz de sustentar a metamorfose da assistência para a atual torcida. Os torcedores compram as roupas parecidas com as dos jogadores, nas mesmas cores e desenhos, criam uma linguagem própria e têm reações semelhantes no desenrolar do jogo. Delimitam seu território, no lugar do estádio onde habitualmente sentam-se para compartilhar as emoções do Ba-Vi. E, assim, estabelecem suas regras de participação no ritual da torcida.

Para Canclini (1995), o consumo poderia servir como uma ação de cidadania, mas, para isso, são necessárias pelo menos três grandes condições: oferta vasta e diversificada de

[202] Jornal CORREIO, Salvador, edição de 28 de agosto de 2010.

bens e mensagens que sejam de fácil acesso para a maioria; informação confiável a respeito da qualidade dos produtos, cujo controle seja exercido por parte dos consumidores, que sejam capazes de refutar as pretensões e seduções da propaganda; participação democrática dos principais setores da sociedade civil nas decisões de ordem material, simbólica e jurídica em que se organizam os consumos. Ou seja, para que o consumo seja cidadão, segundo esse autor, seriam necessária essas três condições que, seguramente, não existem em relação ao Ba-Vi.

No entanto, é possível defender que ocorre no consumo dos bens relacionados ao clássico os chamados ‘pactos de leitura’, desenvolvendo o papel regulador do consumo em comunidade como forma de pertencimento. Canclini (1995) acrescenta ao debate a ideia de que, ao se escolher e comprar os bens simbólicos, legitima-se e autoriza-se o que se percebe como bem coletivo mais valioso.

É por isso que Canclini (1995) propõe entender consumo e cidadania de forma conjunta: trata-se de um processo cultural. O consumo, assim, é uma prática social que resulta no pertencimento. O que parece, em princípio, ser uma mera escolha individual, bem acolhida na lógica do consumo liberal burguês, na verdade, é uma apropriação coletiva que desdobra em relações de solidariedade, distinção e implica também, como desdobramento, a hostilidade com outros consumidores de bens. No caso dos torcedores, comprar a camisa do mesmo time que seu vizinho gera solidariedade, enquanto comprar a do time rival resulta em hostilidade. Deste efeito, advém a relação simbólica, construída na recepção e no envio de mensagens por meio do consumo de bens relacionados aos clubes.

Se a pessoa torce pelo Vitória e compra uma camisa vermelha e preta, pertence a esta torcida. Se não compra, não faz parte da torcida. Se compra uma camisa azul, vermelha e branca, simbolizando o Bahia, será hostilizado pelos rubro-negros, adeptos da tribo Vitória. Canclini (1995) analisa as consequências da crescente relação de consumo e cidadania. Segundo ele, a ideia de consumo não implica necessariamente uma posição individualista. No caso das torcidas, ao contrário, o consumo dos bens simbólicos gera uma grande associação de consumidores em luta compartilhada pela satisfação de ver seu time jogar. O estímulo ao consumo de bens por parte dos torcedores fortalece este exercício de cidadania.

O reconhecimento e a aceitação do torcedor dependem cada vez mais do que o cidadão consome ou é capaz de consumir. A partir desta adesão do indivíduo ao grupo, o torcedor assume os valores e os princípios que o fazem sentir torcedor daquele determinado time e não de outro. O consumo pode ser pensado, assim, na perspectiva de Baudrillard (1968), como novo mito tribal, transformado na referência de moral do mundo contemporâneo. Baudrillard

(1968) pensa o objeto como dotado de um valor simbólico, além do valor de uso e do valor de troca. Para Baudrillard (1968), o consumo substitui a produção, na passagem da sociedade industrial, que ele chama metalúrgica, para a sociedade dos símbolos ou semiúrgica.

Daí, resulta a ilusão: ser livre é poder consumir o que se deseja. A preferência pessoal e a livre escolha das ocupações são bem representadas, no caso deste estudo, pela definição das pessoas pelo time preferido e pelo desejo de consumir um bom produto, capaz de oferecer conforto e segurança em sua permanência no estádio de futebol.

Considerar a metamorfose da assistência de futebol em torcida, sob a abordagem figuracional proposta por Elias (2005), requer que se considere a interdependência entre esta metamorfose e outros processos como as transformações no jornalismo esportivo e as transformações no mercado envolvendo o consumo e a valorização do futebol como espaço privilegiado de consumo.

Nas páginas esportivas, à medida que a assistência vai tornando-se torcida, publicam-se mais anúncios de produtos, serviços e bens de consumo[203]. Ao adquirir produtos, alguns deles relacionados ao seu time preferido, o leitor, na condição simultânea de consumidor e torcedor, tem a sensação de pertencer ao grupo, por meio de sua livre escolha dos objetos.

---

[203] Entre jornais pesquisados entre 5 de maio de 1951 e 14 de junho de 1955, são publicados anúncios variados de produtos inéditos até então no mercado consumidor baiano em franca expansão como sapatos “Moccasin Monarca”, “com sola de borracha para o inverno”; sapatos “Clark”; a apólice “Sul América Capitalização”; ameixas, “supremas e puritas, produto inigualável”, empresa Genser Relógios, “dois grandes produtos da indústria suíça”, marcas Vedeor e Ardor; magazine, como era chamada a atual loja de departamentos, “Chile Modas”, na Rua Chile; com “preços baixos”; Saldos de balanço em “Zelma Modas”, entre outros; remédio “Melhoral”, para dor de cabeça, alívio imediato; Banco da Bahia S.A., avisando aos clientes sobre o pagamento de dividendos; Banco Hipotecário Lar Brasileiro; Automóvel modelo Austin, em anúncio precursor dos atuais classificados para este produto; Mercedes Benz, na Bahia Diesel, Rua do Pilar; Oferta de emprego para “rapazes com prática de balcão”, no edifício Sulacap, na época um dos que reunia grande número de lojas, e situado estrategicamente ao final da Rua Carlos Gomes, área de influência da Praça de São Bento, Praça Castro Alves e Rua Chile, no centro de Salvador; Festas, em “avisos de sociedades”, como a do Clube Carnavalesco Cruzeiro da Vitória, “antigo Cruz Vermelha”, traje: passeio; orquestra Marajoara; Clube Bahiano de Tênis, convite para reunião dançante, traje - passeio; Móveis de escritórios; Fogões Cima, “mais econômico”; Máquinas de costura, marcas “Pfaff”, “Happy” e “Swallow”; Sepab, loja de “utilidades do lar”, patrocinadora da seção de resultados de jogos, nomeada Placar Sepab; Cintos “Adlon”; Casas Ferreira, “insuperáveis peças e acessórios para automóveis, caminhões e tratores”; Azulejos Brennand Iasa; Durex Lixas e Fitas adesivas, Marca Scotch; Cigarros Sudan, na rua Guindaste dos padres, 7. Telefone, com quatro dígitos: 4373; Livros escolares, na Livraria Moura Alves, início da Ladeira da Palma, a “2 passos do Corpo de Bombeiros, perto da Praça dos Veteranos”; Redumatic, marca de bicicleta, para subir “as centenárias ladeiras da Bahia”; Bebidas, produtos alimentícios, produtos de fumo, revendedor dos “melhores artigos nacionais”.

Neste contexto, está também o jornal. Ao ler e se informar pela página esportiva, o torcedor fica preparado para debater as questões relacionadas a seu time com os colegas de arquibancada e com os adversários.

O jornal se modifica para conquistar este cliente, que é, ao mesmo tempo, leitor e torcedor. O aquecimento do mercado publicitário, demonstrado com a maior inserção de anúncios, à medida que o clássico se desenvolve, estimula os jornais a buscar aumentar o número de leitores e, assim, ampliar seu poder simbólico e empresarial. Neste percurso, os jornais operam na produção de conteúdo esportivo que vai influenciar poderosamente na instituição do perfil da torcida.

As lojas da Avenida Sete alcançam seu auge coincidentemente no período de consolidação do Ba-Vi como maior clássico logo após a inauguração da Fonte Nova. Nelas, é possível encontrar os produtos anunciados nas páginas de esporte, como os "artigos para homens" das Galerias Sanchez, creme de barbear Colgate, que "protege e amacia a pele!", brilhantina e até gêneros alimentícios, como manteiga, requeijão e doce de lata.

A Caixa Econômica Federal já anunciava a caderneta de poupança como a "solução mais prática para a casa própria", enquanto o Curso Valença inscrevia para concursos públicos. Eram comuns também os anúncios de médicos reumatologistas ou especialistas em "doenças internas". Os remédios eram variados, desde antissético Satosin, para vias respiratórias e contra a bronquite, até o Voronof, recomendado para "fraqueza sexual".

5.3 A TORCIDA COMO CLIENTE DA IMPRENSA ESPECIALIZADA

Com o aumento da demanda, criou-se também a necessidade de fortalecer esta imprensa especializada que publica os anúncios e convida os torcedores a participar do grupo de consumidores dos produtos do futebol. O noticiário esportivo ganha autonomia a ponto de conquistar um espaço exclusivo. No tempo da assistência, até os anos 1930, o futebol dividia a página com outras opções de entretenimento, como o gênero conhecido por teatro de revista, ou com outras modalidades esportivas, a exemplo do remo.

No caso do teatro, as peças eram apresentadas no mesmo horário dos jogos, como "A Paioça da Caboca", sucesso de 1933. Neste ambiente, a plateia era expansiva e risonha, como convinha ao gênero comédia. Estes espetáculos disputavam espaço com o esporte nas páginas sinalizadas pela rubrica "Arte". Apesar da concorrência com o teatro, o interesse pelo futebol acentua-se, mesmo nos jogos à noite, quando se intensificam os efeitos da precariedade do sistema de transportes coletivos à base de bondes. Outro adversário do futebol era o remo. A

modalidade tinha mais espaço nos jornais, por conta do movimento na enseada dos Tainheiros, no bairro da Ribeira, na "Cidade Baixa", uma das regiões mais populosas de Salvador.

Neste local, onde até hoje se realizam as etapas do campeonato de regatas, a equipe rubro-negra "mereceu maior attenção da assistencia"[204], no domingo, dia 18 de maio de 1932, no mês seguinte ao da realização do primeiro jogo entre Bahia e Vitória, no dia 10 de abril. As pessoas chegavam de bonde, partindo de outros bairros da chamada "Cidade Alta" de Salvador, para assistir às regatas na Ribeira. Um sistema de bondes transportava as pessoas para a Ribeira. O remo parava a cidade nos dias de competição. Um hábito que se firmou ainda no início do século e durou até o período em que a metamorfose de assistência para a torcida se intensificou e o futebol passou a predominar em popularidade.

> Em 1907... em 28 de abril, 35.170 pessoas foram transportadas nos bondes da companhia Carris Elétricos... em 8 de setembro, 39.904 coupons foram vendidos. Se juntarmos a isso os que chegavam pelos navios das equipes, podemos entender por que o remo literalmente 'parava' a cidade nos dias de competição. Comparando com o futebol, o maior público registrado numa partida oficial dos primeiros campeonatos foi de 6 mil pessoas, no jogo Victoria2x2 São Salvador, dia 22 de julho de 1906. (AZEVEDO, p. 61)

Nas apresentações das competições esportivas de remo e de futebol, os jornais antecipavam a presença das pessoas, destacando as atribuições que eram esperadas para se construir a ideia de assistência. Quando aconteciam competições de remo e futebol no mesmo dia, os jornais chamavam de "encontro de titãs". Até 4 de março de 1934, nos dias que antecediam as regatas, a liga de futebol não programava nenhuma partida, temendo o esvaziamento de público (AZEVEDO, p. 148).

Na metamorfose da assistência para a torcida, o esporte já não divide a página com o teatro. Os jornalistas aprimoram o produto. A imprensa fortalece o clássico Ba-Vi, seus ídolos, e favorece a criação de uma mística, uma aura diferente para narrar aquele acontecimento esportivo, ao tempo que procura informar, orientar e divertir o leitor. Seu poder de sedução não pode ser desprezado. Esta característica, iniciada nos anos 1930, chega ao auge na década de 60, período em que houve maior alternância entre os times que conquistaram título de campeão: "Quando clubes do cartaz de Bahia e Vitória vão a campo, e

---

[204] As provas de hontem, nos Tainheiros. **Diário de Notícias**. 19 mai. 1932. Diário Esportivo.

sobre cujo encontro, toda a imprensa ocupa páginas e páginas, e ainda abre manchetes diárias, é natural que o torcedor espere algo de melhor"[205].

O serviço de comunicação prestado pelos jornais, em suas páginas dedicadas ao esporte, recebe inovações editoriais, como a fotografia fornecida por via área pelas agências informativas, a exemplo da *Associated Press*. O jornal A Tarde utiliza esta tecnologia, em 2 de junho de 1941, com a publicação da foto de uma luta de boxe em que o americano Buddy Baer derruba Joe Louis, também dos Estados Unidos.[206]

Situado no antigo centro de Salvador, na Praça Castro Alves, em um dos modernos edifícios arranha-céus da cidade, o jornal A Tarde ampliava seu espaço para inserção de anúncios publicitários em suas páginas. Parte deles era publicado por empresas que alugavam salas no mesmo edifício onde funcionavam a redação e o parque gráfico, o Edifício d'A Tarde.[207].

No momento de expansão de seus negócios, graças à ampliação do volume de anúncios, as inovações tecnológicas fortalecem o poderio do jornal, então líder de mercado. A busca incessante por aumentar o público consumidor das notícias, aliada ao crescimento da oferta de máquinas, torna-se um poderoso estimulante para o leitor. As páginas esportivas passam a receber tratamento gráfico diferenciado, com a percepção da importância da melhoria no aspecto visual. Em relação ao conteúdo, é evidente o esforço dos jornalistas em falar bem do jogo, tanto nas apresentações quanto nas coberturas. Seria uma boa estratégia de fidelizar o novo cliente, o torcedor de futebol: "Não tivemos dúvida quando adeantamos que o espectaculo de domingo, na cancha da Graça, se revestiria de gala e empolgaria os assistentes"[208].

Há uma linguagem hiperbolizada, com claro objetivo de enaltecer as qualidades do clássico Ba-Vi, tomado assim como principal referencial do espetáculo a ser vendido e consumido por um público cada vez maior. "Gargalhadas formidáveis", "numerosíssima", "certo ardor', "*phases sensacionaes*", "magnífico", "digno", "entusiasmo", "lances excelentes" são algumas das expressões que dão um tom empolgante ao texto esportivo. As narrativas louvam o novo torcedor, neste momento de ruptura, em contraste com o tom sóbrio das menções referentes ao período da assistência. Ao tempo em que a torcida se transforma, os jornais também, em um movimento de mão dupla, um abastecendo e nutrindo o outro

---

[205] EMPATE liquidou pretensões de Bahia e Vitória e Fluminense agora é o campeão de fato e direito. **A Tarde**, Salvador, 19 ago. 1969.

[206] Na publicação, foi assim informado: Foto A.P. especial para "A TARDE", por via aérea

[207] Na edição de 19/10/1942, há anúncios de médicos que abriram consultórios no prédio do jornal.

[208] O Bahia "leader" absoluto do campeonato da cidade. **Diário de Notícias**, Salvador, 23 set. 1940

segmento do que cada um precisa para se desenvolver. Ao estabelecer o Ba-Vi como "clássico número 1", "clássico das multidões", entre outras expressões positivas, os jornais contribuem para atribuir ao jogo a dimensão de um duelo épico capaz de despertar as atenções. Esta supervalorização do Ba-Vi, em uma perspectiva mercantil, favorece a conquista de um maior número de leitores. Assim, os anunciantes se interessam em pagar mais por espaços na empresa de jornal a fim de dar visibilidade a seus produtos e serviços.

A "torcida" substitui a "assistência", mas precisa, nesta transformação, da referência de lugar para ser reconhecida. É uma "torcida de arquibancadas": "Pois bem. Com o escore de 2x0 a favor do Victoria, findou-se o primeiro meio tempo que teve phases sensacionaes e... esteve magnifico e digno".[209] Os jogos entre Bahia e Vitória chegam ao ponto de "enthusiasmar"[210] uma torcida de archibancadas ao degladiar... em incentivo aos seus pupilos"[211].

Favorecer a leitura, levando em conta princípios de clareza e simplicidade na estilística, significava arrebanhar torcedores entre o potencial público leitor. Reunir informações breves, como o resultado de jogos pelo Brasil e o mundo, foi uma invenção dos jornalistas dos anos 1950. Eles passam a gerenciar um volume de informações maior à medida que aumenta o interesse e as novas tecnologias vão permitindo maior fluxo de dados e com mais rapidez. Esta necessidade de resumir um grande volume de informações viabilizou a invenção do "Placar d'a Tarde"[212]. Além dos jogos de Salvador, a seção informava os resultados das partidas realizadas em São Paulo, Porto Alegre, Rio, Buenos Aires e Madri, entre outras cidades.

O sucesso da iniciativa é constatado pela pioneira associação de uma estratégia de publicidade a uma ferramenta de edição do jornalista. A loja Sepab passou a patrocinar a seção, renomeada Placar Sepab.[213] Como contribuição expressiva do esporte para o jornalismo na Bahia, o princípio jornalístico de precisão, aplicado ao extremo, inspirou a construção de uma seção chamada 'Movimento de campo', com os números de ocorrências de itens relevantes para o que se convencionou chamar "volume de jogo". A estatística observava os seguintes itens: tentos, defesas, tiros de meta, tiros fora, escanteios, impedimentos, laterais, trancos e toques[214]. A seção 'A corrida do campeonato' buscava

---

[209]A brilhante actuação do "Victoria". **Diário de Notícias**, Salvador, 22 abr. 1935.
[210]DE Victoria em Victoria o S.C. Bahia vai ficando na vanguarda do campeonato da cidade. **Diário de Notícias**, Salvador, 22 jun. 1936.
[211]A alma rubro negra contra a fibra do tricolor! **Diário de Notícias,** Salvador, 22 jul. 1939
[212]QUEBROU o Vitória a invencibilidade do Bahia. **A Tarde**, Salvador, 22 set. 1952.
[213]VITÓRIA Campeão do Qua-qua-quadrangular. **A Tarde**, Salvador, 20 dez. 1954.
[214]TIRANDO Nadinho... nadinha. **A Tarde**, Salvador, 21 jul. 1958.

cativar os leitores com desenhos de símbolos dos clubes.[215] Assim, pode-se concluir que o jornalismo esportivo, a despeito de ter sido relegado a uma posição inferior na hierarquia das redações (LEANDRO, 2003), contribuiu para a consolidação de um dos princípios estabelecidos para o texto contemporâneo: a precisão.

Nas edições dos dias seguintes às conquistas dos títulos, os jornais buscam atender à demanda da clientela de torcedores, com a ampliação do espaço e o destaque em manchetes e textos ufanistas em sintonia com a euforia do campeão: "Foi grande a vibração entre os rubro-negros. Confraternizados jogadores, diretores e aqueles que fazem força gritando das arquibancadas, sombras e gerais"[216].

O título mundial conquistado pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Suécia, em 1958, fortaleceu a imprensa esportiva. A partir de julho, um mês após a conquista, o jornal A Tarde passou a publicar um caderno dedicado a esportes, nas edições de segunda-feira. Com a torcida feliz e orgulhosa pelo sucesso do futebol brasileiro, o humor passou a ser mais utilizado, como se verifica na coluna 'Bola na Rede'[217], assinada por Santelmo, pseudônimo do jornalista e pesquisador Newton Calmon[218].

O aumento do interesse pelo esporte justifica a preocupação dos jornalistas em prestar um melhor serviço. Atender a um maior número de leitores implica possibilidade de expansão dos negócios. Inserida na lógica capitalista em processo de consolidação, a empresa de jornal visa meios de lucro, além do prestígio e da transformação do conteúdo em capital político na defesa dos interesses de grupos. A lógica de acumulação ainda é incipiente, mas os valores subjacentes a esta lógica já influenciam os hábitos da sociedade. Para conquistar público e vender mais, os jornais procuram meios de fortalecer a necessária credibilidade recorrendo a valores como imparcialidade: "Menos visando interesses particulares do que servir ao grande publico que nos honra com a sua leitura, é a certa conflita, que provamos descrever fielmente os acontecimentos, com a mais rigorosa isenção de animo e perfeita justiça..."[219]

Nesta crescente busca por sensibilizar o consumidor de jornalismo esportivo identificado com um clube, o jornal A Tarde lançou o concurso "Qual o crack absoluto baiano?". Com regras definidas, a credibilidade se fortalecia. O leitor recortava o cupom do exemplar de A Tarde. O cupom era depositado na urna localizada no térreo do edifício da empresa de comunicação, na Praça Castro Alves, centro antigo de Salvador. O jornal

---

[215] Idem, ibidem.
[216] E.C. Vitória, campeão. **A Tarde**, Salvador, 17 mar. 1958.
[217] TIRANDO Nadinho... nadinha. **A Tarde**, Salvador, 21 jul. 1958.
[218] CALMON, Newton. **Cartão Vermelho**. Salvador: Editora Odeam, 1985.
[219] NUM embate sobremodo apreciavel, o "Bahia" venceu o "Victoria", de 3x2, **Diário de Notícias**, Salvador. 15 mai 1933.

divulgava mensagens de incentivo, dando ao mesmo tempo plena visibilidade a uma iniciativa própria. O concurso tornou-se um sucesso entre os torcedores, agora também leitores e clientes do jornal: "O sr. Presidio Filho pede, por nosso intermedio, aos cabos eleitoraes rubro-negros levarem amanhã, para o campo da Graça, os coupons respectivos".[220]

A busca incessante da credibilidade, as pioneiras ações de interatividade, a criação de seções, as surpresas oferecidas nos projetos gráficos e as novas tecnologias caracterizam a imprensa especializada nesta metamorfose da assistência para a torcida. Este perfil em mutação permite concluir que este setor do jornalismo, o "jornalismo esportivo", alterou a percepção de torcida e, ao mesmo tempo, foi alterado por ela, em um mecanismo onde não se pode identificar a origem nem saber quem é causa e quem é efeito do fenômeno.

5.4 OS LÍDERES DE TORCIDA

A torcida de futebol se institui ainda pela identificação das lideranças de torcedores, pois a assistência não permitia destacar seus integrantes que tinham comportamento muito similar e ordeiro. Estes líderes, citados e valorizados nos textos de jornal, ampliam a rivalidade no cotidiano dos torcedores, por meio da defesa de seus times e da troca de provocações com os adversários. Limitados aos aplausos, os espectadores de futebol na Bahia eram bem-comportados, no início dos anos 1930. No jogo entre "Victoria" e "Antarctida", "o primeiro dos contendores recebeu palmas, ao entrar no gramado"[221].

A participação dos líderes e a sua presença no imaginário do jornalismo esportivo coincidem com uma presença mais ativa dos frequentadores das arquibancadas. O primeiro torcedor representativo de um time, identificado nesta tese, era conhecido como o Barão de Mococoff, e dele resultou a criação de um bloco de Carnaval de muito sucesso até os anos 1980, o Amigos do Barão: "na sahida, o Victoria, precedido de seu maior torcedor, o Barão de Mococoff, percorreu o campo, saudando a assistência [...] Quando Siri bateu o penalty, o barão de Mococof não se conteve e gritou[...]"[222]

Em vez de um anônimo, o torcedor passa a ter nome e história: o clube está representado nas arquibancadas. Hoje comuns, os balões de assoprar tiveram seu papel neste processo: "Queiroz, no intervalo da preliminar, soltava balões juvenis nas numeradas".[223] O

---

[220] A alma rubro negra contra a fibra do tricolor!. **A Tarde**, Salvador, 22 jul. 1939

[221] COMEÇOU, hontem, a temporada de "foot-ball". **Diário de Notícias,** Salvador, 14 abr. 1932.

[222] VITÓRIA, apezar de vencido, soube impor-se pela sua fibra, ardor e combatividade! **A Tarde**, Salvador, 24 jul 1939.

[223] O empate foi lógico e justo. **A Tarde**, Salvador, 25 jun 1940

torcedor Queiroz soltava balões no Campo da Graça. Estes torcedores representativos são citados, tanto quanto os jogadores, nas coberturas de clássicos mais empolgantes:

> O Dr. Zezito Magalhães veio de avião do interior do Estado, até mais gordo; o Dr. Giovani Guimarães que dizia "estar de férias" quando jogasse o Vitória, lá estava junto ao microfone de Antonio Maria, dando palpites antitricolores; também o eng. Gilvandro Simas compareceu ao campo, sendo muito notada a sua presença pela arquibancada B. O Dr. Eurico Paiva, botou gravata nova, dessas de 800 cruzeiros, com as cores vermelho e preto para atrapalhar... O Luiz Viana já está mais preocupado com o jogo que com a assistência... A torcida do Lado B, diria o Barradas ao Renato Teixeira, em vez de "chiclete", comeu, ontem, à noite, "pedra humo" em tabletes...[224]. (ATARDE, 1946)

Estas referências aos torcedores-representativos, antes inexistentes nas narrativas de jogos, arrastavam consigo traços de bom humor em situações de exagero típicos de ironia e caricatura: "Assim, enquanto o pessoal do decano engordava de alegria, principalmente João Pinto, Barradas, Conde, etc., os dirigentes do tricolor tornavam-se pálidos (exceto, é claro, o prof. Drodoala) e tristonhos, fazendo planos para o terceiro turno..."[225].

Em outra situação extrema, tricolores "aparecem choramingando, quando o Bahia não vence uma partida" e, como resultado, "o Dr. Armandinho emagreceu 12 quilos". Já, no outro lado,

> o Vitória perde, perde, perde e aí estão fabulosamente gordos Luiz Catharino, Jorge Correa Ribeiro, Manuel Tanajura, Paulo Dantas, Renato Teixeira, Manuel Barradas, Dudu Conde, Eurico Paiva, Bras Bartiloti, Heron de Alencar, Toninho Magalhães, Agenor Gordilho Neto [...][226].

Os torcedores representativos, alguns deles conselheiros ou ex-dirigentes, defendem seus clubes e estimulam a rivalidade. O jogo já não se circunscreve nas dependências do estádio; escoa e ecoa para fora dele. Seus efeitos ganham repercussão na fala do torcedor-representativo, sinalizando um momento diferente em relação à era da assistência composta por anônimos. Abram Gardenberg é citado como "torcedor do Bahia", em meio aos companheiros "Adroaldo Ribeiro Costa, Jaime Abreu e outros ilustres paredros" [227]. Já o "capitalista" Alberto Viana Braga é tido como um "freguês mal-agradecido", ao repetir a frase "O Bahia não possue adversário".[228] Zezito Ramos, "magnata tricolor", disse que, "em 21

---

[224] ABATENDO o Bahia por 3x0, o Vitória deixou o Guarani e Ipiranga em privilegiada situação. **A Tarde**, Salvador, 13 jun 1946.
[225] O Vitória destruiu as aspirações do Bahia**. A Tarde**, Salvador. 25 out. 1948.
[226] SCORE de Três a Três para manter o freguês. **A Tarde**, Salvador. 12 out. 1953.
[227] ELES estão sem esperanças**. A Tarde,** Salvador. 11 out. 1951.
[228] A maior "surra" de 1952! **A Tarde,** Salvador, 14 jul. 1952

anos, esta é a primeira partida decisiva que o seu clube perde", agravada a "circunstancia de haver empatado o prélio nos minutos finais para receber um goal esmagador do seu rival"[229].

Os torcedores com nome próprio não se encontram só em Salvador, pois os clubes identificam contingentes em todo o Estado, graças ao alcance proporcionado pelo rádio esportivo em franca expansão: "Hontem mesmo a família rubro-negra, dentre outros expressivos telegrammas, recebeu o seguinte de Ilhéus. "Turma do Victoria – Pastelaria Colón – Piedade – Bahia – de Ilhéus. Acompanhamos com o ouvido e o coração o formidável triumpho (c.a.) Armenio, Rebouças, Florindo, Pacheco, Durval e Caldas"...[230] Por conta da economia baseada no cacau, Ilhéus tem uma elite de alto poder aquisitivo. A Revista Momento, organizada por membros da Academia dos Rebeldes, da qual fez parte Jorge Amado, publica anúncios publicitários de médicos e advogados. A intriga, componente indispensável da rivalidade, é estimulada.

Cronistas assumidamente torcedores atiçam a rivalidade ao defender pontos de vista polêmicos, como é o caso do autor Gegê, torcedor do Vitória e jornalista do 'A Tarde'. Tornam-se, eles próprios, também representativos dos clubes:

> [...] Fiquei impressionado. Na arquibancada B... os torcedores do Bahia, em seguida ao goal do empate, arranjado de sorte, pareciam os S.S. de Hitler, no tempo áureo do nazismo. Batiam os pés no velho soalho, grunhiam como doidos. Levantavam os braços e sacudiam as cabeleiras, os que não eram carecas, pedindo mais um goal[231]. (ATARDE, 1952)

---

229 FUTEBOL Soberbo. **A Tarde**, Salvador. 28 set. 1953.
230 S.C. Victoria, "terror do returno". Grande triumpho do amadorismo! **A Tarde**, Salvador, 23 out 1939.
231 O Bahia progrediu pouco. **A Tarde,** Salvador, 25 jan. 1952.

Figura 18:Aspecto da capa do suplemento esportivo do jornal Bahia Hoje

Na Figura 18, constata-se a apresentação do Campeonato Brasileiro de 1994, com a foto do torcedor-símbolo do Bahia, Lourival da Silva, conhecido por Lourinho, ao lado do "anãozinho tricolor", como era conhecido o torcedor Evilásio Ferreira da Silva, que morreu atropelado, aos 54 anos, na Avenida Bonocô, quando retornava do Estádio de Pituaçu, onde havia assistido a uma partida do Bahia, pelo Campeonato Brasileiro da Série B, em 2009. Acervo pessoal. Coleção do autor, então editor do suplemento.

Torcedores em condições inusitadas são citados nos textos jornalísticos nas décadas seguintes, após a consolidação da era da torcida em substituição à assistência homogênea e apática: "Até mesmo o anão tricolor esqueceu a rivalidade e, antes da bola rolar, foi abraçar a Irmã Esperança, ferrenha torcedora rubro-negra"[232].

O estudo dos torcedores-representativos demonstra o fim da era em que os espectadores não tinham seus nomes nem suas histórias publicadas nos jornais, compondo

[232] TORCIDA vaia pobre futebol. **A Tarde**, Salvador, 10 ago. 1992.

uma assistência referenciada como uma massa uniforme, para o período de participação, a um só tempo individual e coletiva, no qual se destacam personalidades cujo comportamento serve de referencial para o restante da torcida.

5.5A RENDA COMO CAPITAL SIMBÓLICO DA TORCIDA

Esta mesma torcida, que torna-se ainda mais cortejada pela imprensa e pelos clubes, quando se estabelece a lógica das bilheterias e das arrecadações, passa a sustentar os negócios envolvendo os jogadores e a manutenção do produto futebol. Informações sobre a arrecadação dos jogos, antes ignoradas, passam a ser registradas nos jornais, primeiro no corpo dos textos, e depois nos destaques em maiúscula, nas frases abaixo das manchetes: "A renda. 11:670$00 foi quanto se apurou hontem, no campo da Graça, na venda dos ingressos".[233]; "A renda foi de 4:315$000, imposto de caridade incluído".[234]; "O prelio de hontem rendeu 8:611$800, imposto de caridade, 560$700..."[235] Também se nota a crescente preocupação em divulgar os números com precisão, considerando-se inicialmente a renda bruta, que é o total apurado, e a líquida, subtraídas as despesas: "Renda bruta. 6:677$500; imposto de caridade: 668$700; renda líquida: 6:008$800"[236].

A renda passa a ser um dos temas de maior atenção dos jornalistas, que comemoram a superação dos números no desenrolar dos clássicos. Os recordes são festejados, como bens partilhados por todos: "Desse modo o "Esquadrão de Aço"... fez jus à maior quota ganha por um time em um único embate! Renda recorde - Segundo boletim oficial a renda apurada foi de 59.622 cruzeiros – a maior jamais arrecadada entre times locais. Os times levaram 22.529,00 (Bahia) e 17.523,20 (Vitória)".[237]

A cada recorde, mais entusiasmo. E, assim, o capital simbólico (BOURDIEU, 1982) do torcedor se fortalece, em um círculo ufanista: o jornal elogia a torcida e a torcida enche a Fonte Nova, valorizando o clássico Ba-Vi. A torcida recebe novas menções honrosas nas edições e volta ao estádio, e os jornais se modificam para atender cada vez melhor e ajudar a instituir esta torcida como um potencial público consumidor de suas notícias. O movimento circular torna-se incessante:

---

233 MELHOROU a situação do Galícia na tabela. **A Tarde**, Salvador. 25 ago. 1941.
234 VENCEU o Bahia o grande clássico. **A Tarde**, Salvador, 12 set. 1945.
235 O gol da vitória surgiu no último instante da peleja. **A Tarde**, Salvador, 2 jun1944.
236 MELHOROU a situação do Galícia na tabela. **A Tarde**, Salvador, 25 ago1941.
237 SUCESSO tricolor no grande "clássico". **A Tarde**, Salvador, 12 mai. 1947.

> Renda record: o "match" oficial de ontem rendeu mais de cem mil cruzeiros, segundo apurou a nossa reportagem. O maior em jogos do campeonato. Com uma assistência nunca vista em jogos de campeonato, entusiasmada e vibrante, rubro-negros e tricolores realisaram a mais sensacional peleja do campeonato, até esta data (ATARDE, 1942).[238]

As rendas constituem a principal fonte de receita dos clubes. As torcidas sustentam as agremiações com o dinheiro arrecadado a cada jogo. Tornam-se mais valorizadas, pois delas dependem o funcionamento e o fortalecimento do clássico Ba-Vi. As arrecadações viabilizam o pagamento dos jogadores e as despesas de manutenção dos clubes. "O jogo cumpriu duas das suas maiores finalidades: agradou as duas grandes torcidas pelo placar igual e satisfez aos dirigentes dos dois clubes, pelas centenas de cruzeiros, que momentaneamente, irão desafogar os raspados cofres de tricolores e rubro-negros[239].

O cenário auspicioso permitiu construir uma ideia de torcida baiana como uma das mais participativas do país, em razão da frequência à Fonte Nova, em números que rivalizam com outros centros, tidos como de maior desenvolvimento ou de público de poder aquisitivo superior, como Rio e São Paulo: "Público excepcional lotou todas as dependências da Praça de Esportes deixando apenas pequenos claros nos locais menos convenientes. Recorde absoluto de renda na tarde de ontem em jogo de campeonato com mais de 2 milhões de cruzeiros. Novo recorde de arrecadação em jogos de campeonato com 2 milhões, 10 mil, 370 cruzeiros e um público pagante superior a 30 mil espectadores"[240].

Os números de frequência de público ao estádio tornam-se um hábito elevado à categoria de "tradição". A boa renda torna-se comum, pois é esperado um grande contingente toda vez que se defrontam Bahia e Vitória: "O maior "clássico" do futebol baiano manteve a sua tradição, lotando as dependências do estádio da Fonte Nova de espectadores que assistiram ao Vitória derrotar o Bahia por um a zero, afastando o tricolor do páreo para a conquista do primeiro turno do campeonato. A arrecadação apurada foi a maior do primeiro turno, NCr$ 26 mil 195 cruzeiros, com um público pagante de 15 mil e 27 pessoas[241].

Na transição do amadorismo, segundo Wisnik (2008) e Franco (2007), os jornais passam a se preocupar com a vendagem de ingressos, como forma de contribuir para o aumento do número de espectadores que virão a ser habituais compradores do veículo impresso como consumidores do noticiário esportivo. Os horários dos jogos e os locais de

---

238 BAHIA vence merecidamente o grande "clássico". **A Tarde**, Salvador, 1º set. 1947.
239 MELHOR resultado. **A Tarde**, Salvador, 4 set. 1961.
240 CABEÇA de Didico foi adeus do Vitória ao certame de 61. **A Tarde**, Salvador, 21 mai. 1962.
241 VITÓRIA ganha "clássico". **Jornal da Bahia**, Salvador, 29 ago. 1967.

venda de ingressos também são divulgados com antecedência, a fim de favorecer a presença da torcida, agora tratada como cliente e consumidora do produto, superando-se as antigas referências a pombal e jaula: "Vendagem de ingressos. Hoje, à tarde, na casa Barbosa, no Commercio e, amanhã, até às 13 horas, na Agência Linhares, estarão à venda os ingressos para o grande jogo. Horários dos jogos. Amadores, às 13 horas, com 20 minutos de tolerância. Profissionaes, às 15 horas".[242]

Com entusiasmo compatível às cifras, os jornais noticiam as grandes rendas. Os registros crescentes soam sem cessar, como um elogio à participação do público campeão nas bilheterias:

> Por fim, vale ser acentuado o grande êxito financeiro. As arrecadações não foram somente compensadoras. Elas acabam de estabelecer novo marco na história do futebol bahiano, neste advento do "Estádio Octavio Mangabeira". De acordo com o que foi noticiado, cerca de meio milhão de cruzeiros rendeu o empreendimento do Vitória, deixando uma renda líquida para este orçada na casa dos 250 mil cruzeiros, mal grado o fato assim mesmo, de muita gente estimar as arrecadações um pouco maior, isto é, perto de 600 mil cruzeiros[243].(ATARDE, 1953)

As mulheres são mencionadas pelos jornalistas, apesar do maior contingente masculino: "Além do espetáculo levado a efeito na cancha, entre os quadros do Vitória e do Bahia, os maiores rivais do nosso "*association*", uma multidão de aficcionados, destacando-se o belo sexo, se locomoveu para o "Estádio Octavio Mangabeira" lotando-o completamente todas as suas dependências".[244]

As grandes arrecadações que demonstram a metamorfose da assistência para a torcida também concorrem para criar um sentimento conjunto entre os torcedores, pois no momento da divulgação dos números são as duas torcidas, juntas, que comemoram a vitória de lotar o estádio, independentemente do resultado em campo: "Era a satisfação daqueles que venceram uma grande batalha numa tarde memorável para o futebol bahiano onde, até a renda superior a 600 mil cruzeiros superou todos os recordes em partidas de campeonato[245].

Mesmo quando o Ba-Vi não viabiliza qualquer modificação na classificação do campeonato, é capaz de atrair torcida: "Bom público esteve presente ontem à tarde no "Estádio Octavio Mangabeira" deixando em suas bilheterias a soma de 183.103,00, renda esta que pode ser considerada de muito boa em vista do prélio não apresentar nenhum interesse a

---

242 O penúltimo clássico. **A Tarde,** Salvador, 11 out. 1951.
243 FRUTO de "virada" sensacional. **A Tarde**, Salvador. 13 jul. 1953.
244 PELA primeira vez, o estádio super-lotado. **A Tarde**, Salvador, 15 ago. 1954.
245 FESTA das duas maiores torcidas. **A Tarde**, Salvador. 15 jul. 1957.

não ser aquele da rivalidade entre Bahia e Vitória".[246] Já consolidado como um clássico capaz de atrair as torcidas, tendo como principal atrativo o duelo em si, o Ba-Vi dispensa o clímax verificado nas decisões e reúne grandes multidões: "O público privilegiou o embate notando-se um número considerável de torcedores para um jogo em que qualquer resultado não influenciaria na classificação do Bahia".[247]; "Os torcedores que compareceram foram menos pelo resultado em relação ao campeonato do que pelo grande interesse que sempre desperta um prélio entre Bahia e Vitória"[248]. Se os times não vão bem, não importa. Vale a fidelidade: "Mas a estrela maior do clássico foi, novamente, a torcida baiana. Mesmo com o temporal, campanhas irregulares das equipes e ausência de estrelas em campo, tricolores e rubro-negros compareceram ao estádio em número considerável. Os mais de 36 mil pagantes representam o maior público das séries A e B do Campeonato Brasileiro deste ano[249]".

O clima é de entusiasmo por conta do hábito da grande procura pela compra de ingressos colocados à venda para os clássicos. As notícias têm um tom de lamento quando a expectativa por um número de renda é desapontada. As condições do tempo são avaliadas. Quanto mais chuva, menos público. Acrescem observações do contexto cultural da cidade, como a concorrência com outras festas populares do porte do Senhor do Bonfim:

> Vejam bem: 162 mil cruzeiros, em jogo de campeonato bahiano, já é considerada fraca! Mas é isso mesmo, de vez que se esperava uma arrecadação superior a 200 mil cruzeiros. Duas causas importantes, contudo, cooperaram para que a renda não fosse excelente. Em primeiro lugar temos que considerar a questão das chuvas. Durante toda a manhã e, mesmo até as 14 horas, choveu. Depois, outro motivo ponderável: a festa do padroeiro da cidade, o querido Senhor do Bonfim! (A TARDE, 1953)[250]

O produto Ba-Vi se fortalece na lógica de consumo, as arrecadações vão aumentando e os jornais acompanham a empolgação. O crescimento da torcida exige mais infra-estrutura: "A falta de transporte concorreu para a queda da renda. Desde cedo que o público procurava locomover-se para o estádio..."[251] Os recordes são comemorados, mas os números nem sempre correspondem. A decepção é evidente, nos momentos de público abaixo do esperado: "A renda não convenceu: campo superlotado e, apenas, 488 mil cruzeiros"[252].

---

[246] VENCENDO o Vitória: O E.C. Bahia sagrou-se campeão invicto do returno. **A Tarde**, Salvador, 5 dez. 1955.
[247] ENCERRANDO returno Bahia derrotou Vitória por 2x0. **A Tarde**, Salvador, 27 dez.1960.
[248] SANGUE novo do Decano reabilitou a sua equipe: 1x0. **A Tarde**, 16 dez. 1969.
[249] JOGO quente vence toró. **A Tarde**, Salvador, 5 jun. 2005. Suplemento A Tarde Esporte Clube (ATEC).
[250] ESPORTE Clube Bahia, Herói da Batalha do ano! **A Tarde**, Salvador. 2 fev. 1953
[251] E.C. Bahia campeão virtual de 1958. **A Tarde**, Salvador. 20 out 1958.
[252] PERANTE 25 mil "fans". Sucesso do Vitória sobre o tricolor. **A Tarde**, Salvador, 15 ago. 1955

Além dos baixos valores em contraposição à grande torcida, há uma demora na divulgação dos números: "Mais depressa soube-se ontem da renda dos jogos no Rio e S. Paulo que do jogo na Fonte Nova"[253]. Os indícios de desvio de renda parecem incomodar os jornalistas. As frequentes notícias em tom de disparate entre o público presente e a arrecadação divulgada sugerem uma boa investigação, mas os textos não vão além do registro inquieto e subliminar; há algo errado na soma que não tem base real no público que se vê encher os estádios em Ba-Vis: "O estádio encontrava-se lotado, com os preços majorados, a arrecadação de modo algum correspondeu uma vez que, no segundo turno, com preços muito menores e menor público tivemos uma renda de 865 mil cruzeiros[254]; "A renda divulgada, 11 mil 658 cruzeiros novos, para 7 mil e 217 ingressos vendidos é que foi recebida com estranheza, pois se tinha a impressão que havia muito mais gente no estádio"[255]; "foram arrecadados Cr$ 941.670,00 renda que causou estranheza ao público presente que esperava arrecadação acima de um milhão[256].

Os torcedores pagam ingressos a preços diferenciados conforme o lugar escolhido no estádio. A precisão na distribuição destes bilhetes ajuda a demonstrar a incompatibilidade entre o público presente estimado e o número registrado de vendas:

> Protestos do público que vem taxando as disputas entre Bahia e Vitória de 'marmelada', a arrecadação foi conforme pode-se verificar do boletim distribuído pela APE: Ingressos vendidos – Numeradas - 287 a 150,00 – Renda – Cr$ 43.050,00; Sombras – 3.499 a 80,00 – Cr$ 279.920,00; Meias Sombras – 2.097 a 60,00 – Cr$ 125.820,00; Gerais 2.374 a 60,00 – Cr$ 142.440,00; Meias Gerais – 839 a 40,00 – Cr$ 33.560,00; Soma dos ingressos vendidos 9.096; Total da renda Cr$ 624.790,00.(ATARDE, 1969)[257]

O ponto de ruptura 'arrecadação' sinaliza a dependência do Ba-Vi em relação à presença de torcedores, tornando-se autorizados a exercer sua força, pressionando em busca do melhor resultado para seu time, como não ocorria no tempo da assistência.

5.6 A PRESSÃO À ARBITRAGEM COMO PARTICIPAÇÃO ATIVA DO TORCEDOR

[253]A maior "surra" de 1952! **A Tarde,** Salvador, 14 jul. 1952.
[254]ESTÁDIO lotado e renda fraca. **A Tarde,** Salvador, 24 fev. 1958.
[255]BAHIA e Remo ganharam e vão decidir título de torneio. **Jornal da Bahia**, Salvador, 28 abr. 1967.
[256]BA-VI. **A Tarde**, Salvador, 30 mai. 1969.
[257] BEM próximo o Bahia do bi-campeonato. **A Tarde**, Salvador, 9 dez. 1969.

Um outro aspecto para se demonstrar a ruptura da assistência é a participação intensa, como sujeito da história do jogo, dos torcedores, quando abandonam o perfil de grupo formado por pacatos observadores e assistentes. Os torcedores pressionam em busca das vitórias. O público bem-comportado e pacato, até então apático, é substituído pela torcida barulhenta, inquieta, participante. Trata-se, num primeiro estágio, de uma assistência. O frequentador do Campo da Graça observava, contemplava, via: ele assistia. Já o torcedor da Fonte Nova tem o que se convencionou chamar "atitude" no mundo da arquibancada. Quem "torce", também distorce, posicionado como quem percebe, no objeto da paixão, qualidades capazes de inspirar sua sedução. A subjetividade comanda os julgamentos dos lances do jogo e a paixão estabelece os movimentos, das lágrimas à euforia, em uma escala que depende da situação do time, como um "termômetro" das emoções do futebol.

Tomados pela ideia fixa de ver o time vencer, os frequentadores dos estádios fazem pressão sobre a escolha dos árbitros. Elogiam, quando o time vence; criticam, se perde. Os erros cometidos são irrelevantes se desfavoráveis ao adversário. A ruptura é severa com um dos princípios básicos do ideário do esporte moderno: respeitar as decisões do árbitro e as normas e regulamentos das competições. Antes mesmo de tornarem-se inflexíveis e intolerantes com as arbitragens, os frequentadores do estádio já adotavam uma postura crítica, embrião para a torcida que vaia e xinga a mãe do juiz, costume posteriormente banalizado. Então, a superação de um modelo não se dá subitamente; antes, trata-se de um processo no qual é possível que vestígios de uma etapa aparentemente ultrapassada sobrevivam, bem como é certo que, em algum momento, o fluxo teve início como auge de um processo anterior:

> Os fans do Sport Club Bahia, em grande parte são bastante exigentes nessa questão de escolha de juiz para marcar qualquer partida, na Graça, em que tome parte esse gremio seu affeiçoado. É o caso de dizer-se: nem tanto nem tão pouco! Até porque, muitas vezes, se torna reprovavel o proceder de alguns delles, reclamantes somente quando o triunpho lhes sai às avessas. Ainda hontem, os quadros secundários estavam no gramado e não havia juiz. Foi um puxa d'aqui, rejeita dalli e por fim, appareceu o sr. Arlindo Flach, que é bom camarada. Mas o grande caso é que fosse por essa ou por aquella carga d'água, elle teve falhas bastante consideraveis ao ponto de influir no resultado geral do prelio, que não terminaria absolutamente com o escore de 4x1 se elle marcasse como era do seu dever os dois "penaltis" que somente os referidos "fans" do "Bahia" não viram fazendo o papel do peor cego. Desses árbitros, assim, que commettem erros a favor dos "exigentes", sim, é que servem; não "prejudicam" o club. Agora, fiquem certos esses esportistas

> de meia tijella que só querem ganhar, que não lhes daremos o prazer de uma replica... – S.J.(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1935)[258]

Na avaliação da arbitragem, valem a retórica e o sofisma. A divergência não visa alcançar uma conclusão lógica ou uma "verdade" sobre questões do jogo, pois prevalece a interpretação do árbitro para tomar as decisões com base no regulamento a fim de conduzir o jogo. No jargão do futebol, esta postura agônica extrema ficou cristalizada na expressão "ganhar no grito". A fiscalização inclemente e apaixonada do desempenho dos árbitros acompanha uma preocupação crescente dos jornalistas sobre o tema. O árbitro dos jogos passa a ser tema obrigatório de pauta jornalística, quando o Ba-Vi se fortalece e se constitui como confronto extremo, provocando mais debates na torcida. Quem vai apitar a partida é um sujeito sob pressão e esta situação instável implica em polêmica: "A importante partida de logo mais será dirigida pelo Sr. Oscar Bastos Coelho, escolhido na última sessão do Departamento de Árbitros. Ontem, à noite, soubemos que o referido árbitro estava disposto a não marcar a partida, por motivos superiores".[259]

As torcidas cobram melhores atuações para a condução justa do jogo. Os jornalistas ficam mais atentos ao desempenho dos árbitros. Entre o mar e os rochedos, o árbitro sente-se, sempre, pressionado: "Osvaldo Sousa reapareceu, ontem. E fê-lo bem. Muito torcedor irreverente apontou-lhe erros. Mas, ao nosso ver, não tinham razão. Não houve penalties e muitos assim julgaram."[260] O princípio de precisão volta a ser aplicado pelos jornalistas ao noticiar a remuneração do árbitro. O pagamento em dinheiro implica no início de um processo de profissionalização que caracteriza o fim da era amadorista, quando os árbitros eram jogadores de outros times que também disputavam o mesmo campeonato:

> O árbitro da peleja de ontem, o sr. Antonio Bernardo, conseguiu a rehabilitação esperada. 1.900 cruzeiros foi a quota da arbitragem em virtude da renda. Mas, o presidente da F.B.D.T., sr. Raimundo Corrêa, afim de estimular os nossos juízes a atuações como a de ontem, deu de premio ao referido arbitro 5 mil cruzeiros.(ATARDE, 1947) [261]

---

[258] A brilhante actuação do "Victoria". **Diário de Notícias**, Salvador, 22 ab. 1935.
[259] ABATENDO o Bahia por 3x0, o Vitória deixou o Guarani e Ipiranga em privilegiada situação. **A Tarde**, Salvador, 13 jun. 1946.
[260]SUCESSO tricolor no grande "clássico". **A Tarde,** Salvador, 12 mai. 1947.
[261] BAHIA vence merecidamente o grande "clássico". **A Tarde**, Salvador, 1º set. 1947

Carbureto Málta
o mais barato e de mais rendimento
Pedidos com EDISON MENEZES
Agente Geral no Estado da Bahia
Rua Miguel Calmon, 22 — 1.º andar — Caixa Postal 428
Tels. 3304-6238

DIARIO ESPORTIVO

A Brilhante Actuação Do "Victoria"

Pela alta contagem de 6 x 3, o gremio rubro-negro abateu o S. C. Bahia--Dos tentos do tricolor, um foi feito em impedimento--Nauticas--O "Vera Cruz" ganhou a regata no Dique--OUTRAS NOTAS

REGISTO

Os "torcedores" do Sport Club Bahia, em grande parte são bastante exigentes, nessa questão de escolha de juiz, para marcar qualquer partida, na Graça, em que tome parte esse gremio seu affeiçoado.

E' o caso de dizer-se: nem tanto, nem tão pouco! Até porque, muitas vezes, se torna reprovavel o proceder de alguns delles, reclamantes somente quando o trumpho lhes sai ás avessas.

Ainda hontem, os quadros secundarios estavam no gramado, e não havia juiz. Foi um puxa d'aqui, rejeita dalli e por fim, appareceu o sr. Arlindo Flach, que é bom camarada. Mas, o grande caso é que fosse por essa ou por aquella carga d'agua, elle teve falhas bastante consideraveis ao ponto de influir no resultado geral do prelio, que não terminaria absolutamente com o escore de 4 x 1, se elle marcasse como era do seu dever, os dois "penalties" que somente os referidos "torcedores" do "Bahia" não viram, fazendo o papel do peor cégo.

Desses arbitros, assim, que commettem erros a favor dos "exigentes", sim, é que servem; não "prejudicam" o club.

Agora, fiquem certos es-

actiou melhor, com mais entendimento. Não obstante, findou-se a phase, com o empate de **1 x 1**, tentos feitos pelos "players" Correia e Teixeira.

No segundo tempo, porém, o Bahia firmou-se melhor, e acabou ganhando de 4 x 1, favorecido com os erros do juiz.

A PARTIDA PRINCIPAL

Para a partida principal, os quadros tinha a seguinte organização;

Victoria
De-Vecchi
Carapicú e Renato
Wanderley Seabra e Adelmar
Bahiano Novinha Mozart
Raul e Gazinho

Bahia
Nova
Leonidas e Ludovico
Nouca Guga e Carlinhos
Ito Betinho Romeu Bemzinho e Jorge

Sob o apito do juiz Francisco O. Paim, que teve falhas de grande importancia, começou o jogo bem movimentado, sendo que o Victoria realizava mais incursões á area adversaria, mas, em dado momento, ainda no principio da luta, Carapicu' dá um "furo", que De Vecchi defendeu e quase era o primeiro tento.

OS GOALS

O primeiro goal dos vencedores de hontem foi feito por Mozart. Numa investida da linha, Gazinho virou para aquelle centro atacante, de cabeça, abrir a contagem.

A pelota, antes, havia corrido de um extremo a outro quando Romeu conseguiu o 2.º TENTO do "Bahia".

Depois disso, ainda Gazinho fez o 6.º GOAL do Victoria; e Jorge o 3.º da turma derrotada.

Foi, portanto, **6 x 3** o resultado da partida principal de hontem, travada na Graça, entre os clubs Victoria e Bahia.

LIGEIRAS APRECIAÇÕES

O gremio rubro-negro teve uma actuação brilhante. Todos jogaram bem sendo que De-Vecchi, Novinha, Bahianinho estiveram estupendos.

No "Bahia", aquella linha media é que lhe diminu'e a efficiencia.

E não foi se não por isso que o tricolor saiu perdendo hontem, pois que o resto da defesa e a linha atacante são boas.

Ary resolveu continuar no "Galicia"

Reconhecendo seu acto de indisciplina para com o "Galicia", o "player" Ary, applaudido zagueiro, resolveu pedir uma reconsideração á directoria desse gremio, sob a attitude então por ella assumida promettendo, por meio de um documento assignado e com firma reconhecida, continuar a defender o mesmo pavilhão.

Segue-se uma copia do referido documento:

DECLARAÇAO

AO PUBLICO E AO MUNDO ESPORTIVO DA BAHIA

Eu, abaixo assignado, reconhecendo os favores e atten-

Figura 19 Aspecto de edição esportiva do Diário de Notícias, do dia 22 de abril de 1935

No trecho retratado na Figura 17, lê-se o texto ‘A brilhante actuação do Victória’, registrando a cobrança dos “torcedores” do “Bahia” em relação ao desempenho do árbitro de um Ba-Vi.

O jornalista é rigoroso ao criticar o árbitro. Dele depende a legitimação do jogo, graças à interpretação das regras do futebol com o objetivo de conduzir a partida em sua plenitude, com o máximo de acertos no julgamento dos lances, para o resultado ser reconhecido como justo, a despeito de toda a inevitável polêmica que caracteriza a discussão entre torcedores:

> Um jogo Ba-Vi, clássico dos clássicos, representa 90 minutos de luta, de lances rápidos e enérgicos, de técnica, de calor contagiante. Tal não se deu, culpa do Bahia? Culpa do Vitória? Nada disso – culpa do juiz... o infeliz referee atrapalhou-se... no período complementar o sr. Paulo Mota, num desrespeito ao publico, cometeu mais uma serie de peripécias, sendo o rubro-negro o espoliado.(ATARDE, 1947)[262]

A intensidade das cobranças por um desempenho justo da arbitragem chega a momentos de pressão extrema. O auxiliar de linha, popularmente conhecido no futebol como bandeirinha, compartilha as dificuldades do árbitro principal. Em casos extremos, registram-se agressões: “Então o apitador resolveu colocar a brasa na mão do pobre bandeirinha e este, por confirmar a falta, acabou sendo esbofeteado pelo ponteiro Edson”[263]. Mesmo um árbitro reconhecidamente competente, como era o caso do falecido ator e advogado Garibaldo Amâncio de Mattos, “teve de usar a força para chegar ao seu vestiário, pois nas proximidades foi cercado por alguns torcedores”[264]. A Polícia é chamada para intervir em situações extremas nas quais o árbitro escapa da ira dos torcedores: “escoltado por dezenas de policiais [...] entrou numa viatura da PM, juntamente com o major Rivas e retornou à Vila Militar, nos Dendezeiros”[265].

A cobrança é implacável para o árbitro cumprir as inflexíveis leis do jogo, como se pode demonstrar com a censura por autorizar o socorro a um atleta machucado: “O prélio foi arbitrado pelo juiz inglês Lowe, que atua em Pernambuco, contratado pela entidade local. Errou s.s. quando paralizou o jogo para socorrer um jogador caído no gramado...”[266].

Em um ambiente compartilhado por milhares de olhares de apaixonados por seu time, e dispostos a tudo para ver a agremiação vencer, o árbitro se vê sob pressão sem trégua. A

---

[262]A fraqueza do arbitro maculou a grandiosidade do clássico. **A Tarde,** Salvador, 19 abr. 1948.
[263]O Bahia reagiu e ganhou o clássico. **A Tarde**, 6 jun. 1949.
[264]ELES queriam aparecer (e acabaram conseguindo). **Tribuna da Bahia**, Salvador. 14 mai. 1973.
[265]AGOMAR: arbitragem de empate. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 19 dez. 1974
[266]O Bahia às portas do tetra. **A Tarde**, Salvador. 30 ago. 1950.

pressão é exercida em coro pelos torcedores e seu impacto no gramado se reflete nas decisões do árbitro: “A torcida gritou e Aires Barbosa acenou a bandeira; o juiz anulou o tento!”[267]

O ambiente carregado por conta das cobranças de parte a parte desaconselha a escalação de árbitros locais nos momentos de maior tensão. A saída é trazer árbitros de outros estados. O árbitro Mário Vianna, da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, foi um dos convidados. Seu bom desempenho confirma a estratégia da importação como opção utilizada desde então, notadamente nas ocasiões de decisões de título:

> Mario Viana, possuidor de forte força moral... chegou a um nível irrepreensível dentro do ponto de vista da disciplina e do cavalheirismo. E como não houve um só senão na arbitragem, tal fato contagiou o público e foi justamente por isso que mesmo nas arquibancadas, não se notou qualquer atrito de envergadura.[268]

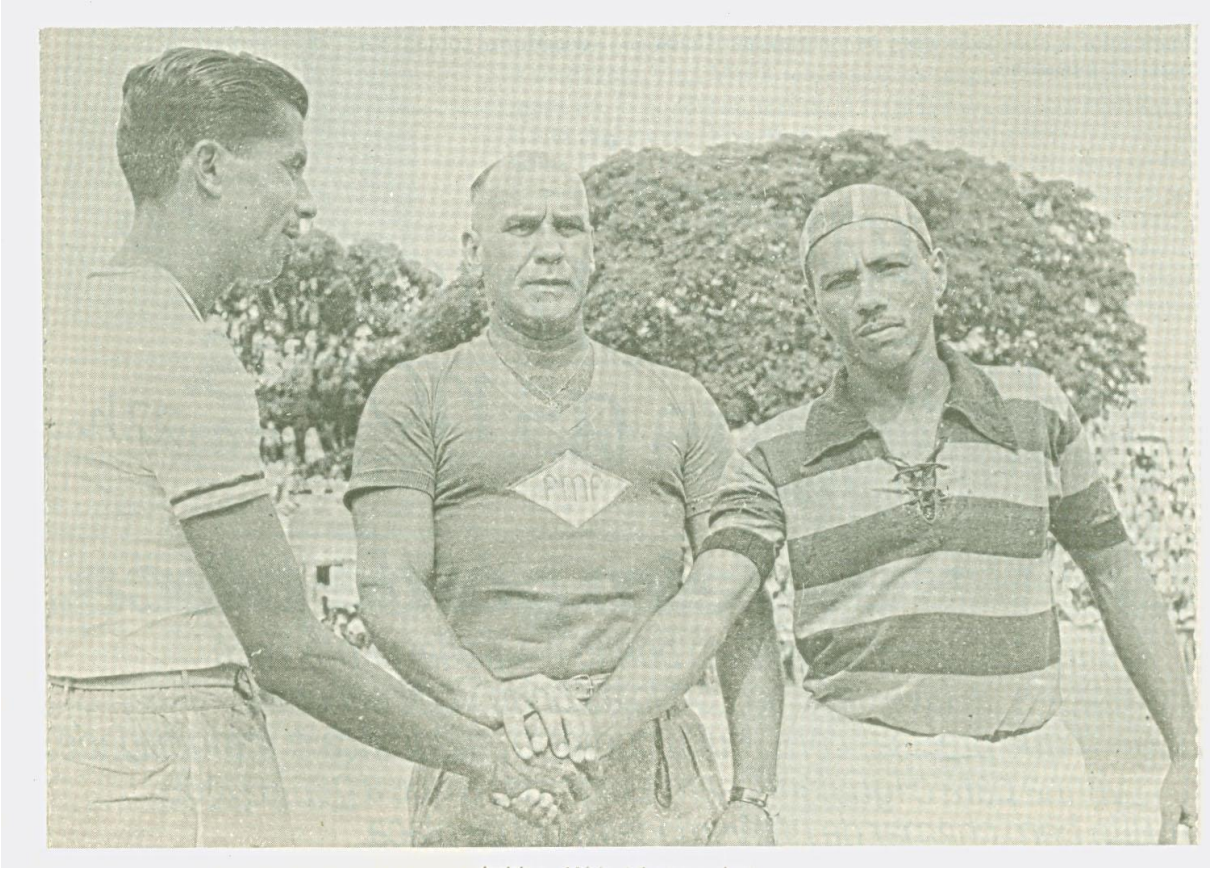


Figura 20: Isaltino, capitão do Bahia, o árbitro Mário Vianna e Joel, pelo Vitória, antes de um Ba-Vi no Campo da Graça[269].

[267]VITÓRIA campeão do Qua-qua-quadrangular. **A Tarde**, Salvador. 20 dez. 1954.
[268]O Vitória às portas do campeonato. **A Tarde**, Salvador, 15 mar. 1954.
[269] Reprodução Cadernos de Política, Cultura e Esporte. edição 1979.

Mas, apesar de distante da cena local, o que permite uma maior expectativa de evitar se deixar envolver por interesses e preferências, o árbitro de fora nem sempre escapa de um olhar mais crítico: "A começar pela marcação de impedimentos inexistentes, o mediador mineiro teve o seu maior pecado, porém, ao expulsar o zagueiro Valvir, sem que o público entendesse esta sua atitude, já que o atleta nada cometera a ponto de merecer tamanha punição"[270]

Os erros de arbitragem provocam um regozijo mais intenso aos beneficiados que não sentem qualquer constrangimento, como se poderia supor, aplicadas as regras originais do esporte moderno. Ocorre uma evidente mudança na hierarquia dos valores, na metamorfose da assistência para a torcida. Em vez da desonestidade e da deslealdade, provenientes do senso de disciplina, a vergonha, nesta nova fase, é perder. Em um movimento inverso ao da fase anterior da torcida Ba-Vi, evitar a derrota em um lance ilegal passa a ser um motivo de escárnio: "Foi mão de Zé Eduardo! Carlinhos estava impedido! Foi isso que reclamaram os jogadores do Vitória, enquanto a torcida do Bahia, salva da derrota em cima da hora, vibrava com o tento do empate."[271]

Ao abordar o tema de uma forma objetiva, sem uma avaliação valoral, os jornais colaboram para instituir esta nova percepção da importância de vencer, não interessando se foi de forma lícita ou ilícita, verdadeira ou falsa, justa ou injusta. Na fase da torcida, superada a assistência, o importante é vencer, e não mais competir. Os assistentes, antes pacatos e ordeiros, obedientes às decisões dos árbitros do jogo, alteram o perfil, na metamorfose para torcedores, que passam a interferir diretamente no resultado, usando todos os recursos disponíveis, desde as vaias e provocações às agressões físicas: a mãe do árbitro passa a ser lembrada com frequência em frases de efeito ofensivas gritadas em coro.

O valor principal é a lealdade a seu time e não a justiça ou a honestidade na interpretação dos lances. Este deslocamento de valores pode ter contribuído para a crescente violência que se registra nos estádios contemporâneos, pois o conceito de esporte como ferramenta de pedagogia e de construção de relacionamentos, na perspectiva comum de fazer amigos, foi superado pela busca da vitória e do delírio que ela produz nos torcedores.

O sentimento da ira, do ódio e da rivalidade parecem despertar mais a atenção dos leitores que as amenidades do ideário moral do esporte, como se constituiu no século XIX. Os

---

[270]BA-VI. **A Tarde**, Salvador, 30 mai. 1969.
[271]GOL do Bahia foi ilegal mas não se deve bater no "bandeirinha". **Jornal da Bahia**, Salvador, 3 mar 1970

jornais refletem esta migração de valores e ajudam a instituir esta torcida violenta e capaz de gestos os mais extremos, até o de matar um integrante da "horda" inimiga.

5.7 O JOGADOR "ÍDOLO" COMO REFERÊNCIA DO TIME PARA A TORCIDA

Na era da torcida, os jogadores mais destacados são chamados de ídolos. A torcida os festeja nos momentos de conquista de título e grandes vitórias. O mérito é registrado nos jornais pela qualidade no trato com a bola e participação decisiva na definição do placar dos jogos. O "ídolo" é o jogador que tem seu desempenho elogiado, como Teotônio, "cuja atuação merece registro"[272] e André, que "tocou com categoria, com raça, com amor e saiu correndo em direção a sua torcida"[273]. O ídolo torna-se o jogador-referência, como no "onze de Bengalinha".[274], ou seja, o time que tem como destaque o ídolo Bengalinha. O mesmo se verifica com "Cacetão, como sempre a máquina do time".[275]

A expectativa por ser festejado é grande também entre os jogadores, que são conscientes do que representam para os torcedores. Depois de uma vitória sobre o Bahia, em uma série decisiva, o jogador Mário Sérgio anunciava, antes do Ba-Vi seguinte, ainda nos vestiários da Fonte Nova: "Se o Vitória vencer o jogo, vou dar todo meu material. Vou sair de campo de sunga. Só não saio nu porque complica[276].

Ao entusiasmo pelas cores do clube junta-se a idolatria a jogadores que se destacam, como o argentino Bianchi: "...A Bahia jamais assistiu figura tão impressionante na sua posição"[277]. Por outro lado, a condição de ídolo reforça de tal forma o capital simbólico do atleta que, em situações de confronto com a diretoria do clube ou qualquer outra situação de antagonismo dentro do ambiente do futebol, ele ganha mais visibilidade para sua reivindicação, como no caso da primeira greve, e provavelmente a única de jogadores de futebol envolvendo o clássico Ba-Vi: "A linha média portenha do tricolor (Papete, Bianchi e Avale) não compareceu, siquer, ao campo. A causa disso, segundo nos declarou pessoa digna de credito, foi terem os jogadores exigido pagamento de suas mensalidades".[278]

---

[272] E.C. Vitória, campeão. **A Tarde**, Salvador, 17 mar. 1958.
[273] UM campeão, **Tribuna da Bahia**, Salvador, 18 dez. 1972
[274] E.C. Bahia campeão virtual de 1958. **A Tarde**, Salvador. 20 out 1958.
[275] VENCEU o Bahia o grande clássico. **A Tarde**, Salvador, 12 set. 1945.
[276] O Vitória nem ligou para a retranca do Bahia.**Tribuna da Bahia**, Salvador. 11 dez. 1972
[277] O Bahia "leader" absoluto do campeonato da cidade. **Diário de Notícias**, Salvador. 23 set 1940.
[278] O treino de ontem na Graça. **A Tarde**, Salvador, 13 jan. 1941. Os jogadores argentinos são pioneiros na reivindicação dos direitos trabalhistas, uma postura que até hoje se reflete no futebol do país vizinho, onde os

Com o advento da fotografia, os "*cracks*" passam a ter suas imagens divulgadas.[279] Mostrar a imagem do jogador favoreceu a cristalização da ideia de ídolo, pois o atleta tornava-se mais divulgado, por mérito. O torcedor passou a ter a oportunidade de guardar a página impressa onde vê estampada, quantas vezes quiser, a foto de seu ídolo em ação. Esta divulgação é valorizada pelas legendas, como são chamadas pelos jornalistas as frases de identificação do sujeito e da ação, aplicadas, geralmente, em uma linha situada sob a imagem: "Foto de Pipíu, cuja presença no cotêjo de hoje é duvidosa".[280] São publicadas fotografias do time composto da seguinte forma: seis jogadores em pé, atrás; e cinco jogadores, agachados, à frente, como no exemplo das fotos assim legendadas: "O quadro do Vitória, que enfrentará o Bahia, no maior prélio do campeonato local; O esquadrão principal do Bahia, que à exceção de Curto, enfrentará o rubro-negro hoje"[281].

As fotos de lances de área que ajudam a definir o jogo, até hoje as mais valorizadas no fotojornalismo esportivo, passam a constituir um diferencial importante para a edição, refletindo no sentimento de admiração que constitui motivo para a idolatria de um jogador por parte de seu torcedor, como no caso do goleiro Leça: "um baluarte, anulando o ataque do Vitória... aparece o "magriço abusado" numa defesa alta cercado por gregos e troianos".[282]

Na era da torcida, a noção de "*association*", base da origem do futebol, é superada pelo destaque individual. No ponto de ruptura 'ídolo', a qualidade coletiva do grupo de jogadores, o que se entende por 'time', fica em segundo plano em relação ao indíviduo, aquele que se destaca. De tal forma é reverenciado o ídolo que, mesmo após encerrar a carreira, mantém a aura, como no caso do jogador Bahiano, alvo de "uma expressiva homenagem como reconhecimento pela dedicação com que o veterano zagueiro sempre defendeu as cores do Esquadrão de Aço".[283]

Gravemente lesionado, o ídolo é festejado como herói. É o caso de Carlinhos, que "fraturou a perna, surgiu no gramado antes do jogo e foi até a torcida do Vitória onde foi muito aplaudido"[284]. Entre os ídolos, destacam-se os artilheiros, como são chamados, em

---

atletas profissionais organizam greves para exigir pagamento de dívidas dos clubes e mais segurança nos estádios.

[279]O texto 'O clássico n.1 do futebol baiano', publicado em **A Tarde**, edição de 30/7/1942, é ilustrado com foto da "parelha de 'backs' dos "Leões da Barra" (sic).

[280]BAHIA x Vitória – o clássico que empolga! Tricolores e rubronegros realizando hoje à noite sensacional confronto na cancha da Graça. **A Tarde**, Salvador, 1 jun 1944

[281]ABATENDO o Bahia por 3x0, o Vitória deixou o Guarani e Ipiranga em privilegiada situação. **A Tarde**, Salvador, 13 jun 1946.

[282]SUCESSO tricolor no grande "clássico". **A Tarde**, Salvador. 12 mai 1947.

[283]BAHIA x Vitória – o clássico que empolga! Tricolores e rubronegros realizando hoje à noite sensacional confronto na cancha da Graça. **A Tarde**, Salvador, 1 jun. 1944

[284]A cidade em festa, Bahia é bicampeão. **A Tarde**, Salvador, 2 ago. 1971.

metáfora com a função militar, os jogadores responsáveis por concluir o lance ofensivo. Os artilheiros constituem categoria especial de ídolos, pois são eles que marcam os gols: "A torcida tricolor voltou a vibrar e Leo de braços abertos comemorou tradicionalmente a marcação de "seu tento"[285]. Os gols são anotados pelo jogador que conclui o lance, dando vez à ideia de autoria, superando a noção anterior de uma ação coletiva e que não tinha assinatura, pois se entendia que o conjunto marcava o tento e não quem tocou a bola por último antes de ir às redes. Surgem as fichas técnicas, primeiro com o nome de "detalhes técnicos"[286], informando os nomes dos jogadores, em separado ao texto da crônica do jogo. Na ficha, destacam-se os autores dos gols, uma ferramenta de edição inexistente no período de assistência, quando sequer as escalações completas eram divulgadas.

[285] ENCERRANDO returno Bahia derrotou Vitória por 2x0. **A Tarde**, Salvador, 27 dez. 1960.
[286] QUEBROU o Vitória a invencibilidade do E.C. Bahia. **A Tarde**, Salvador, 22 set. 1952.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A torcida de futebol foi interpretada aqui a partir do que os jornais publicaram sobre os torcedores em coberturas de jogos entre Bahia e Vitória. O clássico foi tomado como referência e matriz de outros confrontos similares em participação de público, a partir da construção da rivalidade entre grandes clubes de futebol.

A análise dos textos dos jornais mostrou a superação da assistência, como resultado das trocas provenientes da fricção entre a atividade de produção de conteúdo por parte dos cronistas esportivos e a alteração contínua de contextos que servem de matéria-prima para o trabalho jornalístico.

Mostrou também que há uma troca intensa e em fluxo contínuo entre a torcida, enquanto fornecedora de matéria-prima para o conteúdo dos jornais, e os jornalistas, que ajudam a instituir a torcida, enaltecendo e hierarquizando seus valores. O jornalista e o torcedor se abastecem mutuamente de informações. O resultado desse relacionamento contínuo e diário aparece nos textos das páginas esportivas que, assim, instituem aspectos que constroem o perfil da torcida, em um exercício de reinvenção incessante.

Ao mesmo tempo em que os jornais compartilham os dados de realidade com a comunidade que os lê, também divulga, por sua vez, narrativas e ideias capazes de produzir sentido e colaborar decisivamente na construção coletiva do clássico Ba-Vi, como o jogo é chamado.

Para se tornar um torcedor, é preciso comprar a camisa, o boné, a bandeira, o ingresso, consumir os jornais, ouvir as resenhas esportivas, assistir aos telejornais e acessar os sites. O consumo dos símbolos afirma o torcedor como integrante daquele mundo das arquibancadas. Este torcedor que se copia, que compra os objetos parecidos, canta refrões em coro e sabe a escalação de seu time, repete-se um ao outro, como se replicasse um mesmo padrão e dele não pudesse escapar sob pena de não se poder considerar mais um torcedor.

Na consolidação da torcida, pôde-se observar que os torcedores criaram mecanismos claros para se comunicarem e saberem de que lado estão. Regulados por um tempo próprio, que os distingue do mundo sério e ordenado do ambiente externo aos estádios, os torcedores se encontram segundo as cores do time que exibem orgulhosamente em suas camisas, e gritam frases de efeito em coro que evidenciam seu gosto ou desgosto pelo resultado do jogo. O torcedor sabe onde se posicionar e dirige suas emoções para a afinidade ou o temor em relação ao local do jogo, a depender da familiaridade que desenvolve ou não com o estádio.

Também se pode afirmar a existência de uma tendência inequívoca ao bom humor, em contraste à seriedade exigida para o convívio no cotidiano social convencionado.

À extrema sensação de felicidade do torcedor denomina-se de delírio, como forma de referenciar a palavra mais utilizada nos textos dos jornais sobre o Ba-Vi, binário composto por contrastes como o fato de o Bahia assimilar as leis do profissionalismo emergente nos anos 1930, enquanto o Vitória traz o rastro histórico que remonta aos vestígios da Era Moderna, pois foi fundado ainda em 1899, referência que sintomaticamente permanece sob seu distintivo. Os símbolos e situações que produzem o sentido dos antagonismos Ba-Vi compõem um contexto consistente a ponto de unir o mundo real do cotidiano com o ambiente fortemente impactado por fantasias e o exercício pleno do imaginário, como é o estádio de futebol. Daí, advém o fato de a torcida saltar o muro do estádio e trazer também, em contrafluxo, sua vivência das arquibancadas para o cotidiano.

O prazer de vencer extrapola os limites do estádio e torna-se objetivamente um componente indispensável para se interpretar a torcida de futebol, situada aqui em um terreno de abstração que inclui o lúdico e a cultura. O culto ao delírio vem da intensidade deste prazer de vencer, que faz transcender o futebol e impõe seus efeitos, individualmente, em cada torcedor integrante deste mundo abstrato da partilha de emoções durante o jogo e no pós-jogo, em um movimento que perde a referência de fim e começo. Diferentemente do teatro, a torcida joga com o time e, por assim dizer, ajuda a escrever o roteiro desta “peça” incerta que pode resultar em vitória ou derrota de seus atores em conflito.

A construção deste momento de delírio impõe estágio preparatório formado por fontes de emoção cujo alto poder de inclusão implica no entusiasmo coletivo gigante quando um time faz um gol ou de intensa decepção quando sofre o tento.

O fato mais evidente e significativo é a inauguração do Estádio da Fonte Nova, em 1951, com todos os desdobramentos socioeconômicos deste marco histórico, que viabilizou a conclusão da metamorfose da assistência para a torcida. Uma torcida que vai paulatinamente perdendo o foco principal nos valores morais do esporte moderno e passa a exigir dos árbitros uma atuação útil, que sirva aos interesses do time. Uma torcida que começa a pagar ingresso caro, comprado com antecedência para ter em troca um serviço eficiente em um estádio mais confortável. Uma torcida, enfim, que tem perfil coletivo, e também seus líderes individuais, cujo nome e rosto são conhecidos graças à visibilidade oferecida pelas páginas esportivas.

A metamorfose da assistência para a torcida de futebol representa uma passagem de um Brasil para outro: é a era do mercado consumidor, dos torcedores que buscam imitar-se

como replicantes para pertencerem à mesma comunidade, é a era da cultura de massas que adoram celebridades: os ídolos do futebol amados e odiados, a depender da torcida.

Esta torcida reflete um tempo em que idolatrar uma celebridade e usar os símbolos a ela correspondentes, como a camisa com o número do jogador admirado, significa fazer parte daquele ambiente de sonhos chamado futebol.

O movimento fluido e incompleto, mas contínuo, mesmo quando a bola não está rolando, torna a torcida de futebol uma comunidade imaginada, e sempre unida, não importa se fisicamente os torcedores estejam distantes nos momentos em que não se encontram no estádio para partilhar as emoções do jogo. A conexão se dá por sinais, gestos, objetos, memórias e associações simbólicas que constituem a comunicação entre os torcedores.

O resultado de toda a complexidade desta vivência cheia de meandros é a percepção de tendências gerais que influenciam na formação do perfil do jogo, pois cada Ba-Vi é também diferente do outro, como unidade indivisível, uma história nova para se contar, ouvir e, principalmente, contestar, no pós-jogo que, em-si, torna-se um pré-jogo, no momento em que se aproxima a realização de novo conflito da bola.

Os excessos desses desentendimentos se verificam principalmente a partir da consolidação da torcida, quando o jogo se torna mais tenso e envolve valores diversos dos constituídos na época de afirmação do futebol no início do século XX, momento em que o formato assistência era prevalecente. Vencidos confraternizavam com vencedores. Jogadores posavam juntos para fotografia. A lealdade era mais considerada na hierarquia dos valores.

O novo contexto da torcida, da forma como se construiu e foi construída, implica situações de violência, física e simbólica, o efeito mais indesejado da metamorfose da torcida. O estímulo do ódio ao rival, mais que o amor ao clube do coração, se intensifica no momento em que se precisa prover de sensação o noticiário, como forma de supostamente cativar mais público para as arquibancadas e para os jornais ao mesmo tempo. Vencer não é suficiente, mas humilhar o rival passa a ser o objetivo mais valorizado, rompendo com uma tradição do movimento olímpico moderno de não tripudiar do adversário vencido. O princípio agonístico da busca pela vitória passa a ser incentivado e o objetivo mais forte é o efeito desta vitória, o escárnio, chamado vulgarmente pelo povo das arquibancadas de “gozação”. A satisfação de ver o time vencer o clássico é mais que isso: é poder “gozar” o colega que torce pelo rival, que passa a ser a maior finalidade do jogo.

O torcedor dedica-se emocionalmente a participar dos jogos com o objetivo de romper o equilíbrio de forças, favorecendo, com seus gritos, o desempenho de seu time e o prejuízo do adversário. Nos momentos de tabu, ou uma série de jogos em vantagem, passa a defender

seu patrimônio de prazer, a fim de continuar festejando o desgosto do outro. As tendências gerais do Ba-Vi indicam ainda situações que relacionam a quantidade de torcedores com a qualidade das jogadas trabalhadas em campo, implicando numa comunicação capaz de alterar um e outro contexto, como num jogo de espelhos. Por fim, como se contribuísse para eliminar qualquer possibilidade de determinismo nestas tendências para perfilar o jogo, está a surpresa, este elemento que faz e desfaz, chega e acontece, e deixa uma sensação de que tudo pode mudar, e muda mesmo, a um só instante, intensificando o caráter efêmero do clássico.

Entre as possíveis sugestões que este trabalho pode inspirar, está a oportunidade de um estudo da história dos líderes das torcidas baianas, como chegamos a destacar nominalmente. Acredito que tais líderes possam ter contribuído para a invenção desta comunidade pelo jornalismo esportivo. Certamente tiveram destaque nas páginas esportivas, a exemplo do rabelaisiano Lourinho, com seu corpo performático, rezas e macumbas. Lourinho morreu no dia 20 de julho de 2011, no momento de revisão final desta tese.

É preciso reconhecer ainda as prováveis limitações deste trabalho. Acrescentaria um longo percurso ao caminho escolhido, por exemplo, uma análise mais meticulosa sobre a continuação da aludida metamorfose, com a identificação de vários momentos diferenciados em que esta torcida vai alterando suas feições. Tanto ocorre esta transformação constante que já se fala em pós-torcida, como resultante dos efeitos desta mutação. Também não se pode deixar de registrar que a narrativa jornalística revela alguns dos preciosos aspectos que nos valeram a análise da metamorfose da assistência para a torcida. Mas vale lembrar que nem todo detalhamento e acompanhamento diário dos profissionais de imprensa é capaz de dar conta de toda a riqueza de uma manifestação cultural da intensidade de uma torcida de futebol.

Outro ponto a ser discutido é o espaço dedicado na tese para as descrições e para a análise dos fenômenos. É preciso reconhecer que esta tese foi excessivamente descritiva e pouco analítica para o potencial que apresentou. Ainda que as análises tenham dado conta da proposta do estudo, um melhor aproveitamento futuro do material coletado poderá fortalecer o resultado da amostragem de textos, que fica como uma das contribuições do trabalho, pois trata-se de uma grande quantidade de material ainda a ser analisado sob outros tantos aspectos. Nesta linha de aprimoramento, fica a sugestão, para quem tomar este trabalho como subsídio, de levar em conta a ideia de construção social da realidade para se investir na relação entre torcedor/leitor e o jornalista como uma via de mão dupla. Nos contextos históricos, as conhecidas teorias da comunicação podem contribuir com pressupostos que lançam luzes diversas sobre esta metamorfose da assistência para a torcida em fluxo contínuo.

Ademais, a utilização dos conceitos originários da teoria crítica dos anos 1920 da Escola de Frankfurt, ainda hoje atuais, é uma opção para um futuro estudo que ilumine significativamente o quanto a indústria cultural transformou o futebol em uma grande empresa, altamente rentável, movida pela lógica do espetáculo, e com isso, influenciou a criação e instituição das torcidas, conforme narrado pelos jornalistas esportivos nas páginas de jornais baianos, na cobertura do clássico Ba-Vi.

Por fim, é preciso reconhecer ainda que o movimento constante da torcida é impossível de ser completamente dominado em um exercício de abstração, ainda que ajude a entendê-lo. Mas é este mesmo movimento que segue agora, depois da metamorfose da assistência pela torcida, por uma provável e significativa alteração de contexto, provisoriamente chamado de pós-torcida, uma nova era em que se registra a redução da capacidade dos estádios e a migração de parte da torcida, da arquibancada para o sofá, por causa da televisão. Uma nova torcida, provavelmente pagando ingressos mais caros, vai surgir no cenário da Nova Arena Fonte Nova, estádio em construção no mesmo lugar da velha Fonte Nova, para a Copa do Mundo 2014. Ingressos mais caros, a proximidade de shoppings e toda a estrutura de marketing e empreendimentos voltados para o consumo de produtos e serviços do futebol sinalizam uma nova fase de intensa transformação. O futebol, que nasceu na elite, voltará a ser um brinquedo das classes mais abastadas?

Fica, portanto, o convite para um novo estudo no qual se possa acompanhar o fluxo em constante metamorfose da história de amor da torcida por seu time.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Clara. **A linha da bola:** tudo o que as mulheres precisam saber sobre futebol e os homens nunca souberam explicar**.** Rio de Janeiro: Gryphus, 2007.

ALCOBA, Antonio. **Como hacer periodismo deportivo**. Madri: Paraninfo, 1993.

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1997.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities:** reflections on the origin and spread of nationalism. Londres: Verso, 1991.

ARISTÓTELES. Da arte poética. In: Crítica e teoria literária na Antiguidade. Prefácio de Assis Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

AZEVEDO, Ricardo. **Tradição. 1899-1939.** Da fundação ao fim do amadorismo. Livro I – Eu sou um nome na história. A história do Esporte Clube Vitória**.** Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica.** história da imprensa brasileira. Tomo I – São Paulo: Ática. 1990.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Edições 70, 1975

_____.**A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos**. Campinas: Papiros, 1992.

_____. **Para uma crítica da economia política do signo**. Edições 70. Para a relação dos homens com os objetos na sociedade de consumo Cf também O sistema dos objetos. 1968

BOURDIEU, Pierre**. O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. Como é possível ser esportivo. In: _____. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CADENA, Nelson. **O futebol e a mídia**. Correio da Bahia, 28/10/2001

CALDAS, Graça. Mídia e memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano. In: BEZZON, L.C. (org.) **Comunicação, política e sociedade:** Alínea, 2005. p. 137-150.

CALMON, Newton. **A história do Ba-Vi**. [s.n.], 1973.

CALMON e CASAES. **Bahia de todos os títulos.** [S. L:s.n.], 1969

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONY, Heitor. **Quem matou Getúlio Vargas.** Porto Alegre: Planeta, 2004.

DaMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado do futebol. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, 1994. Dossiê Futebol.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. (org.) **Universo do futebol.** Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1985.

_____. **Explorações:** ensaios de sociologia interpretativa**.** Rio de Janeiro: Rocco, 1986

_____. **Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989. [1912]

ELIAS, Nobert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.v. 1,2.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

EUGÊNIO, Luiz. **Vitória um x Federação zero.** Salvador: Edição do Autor, 1965.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language, ideology and power**. London: Longman, 1995.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História do rádio e Tv brasileiras**, São Paulo: Vozes. 1982.

FERNANDES, Bob. **Bora Bahêeeea!** São Paulo: DBA Dórea Books and Art. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1995.

FOHER. F. **Como o futebol explica o mundo**. São Paulo: Zahar Editores, 2003.

FONSÊCA, Ouhydes João Augusto da. **O "cartola" e o jornalista (Influência clubística no jornalismo esportivo de São Paulo)**. São Paulo: [s.n.], 1981. mimeo.

FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses:** futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Flávio e GUERRA, Fábio. **Volta, Tricolor! A crise no Esporte Clube Bahia e os caminhos para a recuperação.** Salvador: Quarteto Editora, 2010.

FREUD, Sigmund. **Mal-estar na cultura.** Tradução: Renato Zwig. São Paulo: L&PM, 2010. [1939]

_____ **Os chistes e sua relação com o inconsciente.** São Paulo: Imago. 2000 [1905]

_____. **Psicopathology of everyday life.** McMillan: Nova Iorque, 1914. [1901]

_____. **Totem e Tabu**. São Paulo: Imago, 2000. [1912]

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos:** decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978.

GELFLAND, Louis; Harry E. Heath Jr. **Modern sportswriting.** Iowa: TheIowa State Universtiy Press. 1969.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol:** dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GÓES, Fred. **50 anos do trio elétrico.** Salvador: Corrupio, 1982.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GOMES, Mário José de Souza e FACÓ, Jorge Alberto. **Arte & Manha do futebol.** Salvador: produção independente, 1997.

GOMES, Luis Antonio. **Raudinei aos 46:** um gol que entrou para a história do Bahia. Fortaleza, Tiprogresso, 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2007 [1937]

KIERKEGAARD, S.A. **Migalhas Filosóficas ou um bocadinho da filosofia de Johannes Clímacus**, tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Ernani Reichmann, notas de Álvaro Luiz Montenegro Valls, Editora Vozes, Petrópolis, 1995.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática. 1987.

LEAL, Abnael Morais. **Bê-á-bá do torcedor.** Nazaré das Farinhas: AMLeal, 2010.

LEANDRO, Paulo Roberto. **O jornalista e o cartola: perfil do jornalismo esportivo impresso na Bahia e sua resistência ao campo da política.** Salvador: Facom, Ufba, 2003. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. p. 124-150.v

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York, London, Toronto, Sydney, Singapore: free Press Paperbacks, 1921, p. 214-226.

LYRIO, Alexandre. **Cenário de nostalgias.** Correio Repórter, Correio da Bahia, 11 de novembro de 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARX, Karl, e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Lisboa: Editorial Avante, 1982

MENDES Jr., Nestor. **Bahia Esporte Clube da Felicidade**. Salvador: MIR, 1999.

MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John; DUNNING, Eric. **O futebol no banco dos réus:** violência dos espectadores num esporte em mudança. (Trad. Raul Sousa Machado). Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1994.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto. 2002.

PROTÁZIO, Fernando. **Um menino de 84 anos**. Salvador: produção independente, 1984.

REIS, Normando; CASAES, Carlos. **Esporte Clube Bahia, uma história de lutas e glórias.** Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000.

RIBEIRO, Alexandro R.; SANTOS, Luciano S. **Barradão, alegria, emoção e Vitória.** Salvador: Étera, 2006.

RIBEIRO, Jorge C. **Sempre Alerta.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, v.1, 1994.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

_____. **A pátria em chuteiras.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSHCO, Bernard. **Newsmaking**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1985.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador:** geografia urbana. Salvador: Universidade Federal da Bahia (Edufba), 2009.

SANTOS, Joel. **História Política do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense. 1981.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas:** paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Anablume, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Leandro. **A união de uma nação**: a história da conquista do campeonato brasileiro de 1988 pelo Esporte Clube Bahia. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2008.

SOARES, Edileuza, **O rádio e a bola**. São Paulo: Summus. 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. 1983.

SUSSEKIND, Hélio Carlos. **Futebol em dois tempos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

TARQUÍNIO, Luis E., Vitória 1x 0 Federação. [s.n.] 1967 e Bicampeão 1965. **Revista Vitória!**. Edição do centenário, ano 3, número 12, maio de 1999.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara, 1998. **Os perigos da paixão:** filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal da Bahia.

_____. 2000. “Torcidas jovens: paixão, amizade, aventura”. In: ALVIM, R. ; GOUVEIA, P. **Juventude anos 90:** conceitos, imagens, contextos. Rio de Janeiro: ContraCapa

_____, 2004. Visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume.

TOLEDO, Luis Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP: Autores Associados, Anpocs, 1996. Coleção Educação Física e Esportes

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. v II**.** Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMANN, Gaye. **Making news.** New York: Free Press, 1978, p. 54-56.

TUNSTALL, Jeremy. **Journalists at work.** London: Constable, 1971.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: O futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZORZO, Francisco Antônio. **Ferrovia e rede urbana na Bahia**. Feira de Santana: UEFS. 2002.

ANEXO A: RELAÇÃO JOGOS ENTRE BAHIA E VITÓRIA 1932-2011[287]

Anos 2000

Data	Disputa	Placar	Local
2/4/2000	Campeonato Baiano 2000	Vitória 0x0 Bahia	Barradão
28/5/2000	Campeonato Baiano 2000	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
14/6/2000	Campeonato Baiano 2000	Vitória 2x1 Bahia	Fonte Nova
18/6/2000	Campeonato Baiano 2000	Bahia 3x0 Vitória	Fonte Nova
25/6/2000	Campeonato Baiano 2000	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
2/7/2000	Campeonato Baiano 2000	Vitória 3x1 Bahia	Barradão
4/10/2000	Copa João Havelange	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
4/3/2001	Copa do Nordeste 2001	Bahia 4x1 Vitória	Fonte Nova
13/5/2001	Campeonato Baiano 2001	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
27/5/2001	Campeonato Baiano 2001	Vitória 3x0 Bahia	Barradão
21/10/2001	Campeonato Brasileiro 2001	Vitória 1x1 Bahia	Fonte Nova
4/11/2001	Taça Estado da Bahia 2001	Bahia 3x4 Vitória	Fonte Nova
10/3/2002	Campeonato do Nordeste	Vitória 3x0 Bahia	Barradão
5/5/2002	Campeonato do Nordeste	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
12/5/2002	Campeonato do Nordeste	Vitória 2x2 Bahia	Barradão
26/5/2002	Campeonato Baiano 2002	Vitória 4x2 Bahia	Barradão
9/6/2002	Campeonato Baiano 2002	Bahia 3x3 Vitória	Fonte Nova
9/10/2002	Taça Estado da Bahia 2002	Vitória 2x0 Bahia	Barradão
3/11/2002	Taça Estado da Bahia 2002	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
3/11/2002	Campeonato Brasileiro 2002	Vitória 1x0 Bahia	Barradão
27/11/2002	Taça Estado da Bahia 2002	Vitória 2x2 Bahia	Barradão
1/12/2002	Taça Estado da Bahia 2002	Bahia 4x2 Vitória	Fonte Nova
9/2/2003	Campeonato Baiano 2003	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
23/2/2003	Campeonato Baiano 2003	Vitória 3x2 Bahia	Barradão
15/6/2003	Campeonato Brasileiro 2003	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
12/10/2003	Campeonato Brasileiro 2003	Vitória 2x1 Bahia	Barradão
12/10/2003	Taça Estado da Bahia 2003	Vitória 1x0 Bahia	Barradão
23/10/2003	Taça Estado da Bahia 2003	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
1/2/2004	Campeonato Baiano 2004	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
15/2/2004	Campeonato Baiano 2004	Vitória 2x0 Bahia	Barradão
11/4/2004	Campeonato Baiano 2004	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
18/4/2004	Campeonato Baiano 2004	Vitória 1x0 Bahia	Barradão
17/9/2004	Taça Estado da Bahia 2004	Vitória 2x1 Bahia	Barradão
29/9/2004	Taça Estado da Bahia 2004	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
30/10/2004	Taça Estado da Bahia 2004	Bahia 2x1 Vitória	Barradão
7/11/2004	Taça Estado da Bahia 2004	Vitória 3x2 Bahia	Barradão
30/1/2005	Campeonato Baiano 2005	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
20/2/2005	Campeonato Baiano 2005	Vitória 6x2 Bahia	Barradão
10/4/2005	Campeonato Baiano 2005	Bahia 2x2 Vitória	Fonte Nova

[287] Nesta relação, constam todos os jogos de competições de profissionais, ainda que em algumas situações, os times principais de Bahia e Vitória não tenham ido a campo. É o caso de jogos da Taça Estado da Bahia. Esta relação toma como base o resultado mais atual da pesquisa contínua de Alexandro Ramos Ribeiro sobre estatísticas do futebol baiano. Data: março de 2011. Leva em conta ainda dados anteriores, de divulgados em fevereiro de 2007, em edição do jornal A Tarde, suplemento A Tarde Esporte Clube (ATEC).

17/4/2005	Campeonato Baiano 2005	Vitória 0x0 Bahia	Barradão
4/6/2005	Brasileiro 2ª Divisão 2005	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
10/9/2005	Taça Estado da Bahia 2005	Vitória 2x1 Bahia	Barradão
2/10/2005	Taça Estado da Bahia 2005	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
22/1/2006	Campeonato Baiano 2006	Vitória 2x1 Bahia	Barradão
5/2/2006	Campeonato Baiano 2006	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
14/5/2006	Campeonato Baiano 2006	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
21/5/2006	Campeonato Baiano 2006	Vitória 0x1 Bahia	Barradão
2/11/2006	Brasileiro 3ª Divisão 2006	Vitória 1x2 Bahia	Barradão
5/11/2006	Brasileiro 3ª Divisão 2006	Bahia 1x2 Vitória	Joia da Princesa
17/11/2006	Taça Estado da Bahia 2006	Vitória 2x0 Bahia	Barradão
29/11/2006	Taça Estado da Bahia 2006	Bahia 2x1 Vitória	Pituaçu
6/12/2006	Taça Estado da Bahia 2006	Bahia 1x3 Vitória	Pituaçu
10/12/2006	Taça Estado da Bahia 2006	Vitória 2x1 Bahia	Barradão
11/2/2007	Campeonato Baiano 2007	Vitória 1x1 Bahia	Barradão
11/3/2007	Campeonato Baiano 2007	Bahia 2x4 Vitória	Fonte Nova
22/4/2007	Campeonato Baiano 2007	Bahia 5x6 Vitória	Fonte Nova
9/5/2007	Campeonato Baiano 2007	Vitória 2x2 Bahia	Barradão
10/2/2008	Campeonato Baiano 2008	Vitória 0x2 Bahia	Barradão
24/2/2008	Campeonato Baiano 2008	Bahia 1x0 Vitória	Joia da Princesa
20/4/2008	Campeonato Baiano 2008	Vitória 1x4 Bahia	Barradão
27/4/2008	Campeonato Baiano 2008	Bahia 0x3 Vitória	Joia da Princesa
8/2/2009	Campeonato Baiano 2009	Vitória 0x2 Bahia	Barradão
22/3/2009	Campeonato Baiano 2009	Bahia 0x0 Vitória	Pituaçu
26/4/2009	Campeonato Baiano 2009	Bahia 1x2 Vitória	Pituaçu
3/5/2009	Campeonato Baiano 2009	Vitória 2x2 Bahia	Barradão
9/10/2009	Copa Governador 2009	Bahia 4x2 Vitória	Pituaçu
7/11/2009	Copa Governador 2009	Vitória 0x0 Bahia	Barradão
24/1/2010	Campeonato Baiano 2010	Vitória 2x0 Bahia	Pituaçu
28/2/2010	Campeonato Baiano 2010	Bahia 2x1 Vitória	Pituaçu
25/4/2010	Campeonato Baiano 2010	Bahia 0x1 Vitória	Pituaçu
2/5/2010	Campeonato Baiano 2010	Vitória 1x2 Bahia	Barradão
16/6/2010	Campeonato do Nordeste	Bahia 1x5 Vitória	Pituaçu
2/10/2010	Copa Governador 2010	Vitória 4x1 Bahia	Camaçari
9/10/2010	Copa Governador 2010	Bahia 1x4 Vitória	Pituaçu
6/2/2011	Campeonato Baiano 2011	Vitória 3x0 Bahia	Barradão
20/2/2011	Campeonato Baiano 2011	Bahia 2x0 Vitória	Pituaçu

Anos 1990

Data	Disputa	Placar	Local
4/3/1990	Campeonato Baiano 1990	Vitória 0x0 Bahia	Fonte Nova
8/3/1990	Campeonato Baiano 1990	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
1/4/1990	Campeonato Baiano 1990	Vitória 2x1 Bahia	Fonte Nova
25/4/1990	Campeonato Baiano 1990	Vitória 0x2 Bahia	Fonte Nova
29/4/1990	Campeonato Baiano 1990	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
8/5/1990	Campeonato Baiano 1990	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
20/5/1990	Campeonato Baiano 1990	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
9/9/1990	Campeonato Baiano 1990	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
17/2/1991	Campeonato Brasileiro 1991	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
20/7/1991	Campeonato Baiano 1991	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
28/7/1991	Campeonato Baiano 1991	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
11/8/1991	Campeonato Baiano 1991	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
28/8/1991	Campeonato Baiano 1991	Bahia 3x0 Vitória	Fonte Nova
1/9/1991	Campeonato Baiano 1991	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova

3/11/1991	Campeonato Baiano 1991	Vitória 0x0 Bahia	Barradão
20/11/1991	Campeonato Baiano 1991	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
24/11/1991	Campeonato Baiano 1991	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
9/8/1992	Campeonato Baiano 1992	Vitória 0x0 Bahia	Fonte Nova
20/9/1992	Campeonato Baiano 1992	Vitória 2x2 Bahia	Fonte Nova
11/10/1992	Campeonato Baiano 1992	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
13/12/1992	Campeonato Baiano 1992	Vitória 3x3 Bahia	Fonte Nova
7/2/1992	Campeonato Baiano 1992	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
14/3/1993	Campeonato Baiano 1993	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
18/4/1993	Campeonato Baiano 1993	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
2/5/1993	Campeonato Baiano 1993	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
27/6/1993	Campeonato Baiano 1993	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
11/8/1993	Torneio Bahia-Pernambuco	Bahia 0x3 Vitória	Fonte Nova
27/2/1994	Campeonato Baiano 1994	Vitória 4x0 Bahia	Fonte Nova
10/3/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
18/3/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
10/4/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 0x4 Vitória	Fonte Nova
3/5/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
22/5/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
29/5/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
2/6/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
26/6/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
24/7/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
31/7/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
7/8/1994	Campeonato Baiano 1994	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
12/2/1995	Campeonato Baiano 1995	Vitória 2x0 Bahia	Barradão
2/4/1995	Campeonato Baiano 1995	Bahia 0x2 Vitória	Pituaçu
9/4/1995	Campeonato Baiano 1995	Vitória 2x2 Bahia	Barradão
12/4/1995	Campeonato Baiano 1995	Bahia 0x1 Vitória	Pituaçu
14/5/1995	Campeonato Baiano 1995	Vitória 4x1 Bahia	Barradão
11/6/1995	Campeonato Baiano 1995	Vitória 1x0 Bahia	Barradão
2/7/1995	Campeonato Baiano 1995	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
5/11/1995	Campeonato Brasileiro 1995	Vitória 1x1 Bahia	Fonte Nova
10/3/1996	Campeonato Baiano 1996	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
17/3/1996	Campeonato Baiano 1996	Vitória 1x1 Bahia	Barradão
14/4/1996	Campeonato Baiano 1996	Vitória 5x2 Bahia	Barradão
19/5/1996	Campeonato Baiano 1996	Bahia 2x2 Vitória	Fonte Nova
2/6/1996	Campeonato Baiano 1996	Vitória 3x1 Bahia	Barradão
13/10/1996	Campeonato Brasileiro 1996	Vitória 1x1 Bahia	Fonte Nova
23/2/1997	Campeonato Baiano 1997	Bahia 0x3 Vitória	Fonte Nova
6/4/1997	Campeonato Baiano 1997	Bahia 2x4 Vitória	Fonte Nova
13/4/1997	Campeonato Baiano 1997	Vitória 1x3 Bahia	Barradão
11/5/1997	Campeonato Baiano 1997	Vitória 1x0 Bahia	Barradão
18/5/1997	Copa do Nordeste 1997	Bahia 0x3 Vitória	Fonte Nova
25/5/1997	Copa do Nordeste 1997	Vitória 1x2 Bahia	Fonte Nova
7/6/1997	Campeonato Baiano 1997	Bahia 0x3 Vitória	Fonte Nova
15/6/1997	Campeonato Baiano 1997	Vitória 0x1 Bahia	Barradão
27/7/1997	Campeonato Brasileiro 1997	Bahia 3x3 Vitória	Fonte Nova
15/2/1998	Campeonato Baiano 1998	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
29/3/1998	Campeonato Baiano 1998	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
5/4/1998	Campeonato Baiano 1998	Vitória 0x3 Bahia	Barradão
19/4/1998	Copa do Nordeste	Vitória 3x1 Bahia	Fonte Nova
26/4/1998	Copa do Nordeste	Bahia 2x2 Vitória	Fonte Nova
17/5/1998	Campeonato Baiano 1998	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
24/5/1998	Campeonato Baiano 1998	Vitória 1x0 Bahia	Barradão

15/7/1998	Torneio Maria Quitéria	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
7/2/1998	Campeonato Baiano 1998	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
21/3/1999	Campeonato Baiano 1999	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
28/3/1999	Campeonato Baiano 1999	Vitória 0x1 Bahia	Fonte Nova
23/5/1999	Campeonato Baiano 1999	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
30/5/1999	Campeonato Baiano 1999	Vitória 2x1 Bahia	Barradão
6/6/1999	Campeonato Baiano 1999	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
20/6/1999	Copa do Nordeste 1999	Vitória 2x0 Bahia	Barradão
27/6/1999	Copa do Nordeste 1999	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova

Anos 1980

Data	Disputa	Placar	Local
13/7/1980	Campeonato Baiano 1980	Vitória 0x2 Bahia	Fonte Nova
10/8/1980	Campeonato Baiano 1980	Vitória 2x0 Bahia	Fonte Nova
14/9/1980	Campeonato Baiano 1980	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
26/10/1980	Campeonato Baiano 1980	Vitória 1x1 Bahia	Fonte Nova
16/11/1980	Campeonato Baiano 1980	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
25/4/1981	Campeonato Baiano 1981	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
31/5/1981	Campeonato Baiano 1981	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
19/7/1981	Campeonato Baiano 1981	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
26/7/1981	Campeonato Baiano 1981	Bahia 4x2 Vitória	Fonte Nova
30/8/1981	Campeonato Baiano 1981	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
29/11/1981	Campeonato Baiano 1981	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
25/4/1982	Campeonato Baiano 1982	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
23/5/1982	Campeonato Baiano 1982	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
1/8/1982	Campeonato Baiano 1982	Bahia 3x0 Vitória	Fonte Nova
12/9/1982	Campeonato Baiano 1982	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
10/10/1982	Campeonato Baiano 1982	Vitória 1x1 Bahia	Fonte Nova
21/4/1983	Amistoso	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
1/5/1983	Amistoso	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
2/6/1983	Campeonato Baiano 1983	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
5/6/1983	Campeonato Baiano 1983	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
10/7/1983	Campeonato Baiano 1983	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
28/9/1983	Campeonato Baiano 1983	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
2/10/1983	Campeonato Baiano 1983	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
30/10/1983	Campeonato Baiano 1983	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
20/3/1984	Amistoso	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
15/7/1984	Campeonato Baiano 1984	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
12/8/1984	Campeonato Baiano 1984	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
26/9/1984	Amistoso	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
28/10/1984	Campeonato Baiano 1984	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
25/11/1984	Campeonato Baiano 1984	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
19/5/1985	Amistoso	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
4/8/1985	Amistoso	Bahia 3x0 Vitória	Fonte Nova
1/9/1985	Campeonato Baiano 1985	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
29/9/1985	Campeonato Baiano 1985	Bahia 0x2 Vitória	Fonte Nova
4/12/1985	Campeonato Baiano 1985	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
8/12/1985	Campeonato Baiano 1985	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
15/12/1985	Campeonato Baiano 1985	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
22/12/1985	Campeonato Baiano 1985	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
23/2/1986	Campeonato Baiano 1986	Bahia 3x0 Vitória	Fonte Nova
16/3/1986	Campeonato Baiano 1986	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
25/3/1986	Campeonato Baiano 1986	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
30/3/1986	Campeonato Baiano 1986	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova

7/5/1986	Campeonato Baiano 1986	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
11/5/1986	Campeonato Baiano 1986	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
18/5/1986	Campeonato Baiano 1986	Bahia 5x0 Vitória	Fonte Nova
25/5/1986	Campeonato Baiano 1986	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
20/2/1987	Campeonato Baiano 1987	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
29/3/1987	Campeonato Baiano 1987	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
27/6/1987	Campeonato Baiano 1987	Vitória 0x0 Bahia	Fonte Nova
2/8/1987	Campeonato Baiano 1987	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
16/8/1987	Campeonato Baiano 1987	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
1/12/1987	Amistoso	Vitória 0x1 Bahia	Fonte Nova
6/3/1988	Campeonato Baiano 1988	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
27/3/1988	Campeonato Baiano 1988	Vitória 0x0 Bahia	Fonte Nova
30/3/1988	Campeonato Baiano 1988	Vitória 0x1 Bahia	Fonte Nova
24/4/1988	Campeonato Baiano 1988	Vitória 0x0 Bahia	Fonte Nova
15/5/1988	Campeonato Baiano 1988	Vitória 1x3 Bahia	Fonte Nova
3/7/1988	Campeonato Baiano 1988	Vitória 0x4 Bahia	Fonte Nova
24/7/1988	Campeonato Baiano 1988	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
7/8/1988	Campeonato Baiano 1988	Bahia 3x0 Vitória	Fonte Nova
7/9/1988	Campeonato Baiano 1988	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
2/4/1989	Campeonato Baiano 1989	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
16/4/1989	Campeonato Baiano 1989	Vitória 1x1 Bahia	Fonte Nova
3/6/1989	Campeonato Baiano 1989	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
11/6/1989	Campeonato Baiano 1989	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
8/8/1989	Campeonato Baiano 1989	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
30/8/1989	Campeonato Baiano 1989	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
25/10/1989	Campeonato Baiano 1989	Vitória 0x0 Bahia	Fonte Nova
5/11/1989	Brasileiro/ Torneio da Morte 1989	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
3/12/1989	Brasileiro/ Torneio da Morte 1989	Bahia 0x3 Vitória	Fonte Nova

Anos 1970

Data	Disputa	Placar	Local
1/3/1970	Campeonato Baiano 1970	Bahia 1x1 Vitória	Campo da Graça
4/5/1970	Torneio ACM	Bahia 0x2 Vitória	Fonte Nova
24/5/1970	Amistoso	Bahia 2x1 Vitória	Campo da Graça
4/6/1970	Campeonato Baiano 1970	Bahia 2x0 Vitória	Campo da Graça
6/9/1970	Campeonato Baiano 1970	Bahia 1x3 Vitória	Campo da Graça
7/3/1971	Torneio Luiz Viana Filho	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
25/4/1971	Campeonato Baiano 1971	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
1/8/1971	Campeonato Baiano 1971	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
21/11/1971	Taça Governador ACM	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
24/11/1971	Taça Governador ACM	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
28/11/1971	Taça Governador ACM	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
26/3/1972	Campeonato Baiano 1972	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
23/4/1972	Campeonato Baiano 1972	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
4/6/1972	Campeonato Baiano 1972	Vitória 2x1 Bahia	Fonte Nova
30/7/1972	Campeonato Baiano 1972	Vitória 0x1 Bahia	Fonte Nova
20/8/1972	Campeonato Baiano 1972	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
12/11/1972	Campeonato Brasileiro 1972	Vitória 0x0 Bahia	Fonte Nova
10/12/1972	Campeonato Baiano 1972	Vitória 2x1 Bahia	Fonte Nova
17/12/1972	Campeonato Baiano 1972	Vitória 3x1 Bahia	Fonte Nova
14/1/1973	Taça Governador ACM	Bahia 0x2 Vitória	Fonte Nova
18/2/1973	Campeonato Baiano 1973	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
1/4/1973	Campeonato Baiano 1973	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova

13/5/1973	Campeonato Baiano 1973	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
8/7/1973	Campeonato Baiano 1973	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
11/11/1973	Campeonato Brasileiro 1973	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
14/2/1974	Amistoso	Vitória 0x1 Bahia	Fonte Nova
24/3/1974	Campeonato Brasileiro 1974	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
25/8/1974	Campeonato Baiano 1974	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
29/9/1974	Campeonato Baiano 1974	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
20/10/1974	Campeonato Baiano 1974	Bahia 2x2 Vitória	Fonte Nova
1/12/1974	Campeonato Baiano 1974	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
15/12/1974	Campeonato Baiano 1974	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
18/12/1974	Campeonato Baiano 1974	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
17/4/1975	Campeonato Baiano 1975	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
18/5/1975	Campeonato Baiano 1975	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
23/6/1975	Campeonato Baiano 1975	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
3/8/1975	Campeonato Baiano 1975	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
7/8/1975	Campeonato Baiano 1975	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
7/9/1975	Campeonato Brasileiro 1975	Vitória 1x1 Bahia	Fonte Nova
30/11/1975	Torneio Roberto Santos	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
21/3/1976	Campeonato Baiano 1976	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
11/4/1976	Campeonato Baiano 1976	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
16/5/1976	Campeonato Baiano 1976	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
27/6/1976	Campeonato Baiano 1976	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
25/7/1976	Campeonato Baiano 1976	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
15/8/1976	Campeonato Baiano 1976	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
18/8/1976	Campeonato Baiano 1976	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
22/8/1976	Campeonato Baiano 1976	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
7/9/1976	Campeonato Brasileiro 1976	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
27/3/1977	Campeonato Baiano 1977	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
24/4/1977	Campeonato Baiano 1977	Vitória 0x2 Bahia	Fonte Nova
22/5/1977	Campeonato Baiano 1977	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
21/8/1977	Campeonato Baiano 1977	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
25/9/1977	Campeonato Baiano 1977	Vitória 0x0 Bahia	Fonte Nova
13/1/1977	Campeonato Brasileiro 1977	Vitória 0x1 Bahia	Fonte Nova
1/2/1978	Amistoso	Vitória 0x1 Bahia	Fonte Nova
21/3/1978	Amistoso	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
23/4/1978	Campeonato Brasileiro 1978	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
9/7/1978	Campeonato Brasileiro 1978	Bahia 4x0 Vitória	Fonte Nova
17/9/1978	Campeonato Baiano 1978	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
19/11/1978	Campeonato Baiano 1978	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
3/12/1978	Campeonato Baiano 1978	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
25/3/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
27/5/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
17/6/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
22/7/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
26/8/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
16/9/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
19/9/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
23/9/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
28/9/1979	Campeonato Baiano 1979	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
7/10/1979	Campeonato Brasileiro 1979	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova

Anos 1960

Data	Disputa	Placar	Local

21/2/1960	Campeonato Baiano 1959	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
29/5/1960	Campeonato Baiano 1959	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
9/8/1960	Amistoso	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
9/10/1960	Campeonato Baiano1960	Bahia 4x1 Vitória	Fonte Nova
11/12/1960	Campeonato Baiano 1960	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
15/12/1960	Campeonato Baiano 1960	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
18/12/1960	Campeonato Baiano 1960	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
26/2/1961	Campeonato Baiano 1960	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
26/3/1961	Amistoso	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
3/9/1961	Amistoso	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
17/12/1961	Campeonato Baiano 1961	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
20/5/1962	Campeonato Baiano 1961	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
1/7/1962	Torneio Início 1962	Bahia 4x1 Vitória	Fonte Nova
4/11/1962	Campeonato Baiano 1962	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
21/11/1962	Torneio A Tarde	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
31/3/1963	Campeonato Baiano 1962	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
3/5/1963	Torneio Governador Lomanto Jr.	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
5/5/1963	Torneio Início	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
18/8/1963	Campeonato Baiano 1963	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
25/8/1963	Torneio Padre Luiz Palmeiras	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
25/10/1963	Amistoso	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
16/2/1964	Campeonato Baiano 1963	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
29/3/1964	Torneio Início	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
23/8/1964	Campeonato Baiano 1964	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
30/8/1964	Torneio Renato Reis	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
18/4/1965	Campeonato Baiano 1964	Vitória 1x2 Bahia	Fonte Nova
16/5/1965	Campeonato Baiano 1964	Vitória 2x1 Bahia	Fonte Nova
23/5/1965	Campeonato Baiano 1964	Vitória 1x2 Bahia	Fonte Nova
30/5/1965	Campeonato Baiano 1964	Vitória 2x1 Bahia	Fonte Nova
25/10/1965	Campeonato Baiano 1965	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
13/3/1966	Campeonato Baiano 1965	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
19/3/1967	Campeonato Baiano 1966	Bahia 2x3 Vitória	Fonte Nova
27/4/1967	Torneio Quadrangular	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
2/5/1967	Amistoso	Bahia 2x2 Vitória	Fonte Nova
7/5/1967	Torneio Luiz Viana Filho	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
27/8/1967	Campeonato Baiano 1967	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
24/9/1967	Torneio Interestadual	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
3/3/1968	Campeonato Baiano 1967	Bahia 1x3 Vitória	Fonte Nova
21/7/1968	Campeonato Baiano 1968	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
1/9/1968	Campeonato Baiano 1968	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
11/5/1969	Campeonato Baiano 1969	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
13/5/1969	Amistoso	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
22/6/1969	Campeonato Baiano 1969	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
23/11/1969	Campeonato Baiano 1969	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova

Anos 1950

Data	Disputa	Placar	Local
11/6/1950	Campeonato Baiano 1950	Bahia 1x1 Vitória	Campo da Graça
29/8/1950	Campeonato Baiano 1950	Bahia 2x1 Vitória	Campo da Graça
30/10/1950	Campeonato Baiano 1950	Bahia 2x1 Vitória	Campo da Graça
5/11/1950	Campeonato Baiano 1950	Bahia 3x4 Vitória	Campo da Graça
12/11/1950	Campeonato Baiano 1950	Bahia 3x1 Vitória	Campo da Graça
8/4/1951	Torneio Início de 1951	Bahia 3x0 Vitória	Fonte Nova
24/6/1951	Campeonato Baiano 1951	Bahia 1x3 Vitória	Fonte Nova

11/7/1951	Torneio Quadrangular 1951	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
14/10/1951	Campeonato Baiano 1951	Bahia 2x3 Vitória	Fonte Nova
27/1/1952	Campeonato Baiano 1951	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
14/2/1952	Amistoso	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
13/7/1952	Campeonato Baiano 1952	Bahia 6x1 Vitória	Fonte Nova
10/8/1952	Torneio José Nascimento 1952	Bahia 2x2 Vitória	Fonte Nova
21/9/1952	Campeonato Baiano 1952	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
30/10/1952	Torneio Quadrangular 1952	Bahia 6x1 Vitória	Fonte Nova
18/1/1953	Campeonato Baiano 1952	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
1/2/1953	Campeonato Baiano 1952	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
1/3/1953	Campeonato Baiano 1952	Bahia 0x2 Vitória	Fonte Nova
22/3/1953	Torneio Régis Pacheco	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
28/6/1953	Campeonato Baiano 1953	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
12/7/1953	Torneio Roberto Catarino 1953	Bahia 3x2 Vitória	Fonte Nova
27/9/1953	Campeonato Baiano 1953	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
11/10/1953	Amistoso	Bahia 3x3 Vitória	Fonte Nova
6/12/1953	Amistoso	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
14/3/1954	Campeonato Baiano 1953	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
24/4/1954	Torneio Bernardo Catharino	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
24/6/1954	Amistoso	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
15/8/1954	Campeonato Baiano 1954	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
12/9/1954	Amistoso	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
21/11/1954	Campeonato Baiano 1954	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
19/12/1954	Torneio Orlando Gomes	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova
23/3/1955	Campeonato Baiano 1954	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
3/4/1955	Torneio Régis Pacheco 1955	Bahia 3x1 Vitória	Fonte Nova
1/5/1955	Campeonato Baiano 1954	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
22/5/1955	Campeonato Baiano 1954	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
12/6/1955	Torneio Início 1955	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
14/8/1955	Campeonato Baiano 1955	Bahia 0x1 Vitória	Fonte Nova
18/9/1955	Amistoso	Bahia 0x2 Vitória	Fonte Nova
1/11/1955	Amistoso	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
4/12/1955	Campeonato Baiano 1955	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
18/12/1955	Campeonato Baiano 1955	Bahia 0x3 Vitória	Fonte Nova
25/12/1955	Campeonato Baiano 1955	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
1/1/1956	Campeonato Baiano 1955	Bahia 3x4 Vitória	Fonte Nova
19/2/1956	Torneio Bahia-Pernambuco	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
12/3/1956	Amistoso	Bahia 3x2 Vitória	Fonte Nova
24/6/1956	Campeonato Baiano 1956	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
14/10/1956	Campeonato Baiano 1956	Bahia 2x2 Vitória	Fonte Nova
17/3/1957	Amistoso	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
14/7/1957	Campeonato Baiano 1957	Bahia 0x2 Vitória	Fonte Nova
9/8/1957	Amistoso	Bahia 2x1 Vitória	Fonte Nova
15/11/1957	Campeonato Baiano 1957	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
23/2/1958	Campeonato Baiano 1958	Bahia 1x0 Vitória	Fonte Nova
9/3/1958	Campeonato Baiano 1958	Bahia 0x4 Vitória	Fonte Nova
16/3/1958	Campeonato Baiano 1958	Bahia 0x2 Vitória	Fonte Nova
20/7/1958	Campeonato Baiano 1958	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
31/7/1958	Taça da Amizade	Bahia 1x2 Vitória	Fonte Nova
4/8/1958	Taça da Amizade	Bahia 2x2 Vitória	Fonte Nova
6/8/1958	Taça da Amizade	Bahia 5x1 Vitória	Fonte Nova
19/10/1958	Campeonato Baiano 1958	Bahia 2x0 Vitória	Fonte Nova
15/2/1959	Campeonato Baiano 1959	Vitória 1x0 Bahia	Fonte Nova
5/4/1959	Amistoso	Bahia 4x1 Vitória	Campo da Graça
17/5/1959	Campeonato Baiano 1959	Bahia 1x0 Vitória	Campo da Graça

28/6/1959	Amistoso	Vitória 1x2 Bahia	Fonte Nova
4/10/1959	Campeonato Baiano 1959	Bahia 0x0 Vitória	Fonte Nova
18/10/1959	Campeonato Baiano 1959	Bahia 1x1 Vitória	Fonte Nova

Anos 1940

Data	Disputa	Placar	Local
14/1/1940	Campeonato Baiano 1939	Bahia 5x2 Vitória	Campo da Graça
15/5/1940	Torneio Relâmpago 1940	Bahia 5x3 Vitória	Campo da Graça
27/6/1940	Campeonato Baiano 1940	Bahia 1x1 Vitória	Campo da Graça
22/9/1940	Campeonato Baiano 1940	Bahia 7x2 Vitória	Campo da Graça
1/1/1941	Amistoso	Bahia 2x1 Vitória	Campo da Graça
12/1/1941	Amistoso	Bahia 5x3 Vitória	Campo da Graça
9/3/1941	Torneio Relâmpago 1941	Bahia 3x1 Vitória	Campo da Graça
27/4/1941	Torneio Início 1941	Bahia 0x1 Vitória	Campo da Graça
18/5/1941	Campeonato Baiano 1941	Vitória 3x3 Bahia	Campo da Graça
24/8/1941	Campeonato Baiano 1941	Vitória 4x2 Bahia	Campo da Graça
11/6/1942	Torneio Início 1942	Bahia 0x0 Vitória	Campo da Graça
30/7/1942	Campeonato Baiano 1942	Vitória 3x1 Bahia	Campo da Graça
18/10/1942	Campeonato Baiano 1942	Vitória 2x1 Bahia	Campo da Graça
27/6/1943	Campeonato Baiano 1943	Bahia 2x0 Vitória	Campo da Graça
12/12/1943	Campeonato Baiano 1943	Bahia 3x3 Vitória	Campo da Graça
7/5/1944	Torneio Início 1944	Bahia 0x2 Vitória	Campo da Graça
1/6/1944	Campeonato Baiano 1944	Bahia 1x0 Vitória	Campo da Graça
31/7/1944	Campeonato Baiano 1944	Bahia 4x3 Vitória	Campo da Graça
19/11/1944	Torneio Municipal 1944	Bahia 3x5 Vitória	Campo da Graça
8/4/1945	Torneio Início 1945	Bahia 0x0 Vitória	Campo da Graça
27/5/1945	Campeonato Baiano 1945	Bahia 2x5 Vitória	Campo da Graça
2/8/1945	Campeonato Baiano 1945	Bahia 1x4 Vitória	Campo da Graça
2/9/1945	Campeonato Baiano 1945	Bahia 0x0 Vitória	Campo da Graça
11/9/1945	Campeonato Baiano 1945	Bahia 3x2 Vitória	Campo da Graça
11/11/1945	Campeonato Baiano 1945	Bahia 2x1 Vitória	Campo da Graça
12/6/1946	Campeonato Baiano 1946	Bahia 0x3 Vitória	Campo da Graça
15/12/1946	Campeonato Baiano 1946	Bahia 2x1 Vitória	Campo da Graça
6/4/1947	Torneio Início 1947	Bahia 0x0 Vitória	Campo da Graça
11/5/1947	Campeonato Baiano 1947	Bahia 1x0 Vitória	Campo da Graça
31/8/1947	Campeonato Baiano 1947	Bahia 3x1 Vitória	Campo da Graça
23/11/1947	Campeonato Baiano 1947	Bahia 1x1 Vitória	Campo da Graça
4/1/1948	Campeonato Baiano 1947	Bahia 3x1 Vitória	Campo da Graça
18/4/1948	Campeonato Baiano 1948	Bahia 2x1 Vitória	Campo da Graça
2/7/1948	Amistoso	Bahia 1x7 Vitória	Campo da Graça
24/10/1948	Campeonato Baiano 1948	Bahia 0x3 Vitória	Campo da Graça
23/1/1949	Campeonato Baiano 1948	Bahia 1x2 Vitória	Campo da Graça
10/4/1949	Campeonato Baiano 1948	Bahia 5x0 Vitória	Campo da Graça
5/6/1949	Campeonato Baiano 1948	Bahia 4x2 Vitória	Campo da Graça
4/9/1949	Campeonato Baiano 1949	Bahia 1x1 Vitória	Campo da Graça

Anos 1930

Data	Disputa	Placar	Local
10/4/1932	Torneio Início 1932	Bahia 3x0 Vitória	Campo da Graça
18/9/1932	Campeonato Baiano 1932	Bahia 3x0 Vitória	Campo da Graça
14/5/1933	Campeonato Baiano 1933	Bahia 3x2 Vitória	Campo da Graça
13/5/1934	Torneio Início 1934	Vitória 0x1 Bahia	Campo da Graça
21/6/1934	Campeonato Baiano 1934	Vitória 4x3 Bahia	Campo da Graça

2/7/1934	Amistoso	Bahia 3x4 Vitória	Campo da Graça
4/11/1934	Campeonato Baiano 1934	Bahia 2x0 Vitória	Campo da Graça
21/4/1935	Campeonato Baiano 1935	Vitória 6x3 Bahia	Campo da Graça
5/9/1935	Campeonato Baiano 1935	Vitória 6x2 Bahia	Campo da Graça
26/7/1936	Campeonato Baiano 1936	Bahia 4x2 Vitória	Campo da Graça
19/11/1936	Campeonato Baiano 1936	Bahia 3x1 Vitória	Campo da Graça
17/4/1938	Torneio Início 1938	Vitória 0x1 Bahia	Campo da Graça
1/5/1938	Campeonato Baiano 1938	Bahia 9x4 Vitória	Campo da Graça
20/11/1938	Campeonato Baiano 1938	Bahia 10x2 Vitória	Campo da Graça
4/6/1939	Torneio Início 1939	Bahia 1x1 Vitória	Campo da Graça
23/7/1939	Campeonato Baiano 1939	Bahia 3x1 Vitória	Campo da Graça
22/10/1939	Campeonato Baiano 1939	Vitória 5x2 Bahia	Campo da Graça
8/12/1939	Amistoso	Bahia 10x1 Vitória	Campo da Graça